

Luíza Monteiro de Castro Silva Dutra

*DO GENERAL, DE ONASSANDRO:*

Tradução e estudo

Belo Horizonte

2010

Luíza Monteiro de Castro Silva Dutra

*DO GENERAL, DE ONASSANDRO:*

Tradução e estudo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras: Estudos Literários

Área de concentração: Estudos Clássicos

Orientador: Prof. Dr. Teodoro Rennó Assunção

Belo Horizonte

Faculdade de Letras da UFMG

2010

Dissertação intitulada *Do general, de Onassandro: tradução e estudo*, de autoria da Mestranda LUÍZA MONTEIRO DE CASTRO SILVA DUTRA, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Prof. Dr. Teodoro Rennó Assunção – FALE/UFMG – Orientador

---

Prof. Dr. Jacyntho José Lins Brandão – FALE/UFMG

---

Prof. Dr. José Antônio Dabdab Trabulsi – FAFICH/UFMG

Prof. Dra. Leda Maria Martins

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UFMG

Belo Horizonte, 26 de agosto de 2010.

## **Resumo**

Este trabalho apresenta a primeira tradução para língua portuguesa do manual militar *Stratēgikós*, escrito por Onassandro no primeiro século depois de Cristo. Busca ainda investigar a tradição das obras *de re militari* da Antiguidade por meio de uma análise dos conteúdos e da linguagem neles empregada e, por fim, tenta compreender a figura do general ideal conforme Onassandro, com ela comparando demais perspectivas de autores gregos e romanos da Antiguidade.

## **Abstract**

This work presents the first portuguese translation of *Stratēgikós*, a military manual written by Onasander in the first century A.D. It also investigates the ancient tradition of *de re militari* treatises through an analysis of their contents and language. In addition, it tries to understand the ideal general's picture according to Onasander by means of comparing it to the other ancient – greek and roman – authors' perspectives on the subject.

## **Agradecimentos**

*Ad Deum qui laetificat juventutem meam.*

A meus pais, Luciana e José Ildefonso, pelo constante e irrestrito apoio. A meus irmãos Laura e André, pelos palpites certos e por tornar mais enérgico o trabalho. E a todos os meus familiares.

Ao querido Guilherme, pela paciência na tribulação, pelo incentivo nos momentos de quase desistência e pela revisão do texto em português.

A todos os amigos, pelos discursos exortativos e de reproche.

Ao prof. Teodoro, caro, pronto e vizinho orientador, pelo auxílio na tradução de um texto tão difícil e árido, pela revisão cuidadosa da dissertação e pelas fundamentais sugestões e conselhos.

Aos demais professores da graduação e da pós-graduação, que tanto contribuíram em minha formação.

À CAPES, que contribuiu com uma bolsa de pesquisa sem a qual provavelmente eu não poderia importar tantos livros necessários à pesquisa.

## SUMÁRIO

PREFACIO .....	5
1. ESTUDO INTRODUTÓRIO .....	7
1.1. QUEM É ONASSANDRO? .....	7
1.2. A TRADIÇÃO DO TEXTO .....	15
1.3. Ο ΣΤΡΑΤΗΓΙΚΌΣ Ε Α ΛΙΤΕΡΑΤΥΡΑ <i>DE RE MILITARI</i> .....	21
2. Α ΛΙΝΓΥΑΓΕΜ ΔΟΣ ΜΑΝΥΑΙΣ ΜΙΛΙΤΑΡΕΣ .....	45
3. Α ΦΙΓΥΡΑ ΔΟΣ ΓΕΝΕΡΑΛ: ΔΕ ΗΟΜΕΡΟ Α ΟΝΑΣΑΝΔΡΟ.....	62
3.1. ΗΟΜΕΡΟ .....	66
3.2. ΧΕΝΟΦΟΝΤΕ .....	74
3.3. ΟΝΑΣΑΝΔΡΟ.....	80
4. ΤΡΑΔΥΧΑΟ ΔΕ <i>ΔΟ ΓΕΝΕΡΑΛ</i> , ΔΕ ΟΝΑΣΑΝΔΡΟ .....	99
ΡΕΦΕΡΕΝΤΙΑΣ ΒΙΒΛΙΟΓΡΑΦΙΚΑΣ .....	167

## Prefácio

Este trabalho apresenta a primeira tradução para língua portuguesa do manual militar *Στρατηγικός* (“Do general”), escrito por Onassandro, homem de biografia pouco conhecida, mas que se sabe ter vivido sob o Império Romano e escrito esse texto entre 49 e 59 d.C. Nele, delinea a figura do general ideal, englobando noções técnicas de combate e dando especial cuidado a algumas virtudes que julga indispensáveis ao exercício da liderança militar.

Dentre tantas e tão diferentes obras da literatura em língua grega antiga, tão aclamada por seus grandiosos poemas épicos, tragédias e comédias, belíssimos poemas líricos, romances, densas obras de historiografia e filosofia, optei por concentrar este estudo num manual militar privado de beleza literária, um texto árido, estilisticamente pobre, que recebeu escassa atenção principalmente nos últimos três séculos. Seu estudo, entretanto, deve ser empreendido: a obra é uma fonte autêntica para o estudo dos costumes e práticas militares na Antiguidade e reflete situações e problemas importantes que não teríamos como conhecer por outros meios. Proporciona ainda certo deleite ao leitor moderno – Onassandro não mente ao chamá-la de *ἀνάθημα* – ao dar a conhecer lados menos atestados do ofício do general, estratégias inusitados e precauções no mínimo estranhas, como aquela com que principia o nono capítulo de sua obra.

O texto utilizado como base para a tradução foi o da edição de William A. Oldfather em colaboração com John B. Titchener e Arthur Stanley Pease, publicado na coleção LOEB Classical Library pela Harvard University Press em 1923; utilizamos a última reedição do livro, de 1986. A edição baseia-se na leitura dos quatro manuscritos mais antigos de Onassandro, com destaque para o menos corrompido deles, o *Laurentianus* (ou *Florentinus*) LV-4, sem deixar de considerar algumas das famílias menores e posteriores. Segue até certo ponto as lições da edição mais valiosa do texto até o séc. XIX, a de Hermann Köchly, publicada em 1860, da qual também nos utilizamos para o esclarecimento de alguns problemas textuais. Quando opto por outras lições que não as de Oldfather, está indicado em nota de rodapé.

A tradução foi feita tão literalmente quanto possível. Contudo, por limitações da própria estrutura da língua portuguesa e visando a uma melhor inteligibilidade do texto, fizeram-se necessárias algumas adaptações estruturais ou mesmo vocabulares. Algumas

passagens mostraram-se de muito difícil tradução, seja pela sintaxe, seja pela quase intraduzibilidade de alguns termos, seja por problemas na transmissão do texto, de forma que por vezes o desafio que o original grego apresentou ao tradutor pode-se estender também ao entendimento do leitor do texto traduzido. Nos casos de estratégias não claramente descritos por Onassandro, coube buscar explicações ou expôr as possibilidades de interpretação; essas especulações encontram-se também detalhadas em notas à tradução. Outras notas apontam passagens de diversos autores em que questões semelhantes foram tratadas.

Mantenho algumas das convenções editoriais usadas nas edições da LOEB e na tradução italiana de Corrado Petrocelli, como o uso de colchetes ([ ]) para as interpolações, lacunas e passagens corrompidas. Os títulos e subtítulos também aparecem entre colchetes, já que não foram criados por Onassandro. É mais provável que tenham sido acrescentados posteriormente por outrem, passando a servir de manchete, como ocorreu a muitos tratados da Antiguidade, inclusive ao mais antigo manual militar que a tradição nos deixou, a *Poliorcética* de Enéias, o tático.

Como se trata de uma obra muito desconhecida e até então não traduzida para o português, concentrei os esforços na própria tradução e na busca por outras fontes gregas e latinas que discutissem aqueles mesmos pontos abordados por Onassandro, vendo ainda a necessidade em escrever uma introdução para apresentá-la àqueles que jamais ouviram falar do autor ou que o conhecem apenas por breves citações em livros de história da literatura grega ou por textos sobre guerra no mundo antigo. Por esse motivo, também faz parte do trabalho um ensaio introdutório, em que busco apresentar o autor e sua obra, a história do texto, a tradição dos manuais militares da Antiguidade e algo da escrita peculiar desses manuais. Encerro a dissertação com uma exposição não rigorosa sobre a concepção do general ideal presente no Στρατηγικός, confrontada com concepções mais ou menos claras da literatura precedente, em especial as de Homero, Xenofonte e Enéias, o tático. Essa última seção merecia um trabalho à parte, mais detido e cuidadoso, que, entretanto, a dedicação à tradução deste texto nada fácil não permitiu que se fizesse.



# 1 ESTUDO INTRODUTÓRIO

## 1.1 Quem é Onassandro?

João Lídio<sup>1</sup>, em *De Magistratibus reipublicae Romanae* I.47 (Περὶ ἀρχῶν τῆς Ῥωμαίων πολιτείας), inclui numa lista de escritores militares gregos, entre Eliano, Arriano, Enéias, Apolodoro, Juliano, Frontino e Claudiano, um Onassandro sobre quem se abstém de dizer qualquer outra coisa. Leão VI, imperador bizantino de 886 a 912 d.C., também menciona um homem de nome Onassandro que organizara uns escritos sobre estratégia militar.<sup>2</sup> Por fim, uma nota na *Suda*<sup>3</sup> informa-nos da existência de certo Onassandro, “filósofo platônico”, que teria escrito *Táticas sobre estratagemas* (Τακτικά περὶ στρατηγημάτων) e *Comentários à República de Platão*.<sup>4</sup> Esse Onassandro tão brevemente referido nas três fontes não poderia ser senão o autor de um texto voltado especialmente para a formação moral do líder militar, que aparece numa série de manuscritos sob os títulos Στρατηγικός, Στρατηγικά e Στρατηγική.

---

<sup>1</sup> Historiador bizantino nascido na Lídia em 490 d.C. Dedicou-se à recompilação de obras sobre a história de Roma. Em *De Magistratibus reipublicae Romanae*, fornece detalhes sobre o governo de Justiniano.

<sup>2</sup> LEÃO VI, *Táticas*, XIV, 112: Ὀνήσανδρος δὲ καὶ αὐτὸς στρατηγικὸν συντάξας λόγον; XVI.16.

<sup>3</sup> A *Suda* (ou *Suidas*) é uma compilação bizantina do século X de caráter enciclopédico e lexicográfico. Tem cerca de 30.000 entradas sobre literatura, história, geografia, etimologia, gramática, biografias, filosofia, teologia e ciências naturais da Antiguidade greco-romana. Ainda que seus artigos sejam, por vezes, imprecisos ou demasiado breves – como é o caso do verbete Ὀνόσανδρος –, ela é de enorme importância, já que seus autores basearam-se numa série de fontes a que hoje não temos acesso. Contém muitas citações de autores antigos (principalmente Diógenes Laércio, Ateneu, Filóstrato, Constantino Porfirogênito e Hesíquio de Mileto) e de escoliastas de Homero, Sófocles, Aristófanes, Tucídides, etc.

A edição crítica da *Suda* feita por Ada Adler (Leipzig, 1928-1938) vem sendo digitalizada e disponibilizada gratuitamente na internet pelo projeto *Suda Online* (<http://www.stoa.org/sol>) que atualmente conta com mais de 90% dos artigos traduzidos para o inglês. Além disso, fornece o texto grego original dos artigos, comentários, referências bibliográficas e palavras-chave.

<sup>4</sup> Discute-se a existência de uma vírgula entre *Táticas* (Τακτικά) e *sobre estratagemas* (περὶ στρατηγημάτων), que converteria em três o número de obras de Onassandro.<sup>4</sup> Seja uma, sejam duas as obras de conteúdo militar de Onassandro, certo é que o pequeno verbete da *Suda* tem suas imprecisões. O melhor dos manuscritos da tradição do texto, o *Florentinus*, i.e. *Laurentianus*, LV.4, traz Στρατηγικός como título enquanto outros manuscritos inferiores apresentam as variantes Στρατηγικά e Στρατηγική; em parte alguma consta algo como a versão da *Suda*. Dada a superior qualidade do *Laurentianus*, é a lição dele que tomamos como base neste trabalho.

E não só o título do livro é atestado de diversas formas, como também o próprio nome do autor o é. Encontram-se nos manuscritos e testemunhos Ὀνόσανδρος, Ὀνήσανδρος, Ὀνάσανδρος e até Ἀνάσανδρος. No *codex Cascolinus Parisinus*, onde está a já referida citação de João Lídio, o nome do autor do Στρατηγικός aparece com um corte, ὀνήσανδρος, o que indica que o nome devia ser tão pouco comum durante os séculos X e XI d.C. que o escriba bizantino não o pôde reconhecer. Em 1812, o primeiro editor do texto de João Lídio, J.-D. Fuss<sup>5</sup>, corrigiu o erro do copista e recompôs a forma Ὀνήσανδρος, igualmente atestada nas *Táticas* de Leão VI. Já na *Suda*, o nome é grafado com vocalismo em ο, assim como nos manuscritos *Vaticanus* V, *Neapolitanus* N, *Parisinus* P e, portanto, na maior parte dos manuscritos do texto (que descende desse tronco bizantino) e inclusive nas traduções latinas, que tiveram o *Neapolitanus* N como base.

Entretanto, apesar de forma mais corrente, Alphonse Dain – o filólogo que se sabe ter feito o estudo mais detido e completo de todos os manuscritos do texto – afirma categoricamente que Ὀνόσανδρος, “nome pelo qual o autor foi conhecido depois de dez séculos, (...) deve ser definitivamente proscrito” (DAIN, 1930, p.137), única coisa – diz – que teríamos como absolutamente certa quanto à grafia do nome. Dain tem bem claro que, por si só, a grande quantidade de manuscritos atestando essa forma não indica necessariamente que ela é a correta; um erro cometido por um copista num dado momento da história da transmissão do texto pode perfeitamente ter se multiplicado em cópias e cópias de cópias, as quais, por motivos quaisquer, vieram a constituir a família mais numerosa de manuscritos de que se tem notícia.

Acrescentam-se a isso outros argumentos que fundamentam a eliminação dessa hipótese de grafia. Em primeiro lugar, supõe-se que Leão VI deveria ter acesso a fontes melhores do que aqueles que escreveram o brevíssimo verbete da *Suda*, não somente porque fosse imperador, mas também porque era do seu maior interesse ter ao menos uma boa cópia do texto que parafrasearia. Além disso, uma pesquisa de onomásticos em inscrições epigráficas gregas leva a apenas uma ocorrência do nome Ὀνόσανδρος – que possivelmente se deu por erro de quem o gravou – enquanto abundam as ocorrências de Ὀνάσανδρος e Ὀνήσανδρος em inscrições de Creta, Rodes, Erétria, Atenas, Lacônia, Jônia e Chipre, que

---

<sup>5</sup> LYDI, *De magistratibus*. Paris, Eberhardt, 1812.

datam desde o séc. III a.C. ao séc. III d.C.<sup>6</sup> Uma busca não exaustiva de Oldfather em inscrições principalmente nas regiões de Rodas e Creta levou a 35 ocorrências dessas formas. Alphonse Dain, por sua vez, ao apreciar em particular inscrições cipriotas, registrou 26 nomes próprios formados sobre o tema *ονα-*: 21 com vocalismo em *α* e 5 com vocalismo em *η*.<sup>7</sup>

Foram propostas algumas justificativas etimológicas para a forma *Ὀνόσανδρος*: composição com *ὄνος* (“asno”), conforme proposto por A. Coray (1822, p.155), com o verbo *ὄνομαι* (“desprezar, escarnecer”) ou com um aoristo de *ὀνύνημι* (“ser útil, proveitoso”), mas todas elas são tidas como improváveis nos trabalhos mais recentes,<sup>8</sup> e tem-se assegurado que essa forma é completamente estranha à onomástica grega.

Restando, portanto, tão somente as formas *Ὀνήσανδρος* e *Ὀνάσανδρος*, tendo – como os estudiosos modernos<sup>9</sup> – a concordar com a opção pela segunda, pelo mesmo motivo que fez com que preferisse o título *Στρατηγικός*: é essa a forma que consta no tão apreciado *Laurentianus* L e em duas cópias dele (*Bernensis* B, cópia direta, e *Parisinus* W, cópia de B). Essa forma explicaria ainda a ocorrência das outras duas nos manuscritos: *Ὀνόσανδρος* é facilmente uma corrupção de *Ὀνάσανδρος* (forma dórica) e *Ὀνήσανδρος* é simplesmente sua forma em grego ático e na *koiné*.

Encerrando a questão da grafia do nome, de relevância menor, seria conveniente dar a conhecer a biografia do autor; ou ao menos alguns dados que auxiliassem na contextualização e compreensão de sua obra, muito especialmente a data de composição. Contudo, parece que não muitos compartilharam desse interesse. Nos únicos três testemunhos com que contamos, só há uma informação mais ou menos biográfica, na *Suda*: Onassandro é chamado “filósofo platônico” e teria escrito um comentário à *República* de Platão. O comentário, se de fato existiu, não nos chegou nem em um fragmento sequer.

---

<sup>6</sup> PETROCELLI *in* ONOSANDRO, 2007, p.6; OLDFATHER, 1986, p.347.

<sup>7</sup> OLDFATHER, *loc. cit.*, nota 1; DAIN, 1930, p.140, nota 3.

<sup>8</sup> DAIN, 1930, p.138-139; OLDFATHER, 1986, p.347, nota 2, etc.

<sup>9</sup> AMBAGLIO, 1981, p.353; OLDFATHER, 1986, p.345; SMITH, 1998; PETROCELLI *in* ONASANDRO, 2007, p.6-7. Ainda que não deixem claro, alguns desses estudiosos parecem ter optado por essa lição, dadas as traduções do nome (Onasander, Onasandro, etc.) Por identificar o autor do manual com um *Ὀνήσανδρος* que figura numa inscrição cipriota, Alphonse Dain achou por bem tomar como certa essa variante. A forma dórica com vocalismo em *alfa* do *Laurentianus* L seria uma correção ou mudança mais ou menos voluntária da forma com vocalismo em *ômicron*, que, segundo ele, parece ter sido introduzida na renascença bizantina (DAIN, 1930, p.143).

Alessandro Corneli arrisca uma aproximação entre o manual militar e a filosofia platônica. Ele vê na obra uma racionalidade intrínseca da estratégia que teria origem platônica e estaria fundamentada na preparação psicológica e teórica dos chefes:

A recusa em atribuir os graus elevados aos nobres de nascença por sua origem – e a atribuição desses graus àqueles que demonstram ter adquirido as sabedorias e competências necessárias – reproduz o esquema platônico dos sábios que são chamados a reger o Estado. [...] A nobreza de estirpe não deve, *per se*, constituir um privilégio. (CORNELI, 1992, p.121)

O general de Onassandro lembra em muitos pontos a figura do rei filósofo da *República* e muito do que Onassandro exige do general é o que se exige do guardião na *República*. A prudência, a moderação e a temperança que o autor prescreve como necessárias ao bom general estão todas elas muito bem tratadas na *República*, especialmente no livro IV. E não seria absurdo pensar que a idéia da mentira justa defendida várias vezes no manual, principalmente no capítulo XXIII, tem matriz platônica, se tomarmos a seguinte fala de Sócrates na *República*: “se a alguém é lícito faltar com a verdade será unicamente aos que governam a cidade, autorizados a fazê-lo a seus inimigos e concidadãos, ninguém mais podendo fazê-lo.” (*República*, livro III, 389a –b ) Onassandro segue de perto essa idéia, dando exemplos precisos de casos em que é justificável mentir ou falsear algo aos do exército inimigo e quando é justificável fazê-lo aos do próprio exército (*cf. Do general*, X.14, XXIII.1-2).

No Στρατηγικός encontram-se ainda outros pontos de convergência com os escritos platônicos. Destaca-se, dentre eles, a alusão homoerótica do capítulo 24, em que se aconselha ao general pôr irmão ao lado de irmão, amigo ao lado de amigo, amante ao lado de amado, considerando que lutarão mais arduamente se em defesa uns dos outros:

Também cabe ao general prudente dispor irmãos junto de irmãos, amigos junto de amigos, amantes junto de amados, pois quando aquele que lhe é vizinho e representa o que lhe é mais caro encontra-se em perigo, o que ama necessariamente combate de modo muito mais corajoso em prol do que está próximo. E é certo que quem se entrega ao escrúpulo de não retribuir a graça recebida, envergonha-se de dar ele próprio início à fuga, abandonando seu benfeitor. (ONASSANDRO, *Do general*, XXIV)

De fato, o trecho guarda grande semelhança com a alocução de Fedro no *Banquete*:

Da mesma maneira, também vemos que o amado sente vergonha quando é surpreendido em alguma ação indigna, sobretudo ante seus amantes. Por conseguinte, se houvesse uma cidade ou um exército composto de amantes e

amados, de modo algum poderiam administrar melhor sua pátria do que se abstendo, como fariam, de toda ação desonrosa e emulando-se mutuamente na honra. E se tais homens combatessem uns acompanhados dos outros, por poucos que fossem, venceriam todos os inimigos, já que o amante suportaria com mais dificuldade ser visto pelo amado a abandonar seu posto ou a lançar fora as armas do que sê-lo por todos os demais; preferiria mil vez a morte. Quanto a abandonar o amado ou não lhe socorrer quando em perigo, ninguém é tão covarde que o Amor não lhe inspire um valor divino, de modo que se iguale ao valente por natureza. Em uma palavra, esse ímpeto – que, como disse Homero, inspira a divindade em alguns heróis – o Amor o dá aos amantes como algo que brota de si mesmo. Ademais, somente os amantes estão dispostos a dar a vida pelos outros. (PLATÃO, *Banquete*, 178d *et. seq.*)

Mas, bem se vê, tornou-se um *tópos* literário: colocar amante e amado lado a lado no campo de batalha faz lembrar, para citar um exemplo mais óbvio, o “Batalhão Sagrado” de Tebas que, assevera Plutarco, teria buscado inspiração para sua organização no *Banquete* de Platão (*Pelópidas*, 18). O tema reaparece no *Banquete* de Xenofonte (VIII, 32-35), ainda que visto sob outra perspectiva, e é repetido à exaustão por Plutarco, companheiro de século de Onassandro. No *Diálogo sobre o amor*, conta como Pâmenes acusou Homero de ser pouco versado no amor

pois [Homero] distribuía os Aqueus por tribos e clãs<sup>10</sup> e não colocava o amado junto do seu amante, para que daí resultasse que ‘um escudo suportasse outro escudo, um elmo outro elmo’, na lógica de que [Eros] é o único estrategista invencível. Na verdade, os homens abandonam os companheiros de tribo, os familiares e mesmo, por Zeus, os pais e os filhos; mas entre um amante inspirado pelo deus e o seu amado jamais algum inimigo se imiscuiu ou interpôs. Casos há em que, mesmo sem necessidade, se sentem coagidos a demonstrar o seu apego ao perigo e o desprezo pela vida. Esse é o caso de Téron da Tessália que, apoiando a mão esquerda sobre um muro e desembainhando a espada, cortou o polegar e desafiou um seu rival amoroso a fazer o mesmo. (PLUTARCO, *Diálogo sobre o amor*, 761B, tradução de Carlos A. Martins de Jesus)

E em *No Banquete* faz outra referência à acusação de Pâmenes:

É que me parece que também o tebano Pâmenes acusou Homero, não injustamente, de ser inexperiente em questões amorosas, porque juntou tribos com tribos e misturou fratrias com fratrias, quando era preciso juntar o amante com o amado, para que a falange, com um vínculo vivo, seja um único espírito. Também o mesmo eu quero fazer no nosso banquete: não vou recostar o rico com o rico, nem o jovem com o jovem, nem o magistrado com o magistrado, nem o amigo com o amigo, já que esta disposição é estática e incapaz de aumentar ou criar afeto; mas, adequando o que é apropriado ao que tem falta dele, peço que se recoste o que gosta de saber com o que sabe, o moderado com o quezilento, o jovem que gosta de ouvir com o velho tagarela, o dissimulado com o gabarola e o reservado com o irascível. E, se vejo nalgum lado um rico magnânimo, levarei para junto dele um pobre honesto que arrancarei de um canto qualquer, de modo a haver uma trasfega, como de uma taça cheia para uma vazia. Evito também que um sofista se recoste junto de um sofista e um poeta junto de um poeta: ‘é que o pobre inveja o pobre e o aedo inveja o aedo.’ (PLUTARCO, *No Banquete*, 618D *et. seq.*, tradução de Rofolfo Lopes)

---

<sup>10</sup> HOMERO, *Il.* II, 362-366.

A passagem de Plutarco faz notar que a essência dessa prática – colocar lado a lado em campo de batalha não somente amante e amado, mas companheiros e conhecidos com vínculos de outra sorte – já existia desde o conselho de Nestor a Agamêmnon, em *Ilíada* II, 362 *et. seq.* Viveram-na os gregos de uma maneira geral, mas foi na Grécia Clássica, com a consolidação da falange hoplítica – unidade que exigia um forte entrosamento e companheirismo da parte dos soldados –, que se tornou ainda mais necessário que os companheiros de formação tivessem algum vínculo ou afinidade, donde as recomendações dos oradores áticos em colocar juntos na falange homens de mesma tribo.<sup>11</sup> A organização dos exércitos baseada nesse critério garantia, mais do que um companheirismo e uma luta mais ardorosa como vemos nos trechos de Homero e Plutarco, que os soldados se vigiassem uns aos outros.

Portanto, embora seja clara a relação entre o capítulo 24 do *Στρατηγικός* e a alocução do *Banquete* e seja bastante improvável que o escritor desconhecesse de todo o diálogo de Platão, não é evidente que ele o tenha utilizado como fonte imediata. E seria precipitado tomar a presença de um tema tão recorrente na literatura grega como indício certo de que Onassandro fosse filósofo platônico. Além disso, é estranho que num estudo sobre as virtudes morais do general, um filósofo que se supõe ser comentador da *República* simplesmente negligencie as não infreqüentes referências platônicas à necessidade de constante exercício militar, ao estilo de vida do soldado, ao aspecto profissional de uma preparação militar bem sucedida, à matemática como um elemento necessário à educação do chefe do exército, etc. (OLDFATHER, 1930, p.344-345). É também notável a falta de outras considerações da *República* como, por exemplo, quanto à importância da justiça no exército (351e) e de levar os filhos ao combate para que possam aprender, como acontece nas atividades artesanais (466e); sobre destinar os soldados que derem prova de vileza a desenvolver atividades mais modestas (468a); tampouco se aborda a questão dos alojamentos comuns (543b). Esse silêncio da parte de Onassandro, ainda que não seja suficiente para por em dúvida a identificação de nosso autor com aquele mencionado na *Suda*, “pode facilmente sugerir que em *Do general* temos um estudo anterior ao período de preocupação com Platão” (OLDFATHER, 1930, p. 345).

---

<sup>11</sup> LÍSIAS, XVI.15; XIII.79; XX.23; ISEU, II.42.

Pelo conteúdo do manual, talvez fosse conveniente uma aproximação com Aristóteles, se bem que os testemunhos antigos não a façam. Num ponto muito mais relevante do manual do que aquele que quiseram fosse referência direta a Platão, Onassandro apresenta uma reflexão de caráter moral de matriz aristotélica. Trata-se do desfecho do manual, último sub-item do último capítulo:

A inveja ( $\phi\theta\acute{o}\nu\omicron\varsigma$ ) é, pois, a dor suscitada pelos bons em seus próximos, enquanto a emulação ( $\zeta\eta\lambda\omicron\varsigma$ ) é a imitação do que há de belo nos outros. E elas diferem de tal modo entre si que enquanto o invejar é um voto de que não haja nada de bom junto do outro, o emular é um desejo de adquirir posses de igual monta. (ONASSANDRO, *Do general*, XLII.10)

Ele conclui a obra com a oposição  $\phi\theta\acute{o}\nu\omicron\varsigma$  X  $\zeta\eta\lambda\omicron\varsigma$ , já delineada na *Retórica*:

a emulação ( $\zeta\eta\lambda\omicron\varsigma$ ) é um sentimento honesto e próprio de homens honestos; a inveja ( $\phi\theta\acute{o}\nu\omicron\varsigma$ ) é um sentimento abjeto e próprio de homens abjetos. E enquanto com o primeiro, através da emulação, prepara-se para obter os bens; com o segundo, através da inveja, para impedir que o vizinho os obtenha. (ARISTÓTELES, *Retórica* 1388a)

Conforme discutiremos mais à frente, as qualidades que Onassandro põe como necessárias para o bom general assemelham-se muito àquelas virtudes da *Ética a Nicômaco*, em especial a prudência, a coragem, a capacidade de prever os acontecimentos e a sabedoria para agir no momento oportuno ( $\kappa\alpha\iota\rho\acute{o}\varsigma$ )<sup>12</sup>. Essa última se vê muito bem figurada no símile do piloto<sup>13</sup>: como reino da instabilidade e da surpresa, o mar requer uma extraordinária capacidade de previsão e muito cuidado para discernir a hora mais adequada para tomar uma determinada atitude. Entretanto, essa discussão não tem como chegar a algum ponto conclusivo. Se houve de fato alguma influência do pensamento aristotélico, não há como ter certeza, pois faltam informações precisas e ainda porque as questões e figurações do manual que soam aristotélicas, em sua maioria, aparecem igualmente em outros autores como Xenofonte e Tucídides, ou mesmo em Platão.<sup>14</sup>

Quanto ao período em que Onassandro viveu e em que escreveu a obra, na ausência de qualquer dado na *Suda*, em João Lídio e nas menções de Leão VI, é preciso contar com o que o próprio manual tem a oferecer como indício cronológico. Há, contudo, um único indício sólido: a dedicatória a Quinto Verânio. Por sorte, esse homem gozou de

---

<sup>12</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1112b; *Ética a Eudemo* 1247a.

<sup>13</sup> ONASSANDRO, *Do general*, IV.5; XXXII.10; XXXIII.2.

<sup>14</sup> A própria oposição  $\phi\theta\acute{o}\nu\omicron\varsigma/\zeta\eta\lambda\omicron\varsigma$ , conforme citado em nota à tradução, aparece também em Tucídides (II.64.4-5), Tácito (*Anais*, II.22.1) e Xenofonte (*Memoráveis*, III.9.8).

bastante prestígio e tornou-se uma figura importante. Foi enviado à Lícia como *propraetor* em 43 d.C. pelo imperador Cláudio, para conformar a área como província<sup>15</sup>. Por seu sucesso no cargo, foi elevado à condição de cônsul em 49 d.C.<sup>16</sup>. De 54 a 58 foi *legatus Augusti pro praetore* da Britânia<sup>17</sup>, onde morreu em combate em 59, data que constitui, portanto, o *terminus ante quem* da composição da obra. Os estudiosos estão de acordo em fixar a data de composição entre 49 (data em que foi tornado cônsul) e 59 d.C.<sup>18</sup> Mas houve quem arriscasse uma data exata para sua composição, tomando a forma como o próprio autor caracteriza o período em que o livro foi escrito. No Proêmio, chama-o *pax augusta* (τὴν σεβαστὴν εἰρήνην)<sup>19</sup>, expressão que provavelmente alude a um período extenso e de paz relativa, em que não se travou nenhum conflito mais proeminente no Império Romano, como algo entre o fim das guerras civis, em fins do séc. I a.C., e a morte de Marco Aurélio, em 180 d.C. (OLDFATHER, 1986, p.348).

Por fim, cito uma hipótese bastante ousada, que identifica nosso autor com um personagem de nome Ὀνήσανδρος, aludido em duas inscrições epigráficas cipriotas. Desse Onessandro, diz-se que enviou umas estátuas juntamente com seu filho Zenão a um Servius Sulpicius Pancles Veranianus. O nome Veriano levou alguns<sup>20</sup> à conexão com Quintio Verânio, de quem conjecturaram pudesse ser filho. A influência do cônsul sobre o Chipre, ainda que não seja impossível, é-nos desconhecida; e a hipótese como um todo é demasiado frágil.

Mas é, afinal, essa série de hipóteses, levantadas sobre um conjunto de informações vagas, o que se ousa chamar, neste caso, de biografia do autor.

---

<sup>15</sup> DIO, LX.17.3-4.

<sup>16</sup> TÁCITO, *Anais*, XII.5.

<sup>17</sup> TÁCITO, *Agrícola*, XIV.3; *Anais*, XIV.29.1.

<sup>18</sup> OLDFATHER, 1986, p. 347; CAMPBELL, 1987, p. 13; AMBAGLIO, 1981, p.354. Para mais informações sobre a biografia de Quintio Verânio, cf. ROGERS, Samuel. Quintii Veranii, pater et filius. *Classical Philology*, v.26, n.2, 1931, p.172-177.

<sup>19</sup> ONASSANDRO, Proêmio, 4.

<sup>20</sup> DAIN, 1930, p.140-144; SMITH, 1998, p.154-155.



## 1.2 A tradição do texto

Embora faltem informações mais precisas sobre Onassandro, sabe-se que poucos autores da Antiguidade gozaram de uma tradição manuscrita tão rica e representada por manuscritos tão antigos.<sup>21</sup> São ao todo vinte e quatro manuscritos, dentre os quais os mais antigos datam do séc. X d.C.<sup>22</sup> Essa particularidade certamente se deve à retomada do interesse por esse tipo de literatura no séc. X, especialmente sob a impulsão de Leão VI que, com suas *Táticas*, estimulou o retorno ao estudo dos tratados de tática, estratégia e poliorcética. Assim foi que “os especialistas, sob a ordem do imperador Leão e de seus sucessores (...) recolheram da tradição manuscrita em uncial aquilo que havia então escapado às injúrias do tempo” (DAIN, 1930, p.15).

Depois de três séculos durante os quais parece ter desaparecido a maior parte da tradição literária antiga, seguiu-se um “verdadeiro renascimento”, quando se buscou fazer cópias de tudo quanto havia sobrevivido da Antiguidade grega.

A maior parte dos nossos textos derivam dos *achados* que foram então realizados. É conhecido o papel que tiveram a esse respeito Fócio, Aretas<sup>23</sup> e seus discípulos. Os textos assim encontrados foram transcritos de uncial para a minúscula. Foi nessa data que foram transcritos os textos dos estrategistas da Antiguidade grega e do alto bizantinismo. (DAIN, 1930, p.15)

Isso permitiu a Dain dividir a lista de manuscritos do *Στρατηγικός* em duas zonas bastante distintas da história da tradição: de um lado os cinco mais antigos, copiados no Oriente nos séculos X e XI, de outro os copiados por volta do século XVI. Um estudo mais detido da história da tradição dos escritos de tática e estratégia antigos indica que o gosto por

---

<sup>21</sup> Alphonse Dain foi o primeiro a fazer um estudo minucioso de vinte e dois desses manuscritos, tendo acesso aos originais da maioria deles e a fotocópias do restante. Nossas considerações a respeito da história do texto devem-se, em grande parte, ao precioso trabalho desse filólogo (DAIN, *Les manuscrits d'Onésandros*, Paris: Belles Lettres, 1930).

<sup>22</sup> Ao texto de Onassandro sucedeu o mesmo que aos demais manuais e compilações de preceitos militares da Antiguidade: a tradição manuscrita desenvolvida ao longo do séc. VI d.C. desapareceu por completo.

<sup>23</sup> Com a morte de Aretas, um novo período começou, em que estudiosos eminentes e bibliófilos eram muito mais difíceis de identificar. Mas algum estímulo à aprendizagem foi dado pela atividade do imperador erudito Constantino VII Porfirogênito (913-959 d.C.). Ele compilou vários manuais de política que sobreviveram parcialmente. Eles tomaram a forma de compilações enciclopédicas baseadas num campo muito amplo de fontes históricas, e são de enorme importância para os Estudos Clássicos, uma vez que muitos desses textos não sobreviveram de outra forma. Foi pouco tempo depois, talvez no reino de João Tzimisces (969-976), que foi criada a *Suda* (REYNOLDS & WILSON, 1991, p.65-66).

essa disciplina, seu estudo, a compilação das obras antigas relativas a essa técnica e a própria multiplicação das cópias manuscritas desses textos pode ser repartida em três épocas bem distintas: (1) os arredores do governo de Justiniano (séc. VI), pois ainda que não contemos com manuscritos anteriores ao séc. X, há referências claras ao texto de Onassandro no *Στρατηγικόν* falsamente atribuído ao imperador Maurício<sup>24</sup>, escrito em torno de 600 d.C., na ambição de constituir um tipo de regulamento de serviço para os oficiais<sup>25</sup>; (2) a época de Leão VI, de Constantino VII Porfirogênito e de seus sucessores (fins do séc. IX até o séc. XI); e, por fim, (3) o Renascimento (DAIN, 1930, p.14).

A tradição do texto de Onassandro é representada unicamente por manuscritos em pergaminho e papel; não há sinal de qualquer fragmento de papiro. A tradição indireta também inexistente, visto que nas já citadas obras de Leão VI, João Lídio e na *Suda* somente foram feitas menções ao nome do autor, ao título do manual e a informações sumárias sobre o conteúdo do texto. O manuscrito mais antigo e também o que se tem tomado como mais confiável e menos corrompido é o *Laurentianus* LV-4, em velino, composto atualmente de 405 fólios. Cada página porta trinta e duas linhas de uma escritura minúscula muito bonita, isenta de qualquer mistura com uncial. Infelizmente, está gravemente mutilado. O volume comporta dois *corpora* de tática e estratégia e um de compilações bizantinas. O *Στρατηγικός* é a última obra do segundo *corpus* de tática (DAIN, 1930, p.42-43).

A seguir serão apresentados uma tabela com os vinte e dois manuscritos a que Alphonse Dain teve acesso e um *stemma* baseado naquele proposto também por ele.

---

<sup>24</sup> DENNIS, George (tradutor). *Maurice's Strategikon. Handbook of Byzantine Military Strategy*. Philadelphia,: University of Pennsylvania Press, 1984.

<sup>25</sup> Entre essas referências estão a necessidade de um conhecimento prévio do inimigo (no capítulo VII), a recomendação para que o general não se envolva pessoalmente no confronto (VII, 1a) e o uso dos discursos para encorajar as tropas (em VII, 5 e VIII, 2, 64).

TABELA 1  
Lista de manuscritos do Στρατηγικός

Manuscrito	Data da cópia	Copista(s)	Suporte
L <i>Laurentianus</i> LV-4	séc. X d.C.	-	velino
A <i>Ambrosianus</i> gr. 139 (B 119 sup.)	séc. X d.C.	-	pergaminho
N <i>Neapolitanus</i> 284 (C-III-26)	X – XI d.C.	-	pergaminho
V <i>Vaticanus</i> gr. 1164	séc. XI d.C.	-	velino
P <i>Parisinus</i> gr. 2442	séc. XI d.C.	-	pergaminho
Q <i>Parisinus</i> gr. 2522	séc. XV d.C.	-	papel
R <i>Parisinus</i> gr. 1774	séc. XVI d.C.	-	papel
S <i>Parisinus</i> gr. 2445	séc. XVI d.C.	-	papel
B <i>Bernensis</i> 97	séc. XVI d.C.	-	papel
O <i>Oxoniensis</i> MS Auct. T-1-21	séc. XVI d.C.	-	papel
X <i>Vaticanus</i> gr. 220	1548	Emanuel Graecus	papel
T <i>Parisinus</i> gr. 2443	1549	Ângelo Vergécio	papel
F <i>Taurinensis</i> B-III-19	em torno de 1550	Constantino Palaeocappa	papel
G <i>Londinensis</i> add. 23895	1560 ou 1561	Constantino Palaeocappa	papel
U <i>Parisinus</i> 2523	1564	Ângelo Vergécio	papel
J <i>Ambrosianus</i> gr. 905 (C 265 inf.)	1564	Camille de Venise	papel
E <i>Scorialensis</i> Ψ.IV.5	depois de 1570	oficina de André Darmarios	papel
C <i>Cantabringiensis</i> 1038 (O-I-14)	1573	André Darmarios	papel
D <i>Monacensis</i> gr. 268	entre 1573 e 1575	oficina de André Darmarios	papel
H <i>Ambrosianus</i> gr. 563 (N 196 sup.)	1575	André Darmarios	papel
Z <i>Palatinus</i> vat. gr. 414	1582	André Darmarios	papel
W <i>Parisinus</i> gr. 2446	séc. XVII d.C.	-	papel

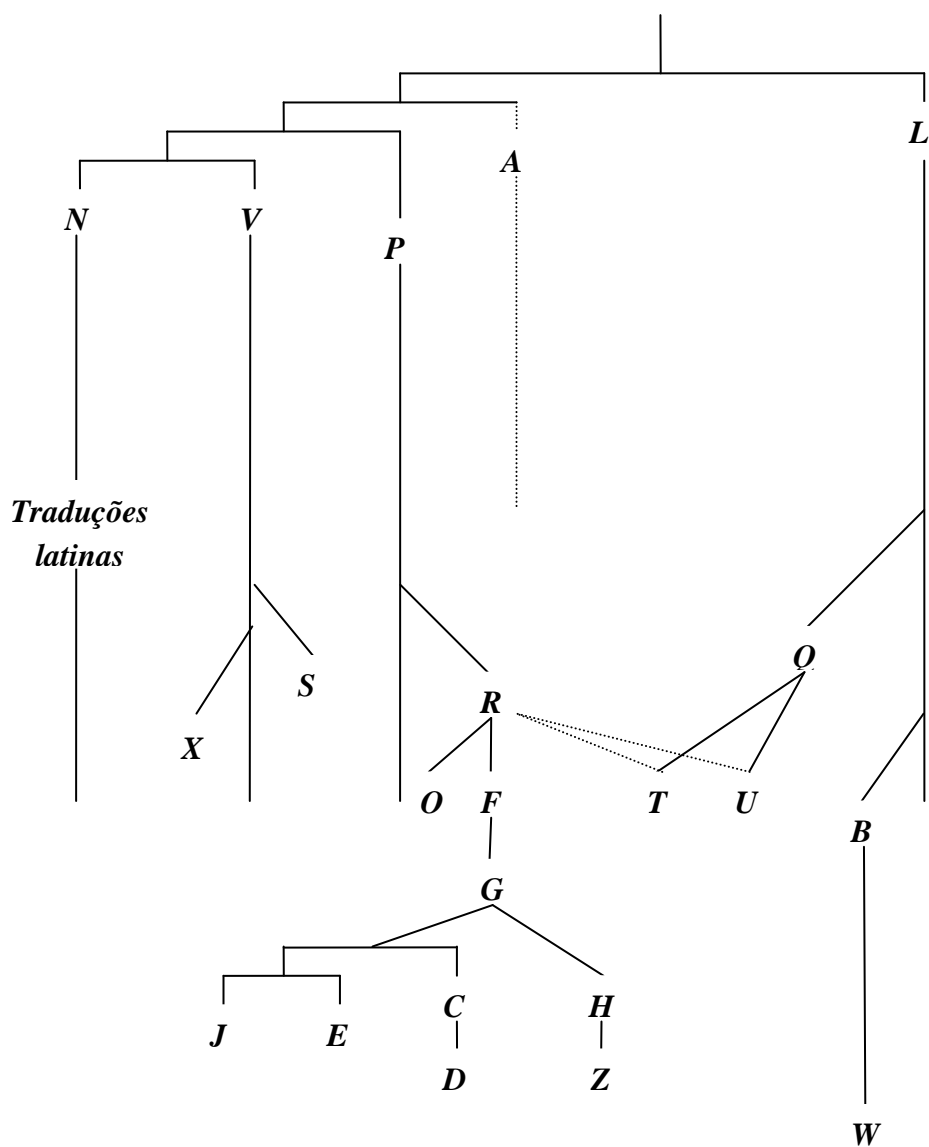


FIGURA 1 - *Stemma* dos manuscritos do Στρατηγικός  
(adaptado de DAIN, 1930, p.117)

É importante não separar o Στρατηγικός das outras obras de tema militar e gênero afim, pois

os textos da antiguidade grega ou bizantina foram transmitidos não independentemente uns dos outros, mas sob a forma de *corpus* deliberadamente compostos, e mesmo sob a forma de grupos ou sistemas de *corpus*. Paralelamente aos grupos concernentes às obras de técnica militar, há sistemas inteiramente comparáveis para as escritas de ascética, direito, medicina, matemática, etc. De uma maneira geral, cada disciplina particular ou mesmo cada especialidade de tal disciplina nos foi igualmente transmitida. (DAIN, 1930, p. 133-134)

Com efeito, as obras que não ofereciam – seja por sua matéria, seja por seu alcance – uma importância excepcional não eram transcritas isoladamente. O texto de Onassandro, por exemplo, raras vezes foi transcrito sozinho<sup>26</sup>, estando na maioria dos manuscritos acompanhado de outros textos que por sua vez não têm um conteúdo qualquer: são em sua maioria textos militares de caráter instrutivo, o que sugere que *Do general* de Onassandro poderia ser melhor compreendido se pensado numa tradição maior de textos militares.

Alphonse Dain (1930) afirma que ao longo da época bizantina constituíram-se sete *corpora* distintos em que foram alojados os manuscritos gregos, romanos e bizantinos desse gênero, organizados ora por época de composição, ora pela matéria tratada. Àquela época não havia uma distinção capital entre tática e estratégia, como os modernos se viram tão impelidos a fazer, de modo que textos de tática que abordam unicamente detalhes muito técnicos sobre formações e manobras militares foram colocados ao lado de textos mais visivelmente estratégicos, voltados para a formação moral e intelectual dos oficiais militares.

O texto que serve de objeto a este trabalho, uma boa fortuna permitiu-lhe que figurasse em dois dentre esses sete *corpora*. O primeiro é chamado por Dain *Recueil de tactique A* (“Compêndio de tática A”) e aparece na família de manuscritos de *Neapolitanus N*, *Vaticanus V*, *Parisinus P* e em *Ambrosianus A*. Ele comporta os seguintes textos: (1) *As Tácticas* de Eliano (Τακτικὰ Αἰλιανοῦ); (2) um curto fragmento anônimo acompanhado de um desenho bastante curioso representando uma ordem de batalha em quadrado, com a indicação παράταξις τετραγώνου; (3) *Do general*, de Onassandro (Ὀνησιάνδρου στρατηγικός); (4) *Do general*, de Pseudo-Maurício (Μαυρικίου στρατηγικόν); e (5) *A prática da guerra*, de Urbício (Οὐρβικίου ἐπιτήδευμα). O segundo, chamado *Recueil de tactique C* (“Compêndio de tática C”), é um dos três *corpora* que constituem o *Laurentianus LV-4* e é composto dos textos a seguir: (1) *Capítulos de tática*, de Asclepiodoto (Ἀσκληπιოდότου Τακτικὰ κεφαλαῖα); (2) *Teoria tática*, de Eliano (Αἰλιανοῦ τακτικὴ θεωρία); (3) *Comentários de tática*, de Enéias (Αἰνείου τακτικὸν ὑπόμνημα); (4) *Tratado de tática* (Ἀρριανοῦ τεχνὴ τακτικὴ) e *A expedição contra os Alanos* (Ἐκταξις κατ’ Ἀλανῶν), de Arriano; e (5) *Do general*, de Onassandro (Ὀνησιάνδρου στρατηγικός).

---

<sup>26</sup> Os únicos manuscritos que contêm exclusivamente o texto de Onassandro são *Taurinensis F* e sua cópia fiel *Londinensis G*.

Também sob a forma de compêndios foi-se perpetuando a transmissão do texto. Nos séculos que se seguiram ao período bizantino – de que datam as primeiras cópias hoje disponíveis –, o texto de Onassandro foi compilado com textos de Enéias, o tático, Asclepiodoto, Frontino, Arriano, Eliano, Poliano, Xenofonte, etc. Esse costume manteve-se mesmo nas traduções da obra. A primeira tradução, para o latim, publicada em 1494 por Nicolaus Secundinus, é também um compêndio de obras de Vegécio, Frontino e Eliano; a tradução francesa de 1546, de Jehan Charrier, une ao texto de Onassandro uma tradução de *A arte da guerra*, de Maquiavel; numa outra tradução francesa, de 1757, sob o nome *Mémoires militaires sur les Grecs et les Romains*, estão reunidos uma dissertação sobre ataque e defesa entre os antigos, uma tradução de *Do general* e uma da *Tática* de Arriano, uma *Análise da campanha de Júlio César na África* e uma tradução do tratado de Urbício, por Charles Théophile Guischart; o terceiro tomo de uma compilação francesa de François Charles Liskenne e Jean Baptiste Balthazard Sauvan, de 1854, reúne traduções de Júlio César, Onassandro, Poliano, Vegécio, Frontino e Leão VI; e a tradução inglesa de William Oldfather, de 1928, também junta ao texto de Onassandro a *Arte tática* de Asclepiodoto e a *Poliorcética* de Enéias, o tático.

### 1.3 O Στρατηγικός e a literatura *de re militari*

Se a história da transmissão do texto mostra que raríssimas vezes o Στρατηγικός foi transcrito isoladamente, estando acompanhado de outras obras militares de caráter semelhante na quase totalidade dos manuscritos, não se deve pensar que fosse um corpo estranho da literatura de sua época, um caso excepcional e quase anedótico no panorama histórico da literatura clássica. Ainda que tão poucos estudiosos modernos sequer saibam de sua existência, está inserido numa tradição bem definida, a dos textos de argumento militar da Antiguidade e é preciso, portanto, investigar o que ele tem em comum, se não com todas, ao menos com algumas das obras que a compõem. Tratarei disso nesta seção, numa exposição sobre os manuais militares greco-romanos.

É certo que a prosa despontara já no séc. IV a.C. a cumprir a função didática outrora desempenhada pela poesia, despertando pela primeira vez entre os gregos um ideal consciente de educação e cultura. Como lembra Jaeger (2001, p.488-491), com a virada do quinto século, já o conteúdo filosófico da poesia privara-se do metro, modelando no discurso uma nova forma, mais adequada às suas necessidades e que se podia mirar até mesmo como um novo tipo de poesia. No séc. IV foi tão significativa “a supremacia espiritual da prosa sobre a poesia”, que a tradição acabou por sepultar a imensa produção poética dessa época, deixando-nos apenas as dos prosadores: Platão, Xenofonte, Isócrates, Demóstenes e Aristóteles e uma série de outros autores. Contudo, a disposição de preceitos militares em manuais insere-se numa tradição que se formou posteriormente e ganhou formas definidas no período helenístico, no qual a prosa grega com fins didáticos tomou feitio ainda mais afastado da poesia. A partir de então, passou-se a produzir massivamente textos que – a despeito de deverem muito em conteúdo e forma a Xenofonte, Aristóteles, aos sofistas também incentivadores do desenvolvimento de uma prosa que abordava tópicos práticos, e a outros filósofos e prosadores do quarto século – tinham um modo de ensinar e uma linguagem diferenciados, despojados de uma argumentação mais sólida. Firmavam-se muitos deles na listagem de exemplos e preceitos educativos, a miúdo associados a virtudes e a uma sabedoria prática.

Essa tradição mais ampla, Paniagua Aguilar (2006) chama-a literatura técnico-científica, mas não entendendo a técnica e a ciência implicadas no termo como exatos correspondentes de τέχνη (termo traduzido geralmente por técnica, arte ou aptidão) e ἐπιστήμη (comumente entendida como conhecimento teórico ou científico, mas que não deve ser confundida com o nosso entendimento contemporâneo de ciência), as duas virtudes da parte racional da alma que Aristóteles distingue de forma precisa em *Ética a Nicômaco* VI. O estagirita diferencia uma da outra pelos seus objetos: enquanto o objeto da técnica (τέχνη) pode variar, o objeto do conhecimento científico (ἐπιστήμη) existe necessariamente, é eterno, invariável e passível de ser demonstrado. Um homem possui conhecimento científico quando tem uma convicção a que chegou de certa maneira e conhece seus pontos de partida, não tendo um conhecimento meramente acidental (ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1139b-1140a). Apesar disso, mesmo em Aristóteles, τέχνη e ἐπιστήμη estão tão próximas que chegam a confundir-se, talvez porque o autor não use sempre os termos em sentido estrito. A medicina, por exemplo, aparece ora como uma, ora como outra coisa: é tanto uma ἐπιστήμη que estuda a saúde, quanto uma τέχνη que produz saúde. A razão para essa “mistura” é provavelmente que, enquanto a pessoa que cultiva uma τέχνη não tenha ἐπιστήμη no sentido estrito, tem algo muito próximo a ela: conhece a causa (αἰτία) e o porquê (διότι) do que faz (*Metafísica* A, 981a30-981b5), é capaz de fazer um juízo universal e de ensinar a técnica<sup>27</sup>, assim como “tudo o que é cientificamente conhecido pode ser apreendido” (*Ética a Nicômaco*, 1139b).

Já em Xenofonte, a distinção entre τέχνη e ἐπιστήμη é bem menos nítida. Em *Econômico* e *Memoráveis*, o autor põe Sócrates explicitamente a identificar τέχναι com atividades tais como a medicina, a culinária, a carpintaria, a administração da cidade, o comando do exército e a navegação; e, sem marcar qualquer diferença, também chama várias delas de ἐπιστήμαι. Em Xenofonte, muitas das ocorrências da palavra ἐπιστήμη mostram uma conexão muito forte com uma sabedoria prática e com a τέχνη: Critóbolo diz que quer adquirir o conhecimento (ἐπιστήμη) que lhe permitirá ganhar daqueles com boas almas e belos corpos (*Memoráveis*, II, 6); Sócrates diz que algumas das habilidades do comando de um exército – que em outra parte chama de τέχνη – vêm por natureza e outras através do conhecimento (ἐπιστήμη) (*Memoráveis*, III, 1). Já no *Econômico*,

---

<sup>27</sup> PARRY, Richard. Episteme and Techne. In: *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, 2007. Disponível em: <plato.stanford.edu/entries/episteme-techne>.



Sócrates intercambia *epistēmē* e *téchnē* para referir-se aos empreendimentos práticos do homem grego chamado *kalós k'agathós*. Ele abre a obra questionando se a administração da casa ou do estado (*oikonomía*) é um tipo de conhecimento (*epistēmē*) como a medicina e a carpintaria. Então ele pergunta se ele e seu interlocutor podem dizer qual a função (*érgon*) da *oikonomía*, da mesma forma que podemos dizer quais são as funções dessas outras *téchnai* (*Econômico*, I, 1). Quando ele usa *epistēmē*, o foco da discussão é algum aspecto da administração do estado ou da casa. Ele se refere indiferenciadamente a *epistēmē* e *téchnē* da administração e da agricultura.<sup>28</sup>

Portanto, se até entre os antigos variavam os posicionamentos quanto à relação entre uma e outra, qual não seria nossa dificuldade para traçar uma linha precisa entre conhecimento teórico (ou científico) e técnica na Antiguidade. Falar de literatura técnica e de literatura científica separadamente, ainda que as tomando num sentido mais genérico e mais próximo do moderno, também apresentaria o inconveniente de ter que determinar qual era a fronteira entre uma e outra parcela, se é que realmente se pode falar na existência dessa barreira. Teríamos ainda de fixar

que subgêneros se inserem em uma e quais em outra, que obra e que seção de conteúdo corresponde a uma e qual a outra. E isso é algo que escapa à capacidade do estudioso do mundo antigo, sobretudo porque os limites são difusos e quase imperceptíveis. [...] Por isso é oportuno o emprego da denominação “literatura técnico-científica” para nos referirmos ao conjunto de obras de conteúdo suscetível de ser considerado técnico ou científico, em termos modernos, embora prescindindo de utilizar os conceitos de técnico e científico como elementos de discriminação interna, já que tal distinção deve ser evitada. Nos últimos anos e sobretudo no domínio da filologia clássica italiana apareceram uma série de obras e estudos importantes sobre a literatura técnico-científica latina nos quais se utiliza com desenvoltura esse conceito. (PANIAGUA AGUILAR, 2006, p.31)

Essa tradição de textos técnico-científicos circunscreve um conjunto de escritos – dos mais variados assuntos – em que linguagem e estilo desempenham um papel subserviente, subordinado ao propósito informativo e didático e que a princípio têm como traço distintivo a clareza. Esses textos compartilham entre si uma linguagem peculiar cujo fim é cumprir esse propósito; ela costuma ser objetiva e precisa, com preferência pelo uso da terceira pessoa – mas não excluindo o emprego da primeira e da segunda pessoas. Da tradição grega fariam parte textos como o *Hipárquico*, o *Econômico*, o *Cinegético* e o *Da equitação* de Xenofonte, a *Poliorcética* de Enéias, o *tático*, a *Arte tática* de Asclepiodoto, os textos médicos de Hipócrates e de Alcmeão de Crótona, o tratado de mecânica de Fílon de Bizâncio, o tratado sobre maquinaria de guerra de Ateneu, o *mecânico*, a obra de geografia de Hecateu de Mileto,

---

<sup>28</sup> PARRY, Richard. Episteme and Techne. In: *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, 2007. Disponível em: <plato.stanford.edu/entries/episteme-techne>.

textos de Arquímedes, dentre outros. Passou dos gregos aos romanos, que por muitos séculos foram culturalmente dependentes deles. E compôs assim uma importante área da literatura romana, porquanto os romanos tivessem um gosto especial pelos fatos e pela sabedoria prática e muitos deles se sentissem menos atraídos por investigações profundas e detalhadas do que por apresentações mais gerais e informativas (ALBRECHT & SCHMELING, 1997, p.564-567). Esses escritos desempenhavam o fundamental papel de formar os homens que ocupavam ou ocupariam os cargos mais altos do Império Romano, para os quais se acreditava que fossem extremamente úteis e necessários conhecimentos gerais de agricultura, tática, estratégia, história, ciências da natureza e de outras matérias. Não se esperava dos dirigentes que fossem *experts*, mas que tivessem um conhecimento mais geral de certas disciplinas. O fim dessa literatura era, pois, fomentar o desenvolvimento de algumas virtudes e traços indispensáveis para formar bons líderes. “Esses autores escreviam para grandes proprietários de terras, governadores, oficiais e líderes militares, homens que poderiam consultar seus livros para se aperfeiçoar durante as folgas de suas atividades de comando militar ou de governo” (LONG, 2001, p.35). Um dos tópicos cujo conhecimento era considerado importante para os membros das elites romanas era a agricultura. Dedicou-se a esse assunto Catão, renomado líder político e militar, num tratado intitulado *De agricultura*, em que expôs tradicionais virtudes romanas como a simplicidade, a frugalidade, a austeridade e o patriotismo. Como Xenofonte no *Econômico*, ele viu na agricultura uma atividade que molda o homem para que se torne um bom líder militar.<sup>29</sup>

Do panorama literário técnico-científico de Roma dos séculos I a II d.C. delineado por Paniagua Aguilar (2006) constam os seguintes autores: Frontino, Agênio Úrbico, Higino, Balbo, Gaio, Pompônio Mela, Tácito, Apício, Columela, Germânico, Manílio, Cornélio Celso, Escribônio Largo, Sêneca, Plínio, o velho e Pseudo-Higino.

Assim como o *Στρατηγικός*, essas obras tendem a ser consideradas ilhotas temáticas. Fazem parte de uma região periférica das literaturas grega e latina a que os estudiosos têm dedicado mínima ou nenhuma atenção, talvez por sua aridez e carência de beleza literária – ainda que isso não se aplique de maneira igual a todas elas. Mesmo nos volumes dedicados à história das literaturas grega e latina, pouquíssimo se lê sobre elas<sup>30</sup>. O

---

<sup>29</sup> Catão foi inclusive representado por Cícero recomendando livros de Xenofonte e elogiando especificamente o *Econômico* por sua utilidade. (CÍCERO, *Cato maior De senectute*, 59)

<sup>30</sup> Foram consultados os seguintes volumes para os gregos: ROSE, Herbert Jennings. *A handbook of Greek literature: from Homer to the age of Lucian*. London: Methuen, 1950, 454p.; LESKY, Albin. *História da literatura grega*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1995, 933p.; BOWRA, Cecil Maurice. *Ancient greek*

mais das vezes, é-lhes concedida meia dúzia de páginas, para que não se pense que foram completamente ignoradas. Tomando os entendimentos mais modernos de literatura, geralmente não são consideradas obras literárias; quando muito, são chamadas paraliterárias, pois que “difícilmente podemos, hoje, considerar como literária uma obra científica ou puramente informativa. O caráter pragmático nelas se evidencia, a preocupação estética é mínima, a escritura chega a seu grau zero” (CARDOSO, 2003, p.185). Há, inclusive, uma tendência forte a não tê-las nem na conta de literatura:

Na atualidade, *literatura* e *literário* eliminaram de seus multiformes objetos de estudo todas aquelas criações que não incorporam elementos estéticos e incluíram, a despeito do oxímoro que o enunciado representa etimologicamente, a chamada *literatura oral*. Unicamente expressões aceitas mecanicamente, como *literatura científica* e *literatura jurídica*, remetem a um mundo anterior, todavia vigente no séc. XVIII. Essa é a situação no século XXI. (PANIAGUA AGUILAR, 2006, p.14)

Deixando de lado as definições modernas de literatura, consideremos que entre os romanos ela não se restringia aos “poetas e prosadores que os cânones escolásticos escolheram e impuseram”, mas que se estendia a um grande grupo de textos, do maior ao mais modesto, do público ao privado.<sup>31</sup> Essa literatura de cunho técnico-científico desenvolveu-se sob circunstâncias muito particulares em Roma durante o período imperial. Em especial nos séculos I e II d.C., a literatura latina contou com um enorme número de obras de caráter técnico-científico das mais diversas áreas do conhecimento (agrimensura, geografia, agricultura, técnica militar, jurisprudência, astronomia, mitografia, medicina, ciências da natureza, culinária, engenharia civil, etc.), muitas delas conhecidas também como pilares básicos da história da literatura latina, como as de Plínio, o velho, de Sêneca e de Tácito.

A aparição de uma literatura desse tipo provavelmente dependeu fortemente das novas condições sócio-políticas que se deram em Roma no período imperial e do modo como elas influíram diretamente no âmbito cultural. A fixação do sistema de governo imperial, a expansão da política romana para além das fronteiras e o conseqüente período de relativas tranquilidade e paz na sociedade romana, em contraste com os tumultuados e belicosos

---

*literature*. London: Oxford, 1933, 250p.; e para os romanos: ROSE, H. J. *A handbook of latin literature: from the earliest times to the death of Saint Augustine*. London: Methuen, 1954; PICHON, René. *Histoire de la littérature latine*. Paris: Hachette, 1947; BIANCHI, Raffaello. *Storia della letteratura romana*. Firenze: Marzocco, 1955; ALBRECHT, Michael Von & SCHMELING, Gareth L., *A history of Roman literature: from Livius Andronicus to Boethius*. Brill, 1997; CARDOSO, Zélia de Almeida. *A literatura latina*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

<sup>31</sup> CAVALLO, G., FEDELI, P., GIARDINA, A. (eds.). *Lo spazio letterario di Roma antica. Vol. I*. Roma: Salerno, 1989, p.9.

tempos da República, decerto contribuíram para uma mudança de perspectiva daqueles que se dedicaram à composição das obras técnico-científicas. Onassandro lembra-nos no próêmio de seu *Στρατηγικός* que escrevia durante a *pax augusta*: a calma do período seria um dos motivos que lhe teriam permitido destinar o manual também ao deleite dos já experientes líderes militares.

Sem uma tradição própria em língua latina, as primeiras obras técnico-científicas latinas dependeram diretamente de um trabalho de documentação que combinava a tradição literária grega a outros meios de documentação, como a observação pessoal, a experiência profissional, as tradições populares, etc. Foi preciso, portanto, um esforço de assimilação de uma disciplina e de conteúdos, a apropriação de uma tradição já existente na literatura grega e sua adequação à realidade romana, fazendo as adaptações necessárias aos princípios que regiam a concepção romana de obra literária escrita e instaurando uma linha de tradição própria (PANIAGUA AGUILAR, 2006, p.25).

Encontramo-nos, portanto, diante de uma literatura que modela protótipos literários com uma personalidade própria e diferenciada, mas emulando a tradição grega em alguns de seus aspectos essenciais. É uma literatura referencial, uma vez que abarca fontes básicas de informação do momento de sua formalização em diante. E a literatura técnico-científica dos séculos seguintes dependeu de maneira sensível dela, tanto na dimensão formal quanto na conceitual.

Como aponta Paniagua Aguilar na introdução de seu panorama da literatura técnico-científica em Roma nos séculos I e II d.C., a desatenção com relação a esse tipo de literatura é um fenômeno característico e exclusivo da modernidade. Em toda a época medieval e durante o Renascimento europeu, essas obras eram tidas em alta conta, principalmente por seu valor pragmático, por oferecerem uma série de técnicas e conhecimentos de grande utilidade; mas no caso de algumas obras em específico, também por proporcionarem aos leitores “um desfrute formal da composição literária de acordo com os parâmetros clássicos da retórica do discurso escrito.” Nessa época, a leitura de Celso, Mela ou Vegécio cumpriam perfeitamente o ideal ciceroniano da obra oratória: *docere et delectare*<sup>32</sup>.

---

<sup>32</sup> CÍCERO, *Brutus*, 185-200; *De Oratore*, I, 130. Também à história o autor atribuía tanto o deleite quanto certa utilidade didática, que deveria ser acompanhada de um compromisso com a verdade: “E não ignoro que na história há, além de deleite, utilidade; mas não sentimos deleite também em ler fábulas fingidas, das quais nenhuma utilidade se pode extrair? E não queremos saber também o nome dos que fizeram algo, e conhecer seus pais e sua pátria, e muitas outras coisas de todo desnecessárias? E por que o homem de condição inferior, e que não tem nenhuma esperança de intervir jamais nos negócios públicos, se compraz com a

Uma vez passado o fervor humanístico da época medieval e do Renascimento, perdeu-se a vigência da aplicabilidade direta dos conteúdos destas obras, o que levou à desaparecimento de um dos motivos fundamentais que garantiam a transmissão e conservação da literatura técnico-científica. “Nessas condições, o gozo estético da obra a nível formal não foi motivo suficiente para garantir a preservação dessas obras na primeira linha, lugar de que gozavam até esse momento” (PANIAGUA AGUILAR, 2006, p.16-17).

Dentro desse amplo panorama dos textos técnico-científicos gregos e romanos, detenhamo-nos, agora, na literatura de argumento militar que aqui com frequência designarei como literatura *de re militari* ou literatura polemológica. Fazem parte desse gênero a codificação sistemática da jurisprudência da disciplina militar e o *ius militare*; a literatura preceptiva e manualística da *ars militaris*, por vezes fundamentada com *exempla* retirados das historiografias grega e romana; e ainda parte da literatura mecânica voltada para a engenharia militar. É de notar que na tradição romana não constam tratados sobre planejamento e construção de máquinas de artilharia e contra-artilharia e que não existe na literatura latina *de re militari* um *corpus* específico de obras de mecânica militar, ao contrário do que acontecia na literatura grega. Enquanto as obras *de re militari* da literatura grega estão repartidas entre estratégia e tática, por um lado, e mecânica militar e procedimentos de engenharia para a construção de máquinas de combate, por outro, na literatura latina unicamente se cultivaram a estratégia e a tática. As únicas obras romanas que podem ser associadas em alguma medida a esse tipo de literatura são o livro X do *De Architectura*, de Vitruvius, (...) e o tratado *De rebus bellicis* nos capítulos dedicados à descrição das máquinas de guerra que o autor propõe para modernizar e fortalecer o exército romano (PANIAGUA AGUILAR, 2006, p.85).

Brian Campbell (1987, p.13), por sua vez, divide essa literatura preceptiva e manualística – na qual se insere a obra de Onassandro – em duas categorias: (1) preceitos de estratégia e tática, em que são frequentes os exemplos e ilustrações históricos; (2) textos técnicos sobre treinamento militar, formações, armamento e mecânica.

Campbell faz ainda uma importante consideração quanto à classificação desses textos:

---

história? E não vemos também que os que mais gostam de escutá-la e de lê-la são os velhos, que já não têm esperança de administrar a República? Por isso, forçosamente temos de conceder que nas próprias coisas que são objeto de conhecimento há certo estímulo que nos leva a aprender e conhecer.” (Cícero, *Do sumo bem e do sumo mal*, V, 19, trad. Carlos Nougué).

Os escritores gregos e romanos de manuais militares não se encaixam facilmente numa só categoria. Essas obras eram em parte históricas (as de Frontino e Poliano, especialmente), ofereciam uma orientação de caráter moral e algumas informações técnicas e práticas possivelmente úteis, mas também pretendiam entreter e deleitar as classes mais altas. [...] Os manuais militares ainda serviam de plataforma sobre a qual os autores poderiam mostrar suas habilidades literárias, erudição e maestria num assunto técnico. Esses escritores eram desde homens de guerra consumados a diletantes interessados nas artes militares; e os escritores gregos do período romano talvez ainda esperassem demonstrar que os gregos também não eram guerreiros insignificantes. O importante é, talvez, não que os generais leiam de fato manuais militares tanto quanto pratiquem em combate, mas que o *gênero* como um todo é típico de uma mentalidade na sociedade sobre o papel do comandante, suas responsabilidades em combate e talvez também os traços do caráter essenciais para lidar com assuntos de vida ou morte. (CAMPBELL, 2004, p.17)

Dessa tradição de textos polemológicos, a primeira menção histórica digna de certa confiança remonta ao pré-socrático Demócrito de Abdera. Segundo Diógenes Laércio<sup>33</sup>, Trasilo teria feito um catálogo das obras do filósofo do qual constaria um tratado de tática militar (Τακτικόν) que, no entanto, não chegou até nós nem em fragmentos.

Mas a obra mais antiga que sobreviveu integralmente foi a *Poliorcética* (Πολιορκητικά) de Enéias, o tático, escrita entre 360 e 356 a.C. O livro poderia ser classificado como literatura estratégica, pois apresenta uma série de cuidados a tomar para a defesa de uma cidade assediada e de seus territórios adjacentes. Os detalhes puramente técnicos são poucos, mas abundam observações e prescrições de cunho estratégico, não sendo incomuns os estratagemas inusitados. A preocupação com a defesa e a segurança das cidades, ali, vai muito além da construção de muralhas, pois, bem lembra Platão, as fortificações urbanas inspiravam excesso de confiança aos cidadãos, que afrouxavam a guarda das cidades e mesmo seu empenho na educação militar (*Leis*, 778d). Contra tal enternecimento, Enéias apela para a necessidade de desconfiança quanto à segurança da cidade. E não atenta apenas para o risco de um inimigo invadir a cidade à força de máquinas de assédio: apesar do notável desenvolvimento da arte do cerco à sua época, a qual derrubara a intransponibilidade das muralhas que reinara poucos anos antes, e de já se empregar uma enormidade de máquinas de assédio, a tomada de uma cidade não se restringia ao rompimento de suas defesas pelo emprego de força física. Ataques massivos e diretos eram muito demorados e desgastantes e poderiam levar os sitiados à derrota muito cedo. Além disso, o equipamento para os soldados, a maquinaria de assédio e as provisões para um longo período de guerra representavam um custo muito elevado, principalmente para uma cidade pequena e dependente. Os atacantes preferiam, antes, provocar o desgaste dos sitiados, realizando ataques intervalados e mais bem

---

<sup>33</sup> *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, Demócrito, XIII.

planejados, na intenção de levar os oponentes à rendição. E era ainda mais em conta, rápido e comum – a julgar pela quantidade de exemplos citados por Enéias e outros autores dos séculos V e IV a.C. – que se tentasse derrotar a cidade por meios menos nobres, como introduzindo espiões, subornando porteiros para abrirem os portões durante a noite, ou aproveitando-se de conflitos internos da cidade, da pressão psicológica e do medo dos cidadãos (comuns às vésperas e durante um cerco), para conseguirem, daí, traidores em potencial, dispostos a cooperar com o inimigo. Portanto, se por um lado não encontramos na *Poliorcética* descrições pormenorizadas da contra-artilharia, por outro abundam alertas sobre o perigo de traições e deserções e sobre a ameaça representada pelos mercenários, métodos de transmitir mensagens secretamente, formas de evitar a traição dentro do exército e coisas do gênero.

Outros foram os autores gregos que se dedicaram à mecânica e à engenharia militar: Ctesíbio de Alexandria, que viveu à época de Ptolomeu II Filadelfo, foi um dos primeiros, tendo fabricado em torno do ano 270 a.C. projéteis impulsionados a ar comprimido e um aparato mecânico que permitia subir muros sem necessidade do uso de escadas. Nada de sua obra foi conservado; mas escritores posteriores mencionaram várias de suas invenções<sup>34</sup>; Fílon de Bizâncio, do séc. III a.C., autor de um *Tratado de Mecânica* (Μηχανική σύνταξις) em nove livros, dos quais somente nos restaram integralmente o quarto, Βελοποικιά, em língua grega, sobre a construção de projéteis, e o quinto, em árabe, sobre pneumática e física; Bítton, que escreveu entre 240 e 230 a.C. uma pequena obra conservada sob o título *Construções de instrumentos de guerra e catapultas* (Κατασκευαὶ πολεμικῶν ὀργάνων καὶ καταπαλτικῶν); Ateneu, o mecânico, do séc. I a.C., compositor de um opúsculo sobre a construção e uso de máquinas de guerra (Περὶ μηχανημάτων); Herão de Alexandria, também ele autor de um tratado de mecânica militar de nome Βελοποικιά, composto já na segunda metade do séc. I d.C. Além desses, um papiro do século II a.C. cita os nomes de outros mecânicos famosos por seus feitos na engenharia militar: Epícrates de Heracléia, Polieido da Tessália, Díades, Estípax e Dórion.<sup>35</sup>

No campo da tática, há que citar alguns escritores ilustres gregos que destinaram parte de suas obras a esse ramo da literatura *de re militari*. Dentre as obras menores do historiador Políbio a que não tivemos acesso, por exemplo, cita-se um tratado de tática de

---

<sup>34</sup> FÍLON DE ALEXANDRIA, *Belopoeica*, 56, 67-73, 77-78; ATENEU, O MECÂNICO, 29.9 *et seq.*

<sup>35</sup> DIELS, H., *Antike Technik*, Osnabrück, Otto Zeller, 1965, quadro IV.

nome *Comentários sobre as formações* (Περὶ τὰς τάξεις ὑπομνήματα).<sup>36</sup> E diz-se que o filósofo estóico Posidônio de Apaméia escreveu também uma *Arte táctica* (Τέχνη τακτική).<sup>37</sup> Uma obra de mesmo nome foi escrita por Asclepiodoto, provavelmente no século I a.C., em relação à qual a coincidência dos nomes, a falta de informações biográficas sobre o autor e a menção de Sêneca de um discípulo de Posidônio chamado Asclepiodoto<sup>38</sup> levou à imediata identificação entre ambos. Ao contrário da primeira obra, entretanto, a *Arte táctica* de Asclepiodoto foi mantida praticamente completa pela tradição manuscrita. Aliás, das obras que tratam mais detidamente de tática militar, ela é a mais antiga de que dispomos. Consta de doze capítulos sobre fundamentos militares básicos: as diferentes organizações das falanges no exército, a composição da falange hoplítica, a disposição dos soldados na falange, os intervalos entre eles, as armas mais apropriadas, as marchas, as manobras, o uso da infantaria pesada, dos *peltastes*, da cavalaria, dos elefantes, dos carros de guerra, etc.

No panorama literário romano, a literatura polemológica encontrou lugar inicialmente nos amplos tratados enciclopédicos que se concebiam como manuais de educação e cultura geral, pois a formação militar era concebida como uma das competências necessárias àqueles que haveriam de seguir carreira política e que, portanto, muito provavelmente precisariam desempenhar atividade militar ou ter um mínimo conhecimento sobre como ela se dá (PANIAGUA AGUILAR, 2006, p. 89). É plausível que preceitos de tática e estratégia constassem do *Libri ad filium*, obra que Catão compôs por volta de 180 a.C. e dedicou à formação de seu filho nos mais diversos campos (jurisprudência, agricultura, retórica, medicina, etc.) a fim de torná-lo um *optimus civis romanus*: João Lídio o inclui num cânone de escritores latinos *de re militari*<sup>39</sup> e Vegécio menciona o nome do autor junto ao de escritores militares romanos como Frontino e Cornélio Celso<sup>40</sup>.

É também pelo testemunho de Vegécio que se confirma a dedicação de Cornélio Celso ao tema. Especula-se que sua obra enciclopédica, da qual só foi conservada a seção dedicada à medicina, tivesse, originalmente, dentre outros blocos sobre assuntos variados, um dedicado à arte militar. Mas a primeira obra a tratar exclusivamente de questões militares e que se pode considerar sem dúvida um manual militar romano é o *Stratēgēmata* de Frontino,

---

<sup>36</sup> POLÍBIO, *Histórias*, IX, 20; ELIANO, *Tática*. I.

<sup>37</sup> ARRIANO, *Tática*, I.1-2.

<sup>38</sup> Nas *Naturales Quaestiones*, Sêneca faz cinco menções a Asclepiodoto: em duas delas, descreve-o como pupilo de Posidônio (*auditor Posidonii*) (*Nat. Quaest.*, II, 26, 6; VI, 17, 3).

<sup>39</sup> JOÃO LÍDIO, *De magistratibus*, I, 47.

<sup>40</sup> VEGÉCIO, *Epitoma rei militaris*, I, 8.



escrito entre 84 e 96 d.C. A obra em quatro livros sugere que o comando militar fosse uma atividade comum para a qual um homem poderia se preparar através da mera imitação de *exempla* e da leitura de manuais. Frontino via a estratégia em parte como uma imitação de séries de estratégias dantes praticados; quando muito, uma emulação de generais ilustres. Defendia a tese de que as técnicas de combate pouco mudavam e que, em geral, os exércitos possuíam um mesmo tipo de tática, de forma que repetir contra-ataques e medidas defensivas poderia surtir efeito (CAMPBELL, 1987, p.14).

Frontino ilustra os primeiros três livros do *Stratēgēmata* com exemplos históricos dos preceitos estratégicos que expõe. Os exemplos provêm de fontes muito variadas e revelam que o autor, como Onassandro, tinha um conhecimento no mínimo razoável de história grega e romana e que certamente consultava obras historiográficas, comentários e outras compilações de estratégias. Enéias, o tático, utilizara o mesmo recurso, mas, como a preocupação maior da *Poliorcética* fosse com a defesa das cidades, há na obra uma preferência pelos exemplos negativos de generais e administradores de cidades que não tomaram as precauções que Enéias considerava essenciais e, por conseqüência, vieram à ruína. Assim é que no décimo sétimo capítulo, para ilustrar a necessidade de o responsável pela cidade preocupar-se com a entrada e saída de pessoas, conta o seguinte episódio, que muitos associaram à revolta oligárquica em Argos, em 417 a.C.<sup>41</sup>:

Numa cidade em que não há consenso e uns suspeitam dos outros, é preciso precaver-se e tomar cuidado com as multidões que saem para assistir a corridas de tocha, a corridas de cavalo e a outras competições – tantos quantos partirem massivamente para fora da cidade em rituais sagrados e procissões, levando armas, e ainda nas ocasiões de aportamentos públicos de navios e de funerais públicos. Pois mesmo num caso dessa proporção, as facções podem provocar a ruína. A título de exemplo, exporei um acontecimento recente.

Enquanto um festival público ocorria fora da cidade dos Argivos e eles enviavam uma procissão de homens armados e em idade militar, um grande número de conspiradores também se preparava e, armados, acompanhavam-nos na procissão. Quando ela chegou ao templo e ao altar, enquanto a maioria depositou as armas bem longe do templo e precipitou-se em direção aos votos e ao altar, alguns dos conspiradores permaneceram com as armas e outros, portando adagas, puseram-se, homem trás homem, perto dos magistrados e chefes dos cidadãos, enquanto esses faziam votos. Alguns dos conspiradores abateram os magistrados e chefes dos cidadãos; outros, com as armas, precipitaram-se em direção à cidade. E houve ainda outros conspiradores que permaneceram na cidade com as armas que haviam previamente reunido e ocuparam primeiro os lugares da cidade que lhes convinham de modo a permitirem a entrada de fora somente aos que eles quisessem.

---

<sup>41</sup> WHITEHEAD, David. *Aeneias the tactician. How to survive under siege. A historical commentary, with translation and introduction*, Londres: Bristol, 2001, p. 146; DAIN, A., BON, A.-M., *Énée le Tacticien. Poliorkétique*, Paris: Budé, 1967, p.34; OLDFATHER, W. *et al.*, *Aeneas tacticus, Asclepiodotus, Onasander*, New York and London: Loeb Classical Library, 1948, p.91, n.1.

Por causa de conspirações como esta é preciso não estar em momento algum desprotegido. (ENÉIAS O TÁTICO, *Poliorcética*, XVII.1-4)

Em alguns casos, para os exemplos usados tanto por Frontino quanto por Enéias encontram-se com facilidade uma ou mais passagens historiográficas que possivelmente lhes tenham servido de fonte. No segundo capítulo da *Poliorcética*, por exemplo, quando Enéias conta como os Lacedemônios retardaram a invasão dos Tebanos bloqueando antecipadamente as entradas e áreas desocupadas da cidade com terra, destroços, pedras e tripés de bronze (*Poliorc.*, II.2), é possível reconhecer que se trata do episódio em que se deu a morte de Epaminondas, em aproximadamente 362 a.C., pouco antes da batalha de Mantinéia, o qual foi narrado por Xenofonte nas *Helênicas* (VII.5.12) e por Diodoro Sículo (XV.83.3).

Ainda no segundo capítulo da *Poliorcética* (II.3-6), Enéias cita o episódio do ataque a Platéia em 431 a.C., que aparece pela primeira vez em Tucídides (*História da guerra do Peloponeso*, I.2-6). O historiador decerto foi sua fonte para elaborar o paradigma. Contudo, alguns trechos mencionados pelo escritor militar não aparecem na descrição de Tucídides – como o trecho II.4, em que relata as práticas por parte dos magistrados –, o que nos permite pensar que o historiador não foi sua fonte direta, mas indireta, ou que Enéias extraiu o exemplo de mais de uma fonte, ou ainda que ele mesmo acrescentou alguns detalhes por conta própria ao episódio narrado por Tucídides.

Recorreu ainda mais às ilustrações históricas o macedônio Poliano, que compôs os oito livros de uma obra intitulada *Στρατηγικά* – posteriormente conhecida como *Στρατηγήματα* (“Estratagemas”) – por ocasião da guerra contra os partos e os persas, no ano de 162 d.C. e dedicou-a aos imperadores Marco Aurélio e Lúcio Vero. A maior parte da obra presta-se à exposição de stratagemas empregados por gregos ilustres principalmente durante o período helenístico e por alguns generais romanos à época da república, aí incluídas as façanhas de Júlio César, Augusto (VIII.1-25) e Aníbal (VI.38.1 *et seq.*), a maioria delas nitidamente colhida de Apiano e Suetônio.

Como Onassandro e Frontino, Poliano reclama uma utilidade prática para seu manual, uma vez que um bom general deveria aprender com as técnicas e manobras dos comandantes que o antecederam, emulando-as; é o que diz em defesa de sua obra aos imperadores:

Gloriosíssimos imperadores Antonino e Vero, vós haveis de conquistar a vitória sobre os Persas e os Partos com a ajuda dos deuses, de suas próprias façanhas e do valor tradicional dos Romanos. Vós sempre fostes vitoriosos no passado e continuais

a ser agora nas guerras e batalhas. [...] Eu ofereço esses elementos de ciência militar, estratégias usados no passado, que não de proporcionar-vos um considerável conhecimento das proezas veneráveis e também não de dar àqueles sob o vosso comando [...] a oportunidade de instruir-se nas habilidades e na coragem que acompanhou as batalhas bem sucedidas do passado. [...] Vós considerais que é uma parte da arte de conseguir vitórias estudar como os comandantes no passado triunfaram. [...] O conhecimento das proezas é o melhor professor dos generais, os quais deverão emular os generais bem sucedidos do passado. O *Strategemata* irá mostrar-vos como emular as habilidades e o sucesso dos antigos. (POLIANO, *Estratégias*, Proêmio, 5-6)

Onassandro não faz uso das ilustrações históricas do mesmo modo; ainda que assuma no proêmio o recurso aos *exempla*, é muito mais contido. À diferença de Frontino, Enéias e Poliano, não cita o nome de nenhum general e de nenhum povo; prefere expor os estratégias mais teoricamente, isentando-se de dar como exemplos episódios em que foram bem aplicados alguns preceitos ou em que, esses negligenciados, levaram à derrocada de um povo ou de um exército. Isso decerto faz com que a busca por suas possíveis fontes torne-se um trabalho especialmente complicado.

Encerramos a listagem dos escritos *de re militari* da Antiguidade greco-romana com Eliano, Arriano e Vegécio. Eliano compôs entre 106 e 113 d.C. uma obra que levou por título Τακτική θεωρία (“Teoria tática”). Ele é “o grande teórico da arte militar do mundo antigo, ainda que sua maior deficiência radique em sua falta de experiência militar em campo”. Sua perspectiva parece divergir das demais, uma vez que expõe de forma abstrata um paradigma de exército ideal, sem recorrer concretamente a exemplos anteriores. Seu livro não poderia ser descrito como um manual de instruções sobre o exército e seu funcionamento. É antes um “guia de referência para quem quer que deseje formar um exército competente”, “uma exposição genérica de caráter teórico aplicável a todas as situações” (PANIAGUA AGUILAR, 2006, p.91). A ausência de *exempla* e o tratamento mais genérico da tática militar permite, contudo, a aproximação com a abordagem também genérica que Onassandro faz da estratégia militar.

Arriano, célebre historiador da Nicomédia, senador da Bitínia e *legatus Augustus* na Capadócia em 132 d.C., escreveu em 136 d.C. Τέχνη τακτική (“Arte tática”), toda ela dedicada à tática e suas minúcias técnicas. Parece ter seguido de perto a *Teoria tática* de Eliano (ou recorrido a uma fonte comum). No entanto, difere dele por sua experiência militar e por usar abundantemente das ilustrações históricas, não só de episódios do passado, como de eventos contemporâneos muitos dos quais ele mesmo teve a oportunidade de presenciar.

Mostra ainda um profundo conhecimento dos escritores que o precederam em sua retrospectiva dos escritos técnicos gregos de tática.

Vegécio, por fim, foi talvez o mais famoso dos escritores militares da Antiguidade. Compilou, por volta de 383 d.C., em *Epitoma rei militaris*, a maioria dos preceitos e ilustrações de estratégias e táticas dos historiadores e escritores militares precedentes; a popularidade da obra pode ter obscurecido as demais. Acreditava que os princípios da guerra, quando negligenciados, poderiam ser aprendidos pelos livros e estabelecidos pela autoridade dos comandantes, de modo que afirma claramente a relevância de sua abordagem firmada naquilo que, “testado em diferentes épocas e provado pela experiência constante, foi legado por distintos escritores” (*Epitoma rei militaris*, III.26). Cita, então, o exemplo de Catão:

Catão, o velho, muitas vezes comandou um exército como cônsul e era invariavelmente vitorioso. Mas ele acreditava que poderia ajudar seu país mais efetivamente escrevendo sobre tópicos militares, pois os resultados de ações corajosas não duram muito, enquanto obras escritas para o bem comum são um constante benefício. (VEGÉCIO, *Ep. rei mil.*, II.3)

Além dessas obras mais nomeadamente voltadas para as questões militares, certa parte da historiografia e de outros gêneros fronteiriços, como, por exemplo, os *Comentários* de César e as observações sobre o exército do período imperial por Flávio Josefo também serviram como uma espécie de guia para a compreensão da organização dos exércitos, das táticas e das habilidades consideradas necessárias aos que com a guerra se envolviam. Essa proximidade explicaria o fato de algumas delas terem sido copiadas em manuscritos junto de alguns manuais militares. É fato que, nas obras de historiadores gregos, como Heródoto e Tucídides, o processo bélico já ocupava lugar central, sendo amplamente tratado. Entretanto, parece que foi somente com autores como César e Amiano Marcelino – e, entre os gregos, Xenofonte<sup>42</sup> – que “a dimensão das informações concernentes à *ars militaris* adquiriu tal protagonismo que supôs uma aproximação fundamental dessa disciplina; em certas passagens, podem chegar a ser considerados textos de conteúdo técnico por sua própria natureza.” (PANIAGUA AGUILAR, 2006, p.90)

---

<sup>42</sup> Xenofonte foi talvez o único historiador grego a escrever livros dando enorme destaque às questões de importância em matéria de formação militar e fazendo-o de forma didática e preceptiva, como cabe aos manuais militares. A inúmeras passagens da *Ciropédia*, das *Memoráveis* e sobretudo do *Hipárquico* poder-se-ia aplicar também o que Paniagua Aguilar disse de César e Amiano Marcelino.

O próprio discurso historiográfico em Roma protagonizava uma nova etapa desde os fins da República. A mudança dos métodos de ensino na escola antiga conduziu a um estudo da história extremamente fragmentário, organizado em *exempla*, em temas éticos ou em modelos de conduta<sup>43</sup>, de forma que não seria absurdo pensar que a essa época a historiografia tivesse também um caráter preceptivo e moralizante. “Fruto dessa especialização educativa, explica-se o surgimento e a difusão de seleções de discursos e arengas militares, extraídos das obras de historiografia e com finalidade retórica.” (ZOIDO, 2007, p.227)

Ademais, foi somente depois de Cícero que a história em Roma converteu-se em gênero literário, essa que antes se via cristalizada na analística, nos comentários e nas epopéias de Ênio e Névio. Cícero tinha claro que os romanos eram mais sensíveis aos *exempla* vividos que às palavras resultantes do pensamento especulativo. Mas, para ele, a história não deveria se resumir jamais à mera compilação de *exempla*. Para cumprir plenamente sua missão, que seria discernir a tradição, haveria de “seguir a marcha dos sucessos, pois nem tudo é útil na *antiquitas*. [...] É necessário, pois, efetuar uma eleição na função das missões assinaladas à história.” (ANDRÉ & HUS, 2005, p.27) Além disso, a história precisaria tratar da verdade (*veritas*) e não descuidar da ornamentação literária, de forma que pensava que escrever a história era tarefa para oradores, era ela *opus oratorium maxime*.<sup>44</sup> Por conseguinte, critica os analistas por escreverem uma história sem graça, em cuja leitura não há prazer algum e que, além disso, se afastava da verdade. Os analistas, membros ou clientes das grandes famílias, muitas vezes deturpavam a verdade e exageravam os méritos de seus patronos, pretendendo glorificá-los. Quanto à forma, os anais também deixavam muito a desejar, pois simplesmente relatavam fatos e os organizavam cronologicamente, sem cuidar dos recursos retóricos. (ANDRÉ & HUS, 2005, p.28)

---

<sup>43</sup> NICOLAI, *La storiografia nell'educazione antica*. Pisa: Giardini, 1992 apud ZOIDO, Juan Carlos Iglesias, Fantasmas del pasado frente a soldados del presente: retórica e historiografia em el nuevo enfoque cultural de la historia militar grecolatina, in *Talia Dixit*, n.2, 2007, p.221-233.

<sup>44</sup> No entanto, nenhum historiador romano parece ter seguido à risca o paradigma ciceroniano. Tito Lívio, por exemplo, também compartilhava com Cícero a concepção da História como *opus oratorium maxime* e tinha para si que a História era um grande erário de *exempla* que se devia imitar ou não. Acreditava que esses exemplos tinham mais força para o espírito romano do que todas as especulações da filosofia grega (cf. *Ab urbe condita*, Prefácio). Em seu livro, expõe algumas virtudes que considera tipicamente romanas, a saber, a *concordia*, a *moderatio*, a *prudencia* e a *clementia* e uma série de outras qualidades exigidas do homem romano: *virtus* (coragem viril), *frugalitas* (frugalidade), *dignitas* (dignidade), *gravitas* (sobriedade), etc. Entretanto, seria reprovado por Cícero por pretender relatar a história romana desde as origens, quase nunca tendo recorrido a documentos originais.

Mais tarde, Quintiliano reafirmou a importância dos *exempla* e da emulação dos antigos, ao expor a necessidade de recorrer a eles ao invés de restringir-se aos *praecepta* (preceitos, instruções teóricas); firmou ainda a maior sensibilidade dos Romanos na exposição de *exempla* em comparação com os Gregos:

É ainda mais importante que saibamos e reflitamos continuamente sobre todos os ditos e feitos nobres que nos foram legados pelos antigos. E certamente não acharíamos maior ou mais notável depositário deles do que as crônicas de nosso próprio país. Quem ensinará coragem, justiça, lealdade, auto-controle, simplicidade e desprezo da tristeza e da dor melhor do que homens como Fabrício, Cúrio, Régulo, Décio, Múcio e incontáveis outros? Pois se os gregos levavam a palma dos *praecepta*, Roma é capaz de produzir *exempla* mais admiráveis de proezas morais, o que é algo maior. (QUINTILIANO, *De Institutione Oratoria*, XII.2.29-30)

Dentro da tradição maior dos textos técnico-científicos da Antiguidade greco-romana, os escritos *de re militari* vêm sendo especialmente tratados com desinteresse. “Divertido, mas insignificante” é um comentário que geralmente se ouve.<sup>45</sup> Mas o desinteresse pelos manuais militares tem seus fundamentos. Para além da já mencionada aridez, sua utilidade é também questionável. Como uma sorte de “literatura didática da Antiguidade (...), [os manuais] levantam questões sobre seu escopo e propósito e sobre que utilidade podem ter ou tiveram” (CAMPBELL, 1987, p. 13). Assim, é plausível questionar se não seria melhor para um general ou soldado aprender com as próprias experiências do que a partir da leitura de manuais, indagação que não é exclusividade dos modernos, mas já fora erigida pelos antigos, haja vista as enormes apologias que os autores de manuais fizeram de suas próprias obras, atestando sua utilidade. Cícero levantou a questão em algumas de suas *Orações*<sup>46</sup>. Sua crítica sugere que senadores de convencional mediocridade julgavam aprender a comandar a partir de *exempla* coletados em manuais militares, vindo a destacar, por fim, a inequívoca primazia da experiência sobre a mera leitura de manuais. Cita uma série de honrados e virtuosos homens da guerra como Públio Rutílio, Pompeu Magno, Caio Mário, Lúcio Cornélio Sula, que “não aprenderam a ciência militar (*militaris scientia*) através de livros”, mas fizeram-se vitoriosos e famosos por suas façanhas em batalhas. (CÍCERO, *Pro Fonteio*, XLIII)

Certamente há que se dar o merecido valor didático à prática militar. Na aquisição de conhecimento técnico (da tática, principalmente), a experiência é insubstituível. E o desenvolvimento da excelência moral – que se diz também ser de extrema importância na

---

<sup>45</sup> ROSE, J. *A handbook of Greek literature*, 1951, p.394, referindo-se a Poliano (*apud* CAMPBELL, 1987, p.13).

<sup>46</sup> CÍCERO, *Pro Fonteio*, 43; *Pro Balbo*, 47.

formação de um bom general<sup>47</sup> – precisa, a exemplo da técnica militar, mais do hábito do que da instrução. Assim, estender-se-iam também ao general os dizeres de Aristóteles:

as coisas que temos de aprender antes de fazer, aprendemo-las fazendo-as – por exemplo, os homens se tornam construtores construindo, e se tornam citaristas tocando cítara; da mesma forma, tornamo-nos justos praticando atos justos, moderados agindo moderadamente e corajosos agindo corajosamente. (ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1103 b (trad. de Mário da Gama Kury)

Um general decerto só chegará ao ápice do exercício militar ao praticá-lo no campo de batalha, assim como um soldado também só poderá aprender completamente seu ofício praticando-o. Para Aristóteles, toda τέχνη – e, assim, a estratégia militar – deriva diretamente da experiência, mas aí não fica estagnada; vai do conhecimento do particular, que lhe é conferido pela experiência, ao conhecimento do universal. O uso de manuais, portanto, poderia ser pensado, sob essa ótica, como um modo de adiantar ao leitor um pouco do conhecimento do universal antes mesmo de ele se arriscar no campo da experiência, possibilitando-lhe pular uma etapa.

Apesar de não substituir a experiência, não podemos negar que os manuais militares tivessem sua serventia. Políbio admite que houvesse três modos para formar um bom general: (1) através do estudo de comentários ou memórias de guerra (ὑπομνήματα) e do “treinamento” que eles proporcionam; (2) ou metodicamente através dos ensinamentos de homens experientes; (3) ou pelo treinamento ou mera prática militar. (POLÍBIO, *Histórias*, XI.8.1-2) O próprio Cícero aprovava o uso de manuais contanto que não constituíssem a única forma de preparar generais, conforme está sugerido em seu elogio ao método que Licínio Lúculo usou para preparar seu exército para a Terceira Guerra Mitridática.<sup>48</sup>

Tomando algumas obras romanas cujo tema era a prática agrícola, vemos que sua utilidade também foi bastante questionada. Muitos se perguntaram a que tipo de público eles se dirigiam, pois que, se os escritores desses manuais estavam preocupados com certos tipos de cultivo e propriedade, suas obras não tinham caráter universal e não poderiam ser aplicadas em qualquer caso, já que não abrangiam os princípios mais amplos da produção agrícola. (CAMPBELL, 1987, p.19) Por outro lado, os escritores de textos sobre agricultura ofereciam

---

<sup>47</sup> A excelência moral como importante qualidade de um líder militar é apontada não só pelos autores de manuais militares como Onassandro e Frontino, mas também por aqueles que se dedicaram à retórica e à filosofia, como Cícero (*Ad Familiares*, 15.1).

<sup>48</sup> CÍCERO, *Lucullus*, I.1-2.

conselhos específicos, baseados não em mera teoria, mas em experiências passadas – Onassandro também o afirma a respeito de seus escritos – e na observação pessoal. E Columela, embora reconhecesse as limitações dos manuais, que poderiam estar ultrapassados ou ser inaplicáveis, aceitava a importância deles na educação dos agricultores:

Por conseguinte, um pai de família prudente que deseje sinceramente seguir um plano preciso para aumentar sua fortuna cultivando seus campos deve ter o cuidado especial de se aconselhar sobre todas as matérias com os agricultores mais prudentes de sua época; deve também investigar os comentários escritos no passado e avaliar as perspectivas e ensinamentos de seus autores para ver se são relevantes para a agricultura contemporânea ou se são ultrapassados. (COLUMELA, *De re rustica*, I.1.3)

A comparação com os manuais militares é tentadora e leva-nos a pensar que, ainda que o uso de manuais pudesse ser fortemente reprovado quando feito de forma medíocre e excluindo outras formas de preparação – conforme vimos na censura de Cícero –, eles certamente complementavam o papel instrutivo da prática militar quando essa não calhava de ser suficiente; e no caso de Roma era comum que não fosse, pois

os romanos não tinham (...) um processo formal para educar oficiais em tática e estratégia, nem meios sistemáticos para testar a qualidade de aspirantes a postos altos de comando. Além disso, o tempo gasto no comando de um exército de várias legiões e *auxilia* era normalmente limitado demais para permitir o desenvolvimento de uma hierarquia militar ou de um alto comando especializado (os quais poderiam constituir fonte de experiência militar). (CAMPBELL, 1987, p. 22)

Dentre os soldados, muitos deles precisavam fiar-se nesse tipo de leitura (em especial os manuais de tática) enquanto não estivessem ainda em campo e não pudessem se aconselhar com os oficiais ou inspirar-se nos exemplos deles. E para os comandantes de exército, em especial, é fato que tratados desse gênero conservavam uma utilidade própria pela simplificação que operavam com relação aos livros de história (como as obras mais densas de Tucídides ou de Políbio), os quais deveriam ser estudados por eles, uma vez que constituíam uma riquíssima fonte de *exempla* (AMBAGLIO, 1981, p.367) Como lembra Cícero, “desconhecer o que ocorreu antes do nosso nascimento é ser sempre uma criança. Com efeito, o que é a vida de um homem se ela não se une à de seus antepassados mediante a recordação dos feitos de outrora?” (CÍCERO, *Orator*, XXXIV.120)

Ainda que a ligação entre poder militar e poder político tenha oscilado bastante na Antiguidade, tanto entre os Gregos quanto entre os Romanos, há que assumir que muito frequentemente a ligação era estreita e que em várias épocas os comandantes de exército



ocupavam cargos políticos ou magistraturas. Na República Romana, o comando de exércitos não era exercido por profissionais no campo militar, mas por magistrados que ocupavam seus cargos o mais das vezes por deterem certos privilégios sociais e políticos, como nobre nascença, riquezas e relacionamento estreito com senadores. Os quadros superiores, qualquer que fosse o modo de recrutamento e sua origem social, provinham de berços aristocráticos, e seus membros muitas vezes viam no exército não um fim em si, mas um meio de ascensão e um instrumento de promoção política.

No Império, Augusto buscou assegurar a formação técnica dos oficiais superiores e, a partir do séc. I a.C., o centurionato tornou-se uma profissão, fixando uma hierarquia interna no corpo de centuriões e exigindo dos oficiais uma melhor formação. Entretanto, os senadores eram ainda encarregados da direção de legiões e muitos deles deixavam a desejar quanto à formação militar. (GARLAN, 1972, p.179-180)

É possível ainda que muitos dos imperadores romanos do período imperial tenham recorrido à leitura de manuais militares, visto que poucos deles contavam já com experiência militar suficiente antes de ocuparem seus cargos. Pois sendo comum a participação ativa dos imperadores no direcionamento das campanhas, há que pensar que os menos versados na arte da guerra tivessem de recorrer a algum tipo de aconselhamento. Segundo Suetônio, Augusto costumava tomar nota de preceitos e exemplos salutareis à vida pública e privada, que depois de “transcritos fielmente de suas fontes, ordinariamente mandava aos de casa, aos comandantes de exércitos e províncias e aos magistrados da Cidade, conforme a advertência de que cada qual estivesse precisando.” (SUETÔNIO, *Vida do Divino Augusto*, LXXXIX.2, tradução de Matheus Trevizam e Paulo Sérgio Vasconcellos)

Tais exemplos eram freqüentemente retirados de fontes literárias, não partindo necessariamente de uma experiência prévia do autor. No campo dos manuais militares é preciso citar o exemplo de Enéias, o tático, que fazia claras menções a episódios relatados por Heródoto e Xenofonte. A carência de dados biográficos de Enéias, no entanto, impede-nos de saber se seu manual constitui obra de um homem de formação militar ou não. No caso de Onassandro, ao contrário, é patente a inexperiência técnica. Mesmo que aborde a formação de um bom general, o próprio autor assume sua falta de prática no campo da estratégia. Por conseguinte, vê necessidade de redigir uma longa argumentação que justifique sua iniciativa:

Já que, por natureza, todos os homens só confiam verdadeiramente nos que parecem ter escrito a partir das experiências – mesmo que relatando de forma ineficaz – e não se fiam nos inexperientes, em vista da ausência de comprovação – ainda que os escritos sejam viáveis para se por em prática – julgo necessário antecipar o seguinte sobre os tratamentos reunidos neste livro: todos eles vêm da experiência de labores e à custa de tais homens, dos quais descende toda a primazia dos Romanos, em raça e virtude, até então. De fato, este manual não compreende nenhuma improvisação da parte de uma mente não-bélica e juvenil. Tudo o que segue é consequência de práticas e conflitos autênticos, principalmente dos Romanos. Pois as coisas que fizeram e que cuidaram de não padecer e os meios pelos quais engenharam fazê-lo, tudo foi reunido por mim. E não ignorei sobremaneira que quem quer que seja prefere, antes, que os tratamentos pareçam ser todos seus e de sua própria perspicácia a procederem da inventividade de outrem – buscando uma maior aprovação da parte dos crédulos. Mas eu não penso que um seja inferior ao outro. Por conseguinte, se alguém que haja prestado ele mesmo serviço militar durante a guerra tiver composto um tal livro, não seria digno de menor louvor, já que não introduziu apenas as próprias descobertas de tratamentos, originários de sua perspicácia natural, como também práticas eficazes de outros trouxe da memória, mencionando-as em seu manual. Do mesmo modo, não penso que o meu manual obterá menor aceitação, porque concordo que nem tudo pertence à minha compreensão. Principiei, pois, pelo contrário: por haver de ter tanto a aceitação sem censura quanto a confiança sem calúnia. (ONASSANDRO, *Do general*, Proêmio, 7-10)

Ainda que nem todos os manuais militares tenham sido compostos por homens sem experiência tática ou estratégica, a validade do dito de Onassandro estende-se ao gênero como um todo: a *ἐμπειρία* pode ser requisito para quem quer sair-se bem numa certa *τέχνη*, mas o escritor de manuais não é obrigado a vivê-la ele mesmo. Pode tomá-la de outras fontes e então relatá-la. Portanto, é comum que autores de literatura *de re militari* não tenham sido homens da guerra, como fora Xenofonte.

Conforme já foi exposto, Onassandro difere dos demais autores de obras de *rebus belici* – excetuando-se Eliano – porque não é afeito ao costume de ilustrar com *exempla* os preceitos dados, embora deixe claro no proêmio que os tratamentos de que é composta a obra foram tirados da experiência, não dele mesmo, mas de certos homens “dos quais descende toda a primazia dos Romanos, em raça e virtude, até então”. Tudo o que reúne no livro “é consequência de práticas e conflitos autênticos, principalmente dos Romanos” (ONASSANDRO, *Do general*, Proêmio, 8). A ausência de experiência do autor talvez possa explicar o caráter aparentemente vago da descrição dos preceitos generalícios dados por Onassandro. Mas se assim nos parece, é porque a liderança de um exército não pode ser ensinada por um rígido conjunto de normas: ela não depende exclusivamente da experiência tática do general, mas está sujeita principalmente aos meios que ele emprega para persuadir, exaltar ou reprimir seus soldados, meios esses que principalmente entre os Romanos estiveram muito ligados ao temperamento e às inclinações individuais do general. Quando se

questiona, pois, se um general depende de suas habilidades militares para evoluir na carreira e levar seus exércitos à vitória, fica patente que “o grau de conhecimento militar a ser ganho em serviço, particularmente como tribuno, dependia enormemente das inclinações individuais. Não havia nenhum sistema formal de treinamento de soldados, nenhuma escola militar em tempo algum da história romana, de forma que, nesse sentido, todos os comandantes romanos foram amadores.” (GOLDSWORTHY, 1998, p.122) Portanto, é sempre difícil dizer quanto um tratado teórico reflete práticas militares contemporâneas à sua composição, a não ser que ele confirme práticas descritas nos relatos historiográficos de campanhas à sua época (GOLDSWORTHY, 1998, p.119-121).

E apesar das divergências nas concepções da arte generalícia, algo de constante e imutável há no exercício do comando. Algumas precauções e princípios devem ser observados em qualquer circunstância. Lembra Oldfather que a causa de uma falha na prática militar geralmente pode ser apontada como negligência de algum princípio importante, de modo que “se um manual expressa os princípios da arte clara e marcadamente, ninguém pode exigir – com justiça – algo mais dele” (OLDFATHER, 1986, p.350). Também há que convir que algo de constante há nesses princípios, já que até generais modernos admitiram ter-se valido – com mérito – dos mesmos preceitos que guiaram Alexandre, Aníbal ou César.

Spaulding Jr. recorda que Napoleão, quando em Santa Helena, ainda que não fale propriamente de princípios militares, relembrou “sete grandes líderes militares” que lhe serviram de modelo (OLDFATHER, 1986, p.350). Do mesmo modo, a grande quantidade de manuscritos de manuais militares greco-romanos e o considerável número de paráfrases e menções a eles são, por si sós, provas do grande interesse que as obras despertaram ao longo dos tempos, como também do fato de que, apesar das mudanças nos meios de guerrear, há algo na arte da guerra que deve ter permanecido constante da Antiguidade à Modernidade.

Onassandro tem especial mérito nesse campo: os manuscritos de seu *Do general* são de longe os mais numerosos da tradição de manuais militares em língua grega. Além disso, o autor gozou de popularidade no meio militar até meados do séc. XIX, o que confirma que o tom trivial de sua obra não deve ser tomado como uma deficiência. Foi parafraseado por homens ilustres, como Leão VI, que ampliou em sua paráfrase o escopo das questões da responsabilidade e da ética, que em Onassandro concerniam fundamentalmente ao general, estendendo-as a cargos de liderança nas diversas esferas do governo.

Durante o Renascimento, traduções de sua obra para o latim, francês, alemão, espanhol, italiano e inglês foram produzidas em larga escala – a começar pela de Sagundinus, de 1494. E grandes líderes militares revelaram suas dívidas para com ele. Maurício da Saxônia, um dos mais notáveis comandantes do século XVIII, testemunhou que devia a ele suas primeiras concepções de liderança militar<sup>49</sup>, e o conspícuo Charles Guischartt, membro da comitiva militar de Frederico, o Grande, demonstrou seu apreço pela obra de Onassandro traduzindo-a para o francês e incluindo sua tradução no volume *Mémoires militaires sur les Grecs et les Romains* (1760)<sup>50</sup>.

Como adverte Luvaas (1988, p.64), “problemas de comando e controle não mudaram muito entre o tempo de Onassandro e o de Frederico, o que pode ajudar a explicar porque o culto dos antigos era comum entre os soldados à época do Iluminismo”. Entretanto, com a chegada do século XIX, Onassandro caiu em desprestígio entre os homens da guerra. Isso se deu, seguramente, porque os elementos da guerra a que ele dedicava mais atenção, em especial o moral, perderam importância desde que, em fins do séc. XVIII, o modo de guerrear ocidental foi sendo dominado pelo elemento tecnológico.

Pouco se escreveu sobre *Do general* desde então. E menor ainda foi o número de traduções nos últimos três séculos. Desde o século XVIII, foram realizadas apenas quatro traduções integrais: duas para o grego moderno, uma para o italiano e uma para o inglês. Excetuando-se a tradução apresentada neste trabalho, não há nenhuma outra para a língua portuguesa, nem mesmo de excertos, assim como não se tem notícia de qualquer estudo sobre o autor no Brasil ou em outro país cuja língua oficial seja a portuguesa.

Os comentários e estudos críticos da obra são escassos. Segundo a lista que consta na edição de W. A. Oldfather (a qual “não omite nenhum título de valor substancial para a crítica de Onassandro”<sup>51</sup>) até a data da primeira publicação do livro (1928) os títulos restringiam-se a quinze. Em grande parte, remontam ao séc. XVIII e princípio do XIX e limitam-se, o mais das vezes, a discussões estritamente filológicas e observações gerais sobre os manuscritos onde se encontram os *corpora* dos escritores militares antigos.

Dino Ambaglio resume bem a situação do texto:

---

<sup>49</sup> OLDFATHER, 1986, p. 351.

<sup>50</sup> A tradução de Guischartt foi republicada mais tarde por Liskenne e Sauvan, na coleção *Bibliothèque historique et militaire* (1854) e é ainda hoje uma das mais populares em língua francesa.

<sup>51</sup> OLDFATHER, 1986, p. 353.

Pela temática, pela época em que foi composto, por ser um texto de um grego dedicado a um romano, o *Stratēgikós* aparece como um documento de singular importância – qualquer que seja o valor objetivo do seu conteúdo – na história das relações culturais e políticas entre Grécia e Roma. A atenção reservada pelos estudiosos modernos a essa obra é, na verdade, muito modesta. (AMBAGLIO, 1981, p.374)

Mais recentemente, o interesse pelos manuais militares gregos e latinos parece ter ressurgido entre os acadêmicos:

Um número excelente de textos, traduções e comentários de quase todos esses teóricos militares antigos parecem agora substituir as edições mais antigas e inexatas. O recente interesse nessas obras não é meramente o resultado de um avanço contínuo dos estudos clássicos, mas antes reflete uma renovada apreciação do valor desses que são mais observadores e empíricos do que escritores pedantes e secos. Frequentemente, mesmo os escritores mais abstratos como Asclepiodoto e Onassandro, contêm inestimáveis informações numa variedade de tópicos estreitos e quase óbvios, desde a nomenclatura antiga das manobras militares a considerações sobre o que propriamente constituiriam razoáveis causas da guerra.<sup>52</sup>

Mas pouco se produziu especificamente sobre Onassandro, além da tradução italiana de 2008 de Corrado Petrocelli, muito rica em comentários, e de alguns breves artigos: o de Delfino Ambaglio (1981), em que faz comentários gerais sobre a obra; o comentário de Christopher Smith (1998), que investiga a biografia de Quíntio Verânio, discute a possível origem oriental do autor do manual e tece também uma comparação entre ele e Plutarco; os recentes, mas genéricos apontamentos de Alessandro Galimberti; o trabalho de Lucia Ercolani sobre a ocorrência de *hápax legómena* na obra<sup>53</sup>; a leitura de Le Bohec, centrada nos valores político-sociais da obra;<sup>54</sup> e mais um curto artigo por Pierre Mesplé.<sup>55</sup> Aos três últimos títulos, contudo, não tive acesso.

Diante da negligência a que tem sido condenada a obra de Onassandro, apresento este trabalho, com o que pretendo colaborar com a retomada do estudo desse *gênero* que – a tradição manuscrita nos mostra – não deve ser injustamente considerado irrelevante, antiquado ou meramente anedótico, uma vez que essas obras ofereciam “orientações práticas

---

<sup>52</sup> SABIN, VAN WEES e WHITBY, *The Cambridge History of Greek and Roman Warfare: Greece, the Hellenistic world and the Rise of Rome*, Cambridge, 2007, p.3.

<sup>53</sup> ERCOLANI, Lucia. La lingua di Onasandro: Ricerche sugli ‘Apax Legomena’. *Annali della Facoltà di Lettere e Filosofia*, n.18, 1997, p.43-54.

<sup>54</sup> LE BOHEC, Yann. Que voulait Onasandros?, in: *Claude de Lyon empereur romain. Actes du Colloque Paris-Nancy-Lyon, Novembre, 1997*, réun. et publ. par Y. Burnand, Y. Le Bohec, J.-P. Martin, Paris: Université de Paris-Sorbonne, 1998, p. 169-179.

<sup>55</sup> MESPLÉ, P., Pour une relecture des stratèges antiques: l'exemple du *Strategicos* d'Onasander, in: *Dialogue militaire entre anciens et modernes*, textes réunis par J.-P. Bois, Rennes, Presses Universitaires de Rennes, 2004, p. 25-38.

e morais aos homens de vida pública” (CAMPBELL, 1987, p.27) e decerto servem de fontes autênticas para o estudo da guerra em seus vários aspectos no contexto das sociedades grega e romana.

Feitas essas considerações no primeiro capítulo, estendo-as agora neste segundo, com um último e não menos importante ponto: um breve exame da linguagem dos manuais militares, em que busco encontrar o que têm em comum (e no que divergem) os recursos lingüísticos de que lançam mão Onassandro, Enéias, o tático, Asclepiodoto e outros que se dedicaram ao gênero. A inspiração para essa seção surgiu durante a tradução de trechos de alguns desses autores e do texto integral da *Poliorcética*, de Enéias, o tático – realizada há alguns anos para a apresentação de minha monografia de final de curso – e de *Do general*, de Onassandro – para o presente trabalho. A maioria dos apontamentos aqui feitos, portanto, terá base o mais das vezes nesses dois textos.

Os estilos dos autores são nitidamente diferentes, uns escreveram durante o período helenístico, outros sob o Império Romano, uns em grego, outros em latim, e mesmo dentre os que escreveram em língua grega, claro é que, enquanto Enéias, o tático o fazia numa época em que a *koiné* estava ainda surgindo, o dialeto já era muito mais familiar a Onassandro – embora ele faça certo esforço para escrever em bom ático, e não exclusivamente no dialeto popular<sup>56</sup> –, além de o recurso ao aticismo ou ao asianismo ter variado bastante entre os autores. Apesar das diferenças, o contato com os textos permitiu-nos notar o uso recorrente de determinadas construções sintáticas, dos processos de prefixação e sufixação com fins particulares, e de um vocabulário próprio, dentre outras coisas que aqui tentarei apontar.

Nessa análise, serão considerados fatores extra-lingüísticos, como a relação entre o enunciador (autor) e seu interlocutor (leitor) e a situação de comunicação que ambos compartilham, pois que nos manuais militares – e nos textos técnico-científicos em geral – os autores criam uma linguagem apropriada para uma determinada situação de comunicação, que normalmente é a de instruir e transmitir de forma direta e objetiva conhecimentos e exemplos, muitos dos quais pretendem “que sejam exatos, rigorosamente formulados e imperecíveis”. (LÓPEZ EIRE, 1999, p.3)<sup>57</sup>

---

<sup>56</sup> SMITH, 1998, p.151.

<sup>57</sup> Grande parte das considerações aqui feitas foram fundamentadas pelo artigo *Quince rasgos de los lenguajes científico-técnicos del griego antiguo*, publicado em 1999 na revista *Humanitas* por Antonio López Eire.

Segundo López Eire (1999), a linguagem técnico-científica está marcada por uma extraordinária precisão, por uma grande exatidão e rigor na expressão, pelo afastamento de todo subjetivismo, personalismo e conotação, pelo predomínio da expressão do que é substancial, essencial e fundamental (o que se realiza, na gramática, na categoria dos substantivos) e, finalmente, por uma grande sobriedade, economia e concisão; mas, para o autor, é o vocabulário o elemento mais caracterizador das linguagens técnico-científicas. Decerto, a maioria dessas características pode ser verificada nos manuais militares greco-romanos em maior ou menor grau, assim como o uso de uma função referencial, designativa ou denotativa da linguagem. Em seu estudo, López Eire aponta quinze traços fundamentais da linguagem técnico-científica, os quais listo aqui, com pequenas adaptações. Da exatidão, concisão, economia e precisão dos textos técnico-científicos derivam, pois, alguns traços específicos, a saber, (1) a relação biunívoca do signo, (2) o caráter monossêmico e intraduzível do signo, (3) o caráter monossêmico, por metáfora ou metonímia, do signo, (4) o caráter extra-linguístico, anterior ao uso da linguagem e não radicalmente arbitrário e (5) a tendência às frases nominais e a evitar a subordinação.

Já da impessoalidade e da objetividade a que se tende nos atos de fala técnico-científicos derivam as seguintes características: (6) a tendência ao uso do imperativo, das terceiras pessoas do singular e do plural, das vozes passiva e média e das construções impessoais, (7) a tendência à nominalização, (8) a tendência ao emprego de sufixos que indicam processos ou ações, (9) a tendência ao uso de nomes para indicar ações ou efeitos, (10) a tendência à abstração, (11) a tendência à sufixação adjetival a partir de nomes e verbos, (12) a tendência à derivação espontânea e fabricada, (13) a tendência à prefixação distintiva e exata, (14) a tendência à composição e (15) o caráter não conotativo do signo das linguagens técnico-científicas.

Nem todos esses aspectos, contudo, aparecem nos textos de Onassandro e Enéias, o tático. O cuidado com a precisão vocabular e a economia nas construções sintáticas que estão condensados nas cinco primeiras características de López Eire aparecem pouco nos textos dos dois autores, ao contrário das dez restantes, usadas com frequência. De fato, eles fazem uso da função referencial da linguagem, mas isso não implica que o cuidado que tenham na seleção do vocabulário seja tão apurado quanto o de Asclepiodoto ou Arquimedes. Ainda que seja um traço comum do que chamamos de textos técnico-científicos o uso de uma linguagem informativa, objetiva e com fins didáticos, essa objetividade ocorre nos textos em níveis diferentes, de acordo com o assunto tratado e com a intenção dos autores. Há textos



mais objetivos, concisos e impessoais que outros. Os textos sobre geometria de Arquimedes, os de tática de Asclepiodoto e todas as obras sobre engenharia militar, por exemplo, são muito mais técnicos (no sentido moderno da palavra) do que a *Poliorcética* e *Do general*<sup>58</sup>, que tratam da estratégia militar. A estratégia militar, embora também esteja fundamentada em regras gerais e conhecimentos sólidos, envolve uma série de considerações muito mais complexas do que a tática, a engenharia militar e a geometria. É uma τέχνη especialmente trabalhosa, pois tem nela implicado um saber prático (φρόνησις), que “não tem por objeto somente o universal, mas deve também conhecer os particulares, pois que dirige a ação e a ação dirige-se aos particulares” (ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1141b) e cujos particulares são incontáveis e não podem ser descuidados, sob pena de por em perigo não só a vida do próprio general, mas a segurança de todo um exército e quiçá de sua cidade ou pátria. Um bom general precisa ter, no mínimo, certo conhecimento de tática (formações, manobras, uso de cavalaria e de tropas ligeiras, meios de bem aproveitar o teatro de guerra, etc.)<sup>59</sup>, de geografia (para conhecer as regiões por onde haverá de seguir com o exército), de retórica (dentre outros motivos, para fazer consistentes exortações) e de astronomia (para saber orientar-se); mas, acima de tudo, precisa ter uma série de virtudes como a temperança, o desapego dos bens materiais, a frugalidade, a sobriedade e o auto-controle, além de estar sempre atento às circunstâncias e conhecer qual o momento oportuno (καιρός) para agir, pois agir cedo ou tarde demais poderá levá-lo à derrota.<sup>60</sup>

Podemos, portanto, considerar que predominam nos textos a impessoalidade e o uso da terceira pessoa, mas eles não excluem a possibilidade de o autor dirigir-se diretamente ao leitor através do uso da segunda pessoa ou a de empregar a primeira pessoa vez ou outra. Do mesmo modo, as construções sintáticas mais simples, os períodos breves e com o mínimo de subordinação também são característicos dessa linguagem e, de fato, facilitam ao leitor a compreensão do texto; contudo, em casos como o de Onassandro e Enéias, há períodos enormes e subordinações de difícil entendimento – muitas das quais apresentaram grandes

---

<sup>58</sup> As coleções de estratégias de Poliano e Frontino distam ainda mais dos textos técnicos de tática. Se fossem mais rigorosos, não deveriam nem mesmo ser consideradas textos técnicos, uma vez que deixam praticamente de lado a parte propriamente técnica, evitando o uso de conceitos e os termos de tática abundantes num tratado como o de Asclepiodoto para privilegiar as narrações de feitos dos antigos em séries de *exempla*.

<sup>59</sup> Que a tática constituía apenas uma parte da estratégia, Xenofonte deixa-o bem claro na famosa resposta de Sócrates a um seu discípulo nas *Memoráveis* (III.1.6-7) e de uma passagem na *Ciropédia* (I.6.14).

<sup>60</sup> Essas questões sobre as qualidades do bom general serão comentadas mais detidamente no próximo capítulo. Provavelmente por não se adequarem perfeitamente às características todas que propôs, López Eire não tenha retirado exemplos de manuais de estratégia para ilustrá-las. Porém, é o que aqui será feito.

problemas na tradução para o português –, que talvez se devam à influência do estilo mais empolado de algum outro autor. É comum em *Do general*, por exemplo, o uso de termos duplês – o mais das vezes, segundo me parece, para evitar repetições exaustivas de alguns termos, como ocorre com πολέμιος, ἐχθρός e ἐναντίος (“inimigo”, “hostil” e “opponente”), ἀνδρείος e εὐτολμος (“corajoso” e “bravo”), etc. – e de exaustivas subordinações, o que, a princípio, vai de encontro às estruturas simples e concisas características da linguagem técnica e mais propriamente informativa. Já em um texto que se pode considerar quase integralmente técnico, como o de Asclepiodoto – que trata tão somente das formações militares e dos modos de manobrá-las –, todas essas características saltam aos olhos.

Passo, então, a considerar dentre essas dez últimas características as mais recorrentes nos textos estudados, a começar pela que parece ser uma das mais facilmente perceptíveis nos textos de Enéias, o tático e Onassandro, (6) a tendência ao uso do imperativo, das terceiras pessoas do singular e do plural, das vozes passiva e média e das construções impessoais, que se justificam pelo especial cuidado dos autores – a que López Eire (1999) se refere como “realizadores do ato de fala técnico-científico” – em não aparecerem pessoalmente refletidos em seus textos, preferindo ocultar-se com o uso da terceira pessoa, de construções impessoais com infinitivo e da voz passiva impessoal, “como se sua máxima aspiração fosse a de se eclipsarem ante o brilho de suas objetivas, irrechaçáveis e inalteráveis investigações.” (LÓPEZ EIRE, 1999, p.19)

Com efeito, em *Do general* e na *Poliorcética*, tirando as raras vezes em que os autores se endereçam ao interlocutor com o uso da segunda pessoa – em *Do general* há apenas duas ocorrências dela – e os proêmios, onde os autores apresentam-se a si próprios e às suas obras, utiliza-se prioritariamente a terceira, principalmente no singular, o que confere impessoalidade ao texto. Na *Poliorcética*, a maior parte das construções impessoais fica a cargo do uso do infinitivo com χρή ou δεῖ – não raro elípticos –, que vez ou outra o autor alterna com imperativos na terceira pessoa e adjetivos verbais em –τέος. Todas essas construções, por sua vez, expressam as mesmas idéias de dever, necessidade, sugestão, conselho, preceito ou obrigação, e costumam ser traduzidas para o português pelo imperativo ou por expressões como “é preciso”, “é necessário”, “é mister”, “faz-se necessário”, “deve-se”, “há que” seguidas de verbo no infinitivo ou de oração subordinada substantiva. A tabela 2 mostra as ocorrências dessas construções na *Poliorcética*.

Em Onassandro, as mesmas construções são utilizadas, com exceção do infinitivo empregado sozinho com função análoga à do imperativo (com *χρή* ou *δεῖ* elípticos). O autor dá prioridade ao imperativo de terceira pessoa, conforme mostram os dados da tabela 3, o qual, na maioria das vezes – se não em todas – tem como sujeitos os interlocutores que são ou hão de ser comandantes de exércitos ou ainda generais aposentados, de forma que na tradução de *Do general* que consta deste trabalho, optei por explicitar o sujeito (“o general”) desses imperativos. Assim, essas construções são traduzidas por algo como “o general deve [verbo no infinitivo]” ou, mantendo o imperativo, “[verbo no imperativo na terceira pessoa] o general”. Em *Do general* também aparecem outras construções semelhantes como aquelas em que o infinitivo desempenha o papel de sujeito da oração, tendo como predicado um adjetivo (como *ἀναγκάϊον* ou *χρήσιμον*) e o verbo *εἰμί* elíptico, como em IX.1:

**Χρήσιμον** δέ που καὶ σωτήριον στρατοπέδω **μηδ'** ἐπὶ τῆς αὐτῆς **μένειν** παρεμβολῆς, ἐὰν μὴ χειμαδεύῃ καὶ τοῖς σκηνώμασι διὰ τὴν ὥραν τοῦ καιροῦ πεπολισμένη τυγχάνῃ·

**Talvez seja útil** e seguro para o exército **não se demorar** num mesmo acampamento, caso não estejam exposto a um frio invernal e não aconteça de ter construído alojamentos para a presente estação. (ONASSANDRO, *Do general*, IX.1)

TABELA 2

Algumas construções sintáticas impessoais na *Poliorcética*, as quais exprimem conselho, preceito ou necessidade

Construção	Ocorrências
Imperativo de 3ª pessoa	III.3, XI.9, XIII.4, XXII.22, 23, 29, XXVI.3, 13, 14, XXXI.4, 11, 13, XXXIII.2, XXXIX.7
Adjetivo verbal em -τέος	Proêmio.3, I.1, IX.1, X.20, XVIII.1, XXI.2, XXII.13, XXIII.6, XXVIII.7, XXIX.2, XXXI.35
<i>χρή</i> ou <i>δεῖ</i> com infinitivo	Proêmio.3, I.2,3,4, II.6.8, III.2, 3, 4, 5, 6, IV.1, 12, VI.1, VII.2, 4, VIII.2, 3, 4, 5, IX.1, X.1, 11, 16, 26, XI.1, 3, 5, XII.1, 2, 4, XIII.1, XV.3, 5, XVI.2, 3, 4, 5, 11, XVII.1, 4, XVIII.21, 22, XX.1, XXI.1, 2, XXII.6, 7, 16, 19, 21, 24, 26, XXIII.9, 11, XXIV.1, 3, 14, XXVI.2, 7, 8, 12, XXVII.5, XXVIII.3, 7, XXIX.2, XXX.2, XXXI.5, 6, 33, XXXII.1, 4, 6, 7, 8, 11, XXXIII.1, 2, 3, XXXIV.1, XXXVI.1, 2, XXXVII.1, 9, XXXVIII.1, 2, 5, 7, XXXIX.1, 2, 3, 5, XL.1, 6, 8 (e nos títulos do “Proêmio” e da seção XII)

TABELA 3  
 Algumas construções sintáticas em *Do general* que exprimem conselho, preceito,  
 necessidade, dever ou obrigação

Construção	Ocorrências
Imperativo de 3ª pessoa	II.1, III.1,3, V.1, VI.1, 2, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, VII.2, VIII.2, IX.2, X.1, 2, 4, 6, 8, 9, 10, 15, 16, 18, 19, 22, 23, 25, 26, XI.5, 6, XII.1, XIII.1, XVI.1, XVIII.1, XIX.1, XXI.1, XXII.1, XXIII.1, XXVI.1, 2, XXVII.1, XXVIII.1, XXIX.1, XXXI.1, XXXII.6, XXXIII.1, XXXIV.1, 2, 4, XXXV.2,4, XXXVI.1, 3, 6, XXXVII.1, 3, XXXVIII.1, 7, XXXIX.4, XL.1, XLII.4, 7, 8, 9, 12, 14, 18, 22, 23, 24
Adjetivo verbal em -τέος	I.19, II.5, VII.2, X.10, XII.2, XXII.2, XXXII.3, XXXV.1 (e no título da segunda subseção de XXXVIII)
χρή ou δεῖ com infinitivo	I.19, 21, IV.3,4,5, X.14, 21, 22, XI.4, XIII.3, XIV.1, 2, XXV.2, XXIII.2, XXX.1, XXXII.2, XXXIII.5, XXXIV.4, XXXVI.5, XXXVII.2, XXXVIII.8, XXXIX.1, 3, 4, 5, XL.2, 6, 22 (e nos títulos das seções IV, XIV, XX, XXX, XXXV e das subseções XI.1, XLII.2, 4, 5, 8, 9, 10)
ἀναγκάιον com infinitivo	Proêmio.7, VII.2, X.22, XI.5, XIV.1, XXIII.1, XXIX.2, XXXIV.5
χρήσιμον com infinitivo	VII.2, IX.1

A construção de ἀναγκάιον com infinitivo é usada também por Asclepiodoto, como em:

Ἐναγκάιον δὲ πρῶτον τὴν φάλαγγα καταλοχίσαι.

Primeiro, é mister distribuir a falange em companhias (λόχοι). (ASCLEPIODOTO, *Arte táctica*, II.1)

Nas compilações de estratégias de Frontino e Poliano o uso de imperativo de terceira pessoa e de construções impessoais com infinitivo é raro, já que o interesse maior dos autores não era tanto compor obras teóricas ou preceptivas de estratégia quanto narrar grandes feitos e listar estratégias.

Já nas obras menores de Xenofonte, o uso de χρή ou δεῖ com infinitivo e construções análogas é largamente atestado. Destaco as seguintes passagens de *Da equitação* (Περὶ ἵππικῆς):

Δεῖ τοίνυν καὶ τὰ ἀνωτέρω μὲν τῶν ὀπλῶν κατωτέρω δὲ τῶν κνηποδῶν ὅστᾳ μήτε ἄγαν ὀρθὰ εἶναι ὥσπερ αἰγός

Também é **preciso**, portanto, que os ossos que estão mais acima dos cascos e mais abaixo das juntas da quartela **não sejam** nem muito retos como os do bode [...] (XENOFONTE, *Da equitação*, I.4)

Τῶν γε μὴν κνημῶν τὰ ὅστᾳ παχέα **χρῆ εἶναι**. ταῦτα γὰρ ἐστὶ στήριγγες τοῦ σώματος.

E é **preciso** que os ossos das canelas **sejam** amplos, pois eles são os pilares do corpo. (XENOFONTE, *Da equitação*, I.5)

Como marca Petrocelli, o *Hipárquico* está também repleto de adjetivos verbais combinados com ὅπως e de proposições introduzidas por χρῆ ou δεῖ, as quais define como “elementos estilísticos típicos desta particular preceptística na qual abundam as sugestões e são reclamados alguns deveres precisos”. Essas construções são usadas ao longo da obra para indicar “a atividade que constitui a essência da tarefa do comandante de cavalaria”. (PETROCELLI in SENOFONTE, 2001, p.49).

Quanto à (7) tendência à nominalização, fixação de conceitos que os autores “vão gerando ao arrancar, pouco a pouco, os segredos à Natureza” (LÓPEZ EIRE, 1999, p.12), ela já se encontrava na precisão da linguagem com que Tucídides descreveu a peste que dizimou muitos em Atenas durante a Guerra do Peloponeso:

Τοὺς δὲ ἄλλους ἀπ’ οὐδεμιᾶς προφάσεως, ἀλλ’ ἐξαίφνης ὑγιεῖς ὄντας πρῶτον μὲν ἐκ τῆς κεφαλῆς **θέρμαι** ἰσχυραὶ καὶ τῶν ὀφθαλμῶν **ἐρυθθήματα** καὶ **φλόγωσις** ἐλάμβανε.

E os demais, sem nenhum motivo aparente, mas de súbito, estando ainda sãos, tomaram-nos fortes **febres** desde a cabeça e **vermelhidão** e **inflamação** dos olhos. (TUCÍDIDES, *História da Guerra do Peloponeso*, II.19.2)

No trecho acima, Tucídides poderia ter optado por escrever que os olhos se avermelharam e inflamaram, mas não o fez. Consiste a nominalização, pois, em dar preferência ao uso de substantivos (muitas vezes formados a partir de verbos, por processo de sufixação) quando se poderia transmitir praticamente a mesma idéia com o emprego de verbos. Isso se dá especialmente em momentos em que importa a fixação de termos e conceitos técnicos ou científicos de maior importância, como no décimo capítulo da *Arte tática*, de Asclepiodoto, em que ele estabelece os termos utilizados para as manobras do exército:

Φασὶ γὰρ τὸ μὲν τι κλίσιν ἐπὶ δόρυ ἢ ἐπ' ἄσπίδα ... τὸ δὲ... **περισπασμὸν**  
καὶ **ἐκπερισπασμὸν**, **ἀποκατάστασιν** τε καὶ **ἐπικατάστασιν**.

Pois dizem, por um lado, giro para o lado da lança (esquerda) ou para o lado do escudo (direita) [...] e logo [...] **meia-volta** (*perispasmós*), **três quartos de volta** (*ekperispasmós*), **recuo à posição de origem** (*apokatástasis*) e **avanço à posição de origem** (*epikatástasis*). (ASCLEPIODOTO, *Arte tática*, X.1)

Nos textos de tática e de engenharia militar é mais comum o recurso à nominalização e, de maneira geral, a preocupação em dar conceitos e definições, enquanto nos manuais que tratam de estratégia e das qualidades morais e intelectuais dos comandantes de exército, como é o caso de *Do general*, ele é empregado com menor frequência. Em contrapartida, são bastante frequentes na obra os processos de derivação prefixal e sufixal e de composição e a formação de neologismos, que López Eire chama de “derivação espontânea e fabricada” ou “sufixação espontânea”, em contraste com a sufixação derivada. Tratam disso os itens (8), (11), (12), (13) e (14) da lista de traços distintivos da linguagem técnico-científica.

O processo de (13) derivação prefixal é especialmente importante na obra de Onassandro, para dar maior precisão a alguns verbos e participios, acrescentando-lhes uma ou mais circunstâncias especiais de tempo, modo, lugar ou movimento. Destaco o prefixo προ-, utilizado ainda mais largamente por Enéias: ele confere aos verbos o caráter antecipatório e preventivo que caracteriza a ação do bom general e do bom governante. O general prudente antecipa-se aos inimigos, buscando prever seus próximos passos e tomando as precauções necessárias. A tabela 4 apresenta as ocorrências de verbos com prefixo προ- (indicando antecipação) em *Do general*. A tabela 5 apresenta as ocorrências do prefixo na *Poliorcética* de Enéias, o tático.

TABELA 4  
Verbos com prefixo προ- indicando antecipação em *Do general*

Verbo	Ocorrências
προπέμπω ("enviar com antecedência")	VI.7
προεκπέμπω ("despachar com antecedência")	VII.1, X.13, XXII.4
προλαμβάνω ("ocupar previamente", "antecipar-se")	XXII.3
προκαταλαμβάνω ("ocupar previamente")	VII.1, X.13
προεῖπον ("falar/revelar com antecedência")	X.22
προσημαίνω ("sinalizar/indicar com antecedência")	X.28
προοράω ("observar previamente")	XI.4
προκατανοέω ("diagnosticar com antecedência")	XXX.1
προερευνάω ("inspecionar com antecedência")	VI.8

TABELA 5  
Verbos com prefixo προ- indicando antecipação na *Poliorcética*

Verbo	Ocorrências
προνοέω ("prever", "antever")	XII (título), XVIII.22, XXII.7, XXIII.1, 6, XXIV.1, 10, XXVIII.1, XXX.1
προσύγκειμαι ("fazer um acordo com antecedência")	XXVI.13, XXV.2, 3, XVII.18, XXIV.17, XXVII.2, XXXI.1, 16, 26, 27
προκαταλαμβάνω ("ocupar previamente")	II.1, 7, XV.5, XVI.7, XVII.4, 5, XXII.2, XXXII.19
προεῖδον ("ter conhecimento prévio")	X.24, XV.5, XVI.19, XXII.8, XXVI.11, XXXIX.2
προφυλάσσω ("vigiar por precaução")	XXII.5, 9, 11, XXIV.19, XXVI.2, 8
προεῖπον ("falar/revelar com antecedência")	IX.1, XI.8, XXIII.9
προάγω ("conduzir com antecedência")	XIV.1, XVI.19
προκατασκευάζω ("preparar com antecedência")	XVI.16, XXI.1

προπαρασκευάζω ("preparar com antecedência")	XI.14
προερέω ("dizer com antecedência")	XXII.27, XXXIX.5
προετοιμάζω ("preparar com antecedência")	XVIII.6, XXIII.7
προπαραγγέλλω ("anunciar com antecedência")	X.8, XXVII.3
προαπαγγέλλω ("anunciar com antecedência")	X.5
προειθυμέω ("notar com antecedência")	XXIV.18
προγράφω ("anunciar publicamente com antecedência")	X.15
προκηρύσσω ("proclamar com antecedência")	X.16
προδίδωμι ("trair")	XI.3
προτάσσω ("posicionar com antecedência")	I.5
προερευνάω ("inspeccionar com antecedência")	XXVII.5
προενεδρεύω ("preparar uma emboscada com antecedência")	IV.8
προέχω ("tomar posse com antecedência")	XVI.19
προεμβάλλω ("pôr dentro com antecedência")	XVIII.3
προκαλύπτω ("estender com antecedência")	XXXII.9
προεξερευνάω ("investigar com antecedência")	XV.5
προκινδυνεύω ("enfrentar perigo antecipadamente")	XXIII.10
προαποπληρώω ("bloquear com antecedência")	II.2 ( <i>hápx legómena</i> )
προκληρώω ("sortear com antecedência")	III.6 ( <i>hápx legómena</i> )
προπεριελίσσω ("torcer em volta com antecedência")	XXI.20 ( <i>hápx legómena</i> )



Quando faz uso de vocábulos do campo da tática militar, é comum que Onassandro utilize prefixos para indicar sutis diferenças, como ocorre com o verbo τάσσω (“posicionar”, “ordenar”). Quando acrescido do prefixo ἐπί-, formando o termo técnico do léxico miliar ἐπιτάσσω (I.11), passa a indicar mais precisamente “por em ordem de batalha”, *aciem constituere*. O verbo ainda aparece em *Do general* com outros prefixos, que indicam pequenas diferenças no modo de realizar a organização de uma formação militar (para fora, para dentro, em paralelo, em contraposição): ἐκτάσσω (I.13, XII.1, XXVIII.1, XXIX.3, XXX.1 e XXXII.7), ἐγκατατάσσω (X.3), παρατάσσω (XXX.1) e ἀντιπαρατάσσω (XII.1). Essa sutileza consegue ser mantida na tradução para o inglês, visto que a língua conta com *phrasal verbs* que dão conta de exprimir a idéia contida nos prefixos gregos. A título de exemplo, παρατάσσω pode ser traduzido por *draw up in battle-order* e ἐκτάσσω por *draw out in battle-order*. Excentuando-se o caso de ἀντιπαρατάσσω, infelizmente, a idéia expressa pelos prefixos não consegue ser inteiramente traduzida para a língua portuguesa – ao menos não foi possível fazê-lo sem que as construções ficassem demasiado estranhas.

Em muitos outros casos, entretanto, entende-se como um *usus* de Onassandro o dar ao verbo com prefixo (ou prefixos) o mesmíssimo significado do verbo em sua forma simples, como é o caso de ἐνσεμνύνεσθαι (I.24) e προκατορρωδέω (IV.2). (ONASANDRO, 2008, p.157, n.60)

Em textos em que a linguagem técnico-científica é mais rigorosamente empregada, como na *Arte tática* de Asclepiodo ou nos textos médicos de Hipócrates, maior é a necessidade de uma precisão vocabular e, com isso, maior o cuidado no uso do processo de prefixação; e maior a tendência à prefixação distintiva e exata, uma vez que os usuários dessa linguagem, ao realizar um ato de fala técnico-científico, não consideram indiferente o grau das qualidades dos objetos que observam. López Eire (1999, p.17-18), recordando algumas passagens de Hipócrates<sup>61</sup>, assevera que “para um médico que estuda os sintomas de uma doença não são a mesma coisa ‘vermelho’ (ἐρυθρός) e ‘avermelhado’ ou ‘levemente vermelho’ (ὑπέρυθρος), que é a cor que tende ao vermelho, mas que todavia não é vermelha.”

Embora seja um processo menos típico, entende-se também a necessidade que têm as linguagens técnico-científicas em empregar adjetivos relacionados a substantivos e verbos através da sufixação como algo análogo ao interesse que têm elas pelos substantivos, conforme visto na tendência à nominalização. Em grego, é notável a criação de adjetivos por

---

<sup>61</sup> *Prognósticos*, XII; *Epidemias*, I.1, 2, 4.

meio do acréscimo do sufixo –ικός: esse processo foi utilizado no título do manual de Onassandro, Στρατηγικός, e designa aquilo que pertence ou é próprio do general (στρατηγός). Corrado Petrocelli acrescenta em nota à sua tradução que

Frontino (*Strat. I, praef.*), ao evidenciar a diferença de significado com respeito a *stratēgēmata* (ações completadas com *ars* e *sollertia* com fins preventivos ou ofensivos), entende *stratēgiká* como “empresas completadas pelo comandante graças aos dons da *providentia, utilitas, magnificentia, constantia*”. A área semântica que o adjetivo (assim como o verbo correspondente, *stratēgēō*) cobre mostra-se, naturalmente, de amplo raio, já que inclui uma série de âmbitos de conhecimento e de experiência, dentre eles a tática (Dem., IV.41; Plb. IX.25.5) [...]. (ONASANDRO, 2008, p.127, n.1)

O uso desse sufixo na formação de títulos de obras era bastante comum. Destaco as seguintes três obras de Xenofonte: Οικονομικός (“Econômico”), Ἱππαρχικός (“Hipárquico”) e Κυνηγετικός (“Cinegético”). O sufixo, de maneira geral, exprime a idéia de pertença ou atribuição e assume o mesmo significado da perífrase com a preposição περί (CHAINTRAINE, 1956, p.132), que aparece no título de uma outra dentre as obras menores de Xenofonte: Περί ἵππικῆς (“Da equitação”) e é uma das construções mais usadas em títulos de textos técnicos e filosóficos gregos.

Esse adjetivo em suas formas masculina, feminina e neutra ocorre também no Proêmio, quando o autor menciona outros tipos de escritos (λόγοι): os sobre cavalaria (ἵππικοί), caça (κυνηγετικοί), pesca (ἀλιευτικοί) e agricultura (γεωργικοί). Muitos outros adjetivos com sufixo –ικός, ή, όν aparecem ao longo do texto, alguns deles de uso raro, como θηρευτικός (“de caça”, XXXIV.5) e συγκλητική (“senatorial”, Proêmio.1).

Seja por derivação, seja por composição, Onassandro destaca-se por sua tendência a formar neologismos, pelo que dá a entender a grande quantidade de ἄπαξ – vocábulos da língua grega que não ocorrem em nenhum outro texto, mas exclusivamente em *Do general* – presentes na obra. Nisso, evidencia-se o fato de a guerra ser uma geradora de concepções e conceitos, tanto no campo da tática – em que se desenvolvem vocábulos para precisar e detalhar manobras do exército – quanto no da estratégia. Cito alguns desses neologismos: ἀντιπταίω (“obstruir, ficar no caminho”, XVII.1), ἀντιστρατηγήσις (“manobra hostil, contra-estratégia”, XXXII.9, construído a partir do verbo ἀντιστρατηγέω, esse atestado em Dionísio de Halicarnasso, XI.37.2, Arriano, *Alex. an.*, II.7.5), ἀναθάρσησις (“recuperação da coragem”, XIV.1, a partir do verbo ἀναθαρσέω, atestado em Tucídides, VI.63, VII.71, Aristófanos, *Nuvens*, 806, Plutarco, *Vida de Alexandre*, 31),

στερεομετρέω (“medir sólidos”, X.16, construído a partir do substantivo στερεομετρία, que aparece em Arist., *An.*, 78b, Políbio, IV.161), προαποπληρώ (“bloquear com antecedência”, II.2), προκληρώ (“sortear com antecedência”, III.6), προπεριελίσσω (“torcer em volta com antecedência”, XXI.20), βεβωλασμένα (“cobertos de torrões de terra”, X.4), ἐμπαρβάλλομαι (“lançar-se em”, XXXIII,3)<sup>62</sup>, ἀσύνηκον (sinônimo de ἀσύνητος, “infel” XXXVII.2, construído a partir do substantivo συνήκη, atestado em Xen., *Helênicas*, VII.5.4), πολιορκητήριος (“de ou para o cerco”, XLII.3, sinônimo de πολιορκητικός, essa última atestada em Políbio, I.58.4), παραγρυπνέω (“vigiar diligentemente”, XLII.15, construído sobre o verbo ἀγρυπνέω, tendo praticamente o mesmo significado; é a única ocorrência na voz passiva, mas na ativa o verbo aparece em Greg. Nissa, *De inst. Christ.*, VIII.1.55), ἐπαναθέω (“subir correndo”, VI.1, XVIII.1), φοβεροποιέω (“fazer temível”, XIV.1),

Sobre a questão de evitar ou não a subordinação, cabe fazer ainda alguns apontamentos. A tendência a evitar a subordinação decorre da aspiração à máxima objetividade e economia, que “induz os autores do ato de fala técnico-científico à simplificação das estruturas sintáticas, com o fim de dar a impressão de que suas descrições mediante palavras são a cópia fidedigna e estrita da realidade, sem verborrêia nem verbosidade.” (LÓPEZ EIRE, 1999, p.20) Está fortemente presente em tratados de tática como o de Asclepiodoto, que prefere períodos curtos especialmente quando se trata de esclarecer pormenores mais técnicos de tática. No entanto, mesmo em Asclepiodoto é notável o recurso às orações subordinadas temporais e condicionais como uma forma de ilustrar a aplicação de um ou outro preceito de tática – num esquema como “se (ou quando) o general procede assim, acontecerá tal coisa”. O capítulo XII da *Arte tática* de Asclepiodoto é um bom exemplo disso. Para indicar as diversas formas de dispor as formações militares, o autor lista uma série de oito parágrafos cada qual com uma possibilidade de formação adequada a uma determinada intenção do comandante. Os parágrafos iniciam todos ora com orações temporais iniciadas por ὅτε com subjuntivo, ora por condicionais iniciadas por εἰ ou ἐάν com optativo. Essas construções aparecem também em *Arte tática*, II.4, X.11 e XI.7.

Esse tipo de construção é muitas vezes usado com o mesmo fim em *Do general*. Usa-se εἰ ou ἐάν com optativo seguido de oração com verbo no imperativo, como, por

---

<sup>62</sup> O dicionário de Lidell-Scott-Jones cita duas outras ocorrências do termo. Porém, trata-se de conjecturas e não do que consta nos originais. (SMITH, 2008, p. 247-248, n. 294).

exemplo, em *Do general*, VI.12. Onassandro também emprega orações condicionais ou temporais com ἐπειδὴν ou εἰ seguidas de oração com verbo εἰμί elíptico e um predicativo como ἀναγκάϊον ou ἀγαθόν (*Do general*, VII.1, XXXII.8) ou de oração com verbo no imperativo.

O uso do genitivo absoluto ou de participios circunstanciais muitas vezes vem substituir essas outras construções, mas quando o autor lança mão desse recurso, torna-se mais difícil saber se se trata de oração temporal, condicional, causal, modal, final ou concessiva, ficando a critério do tradutor optar por uma delas ou tentar manter a indefinição com o uso de uma oração gerundial reduzida em português. O uso do genitivo absoluto é bastante recorrente no texto de Onassandro e parece-me que o mais das vezes exprime as idéias de tempo, causa e condição. Segue abaixo a tabela 6 com algumas das ocorrências dessas construções em *Do general*.

TABELA 6

Construção	Ocorrências
Condicional com εἰ, ἄν ou ἐάν	Proêmio.3, 4, 10, I.12, 13, 19, 20, II.3, 5, VI.2, 3, 9, 12, 13, IX.1, X.4, 8, 9, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 22, 27, XII.1, XVIII.1, XX (título), 1, 2, XXI.1, 2, XXII.4, XXIII.1, XXIX.2, XXXI (título), 1, XXXII.5, XXXIII.2, 3, 5, 6, XXXIV.4, 5, XXXV.2, 3, 4, XXXVI.1, 2, 3, XXXVIII.1, XXXIX.4, 6, XLI.1, XLII.2, 3, 5, 7, 10, 12, 17, 20, 22, 23, 24.
Temporal com ἐπειδὴν	IV.4, VII.1, IX.3, X.18, XIX.1, XXII.2, XXXII.10, XLII.20
Temporal com ὅτε, ὅταν ou ὁπότε e verbo no subjuntivo	VI.10, VII (título), X.1, X.8, X.26, XII.1, XII.2, XIII.1, XIV.1, XXII.2, XXIV.1, XXV.3, XXXIX.5, XL.2, XLII.8
Genitivo absoluto e participio circunstancial de tempo, causa ou condição	I,23, VI.3, VI.4, VI.9, VI.13, X.17, X.26, XII.1, XIII.2, XVIII.1, XXXI.1, XXXI.7, XXXVI.6, XLII.2, XLII.11

Mas não é só nesses casos que Onassandro recorre à subordinação. À diferença de manualistas como Asclepiodoto, ele opta por construir longos períodos e muitas vezes com construções complexas e pouco fluentes, como o início do capítulo XIX:

Ἔστω δὲ διαστήματα κατὰ τάξεις, ἵν', ἐπειδὴν ἐκκενώσιν ἔτι προαγόντων τῶν πολεμίων τὰ βέλη, πρὶν εἰς χεῖρας ἔλθειν τὰς φάλαγγας, ἐπιστρέψαντες ἐν κόσμῳ διεξίωσιν μέσσην τὴν φάλαγγα καὶ ἀταράχως ἐπὶ τὴν οὐραγίαν ἀποκομισθῶσιν·

Deve haver intervalos ao longo das fileiras a fim de que, quando as tropas descarregarem os projéteis – no momento em que os inimigos ainda estiverem avançando –, antes de as falanges virem às mãos, as tropas que voltam atravessem em ordem pelo meio da falange e, sem confusão, retirem-se para a retaguarda. (*Do general*, XIX.1)

Como afirma Oldfather, seu estilo é a princípio direto e adequado ao seu propósito, mas não é “tão fluente e simples como o de Xenofonte, a quem parece ter admirado e seguido”, tendo se inspirado especialmente na *Ciropédia* e na *Anábase*. O estilo, segundo ele, é também em alguns pontos semelhante aos de Políbio e Plutarco (OLDFATHER, 1986, p.351). Oldfather, no entanto, confessa o exagero de Zur-Lauben ao referir-se ao estilo do autor com a seguinte descrição: “beleza majestosa, elegância nervosa e aguda clareza”<sup>63</sup>.

Christopher Smith acrescenta ainda que “Onassandro não é de modo algum um escritor de estilo admirável, mas é razoavelmente claro e faz certo esforço para escrever em grego ático, ainda que não seja consistente.” (SMITH, 1998, p.152) Wilamowitz chama sua escrita de “sorgsam stilisierte Schrift” (*Griechische Literatur 3*, p. 220). O hiato é raro e há alguns *hápax* e palavras compostas pouco comuns, assim como um uso cuidadoso do ritmo e atenção ao fim das seções.<sup>64</sup>

Do ponto de vista do léxico e do estilo, se, por um lado, Onassandro guarda os modelos fornecidos pelos historiadores, por outro, revela características próprias do espírito grego da idade imperial, em particular a tendência a evitar o hiato. O estilo de Enéias, o tático, é mais simples e desprovido de sofisticação, ainda que efetivo – “aproximadamente dois terços do tratado são de um didatismo bastante direto: recomendações e prescrições expressas num limitado e repetitivo repertório de construções sintáticas (orações com ‘deve’ e ‘tem de’, adjetivos verbais e coisas do tipo).” (WHITEHEAD, 2001, p.38). Em contrapartida, *Do general* pode ser considerado uma obra com elementos originais, dentre os quais o uso de um vocabulário pouco comum e de vocábulos – mais especificamente termos técnicos – dos léxicos mais diversos (tático, estratégico, religioso, médico, da geometria, da aritmética, da astronomia, etc.). Digna de nota é também a variação de estilo que parece consistir numa alternância entre traços de oralidade – ao que indicam algumas construções pouco usuais no

---

<sup>63</sup> “*Beauté majesteuse, elegance nerveuse, et clarté perçante.*”

<sup>64</sup> VON ROHDEN, H. Quas rationes in hiatu vitando scriptor de sublimitate et Onesander secuti sint, in *Commentationes in honorem Buecheleri et Useneri*, Bonn, 1873.

grego ático e um certo automatismo da linguagem –, construções mais diretas e impessoais e, por isso, mais características de um manual, e algumas partes mais cuidadosamente construídas, como o próêmio. Desse modo, ainda que tenha se inspirado no estilo de outros autores, não pode ser considerado “escravo de nenhum autor em especial” (OLDFATHER, 1986, p.351), o que provavelmente torna sua obra particularmente difícil para os que a desejam traduzir.

É um tipo híbrido de literatura que era comum no último século da República: um manual técnico com ambições literárias. Como um tipo vagamente definido, esses livros tendem a ser antes idiossincráticos e originais porque a aproximação tende a forçar os autores a combinar tópicos de modo pouco usual. A dualidade de estilo é necessariamente inerente a esses livros especializados. A linguagem retórica concentrava-se nos prefácios ou divagações, enquanto as seções técnicas contavam com uma linguagem mais prosaica.<sup>65</sup>

Eis a forma como Rowland e Howe, tradutores de Vitrúvio, referiram-se ao modo de escrever do escritor romano. Embora estejam fazendo alusão a um tratado de arquitetura, parece que a definição de seu estilo aplica-se quase perfeitamente a Onassandro. De fato, o próêmio de *Do general* tem um tom muito diferente do restante da obra. Sua função é persuadir o leitor do valor de seu empreendimento e fazer um elogio dos Romanos e, portanto, parece justo que o faça de modo mais elegante e que lhe dedique um maior cuidado. Assim também Enéias, o tático, inicia sua obra com uma bem construída apologia à sua própria obra e deixa nela implicada a importância da leitura de seu manual:

“Οσοις τῶν ἀνθρώπων ἐκ τῆς αὐτῶν ὀρμωμένοις χάρας ὑπερόριοί τε ἀγῶνες καὶ κίνδυνοι συμβαίνουσιν, ἂν τι σφάλμα γένηται κατὰ γῆν ἢ κατὰ θάλασσαν, ὑπολείπεται τοῖς περιγιγνομένοις αὐτῶν οἰκεία τε χώρα καὶ πόλις καὶ πατρίς, ὥστε οὐκ ἂν ἄρδην πάντες ἀναιρεθῆισαν. Τοῖς δὲ ὑπὲρ τῶν μεγίστων μέλλουσι κινδυνεύειν, ἱερῶν καὶ πατρίδος καὶ γονέων καὶ τέκνων καὶ τῶν ἄλλων, οὐκ ἴσος οὐδε ὅμοιος ἀγῶν ἐστίν, ἀλλὰ σωθεῖσι μὲν καὶ καλῶς ἀμυναμένοις τοὺς πολεμίους φοβεροὺς τοῖς ἐναντίοις καὶ δυσεπιθέτους εἴη τὸν λοιπὸν χρόνον εἶναι, κακῶς δὲ προσενεχθεῖσι πρὸς τοὺς κινδύνους οὐδεμία ἐλπίς σωτηρίας ὑπάρξει. Τοὺς οὖν ὑπὲρ τοσοῦτων καὶ τοιούτων μέλλοντας ἀγωνίζεσθαι οὐδεμιᾶς παρασκευῆς καὶ προθυμίας ἐλλιπεῖς εἶναι δεῖ, ἀλλὰ πολλῶν καὶ παντοίων ἔργων πρόνοιαν ἐκτέον, ὅπως διὰ γε αὐτοὺς μηδὲν φανῶσι σφαλέντες·

Quando homens se retiram de sua terra para enfrentar conflitos e perigos no estrangeiro, se ocorre algum deslize – em terra ou no mar –, aos sobreviventes resta ainda a terra natal, a cidade e a pátria, na medida em que não estariam todas completamente destruídas. Mas para os que hão de se arriscar em defesa das coisas que lhes são mais caras (templos, pátrias, pais, filhos, dentre outros), o conflito não é

---

<sup>65</sup> ROWLAND e HOWE, *Vitruvius*, Cambridge, 2001, p. 1.

igual nem parecido: por um lado, escapando e defendendo-se bem contra os temíveis oponentes, serão difíceis de atacar durante o resto do tempo; por outro, apresentando-se mal diante dos perigos, não lhes restará esperança alguma de sobrevivência. Para esses, pois, que hão de combater em defesa de tantas e tais coisas, não deve haver carência de nenhuma preparação ou zelo, mas é preciso que tenham providência dos muitos e variados fatos, de modo que em nada pareçam ter cometido um erro por sua própria conta. (ENÉIAS, O TÁTICO, *Poliorcética*, Proêmio.1)

No proêmio, Enéias não utiliza nenhuma das construções que tanto se repetem ao longo do restante do texto e que aparecem na crítica de David Whitehead acima citada; não há adjetivos verbais ou infinitivos com *χρή* e *δεῖ*. Guarda-os, pois, para mais tarde, uma vez que no proêmio sua intenção não é tão didática quanto retórica, e não há tanta necessidade de ser objetivo, direto e impessoal nessa seção da obra.

Como lembram Rowland e Howe, era comum na época de Vitruvius – e acrescento que no princípio do Império também – que autores de textos técnicos tivessem ambições literárias; geralmente, essas ambições costumam estar mais obviamente impressas nas aberturas, nos prefácios. É o que também ocorre em *Das máquinas* (*Περὶ μηχανημάτων*) de Ateneu mecânico, obra à qual, segundo David Whitehead<sup>66</sup>, também se aplicariam os ditos de Rowland e Howe sobre o décimo livro de *Da arquitetura* (*De architectura*).

Terminada, então, a tentativa de expor algo do estilo e do vocabulário empregados principalmente nos manuais de Onassandro e Enéias, encerro este segundo capítulo que, junto com o primeiro, constitui uma espécie de introdução. Possa ela, além de instruir sobre estes assuntos de que não se tem muita notícia, servir de apresentação à tradição dos manuais militares da Antiguidade greco-romana e acrescentar algo à leitura de *Do general*.

---

<sup>66</sup> WHITEHEAD, David, *Athenaeus Mechanicus, On Machines*, Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2004, p. 33.

Da linguagem empregada no texto de Onassandro, passo ao tema por ele tratado, que não é outro senão a “teoria estratégica”, ou melhor, “a estratégia e a sabedoria prática (φρόνησις) nela implícita”, conforme o próprio autor sinaliza no “Proêmio” (1-3) de *Do general*. Antes, porém, tratarei de buscar em algumas obras da literatura que o precedeu outras concepções – que da sua se aproximam ou se afastam –, numa espécie de histórico não sistemático de visões sobre a função do general e da sabedoria prática envolvida no exercício do comando militar. Na impossibilidade de abordar tudo quanto se escreveu na Grécia e em Roma desde a época de Homero até a Roma Imperial, este breve estudo limita-se a poucas obras e certamente ultrapassaria o escopo deste trabalho uma análise aprofundada de cada uma delas; detém-se, por conseguinte, na consideração de apenas alguns dos aspectos que julgo mais relevantes dentre os apontados por Onassandro. Serão discutidas mais longamente as concepções de general presentes na *Ilíada*, como obra fundadora e muito influente da literatura grega, cujo autor é o único a ser diretamente citado em *Do general*, e aquelas presentes nas obras de Xenofonte, autor que forneceu a maior quantidade de material a Onassandro (AMBAGLIO, 1981, p.358).

Não quero com isso provar que essas obras tenham sido fontes primárias diretamente consultadas por Onassandro para a elaboração de *Do general*.<sup>67</sup> Os indícios que o texto dá são mínimos e certamente não permitiriam – a não ser, talvez, a um pesquisador muito mais culto e experimentado em literatura grega – discernir com clareza em que se inspirou ou baseou o autor para a escritura deste ou daquele capítulo. Entretanto, claro é que não foi de sua própria inventividade que Onassandro tirou tudo quanto escreveu – como ele mesmo o confessa no “Proêmio” (8-10). Recolheu, antes, experiências de outros, conquanto não fale como tomou conhecimento delas nem mais especificamente de onde as retirou. O que diz é que tudo em sua obra partiu “da experiência de labores e à custa destes homens, dos quais descende toda a primazia dos Romanos em raça e virtude até então” (“Proêmio”, 7), de modo que parto da hipótese de que ele coletou *exempla* na literatura e na historiografia romana, mas também o fez com as obras gregas, visto que a “primazia dos Romanos”

---

<sup>67</sup> No caso de Xenofonte, entretanto, arrisco dizer que o autor usou-o como fonte direta, tantos são os paralelos entre um e outro.



dependeu em muito do que lhes legaram os gregos. Entretanto, é possível que Onassandro, como um grego escrevendo para Romanos, tenha querido realçar a influência das contribuições gregas no sucesso militar dos Romanos através da escolha de *exempla* que, como se há de ver, ainda que não explicitamente, têm como pano de fundo a literatura e os feitos gregos. Aliás, apesar de garantir que a fonte de seus escritos são os feitos dos Romanos, é dos Gregos que retira a maior parte dos seus preceitos estratégicos. Smith (1998) vai mais além e defende a tese de que Onassandro era originário da Ásia Menor<sup>68</sup>, região que a presença romana afetou significativamente em muitos aspectos, mas não tanto no campo militar. A cultura local “não foi destruída pelo contato com os Romanos, mas foi, de algum modo, reforçada ou recriada por ele” e “no contexto do desenvolvimento de uma cultura híbrida, a habilidade em planejar um diálogo significativo com os Romanos era vital, de modo que, quando lemos Onassandro, devemos pensar no diálogo positivo com o poder romano do qual ele fazia parte e que sua audiência esforçava-se por alcançar” (SMITH, 1998, p.156-158).

Como aponta Galimberti, o conhecimento que Onassandro tinha de aspectos militares específicos do mundo romano não se encontra muito claramente na obra, na qual parece haver alguma pretensão de expor o combate de uma perspectiva mais genérica e universal, como se visando instruir gerais não só naquelas circunstâncias, mas em outras quaisquer. No entanto, alguns indícios permitem-nos recuperar alguns episódios a que possivelmente fazia referência, além de que a análise técnica relativa às manobras do exército revelam que o autor tinha algum conhecimento da tática manipular romana. Em *Do general*, XIX, por exemplo, ele recomenda que se deixe um espaço suficiente entre as fileiras para permitir o movimento das tropas e a passagem de soldados; já a formação alongada sugerida em XXI, segundo Lammert, refletiria a organização adotada sobretudo pelas legiões do período imperial, mais precisamente na época em que Onassandro compôs o manual.<sup>69</sup>

A discussão sobre o ζῆλος (“emulação”) ao final do livro não creio que deva ser entendida unicamente como sugestão de que o general deve ser um bom exemplo para despertar a emulação em seus subordinados: a menção ao termo vem corroborar a validade de seu trabalho, que está firmado sobre a idéia de que um bom general se constrói a partir da

---

<sup>68</sup> O autor parte de uma investigação sobre a vida de Quinto Verânio, a quem Onassandro dedica a obra, chegando à hipótese de que o autor teria se colocado sob o patrocínio de Verânio durante uma de suas viagens ao Oriente.

<sup>69</sup> LAMMERT, Die römische Taktik zu Beginn der Kaiserzeit und die Geschichtschreibung, *Philologus*, suplem. 23, 1931, p. 34, 53 *apud* GALIMBERTI, 2002, p.151.

emulação de outros bons gerais do passado (incluídos aí os ensinamentos e façanhas dos Gregos) e, mais além, pode ainda lembrar a importância da *aemulatio* para os Romanos, tanto no campo da literatura e da historiografia quanto no campo da guerra e, de maneira geral, a influência que o passado histórico e a literatura precedente exerciam sobre o presente. Influência essa que já os gregos a defendiam.

Isócrates, por exemplo, faz sua apologia da emulação, pensando o retorno aos antigos como um artifício necessário aos homens em geral, mas especialmente aos oradores, historiadores, administradores de cidades e filósofos. “O programa de Isócrates é político, não historiográfico. Mas é bem nesse contexto e com esse diagnóstico, então amplamente partilhado pelos intelectuais, que se pode encontrar o ponto de partida de uma história concebida como algo que deve fornecer exemplos para o presente. Vai-se do passado ao presente” (HARTOG, 2001, p.102). É por meio do exame dos feitos do passado que se há de compreender o que é vantajoso e o que não é, quais as ações dignas de serem imitadas e quais as indignas:

Se não fosse absolutamente possível mostrar as mesmas ações de outra maneira, mas só de uma única forma, poder-se-ia supor que é supérfluo incomodar de novo os ouvintes, falando-lhes da mesma maneira que os precedentes; mas, já que as palavras têm uma natureza tal que é possível expor as mesmas coisas de numerosas maneiras, [...] de discorrer de forma nova sobre o que é antigo e de falar de um modo antigo do que aconteceu recentemente, não se deve fugir do que outros trataram antes, mas tentar falar melhor que eles. Pois as ações passadas foram-nos deixadas a todos como um bem comum – , mas recorrer a elas oportunamente, refletir convenientemente sobre cada uma delas e usar bem as palavras é próprio da gente sensata. (ISÓCRATES, *Panegírico*, 7-8, tradução de Jacyntho Lins Brandão)

Nós, portanto, se administramos a cidade como fazemos hoje, não é possível que não deliberemos, façamos guerra, vivamos, suportemos tudo e façamos mais ou menos como nas circunstâncias presentes e nos tempos passados; mas, se mudarmos o regime político, é evidente que, conforme o mesmo raciocínio, os negócios serão para nós o que foram para nossos ancestrais: pois é forçoso que, das mesmas práticas políticas, provenham ações sempre semelhantes ou próximas. E é preciso pôr em paralelo as mais importantes delas para deliberarmos sobre a escolha que devemos fazer. Antes de tudo, examinemos os gregos e os bárbaros, qual era sua disposição com relação àquele regime e como agora se encontram com relação a nós. (ISÓCRATES, *Areopagítico*, 78-79, tradução de Jacyntho Lins Brandão)

Dionísio de Halicarnasso, por sua vez, celebra o passado romano e busca provar que as origens de Roma são, na verdade, gregas:

Pareceu-me que não devia abandonar uma bela história, a que não fizeram nenhuma menção os historiadores mais velhos, pois, escrita com exatidão, produzirá as melhores e mais justas conseqüências: os homens de bem que cumpriram o seu destino obterão glória eterna e serão louvados pela posteridade, o que iguala sua natureza mortal à divina e não deixa seus feitos morrerem com seus corpos; quanto aos atuais e futuros descendentes desses homens iguais aos deuses, escolherão não a

vida mais agradável e mais fácil, mas a mais nobre e ambiciosa, ponderando que os que têm esse belo ponto de partida como origem devem orgulhar-se muito, não fazendo nada indigno de seus ancestrais. [...] Primeiro exporei minha própria concepção: que a história é boa para todos os homens de bem, os quais gostam de contemplar as belas e grandes ações. (DIONÍSIO DE HALICARNASSO, *Antiguidades Romanas*, I.6.3-5, tradução de Jacyntho Lins Brandão)

O tema da história como fonte de exemplos que se devem ou não imitar foi apresentado também no prefácio das *Histórias* de Políbio, vindo a tornar-se um tópico comum nos elogios da história, presente ainda nas obras de Diodoro da Sicília (*Biblioteca histórica*, I.1-3) e de Tito Lívio (*Ab Urbe Condita*, Prefácio). Plutarco também, ao compor suas *Vidas paralelas dos homens ilustres*, “inscreve-se completamente no âmbito de uma história concebida como *magistra vitae*.” Para ele, os grandes homens “são os que ‘deixaram belos exemplos de excelência (ἀρετή, *virtus*) política e militar’. Mas, diferentemente do historiador, o biógrafo não se limita a contar todos os fatos célebres, sendo muitas vezes mais instrutivo escolher pequenos fatos, [...] retendo da vida dos heróis o que é ‘mais importante’ e ‘mais belo’, [...] propondo que [os grandes homens] sejam imitados por seus contemporâneos” (HARTOG, 2001, p.185). Plutarco pensa, com efeito, que “não é nas ações célebres, em absoluto, que está a demonstração da virtude ou do vício, mas, muitas vezes, um breve feito, uma palavra, uma brincadeira dão ênfase ao caráter mais que os combates mortais, as maiores batalhas e os assédios de cidades.” (PLUTARCO, *Vida de Alexandre*, I.2, trad. Jacyntho Lins Brandão).

Em Roma, como já dito no primeiro capítulo, a importância dos *exempla* do passado tomou dimensões ainda maiores: Cícero admitia que os Romanos, mais do que os Gregos, eram sensíveis aos *exempla*, e Quintiliano asseverava que enquanto os Gregos prendiam-se aos *praecepta*, os Romanos davam-se mais aos *exempla* como potentes instrumentos pedagógicos.<sup>70</sup>

---

<sup>70</sup> QUINTILIANO, *De Institutione Oratoria*, XII.2.29-30.

### 3.1 Homero

Mas mesmo em Homero já havia uma espécie de embrião dessa tendência aos exemplos e ao retorno ao passado, com a diferença de que não era propriamente a história, como a vieram a entender depois de Cícero, mas os exemplos de um passado mítico que tinham um singular caráter pedagógico.

Nos tempos primitivos, quando ainda não existia uma compilação de leis nem um pensamento ético sistematizados (exceto alguns preceitos religiosos e a sabedoria dos provérbios transmitida por via oral de geração em geração), nada tinha, como guia da ação, eficácia igual à do exemplo. [...] Desempenha [o exemplo] um papel quase idêntico ao que entre nós cabe à História, sem excluir a história bíblica. As sagas encerram todo o tesouro dos bens espirituais que constituem a herança e alimento de cada nova geração. Na *Iliada*, o educador de Aquiles evoca na sua grande admoestação o grande exemplo premonitório da cólera de Meleagro. Também não falta à educação de Telêmaco o exemplo encorajador, adequado ao seu caso. [...]

A evocação do exemplo dos heróis famosos e do exemplo das sagas é para o poeta parte constitutiva de toda a ética e educação aristocráticas. Temos de insistir no valor desse fato para o conhecimento essencial dos poemas épicos e da sua radicação na estrutura da sociedade arcaica. (JAEGER, 2001, p.57-59)

Jaeger também afirma que para os Gregos dos séculos posteriores, os paradigmas eram tidos como categoria fundamental da vida e do pensamento. E, como uma fonte preciosa de exemplos, Homero foi citado e aludido por autores gregos de todas as épocas; pode-se, assim, arriscar dizer que a épica foi a primeira história dos gregos. Portanto, era de opinião geral na Grécia Clássica que Homero fosse o educador de toda a Grécia (PLATÃO, *República*, 606e; XENOFONTE, *Banquete*, III.3-6), tendo servido como modelo estilístico e moral e fornecido exemplos para os mais diversos campos, incluída aí a estratégia militar. Quando um grego se depara com um enigma ético, de escrita ou de como fazer algo, é à épica que ele primeiro recorre para conseguir uma solução, pois que “os poetas conhecem todos os ofícios”. “Assim, a civilização grega e também os soldados gregos retornavam conscientemente ao passado épico para se inspirarem. Parte da história militar dos gregos é não mais que um caso particular desse padrão universalmente difundido de reminiscência épica” (LENDON, 2001, p.38).

Um indício do poder de Homero sobre os gregos do período clássico encontra-se na tendência de algumas virtudes marciais homéricas, ainda que não achassem lugar nenhum

na falange, estabelecerem-se fora do contexto da guerra. Por exemplo, a ligeireza na corrida, muito apreciada no herói homérico, não tinha lugar na falange, uma formação cerrada em que a proteção de um soldado dependia do escudo do soldado ao lado, de modo que um hoplita tinha poucas chances de se mostrar bom nessa virtude dentro de um contexto digno de honra: se corresse, não estaria mostrando-se virtuoso como bom corredor, nem competindo com outros soldados; no contexto da falange hoplítica, a corrida significava o abandono da formação e dos companheiros e, por isso, devia ser entendida como meio de fuga. Mas, na impossibilidade de encaixar a ligeireza nas batalhas, criou-se um evento atlético, o *hoplotodrómos*, que foi estabelecido como uma competição olímpica em 520 a.C. e foi amplamente difundido em outros jogos gregos.

A *Ilíada* forneceu ainda uma profusão de precedentes épicos para massas de homens, não impedindo que um hoplita do século quinto pudesse ter-se inspirado na obra. Destacam-se as descrições de massas de combatentes tão unidos uns aos outros que os penachos de seus elmos podiam tocar-se (*Ilíada*, XIII, 125-134; XVI, 211-218), numa organização que muitos pensam ser uma forma de proto-falange que, depois de uma reforma hoplítica (que teria ocorrido aproximadamente em 750 a.C.), teria sofrido adaptações até chegar à falange clássica do séc. V a.C.<sup>71</sup> Tendo isso em mente, Lendon (2001) sugere que a *Ilíada* sempre foi fonte de modelos admiráveis e heróicos e que há muitos deles para se escolher, uma vez que ela não propõe exclusivamente como modo de combate os duelos entre os heróis, mas apresenta também formações cerradas.

Parto da *Ilíada* como primeira obra da literatura grega em que se esboça a figura do general e a partir da qual os gregos em geral esboçaram seu conhecimento militar, levando-a muito a sério até mesmo como fonte de instruções militares. Ao discutir muitas das qualidades do general, Onassandro certamente tinha em mente episódios das epopéias de Homero, único autor que cita em sua obra (*Do general*, I.7 e XXIII.1). Mas não o farei sem antes fazer algumas ressalvas sobre o caráter do texto e a relação entre a obra, a época de sua composição e o provável período em que alguns dos episódios ali narrados teriam acontecido. Em primeiro lugar, as epopéias de Homero são praticamente as únicas fontes consultadas em verso, em contraste com a maioria das outras, que se não são obras historiográficas, são

---

<sup>71</sup> Hans van Wees (1986), por sua vez, discorda dessa interpretação. Para o autor, a descrição dessas formações seria um recurso narrativo que retratava a formação inicial do exército antes do início da batalha. Com o início, essa formação seria rompida, dando assim lugar aos duelos. Quando o poeta usa os termos *phálanx* e *stýx*, van Wees também não crê que se referisse a formações específicas, mas a grupos de homens prontos para lutar, de forma mais geral.

comentários ou textos técnicos, todos eles em prosa. Ademais, a *Ilíada* é uma obra muito complexa e trata da narração de feitos de um passado distante e mítico. Não é uma narrativa historiográfica que busca ser em tudo condizente com a realidade; seus personagens não são simples, mas multifacetados, e parece não haver um único e ideal modelo de chefe militar. Misturam-se nas narrações de combate algo de histórico a uma parte mítica e fantástica. Acrescente-se a isso o fato de a *Ilíada* ser composta de certas convenções narrativas às quais tanto a realidade quanto o discurso têm de se adequar.<sup>72</sup> Extrair de um texto dessa sorte um modelo de chefe é difícil, mas é possível pensar que existissem algumas virtudes (ἀρεταί) e o cuidado de algumas coisas que caracterizariam um bom chefe de exércitos.

É preciso esclarecer também que não tomo a *Ilíada* como fonte para reconstituir um modo de guerrear e uma forma de comandar o exército de determinada época histórica: essas tentativas já foram feitas por muitos e encontram-se bem documentadas em dois artigos de Hans van Wees e no livro de Paula da Cunha Corrêa<sup>73</sup>. O mais comumente aceito tem sido a tendência a pensar na justaposição de elementos de épocas diferentes<sup>74</sup>, que foram sendo amarrados pela tradição oral ao longo de muitos anos. Apesar de a *Ilíada* ser um poema composto sobre algo que teria acontecido no período micênico, a composição da forma final que conhecemos só se deu por volta do séc. VIII a.C., de modo que a tradição oral teria misturado elementos do modo de guerrear de várias épocas.

Pelo que a narrativa homérica dá a entender, a arte do comando era de uma grande simplicidade, mas não por isso privada de mérito. A cena de um chefe a marchar à frente das tropas com a esperança de poder começar um duelo exemplar e decisivo não raro aparece na *Ilíada*. O chefe era o protagonista, a vanguarda de seu exército; o cargo que ocupava obrigava-o a contribuir pegando ele mesmo nas armas e lutando, pois era assim que demonstrava, diante dos deuses e dos homens, sua aptidão para o comando (GARLAN, 1972, p.169). Não importava, portanto, que o chefe preservasse sua vida para poder comandar suas tropas, mas que a ariscasse, lutando bravamente nas primeiras fileiras. Uma morte gloriosa, aliás, era a aspiração de muitos, que a preferiam a serem vistos como covardes que se esquivavam do combate direto – o que parece corresponder às tradições aristocráticas que perduraram por longos anos. O chefe do exército, em Homero, é, acima de tudo, um bravo combatente; e a necessidade de o chefe lutar está bastante clara nos inúmeros duelos que são

---

<sup>72</sup> Cf. DE JONG, Irene J. F.. Convention versus realism in the Homeric epics. *Mnemosyne*, v.58, n.1, 2005, p.1-22.

<sup>73</sup> VAN WEES, 1986; VAN WEES, 1988; CORRÊA, 1998.

<sup>74</sup> Cf. SNODGRASS, A. M., An historical Homeric society?. *Journal of Hellenic Studies*, v.94, 1974.

travados durante o poema: são nesses combates de chefes que as batalhas são definidas. Não que a massa de combatentes não tivesse sua importância – nas exortações dos líderes, fica claro que a vitória depende do empenho de todos –, mas ela se vê representada pelo chefe e pelos πρόμαχοι, ou πρώτοι, os homens das primeiras fileiras. “Os heróis da *Ilíada*, que se revelam no seu gosto pela guerra e na sua aspiração à honra como autênticos representantes da sua classe, são, todavia, quanto ao resto da sua conduta, acima de tudo grandes senhores, com todas as suas excelências, mas também com todas as suas imprescindíveis debilidades.” (JAEGER, 2001, p.41)

A maioria dos líderes é composta de βασιλεύς (“rei”). O *status* do βασιλεύς é alvo de controvérsias, mas está diretamente ligado a poder político e privilégios. Ser um rei e, assim, um chefe de exército, pode ser adquirido por nascença e essa posição certamente envolve uma série de privilégios, bens e honras, mas é preciso que o rei justifique os bens recebidos mostrando-se valoroso no combate, como se vê numa conversa entre os Lícios Sarpédon e Glauco:

‘Ouve-me, Glauco: por que somos ambos honrados na Lícia  
com os primeiros lugares nas festas, assados e vinho  
sempre abundante, e os do povo nos vêem como a deuses eternos?  
Deram-nos junto das margens do Xanto, também, um terreno,  
próprio, igualmente, para uso do arado e cultivo de frutas.  
Por isso tudo nos cumpre ocupar na vanguarda dos Lícios  
o posto de honra e estar sempre onde a luta exigir mais esforço  
para que possa dizer qualquer Lício de forte armadura:  
‘Sem grandes títulos de honra não é que na Lícia governam  
os nossos reis, e consomem vitelas vistosas, bebendo  
vinho de doce paladar. É bem grande o vigor que demonstram,  
quando na frente dos nossos guerreiros o imigo acometem.’  
(*Ilíada*, XII, 310-321, tradução de Carlos Alberto Nunes)

Hans van Wees (1986) destaca alguns direitos do βασιλεύς na *Ilíada*: ele teria o direito à fala, o que tinha algo que ver com o berço, mas que também dependia da *performance* em combate; e o direito a uma parte grande nos espólios de guerra, sendo que a maior delas caberia ao comandante em chefe, Agamêmnon, que ocupava tal posição provavelmente por ter levado à guerra o contingente com maior número de homens, sendo portador do cetro que herdou de seu avô Pélops, o qual lhe permitiu governar muitas ilhas e toda Argos. Mas, conforme visto, o berço por si só não basta: o chefe tem de provar, lutando, que merece tanto privilégio, no que Heitor parece sair-se muito bem. Agamêmnon, contudo, apesar de ter uma ἀριστεία, – embora muito inferior às dos outros heróis – e mostrar-se por vezes um bom guerreiro, nem sempre o faz bem. Se no livro XI tem sua ἀριστεία, do livro V

ao VIII, deixa de ser contado entre os melhores guerreiros (Ájax, Odisseu, Aquiles e Diomedes) e passa a ser focado sob uma luz desfavorável que enfatiza a ἄτη: ele luta brutalmente, faz críticas indiscriminadamente, é incapaz de desculpar-se com nobreza, faltam-lhe magnanimidade e respeito (αἰδώς), vindo a desrespeitar homens e deuses. É, por isso, bastante criticado tanto pelo narrador quanto por personagens da epopéia. Sua figura torna-se repugnante e, muitas vezes, o leitor sente-se levado a concordar com a forma como Aquiles caracteriza o chefe: “envolto pela falta de escrúpulos” (I, 149), “olho-de-cão” (I, 159), “olho-de-cão e coração de cervo” (I, 225), “devorador do povo” (I, 231).<sup>75</sup>

Numa escala de valores, a habilidade guerreira é certamente fator decisivo para definir a qualidade de um chefe, mesmo para o comandante em chefe. O episódio crucial da luta de Heitor contra Aquiles vem mostrar que aquilo de que o exército mais precisa é de um grande guerreiro que possa lutar contra o melhor dentre os inimigos. Além disso, corrobora essa afirmativa o fato de que quando morre um líder, sua morte é descrita como a perda de um guerreiro campeão e não como a perda de um ἡγεμών. O poeta tece uma forte ligação entre ser o líder de um contingente e ser seu melhor guerreiro: Acamas, um dos líderes Trácios, é o “melhor dos Trácios” no combate (II, 844-845); Heitor é o melhor dos Troianos na lança (VI, 460-461); e de forma semelhante fala-se dos chefes Aquiles (XVI, 271-272), Agamêmnon (II, 579-580), Ájax (II, 768) e Diomedes (V, 414).

Mas o poeta tem consciência também da importância da massa, que vê como uma extensão dos próprios chefes. Se um chefe é bom, é porque tem muitos bons homens a segui-lo (Sarpédon, XVI, 549-551; Agamêmnon, II, 577-580; Ájax, IV, 274-282; XIII, 709-710). Já o líder fraco é seguido por poucos (Nireu, II, 675). E ainda que hábil guerreiro, o líder não se sai bem se não reúne outras qualidades e excelências, como a capacidade de liderança e de bem deliberar – antes e durante os combates –, a habilidade retórica, a inteligência e algum conhecimento de tática. Não é fatal para um chefe, contudo, não ser um engenhoso estrategista: mas é necessário que tenha bons conselheiros e os escute (XIII, 728-733; IX, 100-102). E os líderes na *Ilíada* também não parecem fazer tanto uso de conhecimentos de tática. Nestor é uma das poucas exceções e isso certamente tem que ver com o fato de ser um homem mais velho. Quanto à habilidade de arranjar tropas, na *Ilíada*, homem nenhum sabia fazê-lo como Menesteu, descendente de Peteu, “com exceção de Nestor, por ser muito mais velho do que ele” (*Il.* II.555).

---

<sup>75</sup> Para mais sobre a figura de Agamêmnon na *Ilíada*, cf. TAPLIN, Oliver, *Agamemnon's role in the Iliad, Characterization and individuality in Greek literature*, Oxford: Clarendon Press, 1990, p. 60-82.



É o desejo do poema de exibir a preeminência de Nestor nessa *areté* que explica a ilustração dele dando ordens, criticando práticas contemporâneas, expondo táticas pouco usuais. [...] Nestor mostrou sua excelência ao organizar as tropas e depois disso o poema passa a mostrar as diferentes excelências dos outros heróis – normalmente de forma mais diretamente violenta. (LENDON, 2005, p.31)

Nestor é mais de uma vez enaltecido na epopéia por sua perícia em organizar as tropas, mas é apresentado também dando conselhos sobre como fazê-lo, visto que a idade avançada, embora o privasse de entrar em combate direto, carregava-o de experiências passadas, tornando-o mais o apto a aconselhar os chefes:

Deixa-os, depois de os saudar, e para outras fileiras prossegue,  
onde o eloqüente Nestor encontrou, da cidade de Pilo,  
que seus guerreiros em ordem dispunha e a lutar incitava,  
Hémone, Crômio, o viril Pelagonte e o fortíssimo Biante  
nessa tarefa o ajudavam, bem como o admirável Alastor.  
Os cavaleiros dispunha, e os cavalos e os carros, na frente,  
e a infantaria na parte de trás, numerosa e escolhida,  
para servir de baluarte; os mais fracos no meio colocava,  
que, a seu mau grado, se vissem forçados a entrar na batalha.  
Aos que combatem de carro, primeiro instruções transmitia,  
para os cavalos sustarem, não fossem correr as fileiras:  
‘Não queira alguém, por confiar na perícia e na própria coragem,  
só, das fileiras distantes, lutar contra os homens de Tróia;  
que não recue ninguém; facilmente seríeis vencidos.  
Uso só faça da lança o guerreiro que o carro do imigo  
perto do seu observar, que há de ser muito mais vantajoso.  
(HOMERO, *Ilíada*, IV.293-308, tradução de Carlos Alberto Nunes)

Teus homens todos, Atrida, por tribos divide e famílias.  
Que cada tribo se ajude e uns aos outros os membros de um grupo.  
Caso me aceites o alvitre, e os Acaios, também, te obedçam,  
fácil será de saber qual dos chefes, qual dentre os do povo,  
fraco (κακός), ou de prol (ἔσθλός), se revela; que à parte eles todos combatem.  
(HOMERO, *Ilíada*, II.362-366, tradução de Carlos Alberto Nunes)

Além de Nestor e Menesteu (*Il.* II.552-556), também Ajax (*Il.* XVII.354-359) e Polídamas (*Il.* XII.61-107) são elogiados por sua maestria nesse campo. Se o general era reputado por sua sabedoria, muito disso estava ligado ao seu cuidado em arrumar habilmente as tropas. A épica concebe o fato de um herói agrupar uma formação como uma forma de competição com todos os outros heróis que arranjam tropas. Ao mesmo tempo, pode-se entender a própria formação como um modo de estabelecer uma competição entre os soldados, que permite ao chefe notar quem é bom e bravo (ἔσθλός) e quem é ruim (κακός). Dessa forma, “arranjar as tropas testa tanto aqueles que estão arranjando quanto os que são arranjados.” (LENDON, 2005, p.32)

Mas Nestor dá ainda outro tipo de conselho importante para o destino da guerra, que se vê bem ilustrado na intervenção conciliadora entre Aquiles e Agamêmnon, no canto II, na indicação do envio de uma embaixada a Aquiles, no canto IX, e nos planos de ação sugeridos no Conselho dos Anciãos. O Conselho funcionava como espaço de deliberação anterior ao combate, onde muitos dos detalhes que se poderia chamar de estratégicos eram previamente definidos e, enfim, onde se decidia o que era oportuno fazer. A importância de conselhos (βουλαί) anteriores ao combate e a necessidade de conselheiros (σύνηδροι, βουλευταί) é também mencionada por Onassandro na seção III, em que argumenta que “as coisas que alguém pensaria sozinho – como pensamentos próprios–” não dão suficiente segurança, enquanto a decisão “que é testemunhada pelos próximos dá garantias contra o erro.” (*Do general*, III.2-3)

Em Homero, nas assembléias (ἀγοραί) e nos conselhos de guerra (βουλαί), contextos particularmente próprios à tomada de decisões (εὐβουλία),<sup>76</sup> a habilidade retórica era imprescindível aos líderes. Mas ainda que o momento mesmo do combate não fosse tão adequado a palavras quanto a ações e o espaço próprio do discurso fosse o contexto das assembléias e conselhos militares – conforme denuncia a fala de Enéias a Aquiles no canto XX (200-258) – a importância da palavra se vê também ilustrada nos discursos exortativos, que aparecem em situações diversas, antes da guerra ou no meio dela. O chefe dirige arengas e exortações aos que não estão lutando – ou por cansaço, ou por covardia, ou por ferimentos – , a fim de que se envergonhem de suas atitudes e retomem o combate; e aos bravos, a fim de que mantenham o brio e lutem ainda mais aguerridos. Dessa forma, o discurso age como uma força que impele à ação guerreira.<sup>77</sup> Para exortá-los, o general argumenta, então, que o futuro dos bravos é sempre mais digno de louvor: o dos que morrerem numa demonstração de bravura em combate será cercado de glória e fama e o dos que vencerem será repleto de bens e espólios; por outro lado, o futuro dos covardes e desertores é ser “pasto de cães”, privados de funerais e glória:

[Agamêmnon] a pé, entretanto, partiu, revistando as fileiras aquivas.

<sup>76</sup> A noção de εὐβουλία na *Iliada* é cuidadosamente tratada num artigo de Malcolm Schofield (cf. SCHOFIELD, M. *Euboulia* in the *Iliad*. *The classical quarterly*, v.36, n.1, 1986, p.6-31.

<sup>77</sup> Os discursos de desafio proferidos por heróis e endereçados ou a membros do próprio exército ou a membros do exército inimigo também teriam essa função de impelir os combatentes a guerrear mais arduamente, tendo em vista uma luta honrosa e notável. Entretanto, não discutiremos aqui este tipo de discurso, já muito bem tratado em artigo de Teodoro Rennó Assunção. (cf. ASSUNÇÃO, T. R., *A crítica ao discurso nos discursos de desafio na Iliada*, 2010. Não publicado.)

Quando encontrava guerreiros dispostos a entrar em combate, estimulava-lhes mais, ainda, o brio, desta arte falando: 'Não afrouxeis, homens de Argos, jamais do valor impetuoso, que nunca Zeus poderoso se pôs dos perjuros ao lado! Sempre tem sido repasto de cães e de abutres as carnes tenras de quantos primeiro violaram os pactos firmados. Quando tivermos os muros entrado, haveremos de levar-lhes em nossas naves as caras esposas e os tenros filhinhos.' Se descuidados os via, evitando a batalha funesta, os censurava com termos violentos, falando desta arte: 'Envergonhai-vos, Aqueus, que somente alardeais valentia! Qual a razão por que venho encontrar-vos atônitos como tímidas corças que param, cansadas, depois de correrem pela planície, sem terem no peito coragem de nada? Atarantados, assim, vos mostrais, sem entrar nos combates. Ou, porventura, aguardais que os Troianos as naves alcancem, largas, de boas cobertas, na praia do mar cor de cinza, para saberdes se Zeus se compraz em a mão estender-vos?' (*Ilíada*, IV.231-249, tradução de Carlos Alberto Nunes)

Por entre as filas o Atrida corria, dando ordens diversas: 'Sede homens, caros amigos, e ardor demonstrei combativo! Possa o respeito recíproco a todos na pugna dar ânimo. São mais poupados na guerra os que sabem morrer briosamente, ao passo que os fugitivos nem glória obterão, nem defesa.' (*Ilíada*, V.528-532, tradução de Carlos Alberto Nunes)

O discurso dos chefes tinha ainda outro importante papel: o de impedir os guerreiros de se esquivarem inoportunamente do combate para coletar espólios. E ora assume um tom recriminatório e ameaçador, ora alentador:

Em altos brados Heitor se dirige aos guerreiros troianos: 'Para os navios! Deixai, por enquanto, os espólios cruentos. Quem quer que alhures encontre, afastado das naves escuras, a morte, logo, hei de dar-lhe. Os amigos e amigas, não hão de os funerais aprestar-lhe, entregando o cadáver às chamas, sim, ficará para pasto de cães ante os muros de Tróia'. (*Ilíada*, XV.346-351, tradução de Carlos Alberto Nunes)

Em altas vozes Nestor os guerreiros argivos exorta: 'Dânaos guerreiros, amigos diletos, discípulos de Ares! Nenhum se deixe ficar para trás, tendo em vista, somente, presas valiosas levar para as naves de casco anegrado. Ora, inimigos matemos; depois, com vagar, na planície procurareis os cadáveres, para das armas despi-lo'. Por esse modo incitava o furor e a coragem de todos. (*Ilíada*, VI.66-72, tradução de Carlos Alberto Nunes)

### 3.2 Xenofonte

Ainda que se aceite que já em Homero existia uma espécie de proto-falange – e esse é um ponto muito discutível –, é preciso assumir que foi só com o surgimento da falange clássica que a organização tática dos exércitos passou a consistir numa das primeiras preocupações do general. Além disso, enquanto em Homero víamos liderança militar e política confundidas na figura do “pastor de povos”, a aparição das πόλεις (“cidades”) e o desenvolvimento de Estados favoreceu a emancipação do chefe militar, deslocando o elemento original das funções sociais, e sublinhando uma tendência à especialização. Na Atenas arcaica, o exército estava sob o comando do arconte polemenco, mas com o fim do séc. VI a.C., o arconte foi cedendo lugar ao estrategista, um chefe com uma especialização funcional, até que o arconte ficou restrito a funções essencialmente religiosas (ARISTÓTELES, *Const. Atenienses*, 58). Mas a idéia de que o general devesse ser um exemplo de bravura não acabou simplesmente. Na batalha de infantaria dos séculos VI e V a.C., que consistia no embate de falanges hoplíticas, os generais continuaram lutando à frente dos exércitos, prática essa que durante o período helenístico recobrou força, de forma que os chefes de exércitos – que o mais das vezes eram os próprios reis – tomavam a frente nas batalhas, arriscando suas vidas. Enquanto a batalha eliminava um planejamento tático mais elaborado, restringindo-se ao embate de falanges, o general tinha umas poucas opções táticas até que os dois lados se confrontassem. E era comum que os generais tivessem esse desejo genuíno de lutar e arriscar suas vidas junto de seus soldados. Como se vê no exemplo do rei Leônidas na batalha das Termópilas,<sup>78</sup> morrer em combate continuava sendo tido como algo bastante honrado.

Mas esse quadro começou a ser mudado no século IV a.C. por conta da evolução das técnicas militares (introdução das manobras da falange, uso de cavalaria e de tropas ligeiras – ψίλοι –, constituição de reservas, etc.), do desaparecimento gradativo daquele espírito agonístico que se tem comumente ligado aos ideais de uma aristocracia guerreira, e da tendência cada vez maior, ao menos em Atenas, à especialização dos generais no interior do colégio. “Xenofonte parece ter sido o primeiro, na Grécia, a formular uma teoria mais

---

<sup>78</sup> HERÓDOTO, *Histórias*, VII, 202-239.

complexa e, sob certos aspectos, mais exigente do exercício do comando militar” (GARLAN, 1972, p.170). Inspirou-se, para tanto, em sua própria experiência como mercenário, no espírito enciclopedista dos sofistas e nas exigências morais de Sócrates. Misturou a tradição à novidade: não negava que uma das principais qualidades do general fosse a bravura, mas tampouco desconsiderava a importância da reflexão e dos preparativos no campo da tática, que lhe permitiam tirar o maior proveito das circunstâncias.

O número de qualidades essenciais do general requeridas por Xenofonte, tornou-se muito superior àquele que constava na *Ilíada*. Certamente não lhe bastavam os conhecimentos de tática; como revela Sócrates em um diálogo com um discípulo seu, a tática era apenas um dos elementos que compunham a estratégia. Sócrates ainda acrescenta que a organização das tropas ajuda o general a distinguir os bons dos maus soldados, no que retoma a lição de Nestor numa passagem supracitada da *Ilíada* (II.362-366). Tendo o filósofo perguntado ao discípulo o que Dionisodoro lhe ensinara, disse-lhe o aluno que nada além de tática, ao que replicou Sócrates:

Mas isso não é senão uma parte muito pequena da arte do general; porque é mister saber procurar todo o material de guerra e prover os soldados de tudo; que seja fecundo em ardis, empreendedor, prevenido, paciente, entendido, indulgente e severo, franco e pérfido, cauteloso e surpreendente, pródigo e voraz, liberal e avaro, reservado e determinado; enfim, para ser bom estrategista há que possuir todas as qualidades que dão a natureza e a ciência. Ademais, é conveniente conhecer a arte de ordenar as tropas, porque há uma grande diferença entre um exército bem ordenado e tropas em desordem, que – à semelhança de pedras, ladrilhos, vigas e telhas, quando postos sem ordem – não servem para nada. (XENOFONTE, *Memoráveis*, III.1)

Além de ter um bom conhecimento de tática, o general teria, segundo Xenofonte, de ter todas essas qualidades listadas acima, no que deveria ter especial cuidado no trato com os soldados. Assim é que na *Anábese* ele retrata a si próprio como um general acessível aos seus subordinados: permite que façam as refeições em sua companhia (IV.3.10-11) e liderando bons exemplos, tendo sempre em mente que sua finalidade é fazer felizes os que estiverem sob seu comando:

Por que achas que Homero chama a Agamêmnon pastor de povos? Não é porque se parece com um pastor que zela pela saúde de suas ovelhas, para que tenham tudo quanto lhes é preciso, tal como um general por seus soldados? Ora, eles são soldados para que seus triunfos sobre o inimigo aumentem sua felicidade. [...] Com efeito, um rei é escolhido não para interessar-se somente por seu bem pessoal, mas pela prosperidade dos que o escolheram. (XENOFONTE, *Memoráveis*, III.2)

Decerto, cabia ao general zelar pelos seus, mas isso não implicava que tivesse de arriscar sempre impetuosamente sua vida, combatendo como um soldado qualquer. No

*Hipárquico*, o autor firma que “o chefe prudente não irá, de coração leve, expor-se ao perigo, a menos que tenha certeza de sua superioridade. Com efeito, fazer por imprudência o jogo do inimigo seria mais traição do que coragem” (XENOFONTE, *Hipárquico*, IV). Dentre todas as qualidades do general é, com efeito, a ênfase na prudência o que faz com que, não só Xenofonte, mas muitos outros, gregos e romanos, tenham-se voltado contra a participação mais direta do general nos combates. Ele deveria obviamente ser bravo, mas não poderia pôr em risco o exército com o mero fim de demonstrar sua bravura.

Por causa da complexidade do desenvolvimento da batalha, o general passou a precisar de uma posição mais destacada, onde estaria mais seguro e teria um campo de visão mais amplo, podendo visualizar com mais clareza os detalhes táticos e dali pedir auxílios, propor manobras, exortar o exército nos momentos oportunos, etc., como vemos na figura de Cipião Africano conforme Políbio a delineou:

Cipião evitou expor-se aos perigos, cuidando tanto quanto possível de sua própria segurança. Ele se fazia acompanhar por três homens portando grandes escudos. Esses homens, mantendo os escudos juntos, cobriam o lado exposto a quem estivesse na muralha, dando assim a devida proteção ao comandante dos romanos. Avançando paralelamente ao inimigo por um terreno mais alto, Cipião contribuiu grandemente para o sucesso naquele dia, pois além de observar os acontecimentos, ele podia ser visto por todos os seus homens, incitando-lhes o espírito combativo. Dessa maneira, nada que tinha de ser feito foi omitido nesse confronto, e no momento em que as circunstâncias sugeriam a adoção de alguma medida, as providências necessárias eram tomadas imediatamente. (POLÍBIO, *Histórias*, X.13.1-5, tradução de Mário da Gama Kury)

Em *Do general*, Onassandro também se mostra defensor dessa idéia; afirma que o general deve lutar cautelosamente e não impetuosamente, ou mesmo privar-se do combate corpo-a-corpo. Pois mesmo que calhe de ser um excelente guerreiro como os chefes da *Iliada*, o benefício que poderia trazer lutando não se compara à perda que o exército sofreria com sua morte, uma vez que “o conhecimento de um general é muito mais importante do que sua força física. E até mesmo um soldado comum pode realizar atos grandiosos por valentia, mas ninguém além do general pode, através do conhecimento, planejar algo superior”. E conclui que “enquanto o general que comandou muitas vezes com a sabedoria ficará satisfeito ao ser exaltado pelos sucessos obtidos por seu espírito, aquele que é tão tolo que, se não vier às mãos com os inimigos no decorrer da batalha, não julgará ter praticado ele próprio nada digno, não é corajoso, mas irracional e temerário” (ONASSANDRO, *Do general*, XXXIII.1-4).

E Poliano ilustra a necessidade de cuidar da segurança do general com uma analogia que atribui ao general ateniense Ifícrates, famoso pelo uso freqüente dos πελταστοί (“tropas ligeiras”), muito eficazes nos combates contra Esparta, principalmente em 390 a.C. no porto ocidental de Corinto:

Ifícrates comparava as fileiras de um exercício ao corpo humano. Ele dizia que a falange era o tronco; as tropas ligeiras, as mãos; a cavalaria, os pés; e o general, a cabeça. Quando as outras partes estão faltando, o exército fica manco e deficiente, mas quando o general é morto, então todo o exército torna-se imprestável. (POLIANO, *Estratagemas*, III.9.23)

A insistência de alguns autores em garantir a segurança do general está fortemente baseada no fato de que, mesmo depois de tanto tempo desde a composição dos poemas homéricos, muitos generais ainda guardavam o espírito antigo e a necessidade de conseguir glórias para si através de atos arriscados de bravura. E depois de Alexandre, o grande, que ficou famoso por sua impetuosidade, tomando a frente da cavalaria macedônica, a qual foi decisiva em várias de suas batalhas, muitos foram os que nele se inspiraram e buscaram imitá-lo. De uma maneira geral, a autoridade do general continuou fortemente ligada à glória particular garantida por feitos individuais e pelo confronto direto, mesmo entre os Romanos. Por esse motivo, quase nenhum general da Antiguidade, segundo nos mostram as fontes, absteve-se completamente de exibir suas qualidades pessoais, seja praticando atos de bravura, como Alexandre, seja simplesmente contando aos seus soldados alguma façanha da juventude, como Cipião Africano (GARLAN, 1972, p.171). Era essa uma forma de conseguir a confiança dos soldados, com o que também Onassandro demonstra preocupação: a boa reputação é para ele uma das qualidades essenciais do general, uma vez que os soldados confiam mais num general que saibam de antemão ser melhor do que eles (ONASSANDRO, *Do general*, I.11 e 17).

De volta a Xenofonte, temos no *Ciro da Ciropédia* um paradigma do bom general que em muito semelha ao de Onassandro: *Ciro* tem consciência de que o relacionamento entre o general e os soldados é ainda mais importante do que sua habilidade tática (II.1.25-28), sabe interpretar ele mesmo os auspícios (I.6.2) e está atento à preparação e ao bem estar dos soldados (I.6.16-19). Da conversa entre *Ciro* e Cambises no primeiro livro, em que o filho pede alguns conselhos ao pai sobre a arte de comandar um exército, uma série de falas de *Ciro* denotam que desde já tinha conhecimento de uma série de qualidades necessárias ao bom desempenho da função: “eu penso que o príncipe e o que manda tem de exceder os súditos e os que lhe devem obediência não em malícia, nem em engano, nem em ócio, mas em

prudência, trabalho e feitos” (I.6.8); “para que os soldados possam melhor exercitar-se em todas as obras de guerra, parece-me conveniente por-lhes em algumas contendas e desafios e prometer prêmios aos que bem o fizerem; e dessa maneira os terei mais exercitados para poder melhor servir-me deles quando perceber que é necessário” (I.6); “para animar e exortar os soldados me parece que não há coisa mais eficaz do que lhes dar esperanças muito boas” (I.6).

Já os antigos tinham os preceitos estratégicos da *Ciropédia* como um modelo universal de comando militar. Cícero, por exemplo, definia o retrato de Ciro nessa obra não como uma descrição histórica fidedigna, mas como efígie da autoridade justa (*non ad historiae fidem scriptus, sed ad effigiem iusti imperi*, CÍCERO, *Cartas a Quinto*, I.1.23).

Quanto à retórica militar, a *Ciropédia* também fornece uma série de exemplos. Xenofonte, como Homero, reconhecia a importância de exortar os soldados ao combate. Mas assim como nem na *Ilíada* os discursos exortativos eram tidos como úteis em toda e qualquer situação – lembro-me agora da repreensão que Pátroclo faz a Meríone, por sua arenga inoportuna (“Nos punhos está o fim da guerra; na assembléia, o das palavras. Não se deve prolongar o discurso, mas combater”, *Ilíada* XVI, 630-631) –, também na *Ciropédia* Ciro reconhece que a arenga há de ser pronunciada em situações específicas, sob risco de ser ineficaz:

A mim causaria grande estranheza, Crisantas, que àqueles que são completamente ignorantes da virtude guerreira um só discurso pronunciado com habilidade os ajudasse a ser valentes, mais do que um canto bem entoado poderia ajudar os que não têm a melhor habilidade musical a dominar a arte da música. (*Ciropédia*, III.3.55)

Por esse motivo, Ciro quase só pronuncia discursos elaborados ante aqueles que têm a suficiente formação prévia, a saber, seus sub-oficiais, pois somente assim pode tirar real proveito dessas palavras de ânimo. O bom líder, em Xenofonte, evita pronunciar arengas ao exército inteiro, como já era normal na historiografia grega desde Tucídides, em que o mais comum é que se exortasse apenas alguns dos sub-oficiais, os quais se encarregariam de levar a mensagem adiante.

Por trás desse comportamento há uma mentalidade influenciada pelo proceder espartano segundo o qual pronunciar uma arenga ante tropas sem formação prévia não serve de nada. Não serve de nada arengar ao conjunto das tropas formadas pelos persas e aliados de todo tipo. O único que convém numa situação extrema [...] são umas breves palavras exortativas ou de reconhecimento, mas não uma arenga tal como vemos que faz o rei assírio ante todas as tropas, [...] sem obter qualquer êxito. (ZOIDO, 1996-2003, p.166)



E num dos discursos exortativos que Xenofonte teria dado aos seus, está sugerido outro campo em que o general deveria sair-se bem: a psicologia militar, o saber lidar bem com os soldados, conhecendo-lhes as disposições, sabendo quando estão com medo, quando cheios de coragem e, assim, tomar as medidas necessárias, de acordo com o que pede a situação.

Companheiros, vocês sabem que eu nunca os levei a qualquer perigo intencionalmente. Pois vejo que vocês não desejam uma reputação gloriosa por bravura, mas antes permanecer vivos. Mas a situação atual é a seguinte: não é possível que escapemos daqui sem combater. Pois se nós não atacamos o inimigo, ele irá seguir-nos e assaltar-nos quando nos retirarmos da batalha. Portanto, vocês devem considerar se é melhor avançar contra os inimigos com as armas à mão ou dar-lhes as costas e ver o inimigo a perseguir-nos. Vocês sabem, contudo, que a retirada em face dos inimigos não é um movimento honrado, enquanto a perseguição torna confiantes mesmo os covardes. Além disso, eu ficaria mais feliz em conduzir uma perseguição com metade dos soldados do que bater em retirada com o dobro do número. (XENOFONTE, *Anábase*, VI.5.14-17)

Como para Xenofonte a qualidade do general valente emerge dos relacionamentos que ele estabelece com seus homens – assim o vemos na necessidade constante de estar próximo deles e mesmo de fazer refeições com eles –, “a capacidade de conquistar a confiança e a devoção das tropas é vista como fruto de um trabalho sábio, que com termos modernos poderia ser definido como ‘psicológico’”. A partir de Xenofonte, esse motivo da confiança e da obediência conquistadas com “uma habilidosa dosagem de múltiplos elementos, tais quais a demonstração de empenho pessoal e a inteligência da parte do comandante, o medo da punição e a confiança em receber alguma recompensa pelos méritos” (ZOIDO, 1996-2003, p.360) tornou-se um *tópos* e tem uma série de pontos análogos em *Do general* (cf. XXXIV.1) (AMBAGLIO, 1981, p.360).

### 3.3 Onassandro

Depois de recolhidos alguns pontos da literatura de guerra que precedeu a composição de *Do general*, fica mais fácil notar que o general sugerido nas indicações de Onassandro é decisivamente fruto dos feitos do passado e de paradigmas de liderança militar consagrados pela tradição. As fontes desses feitos e paradigmas, entretanto, são numerosas demais e a conexão com *Do general* raramente é imediata, porque Onassandro se isenta de citar explicitamente qualquer um de seus predecessores, com exceção de Homero (*Od.*, VII.36, em *Do general*, I.7; e *Il.*, XIII.122, em *Do general*, XXIII.1); e mais: o autor sequer relata episódios históricos ou míticos para exemplificar seus estratagemas, como o fizeram Enéias, o tático, Frontino, Poliano e tantos outros.

Apesar disso, não é assim tão difícil precisar ao menos os pontos de referência mais notórios. Além dos já citados paralelos com o general de Xenofonte, cuja obra, sem dúvida, constitui um ponto de referência privilegiado, numerosas poderiam ser essas referências às qualidades que reiteradamente emergem nos escritos de César e do *corpus* cesariano<sup>79</sup>: a capacidade de tornar os soldados fiéis e obedientes através da eloquência e do exemplo (cf. *Guerra da África*, LXXI; LXXII; LXXXI; *Comentários sobre a Guerra Gálica*, II.25), o cuidado constante com o bem-estar das tropas, o conhecimento prévio do inimigo, o recurso a refinados expedientes psicológicos para encorajar os seus e abater os adversários (cf. *Comentários sobre a guerra civil*, II.25, 31; III.92-93), a *clementia* para com os derrotados e a organização de *consilia* antes das batalhas (*Com. Guer. Gál.*, IV.23; V.33); há que considerar, entretanto, que César arriscava a vida nas batalhas e expunha-se aos mesmos perigos que seus soldados (cf. *Guerra de Alexandria*, XXI), o que Onassandro condena em seu manual (*Do general*, XXXIII). E também não parecem casuais os numerosos pontos de contato com a narração de Flávio Josefo e o retrato do general que o historiador judeu fornece em *Guerra judaica*, II.20.577-580: ele procura estar cercado dos melhores oficiais, preocupa-se com a saúde e o bem-estar das tropas e tem um olho sempre voltado para o potencial do inimigo.

---

<sup>79</sup> A autoria do *corpus* cesariano é questionada.

Como o Ciro da *Ciropédia* de Xenofonte, o general de Onassandro é, também, “uma suma de virtudes e habilidades” (PETROCELLI in ONOSANDRO, 2007, p.16): conhece astronomia, sabe interpretar ele mesmo os auspícios, cercar-se de homens valentes, guiar com sabedoria o exército em marcha, cuidar do treinamento e do bem-estar físico e psicológico das tropas, conduzir um assédio com sucesso, obter informações úteis para a batalha através de espiões e desertores, prever os próximos passos do adversário, utilizar os diversos contingentes do exército (a cavalaria, a infantaria e as tropas ligeiras) e servir de exemplo sem precisar, para isso, arriscar a vida.

A primeira lista de atributos do general ideal apresentada por Onassandro é bastante objetiva e breve, mas embora apresente as características muito abreviadamente, ainda assim é possível recuperar fontes que possivelmente o inspiraram. O que expõe não são virtudes exclusivas do exercício do comando militar, que exijam algum conhecimento técnico de tática, poliorcética ou engenharia militar. São, antes, qualidades que se poderia definir “éticas”, as quais prescindem do treinamento militar e da experiência em campo para se desenvolverem: crescem com o hábito de praticar ações virtuosas, em quaisquer contextos.

Em primeiro lugar, ele frisa que o general não deve ser escolhido por ser bem nascido ou rico – o que retoma no segundo capítulo, dizendo que “o pobre e virtuoso não deve ser rejeitado, mesmo que não tenha origens ilustres” (II.1); seus critérios são outros. Contudo, nota que o berço nobre e a reputação dos ancestrais podem ter sua serventia, uma vez que, somados às boas ações, serviriam para tornar mais admirável e digna de confiança a figura do chefe, assim como do general bem reputado (εὐδόκιμος) os soldados desconfiam menos (I.11). Quanto à riqueza, ainda que não seja fundamental, pode proporcionar ao general mais possibilidades no cuidado com o bem-estar do exército, a compra de maquinaria de guerra, melhores prêmios para os soldados que se provam mais valentes, etc. Se um general rico é virtuoso, há de gastar suas riquezas na guerra, a exemplo do Clearco de que fala Xenofonte (*Anábase*, II.6.1-5), e não com amantes ou outros prazeres desse tipo, como outro faria. Onassandro adverte, contudo, que é preciso que seja também ἀφύλαργυρος, que não tenha apego ao dinheiro (I.8), o qual deixa cegos os que o amam. Talvez tivesse em mente os exemplos positivos de Agesilau (XEN., *Agesilau*, IV) e de Lúcio Emílio Paulo; este último não só recusou presentes, mas, tendo a possibilidade de conseguir o que quisesse, não desejou nada; foi tão desapegado que, mesmo tendo voltado da Espanha com mais ouro do que qualquer outro de seus contemporâneos, não se apropriou dele (DIODORO SÍCULO, *Biblioteca histórica*, XXXI.26).

O general tem de ser σώφρων (“temperante, moderado”), possuidor de uma σωφροσύνη que, no âmbito militar, surge como um misto de “prudência, inteligência, moderação e sabedoria. [...] A moderação requerida é a moderação sábia, mas, sobretudo, casta, é a capacidade de não se deixar seduzir pelos prazeres do corpo” (PETROCELLI in ONOSANDRO, 2007, p.140, n.26), qualidade essa muito difícil de encontrar. A σωφροσύνη entendida como auto-controle de maneira mais geral é encontrada no César de Plutarco (PLUTARCO, *Vida de César*, XVII.9-11), no espartano Arquidamo (TUCÍDIDES, I.80-85) e no político e general ateniense Timóteo, tal como descrito por Isócrates (ISÓCRATES, *A Timóteo*, XV.115-128). Agesilau, por sua vez, nos “serviços de Afrodite” era controlado como poucos, tendo até se recusado a receber um beijo como cumprimento de Megabates – uma vez que era comum entre os Persas saudar-se dessa maneira (XEN., *Agesilau*, V.2-4)

Enquanto a σωφροσύνη refere-se ao controle das paixões e dos prazeres do corpo, outro tipo de controle se vê refletido na ἐγκράτεια (“auto-controle, equilíbrio”), também tida por Onassandro como requisito para o bom general (I.3). O termo, que por vezes é usado como sinônimo de σωφροσύνη (cf. XEN., *Ciropédia*, VIII.1.30), também em *Do general* não se distingue tanto deste último, visto que designa o domínio de si e dos impulsos em vista das necessidades do momento, o qual é imprescindível à vida militar, especialmente à do general (cf. TÁCITO, *Anais*, II.44.1).

Ainda outra sutil nuance de moderação requerida do general estaria em evitar os serviços extravagantes (αἱ πολυτελεῖς θεραπείαι), o excesso de luxo (*Do general*, I.5), sendo moderado e frugal (λιτός) também no comer e no beber, como o Ciro da *Ciropédia*, que, em conversa com o pai, diz: “procuro não comer até me fartar, porque isso é coisa muito grave e pesada [...]; e dessa maneira parece que me durará mais a saúde” (XEN., *Ciropédia*, I.6.17). Também Agesilau tinha a embriaguez e a gula como algo de que se deve manter distância, tal qual a loucura (XEN., *Agesilau*, V.1-3; *Helênicas*, IV.5.8), e prezava tanto a simplicidade que não dormia em camas mais confortáveis do que as de seus soldados (XEN., *Ag.*, V.1-2). Segundo Frontino, Aníbal também se privava de luxos: dormia no chão, cobrindo-se somente com sua capa (*Estratagemas*, IV.3.8). Outras considerações sobre a importância da frugalidade encontram-se em Políbio (XI.10.3) e ainda em outra passagem da *Ciropédia* (I.4.4). A necessidade na moderação no comer e beber é exigida genericamente aos soldados, no capítulo XII de *Do general*, pois os soldados que comem moderadamente são conseqüentemente mais capazes no combate. Ora, um general que ordena a seus subordinados

que sejam frugais enquanto come desenfreadamente uma comida muito requintada é, no mínimo, contraditório e dificilmente será digno da confiança de seus subordinados.

Ao que parece, Ciro e Agesilau – conforme o retrato que deles fez Xenofonte – foram modelos de líderes ἐγκρατεῖς, σώφρονες e λιτοί que inspiraram Onassandro na composição desses primeiros itens da lista de atributos do general ideal.

Onassandro aponta também duas formas de resistência em que o general haveria de se destacar. A primeira é a resistência ao sono, o ser vigilante ou sóbrio (νήπτης, I.4), que Enéias, o tático, exige também dos soldados que se ocupam das guardas noturnas (cf. ENÉIAS, O TÁTICO, *Poliorcética*, XXII), mas que é especialmente importante para o general que, segundo Onassandro, teria de cuidar dos planos de guerra e das demais preparações durante a noite, quando não se ocupava de outras tarefas. Mais uma vez, essa virtude encontra-se em Ciro (XEN., *Ciropédia*, I.6.42).

Como outra forma de resistência, o autor assinala a qualidade do διάπρονος (I.6), a resistência à fadiga advinda do trabalho (πόνος), a qual, em qualquer atividade humana tem um valor formativo (cf. XEN., *Memoráveis*, I.2.19-23). A justificativa do autor é breve (“para não ser o primeiro, mas o último do exército a se cansar”), mas entende-se que o general tivesse de ser o último a se cansar, principalmente para assegurar a devoção dos soldados, guiando-os através do exemplo pessoal. Pois, como um pai, o general não deve instruir somente com palavras e ordens, mas com o testemunho de seus próprios atos. Desse modo, a frugalidade e as demais formas de moderação das quais já falei, quando bem vividas pelos generais, atuam como meios de formação de seus subordinados, não os incentivando a praticar atos desmedidos, mas a levar uma vida simples e sem luxos, pautada pela moderação: pois, como os filhos imitam os pais nas coisas boas e ruins, assim os soldados tendem a imitar seus líderes, seja nas coisas boas, seja nas ruins. Cambises ensina a Ciro que o general deve sofrer mais do que os soldados e suportar melhor do que eles o sol forte, o frio e todo tipo de dificuldade, porque isso “contribui para ele ser mais amado (φιλεῖσθαι) pelos seus” (XEN., *Ciropédia*, I.6.25). Essa resistência se vê bem ilustrada também num episódio da vida de Alexandre, o grande, narrado por Arriano: quando o exército marchava por uma região deserta sob sol escaldante à procura de suprimento de água, Alexandre, ainda que tivesse muita sede e estivesse já muito cansado, seguiu o caminho a pé, a fim de que suas tropas enfrentassem mais duramente as dificuldades ao ver a persistência do líder (ARRIANO, *Anábase*, VI.26.1-3). Alexandre foi ilustrado por muitos como modelo de general em termos

de exemplo pessoal de resistência e bravura (cf. POLIANO, *Estratagemas*, IV.3.8; PLUTARCO, *Vida de Alexandre*; ARRIANO, *Anábase*).

Onassandro prossegue a lista com o adjetivo νοερός (I.7), designando uma atenção especial ou ligeireza de raciocínio imprescindível, porque nem sempre o general dispõe de uma noite inteira para planejar seus próximos passos, mas muitas vezes é pego por imprevistos não raros na guerra e que não lhe dão tempo para elucubrações. Nas palavras dos Coríntios, a *celeritas* no pensar e no agir é uma das características próprias dos Atenienses, contraposta à lentidão atribuída aos Espartanos (TUCÍDIDES, I.70.7). Não se deve confundir-la, contudo, com o tomar atitudes impensadas.

O general ideal precisaria ainda não ser nem jovem nem velho: o meio-termo é a melhor escolha. Pois enquanto ao velho falta δύναμις (que se entende como “vigor físico”), ao jovem falta φρόνησις (“sabedoria prática, bom senso”), a qual, conforme já foi dito anteriormente, foi pensada por Aristóteles como um saber prático que “não tem por objeto somente o universal, mas deve também conhecer os particulares, pois que dirige a ação e a ação dirige-se aos particulares” (*Ét. Nic.*, 1141b). É, portanto, a capacidade de deliberar bem, ou seja, de calcular exatamente os meios necessários para alcançar um fim bom. “Ora, visto que ninguém delibera sobre as coisas que não podem ser diferentemente [, isto é, as coisas necessárias], a φρόνησις pertencerá àquela parte da razão que tem por objeto as realidades que podem ser diferentemente [, isto é, contingentes], que não são nem ‘sempre’ nem ‘geralmente’” (BERTI, 2002, p.146). Ela inclui tanto o conhecimento dos casos individuais, que requer certa experiência, quanto, em certa medida, o conhecimento do universal, ou seja, o saber aplicar uma característica geral a uma situação em particular. Aristóteles dá o seguinte exemplo: “Com efeito, se um homem soubesse que as carnes leves são digeríveis e saudáveis, mas ignorasse quais são as carnes leves, esse homem não seria capaz de produzir a saúde; mas, pelo contrário, poderia produzi-la o homem que sabe que a carne de galinha é saudável. Ora, a *phronēsis* diz respeito à ação. Portanto, deveríamos possuir as duas espécies de conhecimento” (*Ét. Nic.*, 1141b). A φρόνησις presente na obra de Onassandro não parece chocar-se com a concepção aristotélica: φρόνιμος é aquele “que possui sabedoria, prontidão, prudência e sagacidade, que só se podem construir graças a uma experiência válida e madura” (PETROCELLI in ONOSANDRO, 2007, p.145, n.40).

Um dos elementos de maior importância para o general é exatamente essa φρόνησις que deve vir acompanhada do saber estratégico – assim anuncia Onassandro no

“Proêmio”. A estratégia e essa φρόνησις são claramente coisas distintas, pois enquanto a primeira é um saber e, como tal, pode eventualmente ser esquecida, a φρόνησις é algo que não se pode perder, visto que é “um modo de ser, uma virtude inclusive no sentido moral” (BERTI, 2002, p.159). Os melhores generais são, portanto, aqueles que, por suas experiências prévias – e por que não também pela riqueza de *exempla* com que a história e a literatura o provêm? –, prevêm os próximos passos dos inimigos e conseguem conceber em suas mentes uma série ampla de possibilidades, o que os move a antecipar decisões e iniciativas. Sua prudência permite-lhes prever possíveis perigos e imprevistos – “como o bom médico que diagnostica previamente uma doença do corpo” (*Do general*, XXX.1) – e, assim, cercar-se das precauções necessárias. Destaco algumas passagens na obra em que essa preocupação com a antecipação está mais visível:

Quando quer que, de fato, esteja para fazer a passagem por estreitamentos ou conduzir o exército por terras montanhosas e difíceis de transpor, é indispensável que despache com antecedência uma parte da força e ocupe de antemão tanto as passagens entre montanhas quanto as gargantas estreitas, de forma que os inimigos não cheguem primeiro e instalem-se nos pontos mais altos, impedindo que se faça a travessia. (*Do general*, VII.1)

É preciso suspeitar das retiradas dos inimigos, não as seguir vulgarmente, observar as cercanias – mais os terrenos do que os inimigos – e ver por que regiões conduz o exército, além de considerar que é mister retornar por esse mesmo caminho e não dar nenhum passo adiante, mas desviar-se do trajeto; ou, avançando, observar previamente as passagens entre montanhas e ainda deixar guardas auxiliares nos estreitos que as conectam, para que seu regresso seja seguro. (*Do general*, XI.4)

E mesmo que não se esteja na iminência de um combate, é preciso dar essas senhas no acampamento em vista dos tumultos imprevistos. (*Do general*, XXVII.2)

Há que lembrar que um importante recurso de que faz uso Onassandro para sugerir essa φρόνησις é o uso do prefixo προ-, que freqüentemente marca o caráter antecipatório e preventivo das ações do bom general e cujas ocorrências em *Do general* e na *Poliorcética* se encontram recolhidas nas tabelas 4 e 5, no capítulo anterior. É também digno de nota o fato de φρόνιμος ser o adjetivo mais recorrente no manual de Enéias, o tático, por resumir de forma mais completa as qualidades por ele requeridas de quem quer que ocupe um posto militar (cf. ENÉIAS, O TÁTICO, *Poliorcética*, I.4; III.4; V.1; PETROCELLI in ONOSANDRO, 2007, p.145, n.40).

E dentre todos os manuais militares da Antiguidade, é no de Onassandro – e também no de Vegécio, se considerarmos as obras dos romanos – que a retórica militar como um elemento integrado à exposição preceptiva recebe maior protagonismo. Em Frontino e Poliano, a importância das arengas militares é mencionada em uma ou outra passagem;

Enéias, o tático, apenas sugere que fosse necessária; as obras de tática de Asclepiodoto, Arriano e Eliano sequer a mencionam, uma vez que o assunto não cabe num manual puramente de tática; e nas obras de engenharia militar tampouco seria conveniente falar sobre retórica militar. Eis o que diz Onassandro:

[Que seja] competente no discursar (λέγειν δ' ἱκανός), pois julgo que daí há de vir o máximo de vantagem para o exército. Se o general impele à batalha, o poder encorajador do discurso faz desprezar os perigos e desejar as coisas nobres. Uma corneta retumbando nos ouvidos não acorda tão bem as almas para o conflito do prélio quanto um discurso proferido para o incitamento à virtude combativa desperta a inteligência a lançar-se como um dardo contra os perigos. E se algum infortúnio ocorre ao exército, o poder consolador do discurso vem revigorar as almas. O discurso de um general é de tal modo eficaz para aliviar os infortúnios nos exércitos acampados que é muito mais útil do que os médicos que se ocupam dos feridos. Pois com seus remédios eles cuidam unicamente daqueles, enquanto o general põe mais bem dispostos os que padecem e ainda desperta os sadios. E assim como as doenças invisíveis têm um tratamento mais difícil do que as visíveis, é mais complicado curar as almas abatidas consolando com o discurso do que tratar uma doença que se evidencia na superfície do corpo. Nenhuma cidade enviará um exército sem generais; tampouco escolherá um general sem a capacidade de discursar. (ONASSANDRO, *Do general*, I.13-16)

A primordialidade dessa qualidade sobre outras fica evidente nos insistentes elogios que o autor tece a ela no trecho citado. A competência no falar é de onde advém “o máximo de vantagem para o exército” e “nenhuma cidade [...] escolherá um general sem a capacidade de discursar”. O discurso, combinado a outros meios, permite ao general alterar as disposições psicológicas dos soldados nas mais diversas situações, seja quando um pânico toma conta do exército, seja quando os soldados se encontram desanimados por conta de uma derrota, seja quando se atemorizam por contemplarem um inimigo aparentemente superior em número e em armas, seja quando se tornam desobedientes e indisciplinados por um motivo qualquer. A palavra, enfim, é parte indispensável da *πανοπλία* do general.

A expressão que o autor utiliza para se referir à competência em discursar é *λέγειν ἱκανός*, exatamente a mesma usada por Xenofonte no *Hipárquico* (VIII.22) para indicar uma das qualidades do bom comandante de cavalaria. Mais uma vez, é possível que Onassandro tenha se inspirado em Xenofonte. A expressão ocorre também no *Sylloge Tacticorum* (I.3 e I.30), nas *Táticas* de Leão VI (II.1 e II.12) e em manuais bizantinos não diretamente inspirados pela obra de Onassandro, como, por exemplo, no anônimo *Ναυμαχία* (IX.15-20) e no *Στρατηγικόν* atribuído ao imperador Maurício (VII.5).

Onassandro principia por mostrar a pertinência do discurso nos momentos que antecedem o combate, quando as tropas já estão organizadas e prontas para o prélio. Nesse momento, ele funciona como *παρακέλευσις* (“exortação, encorajamento”) e busca fazer



com que os soldados desprezem os perigos (δεινῶν καταφρονεῖν) e prezem as coisas belas e nobres (τῶν καλῶν ἐπιθυμεῖν), no que semelha à forma como os chefes homéricos exortavam seus exércitos, fazendo-os odiar o medo e a deserção e amar a bravura como fonte de imperecedoura glória futura e de espólios de guerra. Como lembrou Vegécio, esse tipo de exortação eleva a bravura dos soldados “principalmente se eles puderem imaginar a luta futura como se lhes fosse fácil a vitória. É conveniente, portanto, mostrar a frouxidão e os erros dos inimigos e lembrar as vitórias obtidas contra ele” (VEGÉCIO, *Epítome da arte militar*, III.12). Em seguida, Onassandro propõe uma primeira comparação entre o discurso e o som da σάλπιγξ (“corneta”) – um instrumento de sopro de uso militar, que servia para despertar o ardor combativo dos soldados e amedrontar as tropas inimigas – da qual conclui que o discurso exortativo fosse o mais eficiente dentre os dois.

Na seção IV, o autor acrescenta que as arengas serviriam ainda como instrumento com o qual o general deveria anunciar aos soldados que a guerra resulta de um motivo razoável, ou seja, que é uma guerra justa (*bellum iustum*), o que legitima a ação militar e reforça nos soldados o sentido do dever. Pois quando os soldados pensam que fazem uma guerra justa, que têm os deuses a seu lado e que o inimigo merece ser derrotado – porque foi ele quem provocou a guerra, muitas vezes praticando um ato injusto<sup>80</sup> –, lutam confiantes e ardorosos, enquanto “aqueles para os quais as causas são fracas, quando suspendem o grande peso da guerra, rápido são esmagados e vêm a falhar” (*Do general*, IV.4).

Uma segunda situação em que o discurso é apresentado pelo autor como oportuno é o momento em que o exército é tomado por infortúnios (πταῖσμα) que podem atingi-lo durante uma batalha ou mesmo durante uma campanha. Nessas ocasiões, o λόγος já não é estimulante ou encorajador, mas revela seu poder de consolação e reparação (παρηγορία), buscando minorar o desânimo dos combatentes e dando-lhes motivos para persistir bravamente em combate ou campanha. A analogia que usa é outra: compara o discurso consolador à medicina, de modo que a palavra do general teria um poder de cura ainda maior do que os remédios e tratamentos prescritos por um médico. Além disso, marca que o trabalho do general é muito mais complexo do que o do médico, uma vez que uma doença do corpo é mais fácil de diagnosticar, por ser o mais das vezes visível, enquanto a ἀθυμία (“desânimo”) da alma não é fácil de notar com os olhos. Essa consideração é também feita por Plutarco

---

<sup>80</sup> Esse discurso corresponderia à *cohortatio* (“discurso exortativo”) de que falava Cícero, pois busca suscitar, igualmente, nos ouvintes – nesse caso, os soldados – uma revolta contra a injustiça cometida pelos oponentes (CÍCERO, *Retórica a Herênio*, II.24).

numa diatribe da *Moralia*. Segundo ele, os diagnósticos de doenças somáticas são simples. O diagnóstico, em Hipócrates, por exemplo, ainda que considere cada paciente em sua individualidade, baseia-se em informações coletadas através dos órgãos dos sentidos (principalmente a visão). E, no tratado sobre a arte médica, Hipócrates afirma que qualquer um é capaz de se curar sozinho, uma vez que consegue perceber a doença (note-se que o *διότι*, o conhecimento dos “porquês” da doença, no entanto, está restrito àqueles que dominam a *τέχνη* médica). Plutarco segue considerando que, por outro lado, o diagnóstico de uma doença da alma não pode ser feito pela própria pessoa acometida por ela, uma vez que afeta exatamente o lugar onde são realizados os juízos, ou seja, o raciocínio (*λογισμός*), não sendo possível ao doente saber da própria doença. Assim, “nem os insensatos, nem os licenciosos, nem os injustos pensam errar, mas alguns julgam até acertar, [...] muitos chamam a cólera de coragem, o desejo erótico de amizade, a inveja de emulação e a covardia de segurança” (PLUTARCO, *Se as afecções da alma são piores que as do corpo*, 500f). E é pela ignorância de julgarem acertar naquilo em que erram, já que não foi por eles corretamente diagnosticado, que muitos doentes da alma “fogem dos filósofos”, esses que para Plutarco fariam à alma o que os médicos fazem ao corpo. Onassandro, em contrapartida, parece com sua analogia atribuir aos generais, ainda que numa situação muito específica e não em todos os contextos, essa função que Plutarco imputa aos filósofos. O general seria algo como “um psicólogo, que deve se ocupar de curar a mente dos soldados vencidos [e tudo o que transcende o meramente físico] como complemento da terapêutica física, que se ocupará de curar as feridas dos corpos dos soldados” (PANIAGUA AGUILAR, 2007, p.7), essa última também indispensável no contexto da guerra – Xenofonte já lembrava a necessidade do general ter sempre consigo um ou mais médicos (*Ciropédia*, I.6).

Vegécio também mostra a importância de o general “diagnosticar” possíveis afecções em seus soldados, buscando notar se lhes afeta o medo e a desconfiança:

É muito conveniente indagar aos soldados, no dia mesmo do combate, o que lhes parece, porque se reconhece o medo ou a confiança em suas fisionomias, palavras, gestos e andar. Entretanto, não tenhas muita confiança quando o jovem soldado parece desejar a batalha, pois que o combate parece desprezível aos que ainda não tomaram parte nele. Mas se os soldados experientes o temem, tens de evitar a batalha. (VEGÉCIO, *Epítome da arte militar*, III.12)

Em *Do general*, XIV, fica ainda mais demarcada a importância da arenga como um instrumento de manipulação psicológica dos soldados, pois que permite modificar a visão

que eles têm da situação como um todo e a percepção que têm do potencial dos inimigos e de si próprios:

Ambas as coisas sucedem aos exércitos: tanto temerem de tal forma os inimigos que não queiram enfrentá-los, quanto estarem tão confiantes que não se resguardem. Diante de cada uma dessas coisas é preciso que o general se organize e saiba quando tem de fazer o adversário parecer fraco – por meio do discurso (λόγος) e da feição (σχῆμα) – e quando deve fazê-lo parecer mais terrível e temível. (ONASSANDRO, *Do general*, XIV.2)

Nessa última frase, ao lado do cuidado com o discurso, é anunciado o cuidado com a feição (σχῆμα). O motivo, Onassandro anuncia-o na seção XIII, onde acrescenta que, ainda que as arengas sejam importantes, se o general se deixa trair ou contradizer por seus atos e expressões – dizendo uma coisa e aparentando outra –, ele não consegue levar a cabo seu plano de exercer uma influência psicológica positiva sobre seus subordinados. Portanto, o autor vê a necessidade de que, enquanto o exército esteja passando por alguma adversidade, o general mostre-se animado, cheio de confiança e nunca deixe transparecer o medo<sup>81</sup>, porque os soldados refletem diretamente a atitude do general e desconfiam das arengas que julgam dissimuladas e moldadas por conveniência (λόγοις τοῦ καιροῦ πεπλασμένοις), mas confiam naquelas que – pela aparência, pelos gestos e pela voz – são convincentes. Seria, portanto, da maior necessidade que o general-orador desempenhasse, como um ator, um papel, não devendo apenas decorar bem as falas, mas unir a isso expressões faciais e movimentos corporais adequados àquilo que fala, numa eloquência oral e gestual, além de buscar não se contradizer posteriormente, depois de já ter terminado o discurso:

Onassandro reclama a necessidade de uma determinanda *actio*, porque, ao fim e ao cabo, o general deve representar um papel fazendo ver seu bom estado de ânimo em uma situação adversa. A *pronuntiatio* acompanhava o discurso elaborado retoricamente da correta cadência da voz e de movimentos corporais concordantes com as posições assumidas no próprio discurso. Essa representação vai um passo adiante com a incorporação da *actio*, porque, se um orador queria transmitir a impressão de que uma circunstância estava revestida de gravidade, não podia limitar-se a manifestá-lo no ato da execução da alocução, em sua *performance*, mas devia fazer uma atuação em conformidade com a imagem da situação que pretendia transmitir. E se, pelo contrário, queria comunicar uma impressão de tranqüilidade, devia emanar relaxamento não só no discurso como em seus prolegômenos e em sua conclusão. Do contrário, as idéias apresentadas no discurso perdem a continuidade e se desligam da configuração da realidade postulada. Em suma, a persuasão pretendida fracassa em seu propósito porque a atitude do orador-general trai suas próprias palavras. (PANIAGUA AGUILAR, 2007, p.9)

---

<sup>81</sup> De modo semelhante, Vegécio adverte que os soldados que notam que o general não tem nenhuma esperança de vitória tendem a fugir (III.22.4).

Como um último trecho em que trata da retórica militar, cito a seção XXIII, onde Onassandro introduz algumas idéias sobre a funcionalidade da palavra durante o combate, como elemento de persuasão com efeitos diretos sobre os soldados. O autor aconselha que, ao longo da batalha, o general dê boas notícias sobre o desenrolar do combate – mesmo que mentirosas –, de maneira que o inimigo também as possa ouvir. Pois assim as tropas ficarão mais animadas, sabendo que estão em vantagem, enquanto os inimigos ficarão desencorajados e perderão as esperanças ao saber que seus companheiros estão sendo derrotados. E, em vista dessas alterações psicológicas, Onassandro chega a aconselhar que se conte uma mentira tão grande quanto a da morte do general inimigo:

Quando o chefe dos inimigos encontrar-se a certa distância (ou estando numa das duas alas, ou ajuntando os do meio da falange) é necessário bradar: “Morreu o general inimigo!” (ou o rei ou quem quer que seja). E é preciso bradá-lo de tal forma que até os inimigos possam ouvi-lo. Pois os seus, ao escutarem que o lado deles é mais bem sucedido, ganharão coragem e tornar-se-ão duplamente impetuosos; quanto aos adversários, ao ficarem sabendo de sua própria derrota, perderão o ânimo e é possível que até partam em fuga depois de receberem tal notícia. (ONASSANDRO, *Do general*, XXIII.1-2)

O discurso ou arenga militar, enfim, “tem como objeto a criação ou consolidação dos estados de ânimo” dos soldados e, portanto, requer-se de todo bom general que disponha de alguma habilidade retórica, a fim de que possa articular satisfatoriamente uma arenga adequada a cada situação. “Do mesmo modo que o bom político deve ter qualidades oratórias para ter êxito com seus concidadãos no governo do Estado, o general deverá ser um bom orador para ter êxito na direção do exército” (PANIAGUA AGUILAR, 2007, p.19).

Com efeito, é notável a insistência do autor na necessidade de o general exercer uma influência psicológica sobre seus subordinados, conquistando-lhes a confiança e pondo-os mais bem dispostos para o combate. De maneira geral, essa preocupação com uma influência psicológica “talvez reflita o amplo desenvolvimento, no final do séc. V e no início do séc. IV a.C., com respeito aos estudos realísticos das reações humanas” (SMITH, 1998, p.158), o qual se vê bastante presente na *Poliorcética* de Enéias, o tático. Mas Onassandro não restringe ao discurso exortativo a capacidade de influir na ψυχή dos seus. Menciona, ao longo do texto, outros meios, como o relacionamento mais próximo com os soldados, o empenho nas atividades, a promessa de castigos e recompensas, etc. Nisso mostra-se, mais uma vez, em dívida com Xenofonte, para o qual seria possível distinguir as qualidades do general valente a partir dos relacionamentos que cria com seus homens. Em Xenofonte,

a capacidade de conquistar a confiança e a veneração das tropas é vista como o fruto de um trabalho sábio que com termos modernos poderia ser definido como “psicológico”. O motivo da obediência que se obtém com uma habilidosa dosagem de múltiplos elementos como a demonstração de empenho pessoal e a inteligência da parte do comandante, e o medo da punição e a confiança em que os méritos serão recompensados [da parte dos soldados], torna-se, a partir de Xenofonte, um *tópos* e encontra pontos análogos no Στρατηγικός. (AMBAGLIO, 1981, p.360)

O uso do medo (φόβος) como instrumento psicológico é particularmente freqüente em Onassandro e em sua obra está “enriquecido de uma nova conotação, transformando-se numa das mais eficazes armas contra o inimigo” (AMBAGLIO, 1981, p. 361). Ele aparece sob a forma de três preocupações. A primeira delas está em provocar medo nos inimigos, buscando desencorajá-los e torná-los mais vulneráveis. Assim, em *Do general*, X.9, afirma que o general não errará se aproveitar a captura de um espião para passar-lhe a – possivelmente falsa – impressão de que seu exército está organizado e preparado, de modo que o espião reporte as vantagens deste a seu superior e, assim, provoque nele o medo, porque “as vantagens dos adversários, quando reportadas, provocam medo inevitavelmente; mas as desvantagens dispõem-nos a tomar coragem”. Em XXVIII, ele propõe que o cuidado em lustrar bem as armas e as armaduras, deixando-as brilhantes e esplendorosas, pode provocar medo nos adversários, ainda que não se preocupe em explicar melhor como isso se daria. O uso da corneta no contexto do assédio também seria uma outra forma de provocar medo nos inimigos com o falsear algo que não está para acontecer (XL.17).

E Onassandro sugere que até mesmo o general inimigo pode ser afligido se, durante uma negociação entre generais, o general escolher para acompanhá-lo a esse encontro “os mais fortes e apropriados dentre os jovens, os corpulentos, belos e altos, adornando-os com armas esplendorosas. [...] Pois muitas vezes, com a visão de uma parte, supõe-se que o todo seja tal qual. E um general, embora não se persuada tanto pelo que ouve, teme, contudo, o que se lhe põe à vista.” (*Do general*, X.14).

A segunda preocupação é a de buscar que os próprios soldados não sejam tomados por um medo infundado, pois que ele gera tumulto (XL.12-13) e é, ao fim e ao cabo, um falso profeta:

O medo, com efeito, é um falso profeta, que dará a crer que aquilo que se teme está acontecendo mesmo. E tudo o que acontece à noite, ainda que seja insignificante, é mais terrível para os assediados, pois em meio à escuridão ninguém diz o que enxerga: todos dizem o que escutam. E se um ou dois dos inimigos aparecer numa parte dos muros, os assediados, julgando que todo o exército já escalou os muros, voltarão para trás, deixando os parapeitos e as portas desertos. (ONASSANDRO, *Do general*, XLII.1).

É esse um cuidado a que Enéias, o tático, dedica toda uma seção, a qual recebeu posteriormente o título de “Pânicos” (Πανείων). Nela, propõe alguns meios de evitar o pânico e estratégias para usar o pânico em favor dos seus, infligindo-o aos inimigos:

Os tumultos e medos que ocorrem subitamente na cidade ou nos acampamentos, à noite ou durante o dia, esses são chamados de pânicos por alguns (o nome é peloponense e, especificamente, arcádio). Contra eles alguns recomendam – desejando acabar com eles – combinar sinais previamente entre os habitantes da cidade, os quais os reconhecerão ao vê-los. E eles saberão que há pânico do seguinte modo: notarão algum sinal de fogo previamente combinado num lugar de boa visibilidade para todos os da cidade, tanto quanto possível. Mas é melhor anunciar com antecedência que, onde quer que um medo ocorra entre os soldados, eles devem permanecer no local e bradar um *pean*, ou dizer que pode ser apenas um pânico e que sempre que um ouvir isto deve anunciar aos outros. E no exército, onde quer que não repliquem o *pean*, saberão que reina o medo. Mas se o general observar alguma razão para o medo, ele deverá mandar um sinal por trompete; e esse deve ser reconhecido como um chamado para a guerra. E é depois que se passa uma batalha e se é derrotado que os medos ocorrem em sua maioria, às vezes ainda de dia, mas com muito mais freqüência à noite. Então, para que tal coisa aconteça o menor número de vezes possível, é preciso, para a noite, ordenar a todos os soldados que fiquem armados ao máximo, como se algo estivesse para acontecer em torno deles. Assim, caso ocorra algo, é provável que eles estejam preparados e não sejam atacados de surpresa, nem sejam perturbados e aniquilados por medos inesperados.

[...]

E também já se deu fim a isso do seguinte modo. Quando houve tumulto no exército à noite, o heraldo proclamou silêncio, anunciando que quem delatasse aquele que soltou o cavalo que provocou o tumulto <receberia uma certa *quantia*>.<sup>82</sup>

[...]

E o próprio general, à noite, pode causar tumulto no exército dos inimigos, soltando no acampamento bandos de novilhas com sinos e outros animais, tendo antes dado vinho para beberem. (ENÉIAS, O TÁTICO, *Poliorcética*, XXVII).

Mas o medo nem sempre é algo negativo. O autor de *Do general* mostra que o medo, se infligido a seus soldados por ele mesmo e da maneira correta, pode ser uma arma eficiente para fazê-los se comportarem mais bravamente. Na seção XIV, retoma o tema da promessa de recompensas e castigos, já presente em Homero como forma de persuadir os soldados a combater com bravura – e mesmo os chefes, conforme se vê nos argumentos utilizados pelos enviados a convencer Aquiles a retornar à luta, no canto IX da *Ilíada*.<sup>83</sup> O medo de cometer erros pode levar um soldado a melhorar seu comportamento: “quando se rendem honras aos valorosos e não se negligencia a punição dos covardes, é natural que o exército tenha boas expectativas: uns temam cometer erros, outros ambicionem comportar-se

---

<sup>82</sup> Esse episódio é praticamente idêntico a outros dois, com a diferença de que neles, em vez de um cavalo, usou-se um asno para causar tumulto: um é narrado por Xenofonte (*Anábase*, II.2.19-21), a respeito do retorno do espartano Clearco depois da batalha de Cunaxa; outro é narrado por Poliano (*Estratégias*, III.9.4), a respeito da campanha de Ifícrates na Trácia. Não é impossível que esse estratégia tenha sido usado mais de uma vez, mas é mais provável que Poliano tenha se equivocado.

<sup>83</sup> *Il.* VIII, 289-291; IX, 277-282; X, 299-331; XVII, 229-232

com bravura (ONASSANDRO, *Do general*, XIV.3). A recompensa, em contrapartida, funciona como mais um meio de encorajar os homens, tal como se pode ver em Enéias, o tático:

Deve-se recompensar com presentes e honras os que se provarem os melhores nas situações de perigo e, por outro lado, castigar os que se mostrarem covardes. E que as honras sejam dadas de acordo com os costumes hereditários e também em conformidade com os costumes de cada lugar. Eis aquelas concedidas pelo general: panóplias, ornamentos, permissões para espólio, comandos de unidade de cinquenta homens, comandos de centúria, comandos de companhia, comandos de fileiras e outros postos de liderança conforme os costumes de cada lugar. Àqueles dentre os soldados rasos que se comportarem corajosamente, os postos menores; àqueles mais valorosos dentre os oficiais, os comandos mais elevados. Pois essas recompensas são tanto generosas para os que já atuaram com nobreza, quanto incentivos necessários àqueles que anseiam por isso. (ENÉIAS, O TÁTICO, *Poliorcética*, XXVII.1-14)

A promessa de honrarias e recompensas aos bravos é também atestada por Xenofonte (XEN., *Ciropedia*, I.6.18; II.1.23; VI.2.6; *Helênicas*, IV.2), para quem a perspectiva de levar para casa os frutos de um saque opulento é, por si só, incentivo suficiente para despertar o ardor combativo nos soldados. E nos *Estratagemas* de Frontino, numa passagem em que o autor narra um episódio provável ocorrido durante a batalha de Leuctra, em 371 a.C., o recurso ao medo é também atestado:

Quando Epaminondas, comandante dos Tebanos, estava para lutar contra os Espartanos, para fazer seus soldados não só fisicamente como também emocionalmente mais fortes, anunciou num discurso que os Espartanos tinham resolvido, se vitoriosos, matar todos os homens e levar mulheres e crianças embora como escravos, além de destruir completamente Tebas. Os Tebanos, provocados pelo anúncio, avançaram contra os Espartanos imediatamente num primeiro ataque. (FRONTINO, *Estratagemas*, I.11.6)

E na já citada seção sobre os pânicos, Enéias, o tático, apresenta um episódio em que um líder curou um medo ruim com um medo bom. Para por fim aos tumultos causados por medo dos inimigos, resolveu ele mesmo amedrontar seus soldados com a promessa de um castigo caso não o obedecessem, no que foi bem sucedido:

Eufratas, governador laconiano em Tebas, quando seu exército passou a ser tomado com frequência por ataques de medo noturnos, os quais não podiam ser cessados de nenhum outro modo, ordenou que se fizesse o seguinte à noite: que sempre que houvesse tumulto, todos deveriam imediatamente sentar-se no leito, perto das armas; ninguém deveria permanecer de pé. E se alguém fosse visto de pé por alguém, ordenaria a todos que fosse tratado como inimigo. Pois ele supunha que, por medo de sua ordem, ninguém se esqueceria disso. Além disso, para que a ordem realmente fosse recebida com medo, quando ocorreu um tumulto, um dos seus melhores homens foi atingido não mortalmente e um dos ordinários foi atingido para morrer. Como resultado disso, os homens deram ouvidos a ele e, tomando cuidado, deram fim aos tumultos e não mais se levantaram da cama com grande medo. (ENÉIAS, O TÁTICO, *Poliorcética*, XXVII.7-10).

Ora, pela forma como Onassandro expõe a coragem e o medo, sugerindo que houvesse uma série de nuances em cada um desses conceitos e que fosse possível usar o medo para provocar a coragem, faz lembrar a sistematização que Aristóteles faz na *Ética a Nicômaco* (1115b-1116a), obra donde, segundo Smith (1998), Onassandro deve ter tirado bastante proveito. Obviamente, Onassandro não é tão sistemático nem se preocupa tanto com a excelência moral quanto Aristóteles; aliás, algumas das sugestões do primeiro seriam provavelmente reprovadas pelo segundo, como as passagens em que estimula os generais a contarem mentiras e a procederem de um modo em que dá a entender que seu fim último não é nobilitante. Mas, apesar dos diferentes propósitos, um breve exame dessa passagem de Aristóteles é oportuno.

Com efeito, o estagirita discorre na *Ética* sobre a coragem (ἀνδρεία) e o medo e, tendo em mente as diversas atribuições que o senso comum e os escritores que o precederam deram a ambos, faz uma sistematização dos termos. Primeiramente, lembra que a coragem é o meio termo entre o medo (φόβος) e a temeriedade (θάρσος); e Onassandro conhecia essa medida, já que mostra os dois perigos extremos a que estão sujeitos os exércitos: “tanto temerem de tal forma os inimigos que não queiram enfrentá-los, quanto estarem tão confiantes que não se resguardem” (*Do general*, XIV.2) e afirma que “o medo oportuno é uma segura precaução assim como o desdém inoportuno é uma temeridade exposta aos ataques” (XXXVI.6). Logo, ser corajoso não é estar livre de todo e qualquer temor, o que, ao contrário, seria desprezível. Temer a desonra, por exemplo, é algo próprio das pessoas boas e decentes e não temê-la é sinal de baixeza. E “um homem também não é covarde se teme um ultraje aos seus filhos e à sua mulher, ou a inveja, ou algo da mesma natureza, nem é corajoso se se mostra arrogante quando está na iminência de ser açoitado” (*Ét. Nic.* 1115b), de forma que a coragem demanda uma dose saudável de medo. É covarde, entretanto, o que teme algo que não é de fato temível. Temer algo que não está para acontecer, por exemplo, é um comportamento covarde, pois “das faltas que cometemos, uma consiste em temer o que não deveríamos, outra consiste em temer como não deveríamos, outra em temer quando não deveríamos” (*Ét. Nic.* 1116b); e buscar evitar essa sorte de covardia, fundada num medo que é “um falso profeta”, é uma das preocupações de Onassandro (XLI.1-2; XLII.1). É esse “falso profeta” o que faz com que se considere “o ataque-surpresa mais perigoso do que aquilo que realmente está sendo executado” e com que se diga que “acontecem muitas das coisas que, na verdade, não estão sendo feitas” (XLI.2). Pois não eram incomuns os pânicos e os falsos



alarmes de guerra gerados pelo medo desenfreado dos soldados, especialmente durante um assédio, conforme denuncia o episódio da *Poliorcética* acima citado.

Entretanto, diante das coisas realmente temíveis, ninguém se mantém mais firme do que o homem corajoso que, segundo Aristóteles, é aquele que “escolhe e enfrenta as coisas porque é nobilitante agir corajosamente, ou porque é ignóbil não agir assim” (*Ét. Nic.*, 1116a). Logo, a que mais se aproximaria da verdadeira coragem seria a bravura do soldado-cidadão, à qual associa aquela dos heróis homéricos, que são corajosos porque os envergonha serem covardes e desonrados e porque aspiram a um objetivo nobre: a honra. Admite que o soldado compelido por seu superior a ser bravo, por sua vez, também possa ser considerado corajoso, conquanto seu mérito seja obviamente inferior, porque não age por vergonha ou em busca de honra, mas por medo, que obviamente é um sentimento menos nobre.

Assim, nota-se que, embora pareçam visar a um mesmo fim, o recurso ao discurso exortativo que aguça os brios (e a outros meios de encorajar e reanimar o exército) e o apelo ao medo são coisas diferentes. A exortação é um meio de reacender nos soldados sentimentos nobres, como o zelo pela honra e pelas nobres virtudes guerreiras – como acontece aos heróis homéricos –, o que se pode fazer através da promessa de honras futuras, da afirmação de que se trata de uma guerra justa (*Do general*, IV) e da lembrança de que a luta se dá em defesa de sua cidade e dos que lhes são mais caros<sup>84</sup>, etc. Os soldados revestidos por esse tipo de coragem são obviamente melhores e mais bravos, pois são movidos por motivos nobres. Já o recurso ao medo não reveste os soldados de outra coisa senão o próprio medo e há que pensar que esse é um recurso inferior. Júlio César, agudo observador do funcionamento da mente humana, apontava que “há no homem uma coragem instintiva e uma combatividade implantada em nós por natureza, que é inflamada pelo incitamento à batalha. Esse instinto explica porque os comandantes não reprimem tanto quanto encorajam.” (*Com. Guer. Gál.*, II.92-93). É provável que Onassandro estivesse consciente dessa diferença e que isso se tenha refletido na breve menção aos castigos para os covardes como forma de amedrontar os seus (*Do general*, XIV), em contraposição com o amplo tratamento dado aos meios positivos de encorajamento, bem mais consistentes e eficazes.

Uma segunda lista de atributos aparece nos dois parágrafos iniciais da seção II, como uma espécie de complemento da primeira lista. Nela são evidenciadas outras qualidades necessárias ao general, especialmente quanto ao trato com os soldados. O general haveria de

---

<sup>84</sup> Cf. CALINO, fr. 1W; TIRTEU, fr. 10W.

ser, pois, χρηστός (“propício, bom, benevolente”), εὐπροσήγορος (“atencioso”), ἔτοιμος (“diligente, pronto para”), ἀτάραχος (“imperturbável”) e μὴ οὕτως ἐπιεικῆς ὥστε καταφρονεῖσθαι, μήτε φοβερὸς ὥστε μισεῖσθαι (“não tão razoável a ponto de ser desdenhado, nem tão terrível a ponto de ser odiado”). Com efeito, Onassandro recorre ao *tópos* do justo meio entre a frouxidão e a severidade, apropriado a quem ocupa um cargo de liderança e outrora associado à figura de César, como general que tratava os seus com severidade e indulgência (SUETÔNIO, *Vida de Júlio César*, LXV.1), e à de Fócio, general rígido, porém benevolente (PLUTARCO, *Fócio*, II.7-9; X.4-8). Entretanto, pela maior recorrência de adjetivos que denotam uma posição mais benevolente – além de χρηστός, εὐπροσήγορος, ἔτοιμος, mencionadas na seção II, cito ainda εὐφορτος (“propício”), que aparece em XL.24 –, parece que a preocupação de Onassandro nesse momento não era tanto com a frouxidão (ou falta de pulso firme) quando com a severidade desmedida, a qual pode fazer com que seja odiado (μισεῖσθαι) pelos soldados. O cuidado aparece novamente em XL.24: se, por um lado, a benevolência (εὐμένειαν) gera emulação, por outro, a arrogância (τῦφος) gera inveja, de forma que o general tem de cuidar para que, com sua rudeza, não desperte maus sentimentos nos soldados. O adjetivo ἀτάραχος designa especificamente uma das condições fundamentais necessárias para que o general obtenha sucesso no âmbito militar, a capacidade de conseguir manter a organização das formações militares e de não se deixar perturbar por qualquer coisa (PETROCELLI in ONOSANDRO, 2007, p.159, n.65).

Ao longo da obra, o autor deixa também clara a necessidade de o general mostrar-se aos soldados, servindo-lhes de exemplo pessoal. Ainda que não recomende o combate direto, nota que “é necessário mostrar-se amante do perigo à massa de soldados, para provocar-lhes o ardor combativo” (XXXIII.5) e estar sempre mostrando-se aos seus, cavalcando ao longo das fileiras, estando próximo dos que correm perigo, elogiando os que se mostram corajosos, ameaçando os que se mostram covardes, encorajando os que hesitam, ocupando as lacunas e prestando socorro aos exauridos (XXXIII.6). Como lembrava Júlio César, “cada soldado deve saber que há um comandante para observar sua coragem” (*Com. Guer. Gál.*, I.52). Segundo lembra Goldsworthy (1998, p.156-157), a prática desse estilo de comando, com o general movendo-se bem próximo das fileiras, encorajando e impelindo os soldados, era freqüente entre os Romanos, especialmente durante a República, aparecendo nas narrações de batalhas de Júlio César (*Com. Guer. Gál.*, II.20-26; V.35; *Com. Guer. Civ.*, I.45), no *Crasso* de Plutarco (PLUT., *Crasso*, XXVI) e na descrição do comando de outros (PLUT.,

*Brutus*, XLI; APIANO, *Guerra civil*, IV.126). A proximidade com os soldados permitia ao general, além de encorajar os seus, testemunhar o comportamento deles e, assim, observar que tipo de atitude deveria ser tomada: se seria necessário repreender, consolar, etc.

Finalizo este trabalho com a consideração de outro ponto essencial no retrato do general ideal como delineado por Onassandro. Em todo o texto, a atenção ao *καιρός* salta aos olhos. O termo e seus derivados aparecem vinte e sete vezes no manual e denunciam a constante necessidade de o general estar atento às circunstâncias e de agir sempre no momento oportuno, sem antecipar-se demais, nem se atrasar. Se, por um lado, o autor sugere o cuidado em antecipar-se, refletido no uso repetido do prefixo *προ-*, por outro, ele nota que a antecipação nem sempre é oportuna. Diz, por exemplo, que “o general não deve revelar antecipadamente a ninguém nem com que fim nem para onde expedirá seu exército, a menos que julgue necessário advertir seus oficiais de algo” (X.22). Do mesmo modo, mostra que quando se combina um encontro com traidores do exército inimigo é preciso não chegar nem cedo, nem tarde demais, mas no momento oportuno, porque se “se aproximar do acampamento inimigo mais rápido do que devia”, será “flagrado antes dos traidores estarem prontos e, assim, será frustrado na empreitada”, e se “chegar tarde demais”, poderá ser “causa da morte dos traidores flagrados”, não vindo a cumprir nada do planejado (XXXIX). Para o general, seria vital o cuidado com o tempo em sua variabilidade concreta: “uma única hora – ou mesmo um só minuto – pode levar à ruína os que chegam cedo ou tarde demais” (X.27).

É o *καιρός*, aliás, o que define se o medo é ou não proveitoso: temer quando é oportuno não é covardia, mas algo necessário. Donde, “quando um exército está ocioso e inclinado a desobedecer aos líderes, é preciso dar sinais do perigo dos inimigos, mais do que tudo, fazendo temíveis as reservas daqueles”. Afirma que “não será covarde assim proceder, mas seguro, pois enquanto nos desânimos é imperioso estar confidente, nos períodos ociosos há que temer. Pois o medo faz covardes os corajosos e cautelosos os precipitados” (*Do general*, XIV.1). É o *καιρός* que define também quando o general “tem de fazer o adversário parecer fraco – por meio do discurso e da feição – e quando deve fazê-lo parecer mais terrível e temível” (XIV.2). E parece haver na concepção de Onassandro um momento oportuno para tudo: para proferir um discurso exortativo, para falsear algo (XXIII), para dar um grito de guerra (XXIX.1), oferecer sacrifícios aos deuses (XXXIV.1), permitir a pilhagem (XXXV),

tentar recuperar-se de uma derrota (XXXVI.3-4), etc.<sup>85</sup> Praticamente todas as ações empreendidas pelo general deveriam primeiro passar pelo crivo do *καιρός*, pois, por melhores e mais nobres que fossem, nem sempre eram oportunas.

O símile do piloto, que aparece três vezes em *Do general* (IV.5; XXXII.10; XXXIII.2) ilustra bem a importância do *καιρός*: a guerra, como o mar, é um espaço onde reina a instabilidade e a surpresa. Por conseguinte, o general tem de desempenhar sua função com prudência, previdência e cuidado em discernir o momento mais oportuno, como um capitão de navio. Precisa “prever a oportunidade, o momento, o porvir” (*προορᾶσθαι τὸν καιρόν, τὴν ὥραν, τὸ μέλλον*, XXXIII.6). E agir sem precipitação ou loucura, mas também sem que lhe falte segurança nas decisões (IV.6). Onassandro recomenda ao general um cuidado especial em analisar onde e quando combater, de forma que seria preciso adiar determinados combates se a ocasião e o teatro de guerra não se mostrassem propícios. Em suma, o general deveria combater com o máximo possível de vantagens sobre o inimigo, as quais ele deveria garantir com uma combinação de suas habilidades como general.

Da combinação de todos esses elementos aqui apresentados temos, enfim, um primeiro esboço do que seria o general ideal de Onassandro que, apesar de não ter um nome, uma pátria nem uma história definidos, tem sobrevivido desde o séc. I d.C. sob a forma de uma série de preceitos no texto que segue traduzido.

---

<sup>85</sup> O caso das honras fúnebres é uma exceção: elas devem ser prestadas sempre, independentemente das circunstâncias (XXXVI.1-2).

ΟΝΑΣΑΝΔΡΟΥ ΣΤΡΑΤΗΓΙΚΟΣ	DO GENERAL, de Onassandro
<p style="text-align: center;"><b>PROOIMION</b></p> <p>(1) Ἰππικῶν μὲν λόγων ἢ κυνηγετικῶν ἢ ἀλιευτικῶν τε αὖ καὶ γεωργικῶν συνταγμάτων προσφώνησιν ἡγοῦμαι πρέπειν ἀνθρώποις, οἷς πόθος ἔχεσθαι τοιῶνδε ἔργων, στρατηγικῆς δὲ περὶ θεωρίας, ᾧ Κόιντε Οὐηράνιε, Ῥωμαίοις καὶ μάλιστα Ῥωμαίων τοῖς τὴν συγκλητικὴν ἀριστοκρατίαν λελογχόσι καὶ κατὰ τὴν Σεβαστοῦ Καίσαρος ἐπιφροσύνην ταῖς τε ὑπάτοις καὶ στρατηγικαῖς ἐξουσίαις κοσμουμένοις διὰ τε παιδείαν, ἧς οὐκ ἐπ' ὀλίγον ἔχουσιν ἐμπειρίαν, καὶ προγόνων ἀξίωσιν. (2) ἀνέθηκα δὲ πρώτοις σφίσι τόνδε τὸν λόγον οὐχ ὡς ἀπίροις στρατηγίας, ἀλλὰ μάλιστα τῆδε θαρρήσας, ἥ τὸ μὲν ἀμαθὲς τῆς ψυχῆς καὶ τὸ παρ' ἄλλω κατορθούμενον ἡγγόησεν, τὸ δὲ ἐν ἐπιστήμῃ τῷ καλῶς ἔχοντι προσεμαρτύρησεν. (3) ὅθεν, εἰ καὶ παρὰ πολλοῖς φανείη νενοημένα τὰ παρ' ἐμοῦ συντεταγμένα, καὶ κατὰ τοῦτο ἂν ἡσθείην, ὅτι μὴ μόνον στρατηγικὰς συνεταξάμην ὑφηγήσεις, ἀλλὰ καὶ στρατηγικῆς ἐστοχασάμην καὶ τῆς ἐν αὐτοῖς φρονήσεως, εὐτυχοίην τ' ἂν, εἰ, ἃ δὴ Ῥωμαίοις δυνάμει καὶ δι' ἔργων πέπρακται, ταῦτ' ἐγὼ λόγῳ περιλαβεῖν ἱκανὸς εἶναι παρὰ τοιούτοις ἀνδράσι δοκιμασθείην.</p> <p>(4) Τὸ δὲ σύνταγμα θαρροῦντί μοι λοιπὸν εἶπεῖν ὡς στρατηγῶν τε ἀγαθῶν ἀσκησις ἔσται παλαιῶν τε ἡγεμόνων κατὰ τὴν</p>	<p style="text-align: center;"><b>PROÊMIO</b></p> <p>(1) A livros sobre cavalaria, caça ou pesca, como também a tratados agrícolas, julgo adequada uma dedicatória aos homens cujo desejo por tais trabalhos perdura. Mas um sobre a teoria estratégica, Quinto Verânio, cabe dedicar aos Romanos. Principalmente àqueles dentre os Romanos que alcançaram a aristocracia senatorial e que, sob a sabedoria de Augusto César, vêm sendo designados para as magistraturas de cônsul e general, tanto graças ao treinamento – no qual não pouca experiência têm – quanto à reputação dos ancestrais. (2) Ofereci este livro primeiro a eles, não porque sejam inexperientes em estratégia, mas confiando principalmente nisto: no fato de que a ignorância da alma não percebe nem mesmo aquilo em que tem sucesso, enquanto o conhecimento, por sua vez, traz testemunho adicional sobre o que já está bem. (3) Portanto, se outros tantos também parecem ter refletido sobre as coisas de que tratei, ainda assim devo ser apreciado, pois não só compilei preceitos estratégicos, mas também visei à estratégia e à sabedoria prática nela implícita. Serei bem afortunado se as coisas conquistadas pela capacidade e através dos feitos dos Romanos, essas, junto aos tais homens, provar-me capaz de abranger no livro.</p> <p>(4) Resta-me dizer, confiante no tratado, que será tanto um aprendizado para os bons gerais, quanto um objeto de deleite</p>

<p>σεβαστήν εἰρήνην ἀνάθημα, εἰσόμεθά τε καὶ εἰ μηδὲν ἄλλο, παρ' ἦν αἰτίαν οἱ τε πταίσαντες ἐσφάλησαν τῶν στρατηγησάντων, οἱ τε εὐπραγήσαντες ἐγέρθησαν εἰς δόξαν· μάλιστα δὲ τὴν Ῥωμαίων ἀρετὴν ἐννοήσομεν, ὡς οὔτε βασιλεὺς οὔτε πόλις οὔτε ἔθνος μεῖζον ἡγεμονίας ἐκρατύνατο μέγεθος, ἀλλ' οὐδ' εἰς ἴσον ἤλασεν, ὥστε τοσοῦτοις βεβαιώσασθαι χρόνοις ἀκίνητον δυναστείαν. (5) οὐ γὰρ τύχη μοι δοκοῦσιν ὑπεράραντες τοὺς τῆς Ἰταλίας ὄρους ἐπὶ πέρατα γῆς ἐκτεῖναι τὴν σφετέραν ἀρχήν, ἀλλὰ πράξεσι στρατηγικαῖς. συνεπιλαμβάνεσθαι μὲν γὰρ εὐχεσθαι δεῖ καὶ τὴν τύχην, οὐ μὴν τὸ παράπαν οἶεσθαι ταύτην κρατεῖν. (6) ἀλλ' ἀνόητοι οἱ καὶ τὰ σφάλματα τῆς τύχης ἐγκλήματα μόνης ποιούμενοι, οὐ τῆς τῶν στρατηγούντων ἀμελείας, καὶ τὰ κατορθώματα ταύτης, οὐ τῆς ἐμπειρίας τῶν ἡγουμένων· οὔτε γὰρ ἐπεικῆς ἀνεπιτίμητον οὕτως ἀπολιπεῖν τὸν πταίοντα τοῖς ὅλοις, ὡς πάντων αἰτιᾶσθαι τὴν τύχην, οὔτε δίκαιον ἀμάρτυρον ἐπὶ τοσοῦτον ἐπαίνου τὸν κατορθοῦντα περιορᾶν, ἐφ' ὅσον ἀπάντων ἀνατιθέναι τῇ τύχῃ τὴν χάριν.</p> <p>(7) Ἐπειδὴ δὲ φύσει πάντες ἄνθρωποι τοῖς</p>	<p>para os velhos líderes no decorrer da <i>pax augusta</i>. E ainda saberemos – se nada mais – por que motivo alguns dos generais falharam, vindo a arruinar-se, e outros, agindo bem, elevaram-se à fama. Consideraremos especialmente a virtude dos Romanos, pois que nenhum rei, nenhuma cidade, nenhum povo tornou-se senhor de tão magna supremacia, tampouco dirigiu-se a uma mesma posição que assegurasse por tanto tempo uma dominação constante. (5) Pois como me parece, não estenderam sua primazia por acaso, ultrapassando as fronteiras da Itália rumo aos confins da terra; mas por meio de práticas estratégicas. De fato, é preciso rogar também à Fortuna para que ela venha em ajuda; mas não se pode pensar que ela tem o controle sobre tudo. (6) Ignorantes aqueles que apontam tão somente a Fortuna como causa das derrotas (e não a distração dos generais) e das vitórias (e não a experiência dos comandantes), já que não é razoável deixar completamente impune o derrotado como se a Fortuna tivesse culpa por tudo. Tampouco é justo deixar o vitorioso tão privado de testemunhos de seu louvor, que se venha a atribuir à Fortuna a graça de tudo.<sup>86</sup></p> <p>(7) Assim sendo, visto que por natureza todos os homens têm confiança, em verdade,</p>
--	--

<sup>86</sup> A atribuição dos desfechos de combates e guerras à ação do acaso foi um tópico bastante discutido entre gregos e romanos – muito se discutiu particularmente se a grandeza dos romanos procedeu ou não do acaso (cf. CICERO, *Manil.*, IV.10; TUCÍDIDES, I.144.4; VII.77.1-3; POLÍBIO, I.35; I.63.9; FLÁVIO JOSEFO, *Guerra judaica*, I.19.374; II.16.345-401). Plutarco dedicou um livro inteiro da *Moralia* para tratar sobre a *fortuna Romanorum* (cf. PLUTARCO, *Da fortuna dos Romanos*).

Também Dioniso de Halicarnasso preocupou-se em marcar na introdução das *Antiguidades romanas* o erro daqueles que atribuíam vitórias e derrotas tão somente ao poder da Fortuna (tu/xh): “É que ainda se ignora, entre os gregos todos, ou quase todos, a história antiga da cidade dos romanos, e certas crenças, que não são verdadeiras, mas que têm origem em rumores casuais, enganam a maioria, dizendo que os fundadores da orgulhosa cidade foram indivíduos sem casa, vagabundos, bárbaros que nem ao menos eram livres, os quais, com o tempo, foram conduzidos à hegemonia universal não graças a sua piedade, justiça e outras virtudes, mas por um certo automatismo (αὐτοματισμός) e pela ação de uma Fortuna injusta (ἄδικος τύχη), que dá ao acaso os maiores bens aos que menos merecem. Outros, mais malevolentes, têm o hábito de acusar abertamente a Fortuna (τύχη) por entregar aos piores bárbaros os bens dos gregos.” (DIONÍSIO DE HALICARNASSO, *Antiguidades romanas*, I.4.2, tradução de Jacyntho Lins Brandão)

μὲν δι' ἐμπειρίας συντετάχθαι δοκοῦσι, κὰν ἀσθενῶς ἀπαγγέλληται, τὸ πιστὸν εἰς ἀλήθειαν ἀπονέμουσιν, τοῖς δὲ ἀπείροις, κὰν ἦ δυνατὰ πραχθῆναι, διὰ τὸ ἀδοκίμαστον ἀπιστοῦσιν, ἀναγκαῖον ἡγοῦμαι περὶ τῶν ἐν τῷδε τῷ λόγῳ στρατηγημάτων ἠθροισμένων τοσοῦτο προειπεῖν, ὅτι πάντα διὰ πείρας ἔργων ἐλήλυθεν καὶ ὑπὸ ἀνδρῶν τοιούτων, ὧν ἀπόγονον ὑπάρχει Ῥωμαίων ἅπαν τὸ γένει καὶ ἀρετῇ μέχρι τοῦ δεῦρο πρωτεύον. (8) οὐθὲν γὰρ ἐσχεδιασμένοι ἀπολέμῳ καὶ νεωτέρᾳ γνώμῃ τόδε περιέχει τὸ σύνταγμα, ἀλλὰ πάντα διὰ πράξεων καὶ ἀληθινῶν ἀγόνων κεχωρηκότα μάλιστα μὲν Ῥωμαίοις· ἅ τε γὰρ ποιήσαντες ἐφυλάξαντο παθεῖν καὶ δι' ὧν ἐμηχανήσαντο δρᾶσαι, πάντα μοι συνείλεκται. (9) καίτοι οὐκ ἠγνόηκα, ὅτι μᾶλλον ἂν τις εἴλετο πάνθ' ἑαυτοῦ καὶ τῆς ἰδίας ἀγχινσίας τὰ στρατηγήματα δοκεῖν εἶναι, πλείονα θηρώμενος ἔπαινον τῶν πιστευσάντων, ἢ ἀπὸ τῆς ἀλλοτρίας ἐπινοίας· ἐγὼ δὲ οὐ παρὰ τοῦτ' ἐλαττοῦσθαι δοκῶ.

(10) Καθάπερ γάρ, εἴ τις ἐν πολέμοις αὐτὸς στρατευσάμενος συνετάξατο τοιόνδε λόγον, οὐκ ἂν παρὰ τοῦτο ἥττονος ἤξιούτο μαρτυρίας, ὅτι μὴ μόνον φυσικῆς ἀγχινσίας ἰδίαν εὔρεσιν εἰσηνέγκατο στρατηγημάτων, ἀλλὰ καὶ τὰ δι' ἄλλων εὖ πραχθέντα μνήμη παραθέμενος εἰς σύνταξιν ἤγαγεν, οὕτως

nos que parecem ter escrito a partir das experiências – mesmo que as relatando de forma ineficaz – e não confiam nos inexperientes, por causa da ausência de comprovação – ainda que os escritos possam ser postos em prática –, julgo necessário antecipar o seguinte sobre os estratagemas reunidos neste livro: que todos eles vêm da experiência de labores e à custa destes homens, dos quais descende toda a primazia dos Romanos em raça e virtude até então. (8) Este tratado não compreende nenhuma improvisação da parte de uma mente não-bélica e juvenil<sup>87</sup>, mas tudo o que segue é consequência de práticas e conflitos autênticos, principalmente dos Romanos; as coisas que fizeram e cuidaram de não padecer e os meios pelos quais engenharam fazê-lo, tudo foi por mim reunido. (9) E não ignorei sobremaneira que quem quer que seja prefere, antes, que os estratagemas pareçam ser todos seus e de sua própria perspicácia a procederem da inventividade de outrem, em busca de uma maior aprovação da parte dos crédulos. Mas não penso que um seja inferior ao outro.

(10) Por conseguinte, se alguém que prestou – ele mesmo – serviço militar durante a guerra tiver composto tal livro, não é digno de menor louvor, uma vez que não introduziu apenas as próprias descobertas de estratagemas, originários de sua perspicácia natural, mas também as práticas eficazes de outros trouxe da memória, mencionando-as em seu tratado. Do mesmo modo, não penso que meu tratado obterá menor aceitação,

<sup>87</sup> A preocupação em marcar no próêmio da obra que não escreve improvisadamente e anunciar suas fontes, ainda que muito vagamente, lembra a forma como Dionísio de Halicarnasso abre suas *Antiguidades romanas*: “Tendo prestado contas de minha escolha, quero ainda falar das fontes que utilizei quando estava a ponto de começar a escrever. Pois, talvez, os que leram Jerônimo, Timeu, Políbio ou um dos outros historiadores de que afirmo há pouco, que foram negligentes ao escrever, não encontrando neles muitos dados registrados por mim, suspeitarão que improvisei (σχεδιάζειν) e quererão saber de onde me veio o conhecimento dessas coisas. Portanto, para que não se forme uma tal opinião a meu respeito, é melhor dizer desde já com base em que registros e memórias avanço.” (*Antiguidades romanas*, I.7.1, tradução de Jacyntho Lins Brandão)

<p>οὐδ' ἐμαυτὸν οἶομαι τοῦλαττον ἐπαίνων οἴσεσθαι παρὰ τοῦθ', ὅτι μὴ πάντα τῆς ἐμῆς ὁμολογῶ συνέσεως εἶναι, τοῦναντίον δὲ προείληφα τὸν τ' ἐπαινον ἀνεπίφθονον ἕξειν καὶ τὴν πίστιν ἀσυκοφάντητον.</p>	<p>porquanto concorde que nem tudo pertence à minha compreensão. Presumo, pelo contrário, haver de ter tanto a aceitação sem censura quanto a confiança sem calúnia.</p>
<p style="text-align: center;"><b>I. [Περὶ αἰρέσεως στρατηγοῦ]</b></p> <p>(1) Φημὶ τοίνυν αἰρεῖσθαι τὸν στρατηγὸν οὐ κατὰ γένη κρίνοντας, ὥσπερ τοὺς ἱερέας, οὐδὲ κατ' οὐσίας, ὡς τοὺς γυμνασιάρχους, ἀλλὰ σώφρονα, ἐγκρατῆ, νήπτην, λιτόν, διάπονον, νοερόν, ἀφιλάργυρον, μήτε νέον μήτε πρεσβύτερον, ἂν τύχη καὶ πατέρα παίδων, ἱκανὸν λέγειν, ἔνδοξον.</p> <p>(2) [α'] σώφρονα μὲν, ἵνα μὴ ταῖς φυσικαῖς ἀνθελκόμενος ἡδοναῖς ἀπολείπη τὴν ὑπὲρ τῶν μεγίστων φροντίδα.</p> <p>(3) [β'] ἐγκρατῆ δέ, ἐπειδὴ τηλικαύτης ἀρχῆς μέλλει τυγχάνειν· αἱ γὰρ ἀκρατεῖς ὀρμαὶ προσλαβοῦσαι τὴν τοῦ δύνασθαι τι ποιεῖν ἐξουσίαν ἀκατάσχετοι γίνονται πρὸς τὰς ἐπιθυμίας.</p> <p>(4) [γ'] νήπτην δ', ὅπως ἐπαγρυπνῆ ταῖς μεγίσταις πράξεσιν· ἐν νυκτὶ γὰρ ὡς τὰ πολλὰ ψυχῆς ἡρεμούσης στρατηγοῦ γνώμη τελειοῦται.</p> <p>(5) [δ'] λιτόν δέ, ἐπειδὴ κατασκελετεύουσιν αἱ πολυτελεῖς θεραπείαι δαπανῶσαι χρόνον ἄπρακτον εἰς τὴν τῶν ἡγουμένων τρυφήν.</p> <p>(6) [ε'] διάπονον δ', ἵνα μὴ πρῶτος τῶν στρατευομένων, ἀλλ' ὕστατος κάμνη.</p> <p>(7) [ς'] νοερόν δέ· ὅξυν γὰρ εἶναι δεῖ τὸν</p>	<p style="text-align: center;"><b>I. [Sobre a escolha do general]<sup>88</sup></b></p> <p>(1) Por conseguinte, assevero que o general não deve ser escolhido a julgar pela estirpe, como os sacerdotes, nem pelas posses, como os ginasiarcos; mas por ser temperante, controlado, sóbrio, frugal, árduo trabalhador, atento, sem apego ao dinheiro, nem jovem, nem velho e, se possível, pai de crianças, competente no discursar e de boa reputação.</p> <p>(2) [a] Temperante, para que não abandone as reflexões sobre os assuntos de maior importância, distraído pelos prazeres físicos.</p> <p>(3) [b] Controlado, porque está para obter tão alta liderança; e os ímpetos descontrolados, quando acompanhados pela autoridade de poder fazer qualquer coisa, tornam-se irrefreáveis diante dos desejos.</p> <p>(4) [c] Sóbrio, a fim de manter-se desperto para a prática das coisas da maior importância, pois é à noite, o mais das vezes, quando está quieta a alma, que o planejamento do general é levado a termo.</p> <p>(5) [d] Frugal, já que os serviços extravagantes esgotam, gastando o tempo improdutivo com a luxúria dos comandantes.</p> <p>(6) [e] Resistente, para não ser o primeiro, mas o último do exército a se cansar.</p> <p>(7) [f] Atento, pois é preciso que o general</p>

<sup>88</sup> Onassandro dá início aqui a uma seção em que lista uma série de qualidades – não propriamente bélicas – que toma como requisitos para o bom exercício do comando militar.



στρατηγὸν ἐπὶ πᾶν ἄττοντα δι' ὠκύτητος  
ψυχῆς κατὰ τὸν Ὅμηρον ὡσεὶ πτερόν ἢ ἐ-  
νόημα· πολλάκις γὰρ ἀπρόληπτοι  
ταραχαὶ προσπεσοῦσαι σχεδιάζειν  
ἀναγκάζουσι τὸ συμφέρον.

(8) [ζ'] ἀφιλάργυρον δέ· ἢ γὰρ ἀφιλαργυρία  
δοκιμασθήσεται καὶ πρώτη τοῦ γὰρ  
ἄδωροδοκίῃ καὶ μεγαλοφρόνως  
προΐστασθαι τῶν πραγμάτων αὕτη  
παραίτια· πολλοὶ γάρ, κἂν διὰ τὴν  
ἀνδρίαν ἀσπίσι πολλαῖς καὶ δόρασιν  
ἀντιβλέψωσιν, περὶ τὸν χρυσοῦν  
ἀμαυροῦνται· δεινὸν γὰρ πολεμίοις ὄπλον  
τοῦτο καὶ δραστήριον εἰς τὸ νικᾶν.

(9) [η'] οὔτε δὲ νέον οὔτε πρεσβύτερον,  
ἐπειδὴ ὁ μὲν ἄπιστος, ὁ δ' ἀσθενής·  
οὐδέτερος γὰρ ἀσφαλής, ὁ μὲν νέος, ἵνα  
μὴ τι διὰ τὴν ἀλόγιστον πταισῆ τόλμαν,  
ὁ δὲ πρεσβύτερος, ἵνα μὴ τι διὰ τὴν  
φυσικὴν ἀσθένειαν ἐλλείπη. (10) κρατίστη  
δ' αἴρεσις ἢ τοῦ μέσου· καὶ γὰρ τὸ  
δυνατὸν ἐν τῷ μηδέπως γεγηρακότι καὶ  
τὸ φρόνιμον ἐν τῷ μὴ πάνυ νεάζοντι, ὡς  
οἴτινές γε ἢ σώματος ῥώμην ἄνευ ψυχῆς  
ἐμφρονος ἐδοκίμασαν ἢ ψυχὴν φρόνιμον  
ἄνευ σωματικῆς ἕξεως, οὐδὲν ἐπέραναν· ἢ  
γὰρ ὑστερήσασα φρόνησις οὐδὲν ἐνόησε  
κρεῖττον, ἢ δ' ἐλλείπουσα δύναμις οὐδὲν  
ἐτελείωσεν. (11) ὁ γε μὴν εὐδοκιμῶν οὐ  
μικρὰ τοὺς ἐλομένους ὤνησεν· ὄντινα γὰρ  
ἄνθρωποι φιλοῦσιν αὐτομάτη διανοίας  
ἐμπτώσει, τούτῳ ταχὺ μὲν ἐπιτάττοντι  
πεῖθονται, λέγοντι δ' οὐκ ἀπιστοῦσι,  
κινδυνεύοντι δὲ συναγωνίζονται.

(12) [θ'] πατέρα δὲ προῦκρινά μᾶλλον,  
οὐδὲ τὸν ἄπαιδα παραιτούμενος, ἂν  
ἀγαθὸς ᾖ· εἴαν τε γὰρ ὄντες τύχῳσι  
νήπιοι, ψυχῆς εἰσὶν ἰσχυρὰ φίλτρα περὶ  
τὴν εὐνοίαν ἐξομηρεύσασθαι δυνάμενα

seja célere e que se lance impetuosamente  
sobre tudo com ligeireza de alma (segundo  
Homero, “qual ave ou pensamento”), já que  
muitas vezes os distúrbios imprevistos que  
sobrevêm forçam-no a decidir de improviso  
o que é adequado.

(8) [g] Sem apego ao dinheiro, pois o  
desapego ao dinheiro será primordialmente  
valorizado, uma vez que é a própria causa  
do antecipar incorruptível e generosamente  
os atos. Pois muitos, ainda que encarem  
muitos escudos e lanças com coragem,  
diante do ouro ficam cegos. Com efeito, essa  
é uma arma poderosa contra os inimigos; e  
eficaz para a vitória.

(9) [h] Nem jovem nem velho, pois um é  
indigno de confiança e o outro é fraco:  
nenhum dos dois é infalível. O jovem, para  
evitar que venha a cometer algum erro em  
razão da irrefletida audácia. O velho, para  
evitar que cometa alguma falha em razão da  
fraqueza física. (10) A melhor escolha é o  
meio-termo, pois enquanto o vigor está no  
que ainda não envelheceu, a sabedoria  
prática está no que não é demasiado jovem,  
de forma que aqueles que admiram ou a  
força do corpo sem a sabedoria da alma ou a  
alma sábia sem o condicionamento físico  
não alcançam nada. Pois a sabedoria que  
falha não pensa em nada de melhor e a força  
que falta nada leva a termo. (11) O bem  
reputado decerto não é de pouca vantagem  
aos que o escolhem. Pois quem quer que os  
homens amem com espontaneidade e por  
sua propensão à inteligência, por esse que os  
submete a seu comando são logo  
persuadidos: não desconfiam de seu discurso  
e cooperam com ele quando em perigo.

(12) [i] Prefiro que seja pai, mas não  
recusando o sem filhos, desde que seja  
eficaz. Pois se calha de serem ainda  
crianças, da alma são potentes feitiços em

στρατηγὸν πρὸς πατρίδα, δεινοὶ καὶ ὀξειὶς μύωπες πατρός, οἳοί τε ἀναστήσαι θυμὸν ἐπὶ πολεμίους, ἄν τε τέλειοι, σύμβουλοι καὶ συστράτηγοι καὶ πιστοὶ τῶν ἀπορρήτων ὑπηρεταὶ γιγνόμενοι συγκατορθοῦσι τὰ κοινὰ πράγματα.

(13) [ι'] λέγειν δ' ἱκανόν· ἔνθεν γὰρ ἡγοῦμαι τὸ μέγιστον ὠφελείας ἵξεσθαι διὰ στρατεύματος· ἔάν τε γὰρ ἐκτάττη πρὸς μάχην στρατηγός, ἢ τοῦ λόγου παρακέλευσις τῶν μὲν δεινῶν ἐποίησε καταφρονεῖν, τῶν δὲ καλῶν ἐπιθυμεῖν, καὶ οὐχ οὕτως ἀκοαῖς ἐνηχοῦσα σάλπιγξ ἐγείρει ψυχὰς εἰς ἀμιλλαν μάχης, ὡς λόγος εἰς προτροπὴν ἀρετῆς ἐναγωνίου ῥηθεῖς αἰχμάζουσιν ἀνέστησε πρὸς τὰ δεινὰ τὴν διάνοιαν, ἄν τέ τι συμβῆ πταῖσμα περὶ τὸ στρατόπεδον, ἢ τοῦ λόγου παρηγορία τὰς ψυχὰς ἀνέρωσε, καὶ πολὺ δὴ χρησιμώτερός ἐστι στρατηγοῦ λόγος οὐκ ἀδύνατος ὥστε παραμυθεῖσθαι τὰς ἐν στρατοπέδοις συμφοράς, τῶν ἐπομένων τοῖς τραυματίαις ἰατρῶν· (14) οἳ μὲν γὰρ ἐκείνους μόνους τοῖς φαρμάκοις θεραπεύουσιν, ὁ δὲ καὶ τοὺς κάμνοντας εὐθυμοτέρους ἐποίησεν καὶ τοὺς ἔρρωμένους ἀνέστησε· (15) καὶ ὥσπερ τὰ ἀόρατα νοσήματα τῶν ὀρωμένων δυσχερεστέραν ἔχει τὴν θεραπείαν, οὕτως ψυχὰς ἐξ ἀθυμίας ἰάσασθαι λόγῳ παρηγορήσαντα δυσκολώτερον, ἢ σωμάτων φανεράν ἐξ ἐπιπολῆς θεραπεῦσαι νόσον. (16) οὐδὲ χωρὶς στρατηγῶν οὐδὲ μία πόλις ἐκπέμψει στρατόπεδον, οὐδὲ δίχα τοῦ δύνασθαι λέγειν αἰρήσεται στρατηγόν.

(17) [ια'] τὸν δὲ ἐνδοξόν, ὅτι τοῖς ἀδόξοις ἀσχάλλει τὸ πλῆθος ὑποταττόμενον· οὐθεὶς γὰρ ἐκῶν ὑπομένει τὸν αὐτοῦ

prol da boa vontade, capazes de fazer o general amarrar-se como refém à sua pátria; do pai são poderosas e agudas esporas, aptas a elevar-lhe o ânimo contra os inimigos. Se crescidos, ajudarão na administração dos assuntos comuns, tornando-se seus conselheiros, colegas de generalato, assistentes e fiéis guardiões de segredos.

(13) [j] Competente no discursar, pois julgo que daí há de vir o máximo de vantagem para o exército. Se o general impele à batalha, o poder encorajador do discurso faz desprezar os perigos e desejar as coisas nobres. Uma corneta retumbando nos ouvidos não acorda tão bem as almas para o conflito do prélio quanto um discurso proferido para o incitamento à virtude combativa desperta a inteligência a lançar-se como um dardo contra os perigos. E se algum infortúnio ocorre ao exército, o poder consolador do discurso vem revigorar as almas. O discurso de um general é de tal modo eficaz para aliviar os infortúnios nos exércitos acampados que é muito mais útil do que os médicos que se ocupam dos feridos. (14) Pois com seus remédios eles cuidam unicamente daqueles, enquanto o general põe mais bem dispostos os que padecem e ainda desperta os sadios. (15) E assim como as doenças invisíveis têm um tratamento mais difícil do que as visíveis, é mais complicado curar as almas abatidas consolando com o discurso do que tratar uma doença que se evidencia na superfície do corpo. (16) Nenhuma cidade enviará um exército sem generais; tampouco escolherá um general sem a capacidade de discursar.

(17) [I] De boa reputação, porque a massa põe-se aflita sob o comando de desconhecidos. Ninguém admite voluntariamente submeter-se a um senhor ou a um líder inferior a si mesmo. (18) Mas é de todo necessário que seja um indivíduo

χειρόνα κύριον ἀναδέχεσθαι καὶ ἡγεμόνα.  
(18) πᾶσα δὲ ἀνάγκη τὸν τοιοῦτον ὄντα  
καὶ τοσαύτας ἀρετὰς ἔχοντα ψυχῆς,  
ὅσας εἴρηκα, καὶ ἔνδοξον εἶναι.

(19) Φημί δὲ μήτε τὸν πλούσιον, ἐὰν  
ἐκτὸς ἢ τούτων, αἰρεῖσθαι στρατηγὸν διὰ  
τὰ χρήματα, μήτε τὸν πένητα, ἐὰν  
ἀγαθὸς ἦ, παραιτεῖσθαι διὰ τὴν ἔνδειαν·  
οὐ μὴν χρή γε τὸν πένητα οὐδὲ τὸν  
πλούσιον, ἀλλὰ καὶ τὸν πλούσιον καὶ  
τὸν πένητα· οὐδ' ἕτερον γὰρ οὐθ' αἰρετὸν  
οὔτ' ἀποδοκιμαστέον διὰ τὴν τύχην, ἀλλ'  
ἐλεγκτέον διὰ τὸν τρόπον. (20) οὐδὲ  
πλούσιος ἀγαθὸς ὢν τοσοῦτω διοίσει τοῦ  
γενναίου πένητος, ὅσον αἱ ἐπάργυροι καὶ  
κατάχρυσοι πανοπλῖαι τῶν καταχάλκων  
καὶ σιδηρῶν ὅτι αἱ μὲν γὰρ τῷ κόσμῳ  
πλεονεκτοῦσιν, αἱ δ' αὐτῷ τῷ δραστηρίῳ  
διαγωνίζονται ὅτι, εἰ γε μὴ χρηματιστῆς  
εἴη· τὸν δὲ χρηματιστὴν, οὐδ' ἂν  
πλουσιώτατος ὢν τύχη, συμβουλεύσω  
ποτὲ αἰρεῖσθαι· λέγω δὲ ὀβολοστάτην,  
μετάβολον, ἔμπορον ἢ τοὺς παραπλήσιόν  
τι τούτοις πράττοντας· ἀνάγκη γὰρ τοὺς  
τοιούτους μικρόφρονας εἶναι καὶ περὶ τὸ  
κέρδος ἐπτοημένους καὶ μεμεριμνημένους  
περὶ τὸν πορισμὸν τῶν χρημάτων ὅλως  
μηδὲν ἐσχηκέναι τῶν καλῶν  
ἐπιτηδευμάτων.

(21) Προγόνων δὲ λαμπρὰν ἀξίωσιν  
ἀγαπᾶν μὲν δεῖ προσοῦσαν, οὐ μὴν  
ἀποῦσαν ἐπιζητεῖν, οὐδὲ ταύτη τινὰς  
κρίνειν ἀξίους ἢ μὴ τοῦ στρατηγεῖν, ἀλλ'  
ὥσπερ τὰ ζῶα ἀπὸ τῶν ἰδίων πράξεων  
ἐξετάζομεν, ὅπως εὐγενείας ἔχει, οὕτω  
χρὴ σκοπεῖν καὶ τὴν τῶν ἀνθρώπων  
εὐγένειαν. (22) καὶ γὰρ ἀπερίοπτον, τί  
τοῖς ἔμπροσθεν ἐπράχθη καλόν,  
ἐξετάζειν, οὐ τί ποιήσουσιν οἱ νῦν

desse gênero, possuidor de tantas virtudes da  
alma quantas mencionei, e também bem  
reputado.

(19) Acredito que nem o homem rico – se  
apartado de tais qualidades – deve ser  
escolhido general por conta de suas  
riquezas, nem o pobre – se for eficaz – deve  
ser recusado por causa de sua penúria. Na  
verdade, não é preciso que seja pobre nem  
rico, mas pode ser tanto rico quanto pobre.  
Nenhum dos dois deve ser eleito ou  
rejeitado por sua sorte, mas devem ser  
avaliados pelo caráter. (20) Um rico eficaz  
não diferirá tanto de um pobre de nobre  
nascença quanto as armaduras incrustadas  
de prata e ouro diferirão das de bronze e  
ferro – pois enquanto as primeiras têm a  
vantagem da ornamentação, as outras  
definem o combate com sua eficácia. Isso se  
não for um negociante. O negociante eu não  
recomendo que se escolha em tempo algum,  
nem se calhar de ser o mais rico do mundo!  
E chamo negociante o usurário, o  
escambador, o mercador ou os que praticam  
algo similar a essas atividades, pois é certo  
que esses tais são mente-estreita e que,  
entusiasmados com o ganho e ansiosos pela  
obtenção de riquezas, não mantêm  
absolutamente nenhum dos nobres hábitos.

(21) É preciso prezar, quando presente, a  
ilustre reputação dos ancestrais, mas não  
requerê-la quando ausente, nem julgar por  
esse critério se certos homens são dignos ou  
não do liderar. Mas assim como avaliamos a  
nobreza de estirpe dos animais a partir de  
suas próprias ações, é preciso observar  
assim também a nobreza de estirpe dos  
homens. (22) Certamente é até um descuido  
avaliar o que de nobre foi feito pelas  
gerações anteriores e não o que os agora  
escolhidos farão, como se os que viveram há  
muito fossem capazes de manter a salvo a  
nós e às coisas de agora e fossem preservar

<p>αίρεθέντες· ὡσπερ τῶν πάλαι γεγονότων σώζειν ἡμᾶς δυναμένων καὶ τὰ νῦν, καὶ τὰ πρόσθεν τηρησόντων ἐκείνων. ἔτι δὲ πῶς οὐκ ἀπαίδευτον τοὺς μὲν στρατιώτας τοῖς ἀριστείοις τιμᾶν, οὐ τοὺς ἐκ πατέρων λαμπρῶν, ἀλλὰ τοὺς αὐτοὺς τι γενναῖον ἐργασαμένους, τοὺς δὲ στρατηγούς διὰ τοὺς προγόνους αἰρεῖσθαι, κἂν ὦσιν ἄχρηστοι, μὴ διὰ τὴν σφῶν αὐτῶν ἀρετὴν, κἂν μὴ γένει λαμπρύνονται; (23) προσόντων μὲν δὴ τούτων ἐκείνοις εὐτυχῆς ὁ στρατηγός, ἀπόντων δ' ἐκείνων, κἂν παρῆ ταῦτα, ἄπρακτος. (24) ἐλπίσαι δ' ἂν τις τάχα καὶ ἀμείνους ἔσεσθαι στρατηγούς τοὺς οὐκ ἔχοντας ἐνσεμνύνεσθαι προγόνους· οἱ μὲν γὰρ ἐπὶ πατράσι κυδαινόμενοι, κἂν ἐλλίπωσιν, οἴομενοι τὴν ἐκ τῶν πρόσθεν εὐκλειάν σφισι φυλάττεσθαι πολλὰ καὶ ῥαθυμότερον διοικοῦσιν, οἷς δ' οὐδεμία προὔπαρχει δόξα προγόνων, οὔτοι τὴν ἐκ πατέρων ἐλάττωσιν ἐθέλοντες ἀναπληρῶσαι τῇ σφετέρᾳ προθυμίᾳ φιλοκινδυνότερον ἐπὶ τὰς πράξεις ἀμιλλῶνται· (25) καὶ καθάπερ οἱ πενέστεροι τῶν εὐπορωτέρων ταλαιπωρότερον ἐπὶ τὴν τοῦ βίου κτῆσιν ὠρμηνται τὸ ἐλλεῖπον ἀναπληρῶσαι τῆς τύχης σπεύδοντες, οὕτως, οἷς μὴ πάρεστι κληρονομούμενη πατέρων ἀποχρήσασθαι δόξῃ, τὴν ἀρετὴν ἰδιόκτητον οἰκειώσασθαι προαιροῦνται.</p>	<p>as coisas de outrora. E como não seria estúpido honrar os soldados por suas excelências – não os de pais ilustres, mas os que fizeram algo nobre eles mesmos – e, por outro lado, escolher generais por causa dos ancestrais – ainda que sejam inúteis – e não por causa da sua própria virtude – ainda que não se tenham tornado ilustres pela família? (23) O general é bem afortunado quando tem presentes tais atributos em adição àquelas qualidades; mas na ausência daquelas, ainda que os tenha consigo, é inútil. (24) É de se esperar, talvez, que venham a ser generais mais eficazes os que não têm ancestrais dos quais se vangloriarem, porque os que se orgulham dos pais – ainda que tenham falhado eles próprios –, acreditando que a boa reputação dos antepassados é preservada para eles, muitas vezes administram de forma bem mais descuidada, enquanto aqueles para os quais não há uma prévia reputação dos antepassados, esses, desejosos por compensar a inferioridade dos pais com o próprio zelo, empenham-se em suas ações com mais amor ao perigo. (25) E assim como os mais pobres, ansiosos por compensar a falta de sorte, com mais árduo labor do que os mais bem providos apressam a obtenção do meio de vida, também aqueles para os quais não há uma reputação herdada dos pais para os satisfazerem preferem clamar para si a virtude por eles próprios adquirida.</p>
<p><b>II. [Περὶ ἀγαθοῦ στρατηγοῦ διαίρεσις]</b></p> <p>(1) Ζηλούσθω μὲν δὴ ἡμῖν ὁ στρατηγός ὁ ἀγαθὸς εὐγενῆς καὶ πλούσιος, μὴ ἀποδοκιμαζέσθω δὲ πένης μετὰ ἀρετῆς, εἰ καὶ</p>	<p><b>II. [Seção sobre o bom general]</b></p> <p>(1) Deve ser admirado por nós como bom general o bem-nascido e rico. Mas o pobre e virtuoso não deve ser rejeitado, mesmo que</p>

<p>μη ἀπὸ λαμπρῶν. (2) αἰρεθεὶς δ' ὁ στρατηγὸς ἔστω χρηστός, εὐπροσήγορος, ἔτοιμος, ἀτάραχος, μη οὕτως ἐπεικῆς ὥστε καταφρονεῖσθαι, μήτε φοβερὸς ὥστε μισεῖσθαι, ἵνα μήτε ταῖς χάρισιν ἐκλύσῃ τὸ στρατόπεδον μήτε τοῖς φόβοις ἀλλοτριώσῃ. (3) λοχαγούς δὲ καθιστάτω καὶ ταξιάρχους καὶ χιλιάρχους, καὶ εἴτινων ἄλλων ἡγεμόνων προσδεῖν αὐτῶ δόξαι, τοὺς εὐνουστάτους τῇ πατρίδι, πιστοτάτους, εὐρωστοτάτους, ἐνθεν δ' οὐδὲν ἂν κωλύοι καὶ τοὺς εὐπορωτάτους καὶ τοὺς εὐγενεστάτους. (4) οὐ γάρ, ὡς ὀλίγους αἰρουμένους στρατηγούς ἐκ τρόπου δοκιμάσαι ῥᾶον, κἂν ἀπῆ ὁ τῶν χρημάτων μετ' εὐγενείας ὄγκος, οὕτως που καὶ λοχαγῶν καὶ ταξιαρχῶν πλῆθος. (5) ὅθεν τὸ μὲν εὐγενὲς ἐπὶ τούτων προκριτέον εἰς πρόχειρον ἐν ὀξει καιρῶ δοκιμασίαν, τὸ δὲ ἐν εὐπορίᾳ, ἐπειδὴ ἀναλώσαι τε καὶ δοῦναι στρατιώταις οἱ ἐκ περιουσίας δυνατοί, χορηγία δ' ἀπὸ τῶν ἡγουμένων ὀλίγη πρὸς τοὺς ὑποταπτομένους εὐνότερα παρασ-</p>	<p>não tenha origens ilustres. (2) E o general que for escolhido tem de ser propício, atencioso, diligente, imperturbável e não tão razoável a ponto de ser desdenhado, nem tão terrível a ponto de ser odiado, a fim de que não isente o exército das obrigações pelos favores, nem o torne hostil pelos temores. (3) Ele deve nomear comandantes de companhia, de batalhão e de regimento<sup>89</sup> e, se lhe parecer haver necessidade de alguns outros comandantes, nomear os mais favoráveis à pátria, os mais confiáveis, os mais vigorosos e, então, nada barraria os mais bem providos e os mais bem nascidos: (4) sendo poucos os generais selecionados, é mais fácil testar-lhes o caráter – mesmo que falte o peso das riquezas em companhia da nobre nascença. Mas não se deve proceder assim sobremaneira com a massa de comandantes de companhia e batalhão. (5) Onde, dentre essas coisas, deve-se preferir, num momento crucial, a nobre nascença, num teste prévio. Por outro lado, a boa provisão deve ser preferida desde que os que têm em abundância sejam capazes de gastar com os soldados e fazer-lhes doações. De</p>
--	---

<sup>89</sup> Os termos gregos para os três tipos de oficiais distinguem comandantes de λόχος, de τάξις e de χιλιαρχία. Asclepiodoto, em seu manual de tática do período helenístico, define uma quantidade de soldados para cada uma dessas unidades: 16 para a primeira, uma fileira que fazia parte de uma formação maior (Ascl. *Tact.* 2.1); 128 para a segunda, uma companhia formada por 8 fileiras (λόχοι) (Ascl. *Tact.* 2.8); e 1024 para a terceira (Ascl. *Tact.* 2.10). Mas a classificação de Asclepiodoto tem em vista a falange hoplítica e, ainda que Onassandro faça uso do termo φάλλαγξ, há que considerar que, tendo dedicado seu livro aos Romanos, muito provavelmente não utilizaria a falange hoplítica grega (tampouco a macedônica) como referência. Talvez com φάλλαγξ quisesse designar formações militares em geral – como também é possível – ou a legião romana em particular. Mas mesmo que se tome como certo que Onassandro tinha em vista unicamente a legião romana, é difícil precisar a que oficiais os termos λοχαγός, ταξιαρχός e χιλιαρχός referiam-se. Alguns outros autores que escreveram em língua grega sobre o exército romano, como Políbio, Plutarco e Apiano, trazem à luz possíveis identificações. No entanto, fazer correspondências é complicado, uma vez que os termos são usados sem muito rigor para designar mais de um cargo. O ταξιαρχός é ora identificado com o *centurio* (Plb. 6.24.1; Zos. 3.11), ora com o *tribunus militum* (Plut. *Cam.* 37; App. *BC* 5.61; Agath. 2.20), ora com o *legatus legionis* (App. *Sam.* 4.6). O xiliarxo ἰ είναι também identificado com o *tribunus militum* (J. *AJ* 19.1.13; App. *BC* 2.102; Hdn. 6.9.6), mas pode designar um comandante de outra unidade. Quanto a λοχαγός, Plutarco também o utiliza para referir-se ao *centurio* (Plut. *Cam.* 37).

Longe de solucionar a questão, optamos pela analogia com oficiais de infantaria de exércitos modernos a exemplo do que fazem os tradutores da edição de Harvard.

<p>κευάζει τὰ πλήθη· καὶ ἀσφαλεῖς αἱ μειζόνων πίστεις πραγμάτων τοῖς περιπλειόνων κινδυνεύουσιν, εἰ μὴ πάνυ τὸ πιστόν, ὡς ἂν εἰ στρατηγοῖ τις, ἐκ τοῦ τρόπου παρέχοιτο.</p>	<p>fato, um pequeno subsídio dos comandantes em favor de seus subordinados põe as massas mais bem-dispostas. E são seguras as garantias de maiores feitos aos que se arriscam por mais coisas, se a confiança – como se alguém comandasse – não for de todo fornecida pelo caráter.</p>
<p style="text-align: center;"><b>III. [Περὶ τοῦ ἔχειν τὸν στρατηγὸν βουλευτάς]</b></p> <p>(1) Αἰρεῖσθω δὲ ἦτοι συνέδρους, οἱ μεθέξουσιν αὐτῷ πάσης βουλῆς καὶ κοινωνήσουσι γνώμης αὐτοῦ οἱ τούτου εἵνεκα ἀκολουθήσοντες, ἢ ἐξ αὐτῶν τῶν ἡγεμόνων τοὺς ἐντιμοτάτους μεταπεμπόμενος συνεδρευέτω, ὡς, ἅ γέ τις ἂν ἐννοήσῃ μὲν μόνος, ὡς τὰ αὐτοῦ, οὐ βεβαίως οἰκειοῦται. (2) γνώμη γὰρ ἢ μὲν ἀνεπικουρητος μονουμένη παπταίνει περὶ τὴν ἰδίαν εὐρεσιν, ἢ δὲ ὑπὸ τῶν πέλας ἐπιμαρτυρηθεῖσα πιστοῦται τὸ μὴ σφαλερόν. (3) οὐ μὴν ἀλλὰ μὴθ' οὕτως ἄστατος ἔστω τὴν διάνοιαν, ὡς αὐτὸν αὐτῷ πάμπαν ἀπιστεῖν, μὴθ' οὕτως αὐθάδης, ὡς μὴ τι καὶ παρ' ἄλλω τοῦ παρ' αὐτῷ κρεῖττον οἶεσθαι νοηθῆναι· ἀνάγκη γὰρ τὸν τοιοῦτον ἢ πᾶσι προσέχοντα καὶ μηδὲν αὐτῷ πολλὰ καὶ ἀσύμφορα πράττειν, ἢ μηδ' ὀλίγ' ἄλλων ἀκούοντα, πάντα δ' αὐτοῦ, πολλὰ καὶ δεινὰ διαμαρτάνειν.</p>	<p style="text-align: center;"><b>III. [Sobre o general ter conselheiros]<sup>90</sup></b></p> <p>(1) Ele deve escolher conselheiros, os quais com ele participarão de todos os conselhos e compartilharão de seu propósito, seguindo-o por conta disso; ou, convocando os mais honrados dos seus líderes, aconselhar-se com eles, visto que as coisas que alguém pensaria sozinho, como pensamentos próprios, não são por ele apropriadas com segurança. (2) Pois enquanto a decisão tomada à parte, não assistida, passa os olhos sobre as próprias descobertas, a que é testemunhada pelos próximos dá garantias contra o erro. (3) Mas o general não deve ser tão instável no propósito que desconfie totalmente de si mesmo, nem tão presunçoso que não suponha algo da parte de outrem ser mais bem pensado do que da sua parte, pois é certo que tal homem, ao dar atenção a todos e nenhum crédito a si mesmo, tomaria muitas atitudes prejudiciais; ou, então, não ouvindo nem um pouco dos outros, mas tudo de si próprio, cometeria muitos erros terríveis.</p>
<p style="text-align: center;"><b>IV. [Περὶ τοῦ ὅτι δεῖ τὴν ἀρχὴν τοῦ]</b></p>	<p style="text-align: center;"><b>IV. [Sobre porque é preciso o começo da]</b></p>

<sup>90</sup> Os títulos de capítulos que se seguem são, na maioria das vezes, iniciados por *περὶ* seguido de infinitivo substantivado pela adição de artigo. Optamos por nem sempre manter essa construção na tradução para evitar que o texto fique demasiado intrincado, ou mesmo incompreensível.

πολέμου ἐξ εὐλόγου αἰτίας ἐπάγειν]	guerra resultar de um motivo razoável]
<p>(1) Τὰς δ' ἀρχὰς τοῦ πολέμου μάλιστα φημι χρῆναι φρονίμως συνίστασθαι καὶ μετὰ τοῦ δικαίου πᾶσι φανερόν γίνεσθαι πολεμοῦντα· τότε γὰρ καὶ θεοὶ συναγωνιστὰὶ τοῖς στρατεύουσιν εὐμενεῖς καθίστανται, καὶ ἄνθρωποι προθυμότερον ἀντιτάττονται τοῖς δεινοῖς·</p> <p>(2) εἰδότες γάρ, ὡς οὐκ ἄρχουσιν ἀλλ' ἀμύνονται, τὰς ψυχὰς ἀσυνειδήτους κακῶν ἔχοντες ἐντελῆ τὴν ἀνδρείαν εἰσφέρονται, ὡς, ὅσοι γε νομίζουσι νεμεσήσειν τὸ θεῖον ἐπὶ τῷ παρὰ τὸ δίκαιον ἐκφέρειν πόλεμον, αὐτῇ τῇ οἰήσει, κἂν μὴ τι δεινὸν ἀπὸ τῶν πολεμίων ἀπαντήσειν μέλλη, προκατορρωδοῦσιν. (3) διὰ τοῦτο δεῖ τὸν στρατηγόν, ὧν τε βούλεται τυχεῖν καὶ ὧν μὴ παραχωρήσει, λόγῳ καὶ πρεσβείαις προκαλεῖσθαι πρῶτον, ἵν' ἐν τῷ μὴ συγκαταβαίνειν τοῖς ἀξιουμένοις τοὺς ἐναντίους ἀνάγκη δοκῆ, καὶ μὴ προαιρέσει τὴν δύναμιν ἐξάγειν πολεμήσουσαν, ἐπιμαρτυράμενος τὸ θεῖον, ὡς οὔτε καταφρονῶν ὧν συμβαίνει τοὺς πολεμοῦντας πάσχειν, ἀνεμεσήτως ἔπεισιν, οὔτε ἐκ παντὸς τρόπου τὰ δεινὰ δρᾶσαι προηρημένος τοὺς πολεμίους. (4) εἰδέναι δὲ χρῆ, καθότι οὐ μόνον οἰκίας καὶ τείχους ἐδραιότερον ὑφίστασθαι δεῖ τὸν θεμέλιον, ὡς ἀσθενοῦς γε ὄντος συγκαταρρησομένων καὶ τῶν ἐποικοδομουμένων, ἀλλὰ καὶ πολέμου τὰς ἀρχὰς δεῖ κατασκευασάμενον</p>	<p>(1) Digo que é necessário que os princípios da guerra<sup>91</sup>, principalmente, sejam combinados com prudência e que o combatente torne-se claro para todos como estando do lado do que é justo; pois, assim, até os deuses, companheiros de combate, tornam-se favoráveis aos soldados e os homens enfrentam os perigos mais avidamente. (2) Porque, cientes de que não estão tomando a iniciativa, mas defendendo-se, e mantendo as almas sem consciência dos males, eles são introduzidos na coragem completa, de modo que quantos acreditam que a divindade irá ressentir-se com o iniciarem uma guerra contrária ao que é justo, por causa do próprio juízo, ficam apavorados antecipadamente – embora não esteja para vir algo de terrível da parte dos inimigos. (3) Portanto, é preciso que o general anuncie primeiro, através de discurso ou de embaixadas, o que deseja obter e o que não deseja conceder, a fim de que pareça que, em não concordarem os inimigos com o que era reclamado, foi por necessidade e não por escolha que conduziu para fora a força para que guerreasse, chamando a divindade como testemunha de que atacam sem provocar a cólera divina, não desprezando o que acontece de combatentes sofrerem, nem previamente optando, de modo algum, por fazerem coisas terríveis aos inimigos. (4) Na medida que não só quanto a casas e muralhas é preciso escavar uma fundação mais forte, é preciso saber que, sendo fraca a fundação, também os edifícios irão desabar. Mas também é</p>

<sup>91</sup> “O conceito de ἀρχαὶ τοῦ πολέμου, que nós chamamos de pro/dromoi da guerra, é o conjunto de atividades diplomático-estratégicas necessárias para pôr em prática a decisão de fazer a guerra [...] e consistia sobretudo em evidenciar que a responsabilidade da guerra recaía sobre o adversário e que era justo (δικαίος) declarar guerra contra ele, para vingar-se ou defender-se.” (ILARI, *Guerra i diritto nel mondo antico*, I, Milano: Giuffrè, 1980, p.66 *apud* PETROCELLI in ONOSANDRO, 2007, p.162, n.77).

<p>ἰσχυρῶς καὶ κρηπίδα περιθέμενον ἀσφαλείας, οὕτως ἐξάγειν τὰς δυνάμεις· ὧν γὰρ ἀσθενῆ τὰ πράγματά ἐστιν, ἐπειδὴν οὗτοι μέγα βάρος ἀναλάβωσιν πολέμου, ταχὺ θλίβονται καὶ ὑστεροῦσιν. (5) ὅθεν, ὥσπερ ἀγαθὸν κυβερνήτην ἐκ λιμένος ἐξαρτυσάμενον τὸ σκάφος καὶ τὰ παρ' αὐτῷ ἅπαντα ποιήσαντα, τότε ἐπιτρέπειν χρῆ τῇ τύχῃ, ὡς αἰσχιστόν γε καὶ σφαλερὸν ὑποδείξαντα πολέμου κίνησιν, ὥστε καὶ διὰ θαλάττης ἤδη καὶ διὰ γῆς ἄγειν τὸ στράτευμα, κἄπειτα πρῦμναν κρούεσθαι· (6) τῆς μὲν γὰρ ἀνοσίας καὶ προπετείας ἕκαστος κατεγέλασεν, τῆς δ' ἀσθενείας κατεφρόνησεν, οἱ δ' ἐχθροί, οἵτινές ποτ' ἂν ὦσιν, κἂν μὴ πάθωσιν, ὡς οὐχὶ μὴ βουλευθέντας ἀλλ' οὐ δυνηθέντας διαθεῖναί τι δικαίως ἐμίσησαν.</p>	<p>preciso que, depois de preparar solidamente os princípios de guerra e circundá-los com uma base de segurança, então, parta com as forças. Pois aqueles para os quais as causas são fracas, quando suspendem o grande peso da guerra, rápido são esmagados e vêm a falhar. (5) Donde, assim como desde o porto havendo equipado o navio e tendo feito tudo quanto lhe cabia, o bom piloto precisa contar com a sorte, assim também é vergonhosíssimo e perigoso que o general, tendo indicado um movimento de guerra de modo a conduzir imediatamente o exército por mar e por terra, depois revolva a popa. (6) Pois toda gente, por um lado, ri da loucura e da precipitação e, por outro, despreza a fraqueza; e os inimigos, quem quer que sejam, ainda que não sofram dano, odeiam com justiça os que querem, mas que não são capazes de dispor as coisas de certa forma.</p>
<p><b>V. [Περὶ τοῦ ἐξιλεοῦσθαι πρῶτον ὑπὲρ τῶν ἀμαρτιῶν τὸ θεῖον ὁ στρατηγὸς ἐξάγων εἰς πόλεμον]</b></p> <p>(1) Ἐξαγέτω δὲ τὰς δυνάμεις ὁ στρατηγὸς καθαρὰς ἢ οἷς νόμοι ἱεροὶ ἢ οἷς μάντιες ὑφηγοῦνται καθαρσίους, πᾶσαν, εἴ τις ἢ δημοσίᾳ κηλὶς ἢ ἰδίου μολύσματος ἐκάστῳ σύνεστιν, ἀποδιοπομπούμενος.</p>	<p><b>V. [Sobre o general, ao partir para a guerra, apaziguar primeiro a divindade pelas faltas cometidas]</b></p> <p>(1) O general tem de conduzir purificadas as forças, guiadas por costumes sagrados ou por sacerdotes através de oferendas purificadoras, oferecendo sacrifício expiatório no caso de haver ou uma mancha no que é público ou uma de corrupção individual em cada um.</p>
<p><b>VI. [Περὶ τοῦ ἄγειν ἐν τάξει τὸ στρατόπεδον]</b></p> <p>(1) Ἀγέτω δὲ τὸ στράτευμα πᾶν ἐν τάξει,</p>	<p><b>VI. [Sobre levar o exército em formação]</b></p> <p>(1) O general deve levar todo o exército em</p>



κἂν μήπω μέλλῃ συμβάλλειν, ἀλλὰ διὰ μακρᾶς ὁδοῦ περαιοῦσθαι καὶ πολλῶν ἡμερῶν ἀνύειν πορείαν, καὶ ἐν τῇ φιλίᾳ καὶ ἐν τῇ πολεμίᾳ· διὰ μὲν τῆς φιλίας, ἵνα ἐθίζηται τὰ στρατεύματα μένειν ἐν τάξει καὶ συμφυλάττειν τοὺς ἰδίους λόχους καὶ ἔπεσθαι τοῖς ἡγεμόσιν, διὰ δὲ τῆς πολεμίας πρὸς τὰς ἐξαίφνης ἐπιβουλάς γιγνομένας, ἵνα μὴ ἐν ὄξει καιρῷ θορυβούμενοι καὶ ἐπαναθέοντες καὶ ἄλλοι πρὸς ἄλλους φερόμενοι μηδὲν μὲν ἀνύσωσι φθασθέντες, πολλὰ δὲ καὶ δεινὰ πάθωσιν, ἀλλ' ἅμα καὶ εἰς πορείαν ὦσιν ἐπιδέξιοι καὶ εἰς μάχην εὐτρεπεῖς, ἔχοντες καὶ τὸ σύνθημα καὶ ἀλλήλους ἐν τάξει βλέποντες. (2) συστέλλειν δὲ πειράσθω τὴν πορείαν τοῦ στρατεύματος, ὡς ἐνὶ μάλιστα, πρὸς ὀλίγον, καὶ διὰ τοιούτων, ἂν δυνατὸν ᾖ, χωρίων ἀγέτω τὰς τάξεις, δι' ὧν οὐκ ἂν ἐκθλιβόμενοι στεναὶ καὶ οὐκ ἔχουσαι πλάτος ἐκ πλευρᾶς ἐπὶ μήκιστον ἐκταθεῖεν. (3) καὶ γὰρ εὐπαθέστεραι γίνονται πρὸς τὰς αἰφνιδίους τῶν πολεμίῶν ἐπιφανείας αἰ τοιαῦται καὶ ἥκιστα δραστήριοι· ἂν τε γὰρ σφισι κατὰ μέτωπον ὑπαντήσωσιν οἱ πολέμιοι πλατύτεροι τεταγμένοι, ῥαδίως αὐτοὺς τρέπονται, καθάπερ οἱ τοὺς ἐπὶ κέρως ὄντας ἐν ταῖς μάχαις κυκλούμενοι, ἂν τε κατὰ μέσσην τὴν δύναμιν ἐκ πλευρᾶς ἐπιβάλωσι, ταχὺ διέσπασαν αὐτῶν τὴν πορείαν καὶ διέκοψαν ἐπιστρεψάντων γὰρ αὐτῶν εἰς φάλαγγα πρὸς ἄμυναν ἀσθενῆς ἢ μάχη γίνεται καὶ οὐκ ἔχουσα βάθος, ἐάν τε τοῖς κατόπιν, ἢ κατὰ νώτου μάχη δεινὴ καὶ

formação, mesmo que ainda não esteja prestes a combater, mas para cruzar longos caminhos e completar uma marcha de muitos dias, seja em região amistosa, seja em região hostil. Por região amistosa, a fim de acostumar o exército a permanecer em formação, a manter guarda junto de suas próprias companhias e a seguir os líderes. Por região hostil – diante das emboscadas que acontecem de súbito –, a fim de que, num momento crítico, entrando em tumulto, esbarrando e empurrando uns aos outros, não finalizem nada antes da hora, tampouco sofram muitas e terríveis coisas, mas para que ao mesmo tempo sejam destros na marcha e estejam prontos para a batalha, guardando a senha e observando uns aos outros em formação.

(2) Deve tentar estreitar a marcha do exército, fazendo-a a mais compacta possível e, se houver possibilidade, deve conduzir as formações por tais territórios através dos quais não sigam estreitamente comprimidas e dispostas numa ordem que não permita dispôr da extensão de flanco.

(3) Pois tais formações, frente às aparições súbitas dos inimigos, também vêm a ser as mais suscetíveis e as menos eficazes. Pois se os inimigos, arranjados numa formação mais larga, vierem de encontro a eles pela frente, facilmente pô-los-ão em fuga<sup>92</sup> – assim como nos combates os que se movem em círculo fazem aos que estão dispostos em coluna; se a partir do flanco os inimigos lançarem-se sobre o centro da força, logo dispersarão e romperão a marcha deles – pois quando eles vovvem em falange, em prol da própria defesa, o combate torna-se fraco e sem profundidade; e se se lançarem

<sup>92</sup> A ambigüidade do texto grego não foi corrigida na tradução. Mas o contexto parece sugerir que são os inimigos (οἱ πολέμιοι) que põem em fuga os soldados em formação (esses últimos referidos com o uso de σφισι).

προφανῆ τὸν ὄλεθρον ἔχουσα, κὰν ἐπιστρέψαι δὲ τολμήσωσιν εἰς μέτωπον, ἢ αὐτὴ γίνεται μάχη τοῖς ἐν τῇ πρωτοπορείᾳ τεταγμένοις· ταχὺ γὰρ αὐτοὺς περιστήσονται. (4) συμβαίνει δὲ καὶ τὰς παραβοηθείας δυσχερεῖς καὶ ἀπράκτους γίνεσθαι· τῶν γὰρ ἀπὸ τῆς οὐραγίας τοῖς εἰς τὴν πρωτοπορείαν βουλομένων βοηθεῖν ἢ τῶν πρώτων τοῖς κατόπιν βραδεῖα ἢ ἄφιξις καὶ οὐ κατὰ καιρὸν γίνεται, διὰ πολλῶν, ὧν ὑστεροῦσιν ἢ προηγούνται, σταδίων ἰέναι προθυμουμένων.

(5) Ἡ δὲ συνεσταλμένη πορεία καὶ τετραγῶνος ἢ μὴ πάνυ παραμήκης εἰς πάντα καιρὸν εὐμεταχειρίστὸς ἔστι καὶ ἀσφαλῆς. ἔστι δ' ὅτε καὶ συνέβη τι τοιοῦτον ἐκ τῶν ἐκτεινομένων στρατευμάτων, ὥστε Πανικὰ καὶ πτοίας ἀμφιδόξους ἐμπίπτειν· ἐνίστε γὰρ οἱ πρόωτοι καταβεβηκότες ἐξ ὄρεινῶν εἰς ψιλὰ καὶ ἐπίπεδα χωρία θεασάμενοι τοὺς κατόπιν ἐπικαταβαίνοντας ἔδοξαν εἶναι πολεμίων ἔφοδον, ὥστε μελλῆσαι προσβάλλειν ὡς ἐχθροῖς, τινὰς δὲ καὶ εἰς χεῖρας ἐλθεῖν ἤδη.

(6) Λαμβανέτω δὲ τὴν θεραπείαν καὶ τὰ ὑποζύγια καὶ τὴν ἀποσκευὴν ἅπασαν ἐν μέσῃ τῇ δυνάμει καὶ μὴ χωρὶς· ἂν δὲ μὴ τὰ κατόπιν ἀσφαλῆ πάνυ καὶ εἰρηναῖα νομίζῃ, καὶ τὴν οὐραγίαν ἐκ τῶν ἐρρωμενεστάτων καὶ ἀνδρειοτάτων συνιστάσθω, μὴθὲν διαφέρειν αὐτὴν οἰόμενος πρὸς τὰ συμβαίνοντα τῆς πρωτοπορείας.

(7) Προπεμπέτω δὲ ἵππεῖς τοὺς διερευνησομένους τὰς ὁδοὺς, καὶ μάλισθ', ὅτ' ἂν ὑλώδεις καὶ περικεκλασμένας λόφοις ἐρημίας διεξίῃ· πολλάκις γὰρ

sobre os que estão atrás, o combate pelas costas será terrível e condutor de uma evidente destruição. E ainda que arrisquem volver na frente, o combate virá a ser o mesmo com relação aos que estão arranjados na vanguarda, pois rápido colocar-se-ão em volta deles.

(4) Acontece ainda de os auxílios serem difíceis de conseguir e ineficazes, pois quando os que estão na retaguarda desejam prestar auxílio aos que estão na vanguarda, ou os primeiros aos que estão atrás, a chegada vem a ser atrasada e fora do tempo, ansiosos que estão por atravessar os muitos estádios, dos quais estão atrás ou à frente.

(5) A marcha contraída e retangular, não muito larga, é infalível e fácil de manobrar em qualquer ocasião. Mas é que às vezes acontece uma tal coisa decorrente do alargamento dos exércitos de modo que caem sobre eles um pânico e horrores causadores de dúvida. De fato, às vezes, quando os primeiros estão descendo de regiões montanhosas rumo a terras desnudas e planas, observando os da retaguarda a descer depois, supõem ser uma investida de inimigos, de maneira que intentam lançar-se contra eles, como fariam a hostis; e alguns até já chegaram a vir às mãos.

(6) Ele deve receber a assistência médica, os animais de jugo e toda a bagagem no meio da força, e não à parte. Não deve considerar os de trás totalmente infalíveis e pacíficos e deve compôr a retaguarda dos mais vigorosos e dos mais corajosos, julgando que diante das coisas ocorridas ela não difere em nada da vanguarda.

(7) Deve enviar com antecedência cavaleiros para inspecionar os caminhos, principalmente ao atravessar regiões arvorosas e regiões desertas, quando obstruídas por cumes. Pois volta e meia

ἐνέδραι πολεμίωv ὑποκαθέζονται, καὶ λαθοῦσαι μὲν ἔστιν ὅτε τὰ ὄλα συνέτριψαν τῶv ἐναντίωv πράγματα, μὴ λαθοῦσαι δὲ διὰ μικρῶs φροντίδος φρόνησιν μεγάλην ἐμαρτύρησαν τῶ πολεμίῳ στρατηγῶ. (8) τὴν μὲν γὰρ πεδιάδα καὶ ψιλὴν ἢ πάντων ὄψις ἱκανὴ προερευνήσασθαι· καὶ γὰρ κοινορτὸs ἀναφερόμενος μεθ' ἡμέραν ἐμήνυσεν τὴν τῶv πολεμίωv ἔφοδον, καὶ πυρὰ καιόμενα νύκτωρ ἐπύρσευσεν τὴν ἐγγὺs στρατοπεδείαν.

(9) Ἀγέτω δὲ τὰs δυνάμεις, μὴ μέλλωv μὲν ἐκτάξειν εἰs μάχην, ἐὰν ἐπείγηται τι φθάνειν συντομώτερον, εἰ ἀσφαλὲs εἶναι νομίζοι, καὶ νύκτωρ· μέλλωv δὲ κρίνειν ἅμα τῶ συνοπτον γενέσθαι τοῖs πολεμίοιs εὐθύs τὰ πράγματα διὰ μάχης σχολῆ προῖτω καὶ μὴ πολλὴν ἀνυέτω· πολλάκιs γὰρ πρὸ τῶv κινδύνωv ὁ κόπος ἔδαπάνησεν τὴν ἀκμὴν τῶv σωμάτων.

(10) Διοδεύωv δὲ συμμαχίδα γῆν παραγγελλέτω τοῖs στρατεύμασιν ἀπέχεσθαι τῆs χώρασ, καὶ μὴτ' ἄγειν τι μῆτε φθεῖρειν· ἀφειδὲs γὰρ πλήθος ἅπαν ἐν ὄπλοισ, ὅτ' ἂν ἔχη τὴν τοῦ δύνασθαί τι ποιεῖν ἐξουσίαν, καὶ ἢ ἐγγὺs ὄψιs ἀγαθῶv δελεάζει τοὺs ἀλογίστωs ἐπὶ πλεονεξίαν· μικραὶ δὲ προφάσεις ἢ ἀπηλλοτριώσαν συμμαχοὺs ἢ καὶ παντελῶs ἐξεπολέμωσαν.

(11) Τὴν δὲ τῶv πολεμίωv φθειρέτω καὶ ἔτωκαὶ τεμνέσθω· ζημία γὰρ χρημάτων καὶ καρπῶv ἔνδεια μειοῖ πόλεμον, ὡs περιουσία τρέφει. προανατεινέσθω μέντοι πρῶτον, ὃ μέλλει ποιεῖν· πολλάκιs γὰρ ἢ τοῦ μέλλοντοs ἔσεσθαι δεινοῦ προσδοκία συνηνάγκασε, πρὶν ἢ παθεῖν, ὑποσχέσθαι τι τοὺs κινδυνεύονταs ὧv πρότερον οὐκ

podem ser pegos numa emboscada dos inimigos; e enquanto as que passam despercebidas destroçam completamente os feitos todos dos oponentes, as que não passam despercebidas, por causa do pouco cuidado, atestam uma grande inteligência da parte do general inimigo. (8) Pois na região plana e desnuda, ter tudo à vista é suficiente para inspecionar com antecedência. De fato, até uma nuvem de poeira que se aproxima durante o dia revela a investida dos inimigos; e tochas acesas à noite clareiam um acampamento próximo.

(9) Quando não estiver para formar uma frente de batalha, se considerar seguro, o general deve conduzir suas forças à noite – caso esteja sendo pressionado, de algum modo, a antecipar-se e chegar num menor tempo. Mas quando estiver para decidir que medidas tomar imediatamente por meio do combate, enquanto tem visão plena dos inimigos, deve avançar aos poucos, e não atacá-los de uma vez, posto que, muitas vezes, antes dos perigos propriamente ditos, a exaustão consome o vigor dos corpos.

(10) Ao viajar por terra de aliados, deve dar ordens ao exército para manter-se fora do território e não levar nem destruir nada. Pois toda a massa em armas é impiedosa quando tem a autoridade para poder fazer o que quer que seja. Além disso, a visão imediata das coisas boas isca os descuidados para a ganância; e pequenos pretextos alheam os aliados ou põem-nos completamente hostis.

(11) Mas deve destruir, incendiar e devastar o território dos inimigos, pois a perda de bens e a falta de colheitas enfraquecem o combate, assim como a abundância o alimenta. Deve, primeiro, alçar à frente o que intenta fazer. Pois muitas vezes a expectativa do terror que está para vir obriga os que estão em perigo – antes mesmo de

<p>ἐβουλήθησαν ποιεῖν· ἐπειδὴν δ' ἅπαξ πάθωσιν, ὡς οὐδὲν ἔτι χειρὸν ὀψόμενοι τῶν λοιπῶν καταφρονούσιν. (12) εἰ δὲ πολὺν ἐν τῇ πολεμίᾳ μέλλει καταστρατοπεδεύειν χρόνον, τσαῦτα καὶ τοιαῦτα φθειρέτω τῆς χώρας ὧν αὐτὸς οὐχ ἔξει χρεῖαν, ἅττα δὲ ἀναγκαῖα φυλαχθέντα τοῖς φίλοις ἔσται, τούτων φειδέσθω.</p> <p>(13) Τῶν δὲ δυνάμεων ἐκπεπληρωμένων μήτ' ἐπὶ τῆς ἰδιοκτῆτου μήτ' ἐπὶ τῆς ὑπηκόου μήτ' ἐπὶ τῆς συμμαχίδος καθεζόμενος ἐγχρονιζέτω χώρας· τοὺς γὰρ ἰδίους ἀναλώσει καρποὺς καὶ ζημιώσει πλέον τοὺς φίλους ἢ τοὺς πολεμίους· μεταγέτω δ' ὡς θάττον, ἐὰν ἀκίνδυνα ἦ τὰ οἴκοι, τὰς δυνάμεις· ἐκ γὰρ τῆς πολεμίας, εἰ μὲν εἶη δαψιλῆς καὶ εὐδαίμων, τροφήν ἔξει καὶ ἄφθονον, εἰ δὲ μή, τὴν γε φιλίαν οὐ λυμανεῖται, πολλὰ δ' ὅμως καὶ ἀπὸ λυπρᾶς τῆς ἀλλοτρίας ἔξει πλεονεκτήματα.</p> <p>(14) Φροντιζέτω δὲ περὶ τε ἀγορᾶς καὶ τῆς τῶν ἐμπόρων καὶ κατὰ γῆν καὶ κατὰ θάλατταν παραπομπῆς, ἵν' ἀκινδύνου τῆς παρουσίας σφίσιν οὔσης ἀόκνως παρακομίζωσι τὸν εἰς τὰ ἐπιτήδεια φόρτον.</p>	<p>terem sofrido – a encarregarem-se de algo que a princípio eles não queriam fazer. Mas uma vez tendo sofrido, desprezam os restantes, como se ainda não tivessem visto nada de pior. (12) E se pretende acampar em terra inimiga por muito tempo, deve destruir tantos e tais territórios dos quais ele próprio não terá necessidade; mas deve poupar o que, uma vez preservado, será indispensável aos amigos.</p> <p>(13) Quando as forças estiverem completas, não se deve demorar nem em terras de sua própria posse, nem em terras de nações que lhe são submissas, nem em terras ocupadas por um aliado, pois irá gastar as próprias colheitas e causar mais dano aos amigos do que aos inimigos. Deve transferir as forças o mais rápido possível caso as coisas em casa estejam fora de perigo. Pois da terra inimiga, se for farta e próspera, terá sustento e fartura. E se não for, não maltratará terra amiga, mas terá muitas vantagens mesmo às custas da pobreza dos oponentes.</p> <p>(14) Deve refletir sobre o fornecimento assim como sobre o transporte dos mercadores (por terra ou por mar), a fim de que a chegada seja segura e de que escoltem a carga de provisões sem hesitação.</p>
<p><b>VII. [Περὶ τοῦ ὅταν διὰ στενωῶν μέλλῃ τὸ στρατόπεδον ἄγειν]</b></p> <p>(1) Ἐπειδὴν δὲ ἦτοι διὰ στενωῶν μέλλῃ ποιεῖσθαι τὴν πάροδον ἢ δι' ὄρεινῆς καὶ δυσβάτου χώρας ἄγειν τὸν στρατόν, ἀναγκαῖον προεκπέμποντά τι μέρος τῆς δυνάμεως προκαταλαμβάνεσθαι τὰς τε ὑπερβολὰς καὶ τὰς τῶν στενωῶν παρόδους, μὴ φθάσαντες οἱ πολέμιοι καὶ</p>	<p><b>VII. [Sobre quando se intenta conduzir o exército por estreitamentos]</b></p> <p>(1) Quando quer que, de fato, esteja para fazer a passagem por estreitamentos ou conduzir o exército por terras montanhosas e difíceis de transpôr, é indispensável que despache com antecedência uma parte da força e ocupe de antemão tanto as passagens entre montanhas quanto as gargantas</p>

<p>καταστάντες ἐπὶ τῶν ἄκρων κωλύσωσι τὴν διεκβολὴν ποιεῖσθαι. (2) τὸ δ' αὐτὸ πεφροντίσθω, κἂν αὐτὸς δεδίη πολεμίων εἰσβολὴν· οὐ γὰρ δὴ δρᾶσαι μὲν χρήσιμον, φυλάξασθαι δὲ παθεῖν οὐκ ἀναγκαῖον, οὐδὲ φθάσαι μὲν αὐτοὺς εἰσβαλόντας εἰς τὴν πολεμίαν ἐπεῖγον, ἀποκλείσαι δὲ τοὺς ἐναντίους ἐπὶ σφᾶς ἰόντας οὐ προνοητέον.</p>	<p>estreitas, de forma que os inimigos não cheguem primeiro e instalem-se nos pontos mais altos, impedindo que se faça a travessia. (2) E deve considerar tal coisa ainda que tema um ataque dos inimigos. Pois não é vantajoso agir, nem necessário poupar-se do padecimento. Nem é urgente antecipar-se aos inimigos, lançando-se em guerra, nem se devem antecipar os meios de bloquear a vinda deles.</p>
<p style="text-align: center;"><b>VIII. [Περὶ τοῦ ποιεῖν χάρακα]</b></p> <p>(1) Ἐν δὲ δὴ τῇ τῶν ἐχθρῶν καταστρατοπεδεύων χάρακα περιβαλέσθω καὶ τάφρον, κἂν ἐφ' ἡμέραν μέλλῃ τὴν παρεμβολὴν θήσειν· ἀμετανόητος γὰρ ἡ τοιαύτη καὶ ἀσφαλῆς στρατοπεδεῖα διὰ τὰς αἰφνιδίους καὶ ἀπρολήπτους ἐπιβολάς. καθιστάτω δὲ φύλακας, κἂν μακρὰν εἶναι νομίζῃ τοὺς πολεμίους, ὡς ἐγγὺς ὄντων. (2) ὅποι δ' ἂν μέλλῃ πολυχρόνιον τίθεσθαι τὴν παρεμβολὴν οὐκ ἀντεπιόντων τῶν πολεμίων, ἐπὶ τῷ φθεῖρειν τὴν χώραν ποιούμενος τὴν μονὴν ἢ καὶ καιροῖς ἐφεδρεύων βελτίοσιν, ἐκλεγέσθω χωρία μὴ ἐλώδη μηδὲ νοτερὰ· τὰ γὰρ τοιαῦτα ταῖς ἀναφοραῖς καὶ ταῖς ἀπὸ τῶν τόπων δυσωδίαις νόσους καὶ λοιμοὺς ἐμβάλλει στρατεύμασι, καὶ πολλῶν μὲν ἐκάκωσε τὰς εὐεξίας, πολλοὺς δὲ ἀπώλεσεν, ὥστε μὴ μόνον ὀλίγον, ἀλλὰ καὶ ἀσθενὲς ἀπολείπεσθαι στρατεύμα.</p>	<p style="text-align: center;"><b>VIII. [Sobre fazer uma paliçada]</b></p> <p>(1) Ao acampar em território inimigo, o general deve cercar-se de paliçada e trincheira, mesmo que pretenda montar acampamento por um só dia. Pois contra ataques súbitos e imprevistos, tal acampamento será seguro e não lhe causará arrependimento. Deve dispôr guardas como se os inimigos estivessem por perto – mesmo se julgar que estão afastados. (2) E onde quer que pretenda montar acampamento duradouro, os inimigos não se precipitando contra eles – seja fazendo uma paragem para devastar o campo, seja aguardando por uma oportunidade melhor –, deve escolher um lugar que não seja nem pantanoso nem úmido, porque tais lugares, por causa das emanções e odores pútridos deles provenientes, lançam doenças e pestilências sobre o exército e prejudicam a saúde de muitos – além de matar muitos –, de modo a desfalcarmos o exército não só em número como também em força.</p>

<p><b>IX. [Περὶ τοῦ συνεχῶς ὑπαλλάσσειν τὰ ἀπληκτα]</b></p> <p>(1) Χρήσιμον δέ που καὶ σωτήριον στρατο-πέδω μηδ' ἐπὶ τῆς αὐτῆς μένειν παρεμβολῆς, ἐὰν μὴ χειμαδεύη καὶ τοῖς σκηνώμασι διὰ τὴν ὥραν τοῦ καιροῦ πεπολισμένη τυγχάνη· αἱ γὰρ τῶν ἀναγκαίων ἐκκρίσεις ἐπὶ τῶν αὐτῶν γιγνόμεναι χωρίων ἀτμοὺς διεφθορότας ἀναπέμπουσαι συμμεταβάλλουσιν καὶ τὴν τοῦ περιέχοντος ἀέρος χύσιν. (2) ἐν δὲ ταῖς χειμασίαις γυμναζέτω τὰ στρατόπεδα καὶ πολεμικὰ καὶ σύντροφα ποιείσθω τοῖς δεινοῖς, μὴτ' ἀργεῖν ἐὼν μήτε ῥαθυμεῖν· ἢ μὲν γὰρ ἀργία τὰ σώματα μαλθακὰ καὶ ἀσθενῆ κατεσκεύασεν, ἢ δὲ ῥαθυμία τὰς ψυχὰς ἀνάνδρους καὶ δειλὰς ἐποίησεν· αἱ γὰρ ἡδοναὶ δελεάζουσαι τῷ καθ' ἡμέραν συνήθει τὰς ἐπιθυμίας διαφθείρουσι καὶ τὸν εὐτολμότητα. (3) ὅθεν οὐ μακρὰν ἀπάγειν τοὺς ἀνδρας τῶν πόνων· ἐπειδὴν γὰρ μετὰ χρόνον ἀναγκάζονται πρὸς τὰ πολεμικὰ χωρεῖν, οὐθ' ἡδέως ἐξίσασιν οὐτ' ἐπὶ πολὺ μένουσιν, ἀλλ' ἐκδεδιητημένοι ταχὺ μὲν ὀρρωδοῦσι, πρὶν ἢ καὶ πειράσασθαι τὰ δεινά, ταχὺ δὲ καὶ πειράσαντες ἀποχωροῦσιν, οὐτ' ἐλπίζειν οὔτε φέρειν τοὺς κινδύνους</p>	<p><b>IX. [Sobre trocar constantemente de acampamento]<sup>93</sup></b></p> <p>(1) Talvez seja útil e seguro para o exército não se demorar num mesmo acampamento caso não esteja exposto a um frio invernal e não aconteça de ter construído alojamentos para a presente estação. Pois os excrementos das necessidades que são depositados nos mesmos lugares e lançam ao alto vapores da decomposição também trocam gases com a dispersão do ar em circulação. (2) Nos aposentos de inverno, deve exercitar os soldados e fazê-los prontos para a guerra e familiarizados com os perigos, não permitindo que fiquem ociosos ou frouxos, pois o ócio produz corpos moles e fracos e a frouxidão fabrica almas covardes e imprestáveis. Com efeito, os prazeres, engodando os desejos no costume diário, aniquilam até os mais bravos – (3) motivo pelo qual os homens não devem ir para muito longe dos labores. Pois, depois de um tempo, quando forçados a avançar contra os oponentes, não partem de bom grado nem permanecem por muito tempo, mas tendo mudado de hábito, estremeecem logo, antes mesmo de avaliar os perigos. E mesmo que já os tenham avaliado, ainda assim retiram-se, incapazes de ter esperança e de suportar os perigos.</p>
--	---

<sup>93</sup> ἀπληκτον é palavra bizantina (lat. *applicatum*), o que reforça a hipótese de que os títulos dos capítulos, bem como a própria divisão do texto em capítulos, remontam ao período bizantino, provavelmente à época do imperador bizantino Leão VI (886 a 912 d.C.). O termo aparece em documentos do séc. X ao XIV d.C. designando o aquartelamento de tropas. Em alguns dos documentos, forma um par com μύτατον (*Lavra* 1, no.6.23; *Koutloun*. no.10.62) e nem sempre é possível notar a distinção entre os dois. “Desde que um crisóbulo de 1086 fala de um ‘aprovisionamento de *aplektion* de um exército precipitando-se ou retornando da guerra’ (*Lavra* 1, no.48.44-45), pode-se supor que *aplektion* seria um aquartelamento por tempo reduzido”. (KAZHDAN, Alexander (ed.). *Aplektion*. In: \_\_\_\_\_. *The Oxford Dictionary of Byzantium*. Oxford University Press, 1991. Disponível em: <http://0-www.oxfordreference.com.edlis.ied.edu.hk:80/views/ENTRY.html?subview=Main&entry=t174.e0362>. Acesso em: 28 de Julho de 2008)

δυνάμενοι.	
<p style="text-align: center;"><b>Χ. α΄. [Περὶ τοῦ δεῖν γυμνάζειν τὸν στρατὸν ἀδείας οὐσης]</b></p> <p>(1) Διόπερ ἀγαθοῦ στρατηγού καὶ τὰ χρήσιμα τότε κατασκευάζειν, ὅτ' οὐκ ἐπείγουσιν αἱ τῶν ἐκ παρατάξεως ἀγώνων ἀνάγκαι, καὶ τὰ ἄχρηστα διὰ τὴν τῶν σωμάτων ἄσκησιν ἐπιτάττειν. ἱκανὴ γὰρ στρατοπέδοις ἄνεσις, κἂν σφόδρα ταλαίπωροι ᾖσιν, ἢ μὴ διὰ τῶν δεινῶν εἰς τὸ ἀληθινὸν ἀγώνισμα πείρα. γυμναζέτω δὲ τοιοῖσδέ τισι τρόποις.</p> <p>(2) Ἐκταπέτω πρῶτον ἀναδοὺς τὰ ὅπλα πᾶσιν, ἵν' ἐν μελέτῃ σφίσις ἢ τὸ μένειν ἐν τάξει, καὶ ταῖς ὁμεσι καὶ τοῖς ὀνόμασι συνήθεις ἀλλήλοις γιγνόμενοι, τίς ὑπὸ τίνα καὶ τοῦ καὶ μετὰ πόσους, ὑπ' ὅξυ παράγγελμα πάντες ᾖσιν ἐν τάξει· καὶ τὰς τε ἐκτάσεις καὶ συστολάς καὶ ἐγκλίσεις ἐπὶ λαϊὰ καὶ δεξιὰ, καὶ λόχων μεταγωγὰς καὶ διαστήματα καὶ πυκνώσεις, καὶ τὰς δι' ἀλλήλων ἀντεξόδους καὶ εἰσόδους, καὶ τὰς κατὰ λόχους διαιρέσεις, καὶ τὰς κατὰ τάξεις καὶ τὴν ἐπὶ φάλαγγα ἐκτείνουσαν καὶ τὴν ἐπὶ βάθος ὑποστέλλουσαν, καὶ τὴν ἀμφιπρόσωπον μάχην, ὅτ' ἂν οἱ κατ' οὐρανὸν ἐπιστρέψαντες,</p>	<p style="text-align: center;"><b>X. (1) [Sobre a necessidade de treinar o exército em tempos de segurança]</b></p> <p>(1) Por esse motivo, compete ao bom general tanto preparar as coisas necessárias (quando a urgência de batalhas campais<sup>94</sup> não está pressionando) quanto ordenar as não necessárias, em prol do exercício dos corpos. Pois por mais fatigados que estejam, já é alívio suficiente para os soldados uma experiência de combate não genuína e livre de riscos. Treina, pois, os teus da seguinte forma:</p> <p>(2) Primeiro, põe-nos em ordem de batalha e distribui armas a todos, para que durante o treinamento tornem-se aptos a manterem-se em formação, acostumando-se também com as caras e os nomes uns dos outros e sabendo de quem estão próximos, onde e depois de quantos, para que, sob uma ordem incisiva, todos estejam em formação. Instrui-os na dilatação e na contração<sup>95</sup>; na orientação para a esquerda ou para a direita; no deslocamento, espaçamento e condensação de fileiras; no fluxo e refluxo entre elas; na distribuição em fileiras e colunas; no esticamento para formar a falange e no recuo e contração para a formação em profundidade; no combate em duas frentes; e sempre que os da retaguarda</p>

<sup>94</sup> A batalha campal – o termo *pitched battle*, em língua inglesa, talvez cause menos estranheza –, à diferença da escaramuça, é combinada previamente pelos dois exércitos, que determinam lugar e hora de sua realização.

<sup>95</sup> O dicionário de Lidell-Scott indica para essa passagem de Onassandro e para Pl. *Rep.*526d que o sentido mais provável de ἔκτασις, ambos os casos em contexto militar, seja o de *extension, deployment*. O termo militar em língua inglesa tem mais de um uso, podendo tanto designar o posicionamento estratégico das tropas anterior à batalha quanto a movimentação das mesmas em campo. É possível que o sentido do termo em Pl. *Rep.*526d de fato seja esse, mas na passagem de Onassandro a sequência com συστολάς sugere uma tentadora oposição entre expansão e compressão de formações com a qual concordam as traduções de Corrado Petrocelli e a da edição de Harvard. A oposição entre formação espaçada e cerrada é, ainda na mesma frase, indicada por dois outros termos: μεταγωγή e πυκνώσις.

<p>καὶ τὰς ἀνακλήσεις ἐκδιδασκέτω.</p> <p>(3) Καθάπερ γὰρ ἐπὶ τῶν μουσικῶν ὀργάνων οἱ μὲν ἀρχὴν ἔχοντες τοῦ μανθάνειν ἐπιτιθέντες τοὺς δακτύλους ἐπὶ τε τὰ τρήματα τῶν αὐλῶν καὶ διαστήματα τῶν χορδῶν πολλάκις ἄλλον ἔθεσαν ἐπ' ἄλλεν καὶ οὐ κατὰ τὴν ἀρμονικὴν διάστασιν, εἶτα μόλις ἐπεκτείναντες βραδὺ μὲν αἶρουσι τοὺς δακτύλους, βραδὺ δὲ τιθέασιν, οἱ δ' ἐν μελέτῃ τῆς μουσικῆς ἀνεπιτηδεύτως ἤδη ἔρρυθμισμένη τῇ χειρὶ δι' ὀξύτητος μεταφέρουσιν, ὅπῃ τε βούλονται παραθλίψαι τῆς ἀναπνοῆς καὶ ἀνοῖξαι καὶ παραψῆλαι χορδῆς· τοῦτον δὴπου τὸν τρόπον οἱ μὲν ἀσυνήθεις καὶ ἀνάσκητοι τῆς τάξεως διὰ ταραχῶν πολλοῦ μόλις ἀλλήλων διαμαρτάνοντες ἐγκατατάσσονται πολὺν ἀναλίσκοντες χρόνον, οἱ δὲ συγκεκροτημένοι διὰ τάχους, ὡς εἰπεῖν αὐτόματοι, φέρονται πρὸς τὴν τάξιν ἐναρμόνιον τινα καὶ καλὴν ἐκπληροῦντες ὄψιν.</p> <p>(4) Εἶτα διελὼν τὰ στρατεύματα πρὸς ἀλλήλους ἀσιδήρῳ μάχῃ συναγέτω νάρθηκας ἢ στύρακας ἀκοντίων ἀναδιδούς, εἰ δὲ τινα καὶ βεβλασμένα πεδία εἴη, βώλους τε κελεύων αἶποντας βάλλειν· ὄντων δὲ καὶ ἱμάντων ταυρείων χρήσθων ἐπὶ τὴν μάχην· δείξας δ' αὐτοῖς καὶ λόφους ἢ βουνούς ἢ ὄρθιους τόπους κελεύετω σὺν δρόμῳ καταλαμβάνεσθαι· ποτὲ δὲ καὶ ἐπιστήσας ἐπὶ αὐτῶν τινας τῶν στρατιωτῶν καὶ ἀναδοὺς ἅ μικρῶ πρόσθεν ἔφην ὄπλα, τούτους ἐκβαλοῦντας ἑτέρους ἐκπεπέτω· καὶ ἦτοι τοὺς μείναντας ἐπαινείτω καὶ μὴ ἐκπεσόντας ἢ τοὺς ἐκβαλόντας.</p> <p>(5) Ἐκ γὰρ τῆς τοιαύτης ἀσκήσεως καὶ</p>	<p>volverem e entrarem a combater contra os inimigos ao seu redor, instrui-os também nos toques de retirada.</p> <p>(3) No que diz respeito aos instrumentos musicais, é fato que os principiantes no aprendizado, ao colocarem os dedos sobre os buracos dos <i>aulos</i> e também nos espaços entre as cordas, constantemente põem dedo trás dedo em desacordo com o intervalo harmônico e, depois, estendendo-os com dificuldade, lentamente os sobrelevam e lentamente tornam a pousá-los. Por sua vez, os experientes em música despreocupadamente a já ritmada mão deslocam com presteza ao lugar onde pretendem tapar e destapar o respiro e tanger a corda. É precisamente desse modo que os homens sem familiaridade ou experiência em formações, em decorrência da demasiada perturbação, falham totalmente uns com os outros e posicionam-se parcamente, vindo a gastar muito tempo. Já os bem treinados, graças à ligeireza, são conduzidos à formação – automaticamente, por assim dizer –, compondo uma figura algo harmoniosa.</p> <p>(4) A seguir, após dividir o exército, reúne uns contra os outros em combate desarmado, distribuindo-lhes bastões ou cabos de dardo. E caso haja também campos cobertos de torrões de terra, é preciso ordenar aos que pegarem os torrões que os lancem. Quando houver correias de couro bovino, devem usá-las no combate. Mostrando-lhes também as serras, colinas ou áreas escarpadas, ordena-lhes correr juntos a ocupá-las. E num certo momento, posicionando ali alguns dos soldados e distribuindo as armas que há pouco mencionei, envia os outros para lançá-los fora. E elogia seja os que aguentaram firme e sem recair, seja os que lançaram fora os outros.</p>
---	--



γυμνασίας ὑγιαίνει μὲν τὸ στράτευμα, πᾶν δ' ὅ τι οὖν ἥδιον ἐσθίει καὶ πίνει, κἄν λιτὸν ἤ, πολυτελέστερον οὐθὲν ἐπιζητοῦν· ὁ γὰρ ἀπὸ τῶν πόνων λιμὸς καὶ τὸ δίψος ἱκανὸν ὄψον ἐστὶν καὶ γλυκὺ κρᾶμα, καὶ στερρότερα τε τὰ σωματὰ σφισι γίγνεται καὶ ἄκμητα, καὶ συνεθίζεται τοῖς μέλλουσι δεινοῖς, ἰδρῶδι καὶ πνεύματι καὶ ἄσθματι καὶ θάλπεσιν ἀσκιάστοις καὶ κρυμοῖς ὑπαίθροις ἐγγυμναζόμενα.

(6) Παραπλησίως δὲ γυμναζέτω καὶ τὸ ἵππικὸν ἀμίλλας ποιούμενος καὶ διώγματα καὶ συμπλοκὰς καὶ ἀκροβολισμοὺς ἐν τοῖς ἐπιπέδοις καὶ περὶ αὐτὰς τὰς ρίζας τῶν λόφων, ἐφ' ὅσον δυνατὸν ἐστὶ καὶ τῶν τραχέων ἐπιψαύειν· οὐ γὰρ οἶόν τε βιάζεσθαι πρὸς ἀνάτη καὶ κατὰ πρανοῦς ἱππάζεσθαι.

### β'. [Περὶ προνομῶν]

(7) Σωφρονεῖτω δὲ περὶ τὰς προνομὰς καὶ μὴ ἐφίετω ταῖς δυνάμεσιν, ἐπειδὴν εἰς εὐδαίμονα πολεμίων εἰσβάλλῃ χώραν, ἀτάκτως φέρεσθαι πρὸς τὰς ὠφελίας· αἱ γὰρ μέγιστα συμφοραὶ κἄν τοιοῖσδε γίνονται· πολλάκις γὰρ ἀτάκτοις καὶ σποράσι περὶ τὴν λείαν σεσοβημένοις ἐπιπεσόντες οἱ πολέμοι καὶ διὰ τὸ ἀσύντακτον τοῦ πλήθους καὶ διὰ τὸ βαρεῖς εἶναι τοὺς ἀποχωροῦντας ταῖς ὠφελείας οὔτε τοῖς ὅπλοις χρῆσθαι δυνα-μένους οὐτ' ἀλλήλοις ἐπικουρῆσαι πολλοὺς διέφθειραν. (8) εἰ δέ τινες δίχα τοῦ τὸν στρατηγὸν κελεῦσαι προνομεύοιεν, οὗτοι κολαζέσθων. αὐτὸς γε μὴν ὅτ' ἂν ἐπὶ τὴν λείαν ἐκπέμπῃ, τοῖς ψιλοῖς καὶ ἀνόπλοις συνταττέτω

(5) Pois com exercício e treinamento tais, o exército mantém-se em bom estado de saúde e come e bebe com mais prazer tudo o que há então – por frugal que seja –, e não exigem nada mais extravagante. Na verdade, a fome e a sede provocadas pelo árduo trabalho são um prato cheio, um doce coquetel: seus corpos ficam mais robustos e incansáveis; e uma vez treinados no suor, no resfôlego, na arfagem, nos calores sem sombra e nas friagens a céu aberto, ficam bem condicionados para os perigos iminentes.

(6) De forma semelhante, treina também a cavalaria, promovendo competições, caçadas, lutas e escaramuças nas áreas planas e em torno das bases das serras, até a parte das áreas acidentadas que for possível atingir: pois ela não é capaz de realizar ataques em terreno íngreme nem de galopar monte abaixo.

### 2. [Sobre pilhagens]

(7) Sê temperante no que diz respeito às pilhagens e, sempre que as tropas se lançarem sobre um terreno inimigo próspero, não permitas que corram em desordem atrás dos espólios. Pois as maiores desgraças sucedem também em decorrência desse tipo de comportamento. De fato, com frequência os inimigos precipitam-se sobre os que estão desordenados, dispersos e excitados com a perspectiva do butim – tanto por causa da desorganização da massa quanto por estarem pesados os que retornam com os espólios – e aniquilam muitos que nem são capazes de fazer uso das armas, nem de prestar socorro aos companheiros. (8) Se alguém pilhar sem o general ter dado ordem, deverá ser punido. Mas quando o próprio general enviar expedição em busca

μαχίμους ἰππεῖς καὶ πεζοὺς, οἱ περὶ μὲν τὴν λείαν οὐκ ἀσχολήσονται, μένοντες δὲ ἐν τάξει παραφυλάξουσι τοὺς προνομεύοντας, ἵν' ἦ σφισιν ἀσφαλῆς ἡ ἀποχώρησις.

γ'. [Περὶ κατασκόπων]

(9) Εἰ δὲ συλλάβοι ποτὲ κατασκόπους, μὴ μιᾷ κεχρήσθω γνώμη. ἄλλ, ἐὰν μὲν ἀσθε-νέστερα τὰ ἴδια ἢπερ τὰ παρὰ τῶν πολεμίων εἶναι νομίζῃ, κτεινάτω τούτους, ἂν δὲ καὶ ὀπλισμῷ καλῷ κεχρημένος ἦ καὶ παρασ-κευαῖς ἐντελέσι καὶ δυνάμει πολλῇ καὶ εὐεξία σωμάτων καὶ πειθηνίῳ στρατεύματι καὶ ἡγεμόσιν ἀριστοῖς καὶ ἐμπειρία μεμελετημένη, παραλαβὼν τοὺς κατασκότους καὶ ἐν κόσμῳ τὴν στρατιὰν ἐπιδειξάμενος οὐκ ἂν ἀμάρτοι ποτὲ καὶ ἀθώους ἀποπέμψας. Τὰ μὲν γὰρ πλεονεκτήματα τῶν ἀντιπολέμων ἀγγελλόμενα φοβεῖσθαι συνηνάγκασεν, τὰ δ' ἐλαττώματα θαρρεῖν παρεστήσατο.

δ'. [Περὶ νυκτοφυλάκων]

(10) Φύλακας δὲ καταταττέτω καὶ πλείους, ἵν' ἐν μέρει διελόμενοι τὴν τῆς νυκτὸς ὥραν οἱ μὲν ὑπνοῦν οἱ δὲ γρηγορεῖν αἰρῶνται· οὔτε γὰρ ἀναγκαστέον οὔθ' ὑπισχνουμένοις πιστευτέον ὄλην ἀγρυπνήσειν νύκτα τοὺς αὐτοὺς· εἰκὸς γὰρ ποπε καὶ παρὰ γνώμην ἐνδιδόντων τῶν μελῶν αὐτόματον ὑπνον ἐπελθεῖν. (11) ὀρθοὶ δ' ἐστῶτες φυλαττόντων· αἱ γὰρ καθέδραι καὶ ἀναπτώσεις συνεκλύουσιν τὰ σώματα μαραίνουσιν εἰς ὑπνον, ἢ δ' ἀνάστασις καὶ ὁ τόνος

de butim, ponha ele infantaria leve e soldados desarmados junto de cavaleiros e infantes belicosos, os quais não se ocuparão com o butim, permanecendo em formação a fim de vigiar os saqueadores para que a retirada seja-lhes segura.

3. [Sobre os espiões]

(9) Se em algum momento o general vier a capturar espiões, não deverá usar de um único plano. Deverá matá-los se porventura julgar suas tropas mais fracas que as inimigas; mas se, ao contrário, estiver fornido de bons equipamentos, de uma força numerosa, de tropas vigorosas, de um exército disciplinado, dos melhores comandantes e de experiência adquirida com a prática não errará se, admitindo espiões e exibindo-lhes o exército em ordem, então os despachar de volta ilesos. Porque as vantagens dos adversários, quando reportadas, provocam medo inevitavelmente; mas as desvantagens dispõem-nos a tomar coragem.

4. [Sobre os guardas noturnos]

(10) Nomeia guardas (e muitos) a fim de que, dividindo o período da noite entre dois grupos, uns sejam escolhidos para dormir e outros para vigiar. De fato, não se pode forçá-los nem confiar nos que prometem que velarão a noite inteira, porque é comum que, vez ou outra, os membros abandonando-se, o sono sobrevenha subitamente, mesmo que contra a vontade. (11) E ao vigiar devem conservar-se de pé, pois os assentos e posições reclinadas relaxam os corpos e apagam-nos no sono, mas a postura ereta e o esticamento das pernas põe a mente

<p>τῶν σκελῶν ἐγρήγορσιν ἐντίθησι τῇ διανοίᾳ. (12) καιόντων δ' οἱ φύλακες πυρὰ πορρωτέρω τῆς στρατοπεδείας· οὕτως γὰρ τοὺς μὲν προσιόντας διὰ τοῦ φωτὸς ἐκ πολλοῦ συνόφονται, τοῖς δ' ἐκ τοῦ φωτὸς ἐν σκόπῳ τυγχάνοντες οὐκ ἀθρήσονται, μέχρις ἂν εἰς χεῖρας ἔλθωσιν.</p> <p>ε'. [Περὶ λαθραίας ἀναχωρήσεως τοῦ στρατεύματος]</p> <p>(13) Εἰ δὲ βούλοιτό ποτε νύκτωρ ἀναστήσαι τὸ στράτευμα λαντάνων τοὺς πολεμίους, ἢ τόπους προκαταλαβέσθαι προαιρούμενος ἢ τοὺς ὄντας φεύγων ἢ μηδέτω βουλόμενος εἰς ἀνάγκην ἐλθεῖν τοῦ μάχεσθαι, πυρὰ πολλὰ καύσας ἀναχωρεῖτω· βλέποντες μὲν γὰρ οἱ πολέμοι τὰ φῶτα δοκοῦσι κατὰ χώραν αὐτὸν μένειν, ἀφωτίστου δὲ μεταξὺ γενομένης τῆς παρεμβολῆς ὑπόνοιαν ἀναλαβόντες, ὡς φεύγουσιν, ἐνέδρας τε προεκπέμπουσι καὶ διώκουσιν.</p> <p>ς'. [Περὶ στρατηγῶν κοινολογουμένων τοῖς τῶν ἐναντίων στρατηγοῖς]</p> <p>(14) Ἐὰν δ' ἐπὶ τῶν αὐτῶν μένων εἰς ὄψιν ἔρχηταί ποτε τῶ τῶν πολεμίων στρατηγῶ, κοινολογησόμενος, ὡς αὐτὸς εἰπεῖν ἢ ἀκοῦσαί τι βουλόμενος, ἐκλεξάμενος τοὺς κρατίστους καὶ ἀξιοπρεπεστάτους τῶν νέων, εὐρώστους καλοὺς μεγάλους, ὅπλοις διαπρεπέσι κοσμήσας ἔχων περὶ αὐτὸν ἀπαντάτω· πολλάκις γὰρ τοιόνδε τὸ πᾶν ἀπὸ μέρους ὀφθέντος ἠλπίσθη, καὶ οὐκ ἐξ ὧν ἤκουσεν ὁ στρατηγὸς ἐπέισθη, τί δεῖ ποιεῖν, ἀλλ' ἐξ ὧν εἶδειν ἐφοβήθη.</p>	<p>vigilante. (12) Os guardas têm de acender fogos o mais longe possível do acampamento, pois assim, com o auxílio da luz, conseguirão enxergar os que se aproximam. Achando-se no escuro, contudo, não serão notados pelos que vêm da parte iluminada até que estes caiam em suas mãos.</p> <p>5. [Sobre a retirada secreta do exército]</p> <p>(13) Se o general quiser transferir o exército à noite sem que os inimigos tomem conhecimento – ou porque prefere antecipar a ocupação de uma área, ou porque foge daquela onde está, ou porque ainda não quer ceder à necessidade de combater – deve proceder à retirada depois de ter acendido muitos fogos, pois, ao verem as luzes, os inimigos suporão que ele permanece naquela região. Mas se suspeitarem da escuridão em meio ao acampamento – como se tivessem fugido – hão de antecipar-se no envio de emboscadas e partir em perseguição.</p> <p>6. [Sobre as negociações de generais com os generais inimigos]</p> <p>(14) Enquanto permanecem nos mesmos postos, se o general vier à presença do general inimigo para uma negociação (porque intente dizer ou ouvir algo), optando pelos mais fortes e apropriados dentre os jovens, os corpulentos, belos e altos, adornando-os com armas esplendorosas e tendo-os em torno de si, deve ir ao encontro dele. Pois muitas vezes, com a visão de uma parte, supõe-se que o todo seja tal qual. E um general, quanto ao que é preciso fazer, embora não se persuada pelo que ouve,</p>
---	--

<p style="text-align: center;">ζ'. [Περὶ αὐτομόλων]</p> <p>(15) Τῶν δὲ αὐτομόλων εἶ τινες ἢ καιρὸν ἀφιγνοῦνται μηνύσοντες ἢ ὥραν ἐπιθέσεως, ἢ ὁδὸν ἐπαγγέλλονται καθηγήσασθαι καὶ διὰ σκοπῶν ἀοράτων τοῖς πολεμίοις ἄξειν, δήσας αὐτοὺς ἀγέτω, τοῦτο ποιῶν σφισι φανερόν, ὡς, ἐὰν μὲν ἀληθεύσωσι καὶ ἐπὶ σωτηρίᾳ καὶ νίκη πάντα ποιήσωσι τοῦ στρατεύματος, λύσει τέ σφας καὶ δωρεὰς δώσει καταξίους, ἐὰν δ' ἐξαπατήσωσι καὶ ψεύσωνται τοῖς σφετέροις ἐγχειρίσαι βουλόμενοι τὸ στράτευμα, παρ' αὐτὸν ἐκείνον τὸν καιρὸν ὄντες ἐν δεσμοῖς ὑπὸ τῶν κινδυνεόντων κατασφαγήσονται· πίστις γὰρ αὐτομόλου τι μηνύοντος αὕτη βεβαιωτάτη, τὸ μὴ αὐτὸν εἶναι τῆς αὐτοῦ ψυχῆς κύριον, ἀλλὰ τοὺς ὀδηγούμενους.</p> <p style="text-align: center;">η'. [Περὶ τοῦ ὁρᾶν καὶ τὴν τῶν πολεμίων παρεμβολήν]</p> <p>(16) Ὅράτω δὲ καὶ τὴν τῶν πολεμίων παρεμβολήν ἐμπείρως· μήτε γάρ, ἐὰν ἐν ἐπιπέδῳ καὶ κατὰ κύκλον ἴδη κείμενον βραχὺν τὴν περίμετρον καὶ συνεσταλμένον χάρακα, δοκίτω τοὺς πολεμίους ὀλίγους εἶναι ὅτι πᾶς γὰρ κύκλος ἐλάττω τὴν τοῦ σχήματος ὄψιν ἔχει τῆς ἐξ ἀναλόγου στερεομετρομένης</p>	<p>teme, contudo, o que se lhe põe à vista.</p> <p style="text-align: center;">7. [Sobre os desertores]</p> <p>(15) Se alguns dentre os desertores aparecerem para revelar o momento oportuno ou o horário do ataque, ou oferecerem-se para orientá-lo na estrada e conduzi-lo por atalhos<sup>96</sup> invisíveis aos inimigos, leva-os atados, deixando-lhes claro o seguinte: que se estiverem falando a verdade e fazendo tudo pela salvação e vitória do exército, irá libertá-los e ainda dará a eles os presentes muito merecidos. Mas que se os enganarem e traírem, querendo entregar o exército nas mãos dos seus, encontrando-se agrilhoados naquela “situação oportuna”, serão assassinados por aqueles que puseram a perigo. Pois a credibilidade de um desertor que revela alguma informação é a mais segura quando ele não é senhor de sua própria vida, mas o são os que o seguem.</p> <p style="text-align: center;">8. [Sobre observar também o acampamento dos inimigos]</p> <p>(16) É preciso observar também o acampamento dos inimigos, e habilmente. Pois, se notar uma paliçada compacta e de pequena circunferência, situada num plano e disposta em círculo, não se deve supor serem poucos os inimigos. Na verdade, todo círculo tem a aparência de uma figura menor pela teoria de proporcionalidade dos sólidos</p>
--	--

<sup>96</sup> Nenhuma das lições desse trecho parece comportar uma leitura razoável (a maioria dos manuscritos apresenta διὰ σκοπῶν, em F consta διασκοπῶν e em R, διὰ σκόπων), de forma que optamos por διὰ κοπῶν, sugestão de Korzensky (Korzensky, E. *Rec. Dain*, Alphonse, *Les Manuscrits d'Onésandros*. In: *Philologische Wochenschrift*, n.52, v.1, 1932, coll. 1-8), fundamentada numa passagem similar em *Sylloge Tacticorum* 27.2: διὰ τῶν καλουμένων κοπῶν.

θεωρίας, καὶ πλείους δύναται δέξασθαι τὸ ἐν αὐτῷ περιγραφόμενον εὖρος, ἢ ἰδῶν ἂν τις ὄψει τεκμήραιτο ὅ, μήτε, ἂν αἱ πλευραὶ τοῦ χάρακος ἐπὶ μῆκος ἐκτείνωσι καὶ κατὰ τι μέρος στεναὶ τυγχάνωσιν ἢ σκολιαὶ καὶ πολυγώνιοι καὶ ὀξυγώνιοι, πολὺ πλῆθος ἐλπίζετω· τῆς μὲν γὰρ στρατοπεδείας ἢ ὄψις μεγάλη φαίνεται, τοὺς δ' ἐν αὐτῇ περιελημμένους ἄνδρας οὐ πάντως πλείονας ἔχει τῶν ἐν κύκλῳ περιγραφόμενων. (17) οἱ δ' ἐπὶ τῶν ὄρων καὶ λόφων χάρακες, ἐὰν μὴ συμφυεῖς ὦσι πάντη, μείζους μὲν ὀρῶνται τῶν ἐν τοῖς ἐπιπέδοις, ἐλάττους δὲ ἢ κατὰ τὴν ὄψιν ἄνδρας περιέρχουσιν· πολλὰ γὰρ ἀνθρώπων ἐντὸς ἀπολείπεται γυμνὰ μέρος· τῶν γὰρ τοιούτων τόπων ἀνάγκη πολλὰ μὲν εἶναι βάραθρα, πολλὰ δὲ κρημνώδη καὶ τραχέα καὶ ἀκατασκήνωτα, τοῦ δὲ χάρακος πρὸ τῶν ἀνθρώπων τιθεμένου, τούτου τὸ μῆκος εὐλόγως ἐπεκτείνεται. (18) μήτ' οὖν, ἐπειδὴν ἴδη βραχὺν καὶ συνεσταλμένον, καταφρονεῖτω συλλογιζόμενος καὶ τὸν τόπον καὶ τὸ σχῆμα, μήτ', ἂν καὶ παραμήκη, καταπλητέσθω.

(19) Ταῦτα μέντοι γινώσκων εὐκαίρως ποτὲ στρατηγία χρησάσθω, καὶ καταστρατοπεδεύσας ἐν ὀλίγῳ κατὰ τὸ προειρημένον σχῆμα, καί, εἰ δέοι, καὶ συνθλίψας τὸ στράτευμα μὴ προαγέτω μήτε δεικνύτω τοῖς ἀντεστρατοπεδευκόσι, καὶ δὴ προκαλουμένοις εἰς μάχην μὴ ἐξαγέτω· δοκεῖτω δὲ καὶ δεδιέναι. (20) πολλάκις γὰρ οἱ πολέμιοι καταφρονήσαντες ὡς ὀλίγων ὄντων τῶν ἐναντίων, ὄψει καὶ οὐκ ἐμπειρία στρατηγικῇ τὰ πράγματα κρίνοντες,

geométricos, e a largura circunscrita nele pode conter mais homens do que alguém, a julgar pela aparência, poderia conjecturar. Se as laterais da paliçada estenderem-se no comprimento e numa certa parte acontecer de serem estreitos, tortos, multiangulares ou acutangulares, tampouco se há de supor que haja uma grande massa, porque esses acampamentos parecem largos, mas na verdade não comportam mais homens em seu perímetro do que os circunscritos em círculo. (17) As paliçadas sobre colinas e picos, se não são completamente compactas, aparentam ser maiores do que as nas planícies, mas cercam menos homens do que aparentam. Decerto muitas partes internas foram deixadas desguarnecidas de homens, uma vez que deve haver muitos golfos nesses lugares e muitas superfícies escarpadas, acidentadas e impróprias para acampamento. E quando a paliçada estiver disposta para a defesa dos homens, que o comprimento dela seja alargado razoavelmente. (18) Então, quando avistada uma paliçada pequena e apertada, o general não deve fazer pouco caso, tirando conclusões somente a partir de sua localização e formato; tampouco deve ficar estarecido ao ver uma retangular.

(19) Com isso em mente e uma vez acampado num lugar pequeno, de acordo com o esquema previamente mencionado, e, se preciso, até mesmo comprimindo o exército, deve fazer uso de uma estratégia conveniente. Não deve conduzi-lo com precipitação, nem exibi-lo aos que estão acampados no lado oposto, nem levá-lo a combate logo que forem chamados a fazê-lo. Têm de parecer que estão com medo. (20) Pois os inimigos com frequência comportam-se de modo mais indiferente, fazendo pouco caso, como se os oponentes fossem poucos e julgando os fatos não por

<p>ῥαθυμότερον ἀνεστρά-φησαν, ἀφυλάκτως καὶ ἀτάκτως τῆς ἰδίας προϊόντες παρεμβολῆς, ὡς οὐ τολμησόντων σφίσι τῶν πολεμίων ἐπεξε-λεύσεσθαι, ἢ καὶ τῷ χάρακι περιστάντες πολιορκοῦσιν ἀπροσδόκητοι τοῦ μέλλοντος ἐκχυθήσεσθαι πλήθους· ἢ δ' ἀνελπιστία τῶν δεινῶν ἀμελεστέρους ἐποίησε τοὺς στρατιώτας. ἔνθα δεῖ τὸν καιρὸν ἀρπάσαν-τα κατὰ πολλὰς ἐκδραμόντα τοῦ χάρακος πυλίδας ἐν τάξει τῶν ὑποκειμένων ἀνδρείως ἔχεσθαι πραγμάθων.</p> <p>(21) Ὁ δὲ εἰδὼς οὕτως στρατηγεῖν εἴσεται, κἂν ὑπὸ τῶν πολεμίων ἐν τοῖς αὐτοῖς καταστρατηγῆται, καὶ δρᾶσαί τι φρόνιμος ἔσται καὶ φυλάξασθαι προμηθῆς· ἐξ ὧν γὰρ αὐτὸς εἴσεται, τί δεῖ ποιεῖν, ἐκ τούτων ἑτέρου ποιούντος γνώσεται, τί χρῆ μὴ παθεῖν· αἱ γὰρ ἴδιαι πρὸς τὸ λυπεῖν ἐμπειρίαι καὶ τὰς τῶν πέλας ἐπινοίας τεκμαίρονται.</p> <p>θ'. [Περὶ ἀπορρήτων]</p> <p>(22) Προάγειν δ' εἰ δέοι νύκτωρ ἢ μεθ' ἡμέραν ἐπὶ τι τῶν ἀπορρήτων, ἢ φρούριον ἢ πόλιν ἢ ἄκρα ἢ παρόδους καταληψόμενον ἢ τι τῶν ἄλλων δράσοντα, ἃ διὰ τάχους λαθόντα τοὺς πολεμίους, ἄλλως δ' οὐκ ἔστι πρᾶξαι, μηδενὶ προλεγέτω, μήτ' ἐπὶ τί μήτε τί ποιήσων ἄγει τὴν στρατιάν, εἰ μὴ τισι</p>	<p>experiência estratégica, mas pela aparência: partindo de seus acampamentos incauta e desorganizadamente – como se os inimigos não tivessem coragem de investir contra eles –, ou ainda, cercando a paliçada, fazem-lhe assédio sem esperar que uma multidão esteja para precipitar-se dali. A ausência de expectativa<sup>97</sup> de perigos faz mais desatentos os soldados. É então que é preciso resistir corajosamente às situações que se lhes apresentam, aproveitando a oportunidade e saindo ordenadamente pelas portinholas da paliçada.</p> <p>(21) Aquele que sabe essas coisas, saberá também liderar o exército: mesmo que seja superado estrategicamente pelos inimigos nesses quesitos, ainda assim será prudente no agir e cauteloso no vigiar. A partir dessas noções ele próprio saberá o que tem de fazer e com isso, quando o outro agir, terá ciência do que deve evitar padecer, visto que as experiências pessoais no infligir danos são também indicações das intenções dos que se avizinham.</p> <p>9. [Sobre planos secretos]</p> <p>(22) Se for necessário seguir à noite ou pela manhã por conta de algum plano secreto – seja para ocupar uma fortaleza, uma cidade, um ponto elevado ou uma passagem, seja para levar a cabo qualquer outra coisa que se deva fazer com rapidez e à revelia dos inimigos e que não tenha como ser realizada de outro modo –, o general não deve revelar antecipadamente a ninguém nem com que fim nem para onde expedirá seu exército, a menos que julgue necessário advertir seus</p>
---	--

<sup>97</sup> É menos comum entre os escritores táticos o uso de ἀνελπίς e palavras do mesmo campo semântico com o sentido fraco de “sem expectativa”. Elas são utilizadas por Asclepiodoto (*Arte tática*, 5.2) e Eliano (*Táticas*, 14.6), por exemplo, com o sentido de “desesperança”, referindo-se aos casos em que se tirava dos inimigos a esperança de fuga.

τῶν ἡγεμόνων ἀναγκαῖον εἶναι νομίζουσι προειπεῖν. (23) γενόμενος δ' ἐπ' αὐτῶν τῶν τόπων ἐγγυὸς ὄντος τοῦ παρ' ὃν δρᾶσαί τι δεῖ καιροῦ διδόντω τὸ παράγγελμα καὶ τί δεῖ πράττειν σημαινέτω· ταχὺ δὲ τοῦτο ἔστω καὶ δι' ὀλίγης ὥρας· ἅμα γὰρ οἱ ἡγεμόνες ἀκούουσι καὶ οἱ ὑποτεταγμένοι τούτοις ἴσασι. (24) ἄφρων δὲ καὶ ἀτελής, ὅστις ἂν πρὸ τοῦ δέοντος εἰς τὸ πλῆθος ἀνακοινώσῃται τὴν πρᾶξιν· οἱ γὰρ πονηροὶ μάλιστα περὶ τοὺς τοιούτους αὐτομολοῦσι καιροῦς, παρ' οὓς ἐροῦντές τι καὶ μνηύσοντες οἴονται τιμῆς καὶ δωρεᾶς τεύξεσθαι παρὰ τῶν πολεμίων· οὐκ ἔστιν δ' ἀφ' οὗ στρατεύματος οὐκ ἀποδιδράσκουσι πρὸς ἀλλήλους δοῦλοί τε καὶ ἐλεύθετοι κατὰ πολλὰς προφάσεις, ἃς ἀνάγκη παρέχεσθαι πόλεμον.

ι'. [Περὶ τῆς πρὸ μάχης ἐπισκέψεως τῶν ἱερῶν]

(25) Μῆτε δὲ εἰς πορείαν ἐξαγέτω τὸ στρατεύμα μῆτε πρὸς μάχην ταττέτω, μὴ πρότερον θυσάμενος· ἀλλ' ἀκολουθούντων αὐτῶν θύται καὶ μάντιες. ἄριστον μὲν γὰρ καὶ αὐτὸν ἐμπείρωσ ἐπισκέπτεσθαι δύνασθαι τὰ ἱερά· ῥᾶϊστόν γε μὴ ἔν τάχει μαθεῖν ἔστιν καὶ αὐτὸν αὐτῶν σύμβουλον ἀγαθὸν γενέσθαι. (26) γενομένων δὴ καλῶν τῶν ἱερῶν ἀρχέσθω πάσης πράξεως καὶ καλείτω τοὺς ἡγεμόνας πάντας ἐπὶ τὴν ὄψιν τῶν ἱερῶν, ἵνα θεασάμενοι τοῖς ὑποτακτομένοις θαρρεῖν λέγοιεν ἀπαγγέλλοντες, ὡς οἱ θεοὶ κελεύουσι μάχεσθαι· πάνυ γὰρ ἀναθαρροῦσιν αἱ δυνάμεις, ὅτ' ἂν μετὰ τῆς τῶν θεῶν

oficiais de algo. (23) Depois de atingir o local, aproximando-se o momento em que precisará agir, dê então as ordens e indique o que se há de fazer: faça-o rápido e num breve espaço de tempo, porque ao mesmo tempo em que os oficiais as escutam, também seus subordinados ficam cientes delas. (24) Tolo e ineficaz é aquele que, antes da hora, comunica à massa a ação planejada, pois é principalmente em tais oportunidades que os trapaceiros desertam, quando, vindo a contar e revelar alguma coisa, acreditam que irão receber honra e recompensa dos inimigos. Não há exército que escape à deserção tanto de escravos quanto de homens livres, os quais passam de um campo a outro durante as muitas ocasiões que a guerra oferece.

10. [Sobre a inspeção das vítimas sacrificiais antes do combate]

(25) O general não deve pôr o exército em marcha nem formá-lo para o combate antes de haver feito sacrifícios; mas que o acompanhem sempre sacerdotes e vates. De fato, seria ótimo que ele mesmo soubesse interpretar os presságios: é algo fácil e rápido de aprender, de modo a torná-lo um bom conselheiro de si mesmo. (26) Quando receber presságios favoráveis, dê ele início a todas as ações e convoque todos os oficiais à observação dos sacrifícios, a fim de que, depois de contemplarem, digam a seus subordinados para ficarem confiantes, relatando-lhes que os deuses ordenaram que combatessem. Na verdade, os soldados mostram-se muito mais corajosos quando acreditam enfrentar os perigos com o favor dos deuses, pois eles próprios ficam alertas – cada um ao que lhe é próprio – e ficam atentos aos sinais visuais e sonoros. O

<p>γνώμης ἐξιέναι νομίζωσιν ἐπὶ τοὺς κινδύνους· αὐτοὶ γὰρ ὀπιπεύονται κατ' ἰδίαν ἕκαστος καὶ σημεία καὶ φωνὰς παρατηροῦσιν, ἢ δ' ὑπὲρ πάντων καλλιέρησις καὶ τοὺς ἰδία  δυσθυμοῦντας ἀνέρρωσεν. (27) ἔαν δ' ἐπὶ τοῦναντίον τὰ ἱερά γένηται, μένειν ἐπὶ τῶν αὐτῶν, κἄν σφόδρα τι ἐπειγῆ, πᾶν ὑπομένειν τὸ δύσχρηστον ὅ οὐθὲν γὰρ δύναται παθεῖν χεῖρον, ὧν προμηνύει τὸ δαιμόνιον ὅ, ὡς, ἂν γέ τι κρεῖττον ἔσσεσθαι μέλλῃ τῶν παρόντων, ἀνάγκη καλλιερῆν, θύεσθαι δὲ τῆς αὐτῆς ἡμέρας πολλάκις· ὥρα γὰρ μία καὶ ἀκαρῆς χρόνος ἢ φθάσαντας ἐλύπησεν ἢ ὑστερήσαντας. (28) καὶ μοι δοκεῖ τὰς κατ' οὐρανὸν ἀστέρων κινήσεις καὶ ἀνατολὰς καὶ δύσεις καὶ σχημάτων ἐγκλίσεις τριγώνων καὶ τετραγώνων καὶ διαμέτρων ἢ θυτική διὰ σπλάγγων ἀλλοιομόρφῳ θεωρία προσημαίνειν, ὧν αἱ παρὰ μικρὸν διαφοραὶ καὶ δυνάμεις καὶ ἀλλοιώσεις ἐν ἡμέρᾳ μιᾷ μᾶλλον δὲ ὥρα καὶ βασιλεῖς ἐποίησαν καὶ αἰχμαλώτους.</p>	<p>sacrifício auspicioso recobra as forças de todos, até mesmo dos que estão desanimados com as funções que lhes são próprias. (27) Contudo, se os presságios forem desfavoráveis, há que permanecer no mesmo lugar, ainda que lhe estejam ao encalço, e suportar todas as dificuldades – pois não há como sofrerem nada pior do que o previsto pelos deuses – porque, se sua situação está para melhorar, faz-se necessário obter presságios auspiciosos e fazer vários sacrifícios num mesmo dia. De fato, uma única hora – ou mesmo um só minuto – pode levar à ruína os que chegam cedo ou tarde demais. (28) Parece-me que a divinação através de vísceras indica antecipadamente, por diversas formas de observação, os movimentos dos astros (nascimentos e ocasos) e suas posições (em forma de triângulo, de quadrado ou diametralmente opostos), dos quais pequenas diferenças, influxos e alterações, num único dia – ou mesmo numa só hora –, geraram reis e prisioneiros.</p>
<p><b>XI. α'. [Περὶ τοῦ ὅτι δεῖ τῶν πολεμίων σχηματιζομένων φεύγειν μὴ ἀπλῶς καὶ ὡ ἔτυχεν ἔχεσθαι τῆς διώσεις]</b></p> <p>(1) Ἐπειδὴ δὲ πολλάκις θυομένοις ὡς μὲν εἰς μάχην καλὰ γίνεταί τὰ ἱερά, διὰ δὲ μάχης ὄλον ἐνίστε στρατευμάτων ὄλεθρον προσημαίνει, τῶν ἀναγκαιοτάτων ἡγοῦμαι περὶ τούτου φράσαι. (2) τῆς γὰρ συμπάσης οἰκουμένης πολλὰς καὶ παντοίας εἶναι συμβέβηκεν ἰδέας τόπων, ἄδηλον δέ, ἐν ὁποίοις ἕκαστοι πολεμήσουσιν· καὶ τῆς</p>	<p><b>XI. (1) [Por que não deve-se, ao acaso, por-se no encalço de inimigos que supostamente fogem]</b></p> <p>(1) Quando os augúrios dos sacrifícios são com frequência propícios ao combate, mas eventualmente pressagiam a completa ruína dos exércitos no combate, julgo da maior necessidade advertir sobre isso. (2) Pois de toda a terra habitável muitas e múltiplas calham de ser as naturezas dos terrenos; e é incerto o tipo de terreno em que cada um irá guerrear. Além disso, enquanto os homens</p>



μὲν σφῶν αὐτῶν ἐμπειρίαν ἔχουσι χώρας ἄνθρωποι, τὴν δ' ἄλλοτρίαν οὐκ ἴσασι. (3) πολλάκις δ' εἰ στρατηγὸς ἀκούσας μιᾶς ἡμέρας ὁδὸν ἀπέχειν τοὺς πολεμίους ἀναστήσας ἄγει τὸν στρατόν, ἐπειγόμενος διὰ μάχης ἐλθεῖν τοῖς πολεμίους, τῶν δ' ὑποχωρούντων ἐπίτηδες καὶ μὴ μενόντων, ὡς κατορρωδοῦσιν ἔπεται, τῶν δὲ ταῦτο τοῦτο ποιούντων, ἕως ἔλθωσιν εἰς δυσχωρίας καὶ περικεκλεισμένους ὄρεσι τόπους, ἐπίκειται μηδὲν ὑφορώμενος, εἶτα ἐμβαλὼν εἰς τοὺς τόπους ὑπὸ τῶν πολεμίων ἀπεκλείσθη τῆς εἰσβολῆς, ἢ τὸ στράτευμα εἰσῆλθε, καὶ καταλαβόμενοι τὰς τε εἰς τοῦμπροσθεν διόδους καὶ κύκλῳ τὰ μετέωρα πάντα κατασχόντες, ὥσπερ ἐν ζωγρείῳ τινὶ συνεπέδησαν μὲν τοὺς πολεμίους, ὁ δὲ παριῶν μὲν ὑπὸ τῆς ὀρμῆς ἐφέρετο δοκῶν ἐπικεῖσθαι φυγομαχοῦσι τοῖς πολεμίους, οἷς προσελθὼν οὐκ ἔγνω, μετὰ δὲ ταῦτα περιβλεψάμενος τὰ τε πρόσω καὶ ὀπίσω καὶ παρὰ πλευράν, καὶ πάντα πλήρη θεασάμενος πολεμίων ἢ συνηκοντίσθη μετὰ τοῦ στρατεύματος, ἢ ἀπομάχεσθαι μὴ δυνάμενος καὶ μὴ παραδιδούς λιμῶ διεφθείρεν πάντας, ἢ παραδοὺς κυρίου ἐποίησε τοὺς πολεμίους τοῦ ὅτι βούλονται διαθεῖναι. (4) δεῖ τοίνυν τὰς ὑποχωρήσεις ὑφορᾶσθαι τῶν πολεμίων καὶ μὴ ἀπειροκάλως ἔπεσθαι καὶ περιβλέπεσθαι δε μᾶλλον τοὺς τόπους ἢ τοὺς πολεμίους καὶ δι' ὧν ἄγει χωρίων ὄραν, ἐπιλογί-ζεσθαι δ' ὅτι ταῦτα πάλιν ὑποστρέψαι δεῖ, καὶ ἦτοι μηδ' εἰσβάλλειν, ἀλλ' ἀποτρέπεσθαι τῆς πορείας, ἢ εἰσβάλλοντα προορᾶν καὶ εἰς τὰς ὑπερβολὰς καὶ τοὺς συνάπτοντας ἀυχένας τῶν ὁρῶν ἀπολείπειν τοὺς παραφυλάττοντας, ἵν' ἀσφαλῆς σφισιν ἢ

têm experiência em seus próprios territórios, do alheio nada sabem. (3) Com frequência, quando um general ouve que os inimigos estão distantes um dia de viagem, convoca e conduz o exército acampado, ansioso por ir a combate com os inimigos; e a esses que, propositalmente, recuam e não se deixam ficar, persegue-os, tomando-os por apreensivos. Enquanto fazem tais coisas, o general avança sem nada suspeitar, até que cheguem a um terreno acidentado e cercado por montanhas. A seguir, lançando-se em direção ao local, é barrado pelos inimigos na abertura pela qual adentrara seu exército. Dominando as passagens à frente e ocupando todas as elevações ao redor, como numa certa prisão prendem os inimigos, e o agressor é levado pela sua impetuosidade, supondo avançar contra inimigos que fogem à luta, os quais o que aborda não conhece. Depois disso, olhando para a frente, para trás, para um lado e para o outro, e divisando tudo infestado de inimigos, ou é dardejado em meio ao exército, ou – não podendo cessar o combate e não se rendendo – faz morrerem todos de fome, ou, rendendo-se, faz dos inimigos senhores daquilo de que quiserem dispôr.

(4) Portanto, é preciso suspeitar das retiradas dos inimigos, não as seguir vulgarmente, observar as cercanias – mais os terrenos do que os inimigos – e ver por que regiões conduz o exército, além de considerar que é mister retornar por esse mesmo caminho e não dar nenhum passo adiante, mas desviar-se do trajeto; ou, avançando, observar previamente as passagens entre montanhas e ainda deixar guardas auxiliares nos estreitos que as conectam, para que seu regresso seja seguro.

(5) Isso deve ser dito tanto para vencer com um estratagema quanto para não ser vencido. Pois, por um lado, é mesmo bom

<p>ἀνακομιδὴ γίγνηται.</p> <p>(5) Ταῦτα δ' εἰρήσθω καὶ τοῦ καταστρατηγεῖν οὕτως εἵνεκα καὶ τοῦ μὴ καταστρατηγεῖσθαι· καλὸν μὲν γὰρ καὶ τὸ λαβεῖν οὕτω δύνασθαι πολεμίους, ἀναγκαῖον δὲ τὸ μὴ ληφθῆναι.</p> <p>β'. [Περὶ τοῦ προσίεσθαι τοὺς ἀπαγγέλλοντάς τι]</p> <p>(6) Προσιέσθω δὲ καὶ πάντα τὸν βουλόμενον τι ἀπαγγέλλειν καὶ δούλον καὶ ἐλεύθερον καὶ νύκτωρ καὶ μεθ' ἡμέραν καὶ ἐν πορείᾳ καὶ ἐν κατασκηνώσει καὶ ἀναπαύομενος καὶ ἐπὶ λουτροῦ καὶ ἐπὶ τροφῆς· οἱ γὰρ ἀναβαλλόμενοι καὶ δυσπρόσιτοι καὶ τοῖς ὑπηρέταις τοὺς προσιόντας ἀνακόπτειν κελεύοντες πολλῶν καὶ μεγάλων εἰκότως διαμαρτάνουσι πραγμάτων, ἢ καὶ τοῖς ὅλοις ῥαθυμοῦντες σφάλονται· πολλάκις γὰρ ἐν ὄξει τὸ δυνάμενον καιρῶ φθασθῆναι πάρεισιν τινες μηνύοντες.</p>	<p>poder apanhar assim os inimigos; por outro, é necessário não ser apanhado.</p> <p>(2) [Sobre a admissão de portadores de alguma mensagem]</p> <p>(6) Admite todo aquele que intente reportar alguma mensagem, seja escravo ou homem livre; quer à noite, quer de dia; em marcha, ou no acampamento; durante o descanso, o banho ou à hora das refeições. Pois os gerais que procrastinam<sup>98</sup>, os de difícil acesso e os que ordenam aos seus assistentes repelir quem os aborde perdem muitas e grandes oportunidades; ou, negligentes, são em tudo arruinados. Pois com frequência há quem revele, num momento crítico, algo que pode ser antecipado em tempo.</p>
<p><b>XII. [Περὶ ἀριστοποιίας]</b></p> <p>(1) Ἀντιστρατοπεδεύων δὲ πολεμίων χάρακι μηδὲ τῆς κατὰ καιρὸν ἀριστοποιίας ἀμελείτω· ἐὰν μὲν γὰρ ἐφ' ἑαυτῷ νομίζῃ τὸ ὅτε βούλεται τὸ στράτευμα πρὸς μάχην ἐκτάττειν εἶναι, καὶ ἡνίκα ἂν ἐθέλῃ, παραγγελλέτω ταῖς δυνάμεσιν ἀριστοποιεῖσθαι· ἐὰν δὲ εἰς τοσαύτην ἀνάγκην ἐληλυθὼς τυγχάνῃ</p>	<p><b>XII. [Sobre o preparo do desjejum]</b></p> <p>(1) Quando acampado em face do cercamento inimigo, o general não deve negligenciar o preparo do desjejum no momento adequado, pois se julgar que cabe a ele próprio arrastar o exército ao combate quando quiser, no momento em que desejar deve ordenar às forças que preparem o desjejum. Mas se acontecer de ser levado</p>

<sup>98</sup> Um escoliasta da *Iliada* conta que Alexandre, o Grande, ao lhe perguntarem como havia conquistado a Grécia, respondeu que não deixava nada para depois (μηδὲν ἀναβαλλόμενος). Cf. Scholia A à *Iliada*, II, 435.

<p>διὰ τινος τόπους ἢ χάρακος ἀσθένειαν ἢ τινος ἄλλας αἰτίας, ὥστ' ἐπὶ τοῖς πολεμίοις ἀπολελεῖσθαι τὸ ἐξάγειν ὅποτε προαιροῦνται καὶ τὴν ἀνάγκην σφίσι ἐπιτιθέναι τοῦ τὰ ὄπλα λαμβάνειν καὶ ἀντιπαρατάττεσθαι, μὴ ὀκνεῖτω καὶ ἔωθεν ἀριστοποιεῖσθαι σημαίνειν, μὴ φθάσωσιν νήστισιν ἐπιθέντες οἱ πολέμιοι τὴν ἀνάγκην τοῦ μάχεσθαι. (2) καὶ τὸ σύνολον οὐκ ἐν μικρῷ θετέον οὐδὲ παρορατέον τὴν τῶν τοιούτων πρόνοιαν· ἐμφαγόντες γὰρ στρατιῶται μετρίως, ὥστε μὴ πολὺν ἐνφορτίσασθαι τῇ γαστρὶ κόρον, δυναμικώτεροι πρὸς τὰς μάχας εἰσὶν· πολλάκις καὶ παρὰ τοῦθ' ἠττήθη στρατόπεδα τῆς ἰσχύος ἔλλειπούσης διὰ τὴν ἔνδειαν, ὅταν μὴ ἐν ὀξεῖ καιρῷ κρίνηται τὰ τῆς μάχης, ἀλλὰ δι' ἡμέρας ὅλης λαμβάνη τὸ τέλος.</p>	<p>por um tão grande imperativo – por causa do terreno, ou da fraqueza da paliçada, ou por algum outro motivo – de modo a estar abandonada aos inimigos a opção de avançar quando preferirem e impôr-lhe o imperativo de tomar as armas e formar a linha defensiva, não deve hesitar em ordenar que preparem cedo o desjejum, para que os inimigos não se antecipem, impondo o imperativo de combaterem em jejum. (2) No geral, não se pode ter em baixa conta, nem desconsiderar a prevenção de tais coisas, já que os soldados que comem moderadamente, de modo a não sobrecarregarem o estômago com o excesso, são mais capazes em combate. Graças a isso, frequentemente exércitos vêm sendo derrotados, faltando-lhes a força por causa da carência de nutrição (não quando num momento crucial se decide o combate, mas quando ele leva um dia inteiro para chegar ao fim).</p>
<p><b>XIII. [Περὶ τοῦ εἶναι τὸν στρατηγὸν εὐθυμον ἐν ταῖς δυσπραγίαις]</b></p> <p>(1) Ὅτ' ἂν δέ τις ἐμπέση δυσθυμία στρατεύμασι καὶ φόβος ἢ συμμαχίας τοῖς πολεμίοις ἀφιγμένης ἢ προτερήματός σφισι γεγονότος, ὁ στρατηγὸς τότε δὴ μάλιστα τοῖς στρατιώταις ἰλαρὸς καὶ γεγηθὼς καὶ ἀκατάπληκτος φαινέσθω. (2) αἱ γὰρ ὄψεις τῶν ἡγεμόνων συµμετασχηματίζουσι τὰς ψυχὰς τῶν ὑποτακτομένων, καὶ στρατηγοῦ μὲν εὐθυμουμένου καὶ ἰλαρὸν βλέποντος ἀναθαρρεῖ καὶ τὸ στρατόπεδον ὡς οὐδενὸς ὄντος δεινοῦ, κατεπτηχότος δὲ</p>	<p><b>XIII. [Sobre o general ter bom ânimo nas desventuras]</b></p> <p>(1) Quando quer que recaia sobre o exército certos desânimo e medo (havendo chegado reforços para os inimigos ou eles tendo ganhado vantagem para si), nesse momento mais do que nunca o general deve mostrar-se<sup>99</sup> entusiasmado, rejubilante e intrépido, porque as aparências dos líderes transformam os ânimos dos subordinados. Quando o general está animado e aparenta estar entusiasmado, o exército também recobra a coragem, como se não houvesse perigo; mas quando se encolhe de medo e aflige-se, ficam igualmente desanimados em</p>

<sup>99</sup> φαινέσθω é conjectura de A. Korais. Em F e nos demais manuscritos encontra-se φαίνεσθαι.

<p>καὶ λυπούμενου συγκαταπίπτουσι ταῖς διανοίαις ὡς μεγάλου σφίσι κακοῦ προφαινομένου. (3) διὸ χρή πλέον τῷ σχήματι τοῦ προσώπου στρατηγεῖν τὴν τοῦ πλήθους εὐθυμίαν ἢ τοῖς λόγοις παρηγορεῖν· λόγοις μὲν γὰρ πολλοὶ καὶ ἠπίστησαν ὡς τοῦ καιροῦ πεπλασμένοις εἶνεκεν, ὄψιν δὲ θαρροῦσαν ἀνυπόκριτον εἶναι νομίζοντες ἐπιστάσαντο τὴν ἀφοβίαν· ἀγαθὴ δὲ ἢ ἐξ ἀμφοῖν ἐπιστήμη τοῦ τε εἰπεῖν, ἃ δεῖ, καὶ ὀφθῆναι, ὁποῖον δεῖ.</p>	<p>seus projetos, como se estivesse por vir um grande mal. (3) Portanto, quanto ao bom ânimo da massa, é preciso exercer o comando mais com a feição da face do que exortando com discursos: pois muitos nem mesmo confiam nos discursos, como se tivessem sido moldados por conveniência, enquanto, acreditando que a aparência confiante está livre de dissimulação<sup>100</sup>, têm plena convicção de sua intrepidez. É bom o conhecimento de ambos: do dizer o que é preciso e do ter o tipo de aparência que é preciso.</p>
<p><b>XIV. [Πότε δεῖ φόβον ἐμβάλλειν τῷ στρατεύματι τῷ ἰδίῳ τὸν ἀπὸ τῶν ἐναντίων]</b></p> <p>(1) Καθάπερ γε μὴν ἐν καιρῷ στρατεύματος ἀναθάρσεις ὤνησεν, οὕτως καὶ φόβος ὠφέλησεν. ὅτ' ἂν γὰρ ῥαθυμῆ στρατόπεδον καὶ ἀπειθέστερον ἢ τοῖς ἡγουμένοις, τὸν ἀπὸ τῶν πολεμίων ὑποσημαίνειν δεῖ κίνδυνον, οὐχ ἥκιστα φοβεροποιοῦντα τὴν ἐκείνων ἐφεδρείαν· οὐ γὰρ δειλοὺς ἔσται ποιεῖν οὕτως, ἀλλὰ ἀσφαλεῖς· ἐν μὲν γὰρ ταῖς δυσθυμίαις θαρρεῖν ἀναγκαῖον, ἐν δὲ ταῖς ῥαθυμίαις φοβεῖσθαι· τοὺς μὲν γὰρ δειλοὺς ἀνδρείους ποιεῖ, τοὺς δὲ θρασεῖς προμηθεῖς. (2) ἀμφότερα δὲ συμβαίνει στρατοπέδοις, καὶ οὕτως καταπεπληχθαι πολεμίους ὥστε μηδὲν ἐθέλειν τολμᾶν, καὶ οὕτως καταφρονεῖν ὥστε μηδὲν φυλάττεσθαι· πρὸς ἑκάτερον δὲ δεῖ τὸν στρατηγὸν ἡρμόσθαι καὶ εἰδέναι, πότε</p>	<p><b>XIV. [Quando é preciso infundir no próprio exército o medo aos oponentes]</b></p> <p>(1) Assim como a recuperação da confiança pelo exército, quando em momento oportuno, é benéfica, também o medo é proveitoso, pois, quando um exército está ocioso e inclinado a desobedecer aos líderes, é preciso dar sinais do perigo dos inimigos, mais do que tudo, fazendo temíveis as reservas daqueles: não será covarde assim proceder, mas seguro, pois, enquanto nos desânimos é imperioso estar confiante, nos períodos ociosos é mister temer. Pois o medo faz covardes os corajosos e cautelosos os precipitados. (2) Ambas as coisas sucedem aos exércitos: tanto temerem de tal forma os inimigos que não queiram enfrentá-los, quanto estarem tão confiantes que não se resguardem. Diante de cada uma dessas coisas é preciso que o general se organize e saiba quando tem de fazer o</p>

<sup>100</sup> Ἀνυπόκριτος é termo típico da linguagem filosófica (cf. MARCO AURÉLIO, VIII.5.1; CLEM. ALEX. *Paed.*, III.11.79; PETROCELLI in ONOSANDRO, 2007, p.211, n.197), e aparece depois nas epístolas de São Paulo Apóstolo e Tiago (Romanos 12:9; Tiago 3:17).

<p>δεῖ τὰντίπαλα ταπεινὰ καὶ λόγῳ καὶ σχήματι ποιεῖν, καὶ πότ' αὐτὰ δεινὰ καὶ φοβερώτερα.</p>	<p>adversário parecer fraco – por meio do discurso e da feição – e quando deve fazê-lo parecer mais terrível e temível.</p>
<p><b>XV. [Ὅτι διαφοραὶ πολλαὶ τῶν τάξεων]</b></p> <p>(1) Τάξις δ' οὐ μία πολέμου, πολλαὶ δὲ καὶ διάφοροι καὶ παρὰ τοὺς ὀπλισμοὺς καὶ παρὰ τοὺς στρατευομένους καὶ παρὰ τοὺς τόπους καὶ παρὰ τοὺς ἀντιπολέμους, ὧν τὰς διαφορὰς ὁ στρατηγὸς ἐπ' αὐτῶν εἴσεται τῶν καιρῶν· ἃ δ' ἂν οὐχ ἤκιστα πολλαῖς ἀρμόζοι παρατάξεσι δίχα τῶν ἐπ' αὐτῶν τῶν πραγμάτων ἀνάγκην ἔχουσῶν νοεῖσθαι, ταῦθ' ὡς ἐν κεφαλαίῳ δίδειμι.</p>	<p><b>XV. [As muitas e diferentes formações]</b></p> <p>(1) A formação de guerra não é única, mas são muitas e diversas, de acordo com os armamentos, com os combatentes, terrenos e oponentes, de cujas diferenças o general terá conhecimento nos momentos oportunos. Mas as que não pior se adaptam a muitas ordens de batalha – com exceção dos detalhes que têm necessidade de serem conhecidos durante as próprias práticas, – essas discuto, como num sumário.</p>
<p><b>XVI. [Ὅτι πρὸς τὸ ἀντιπόμενον καὶ τὸ ἴδιον συντάξει]</b></p> <p>(1) Ἴππεῖς μὲν δὴ στρατηγὸς οὐχ οὕτως, ὡς βούλεται, μᾶλλον δ' ὡς ἀναγκάζεται, τάξει· πρὸς γὰρ τὸ ἀντιπόμενον ἵππικὸν καὶ τὸ ἴδιον στήσει. ταπτέτω δ' ὡς τὰ πολλὰ κατὰ τὰς ἐκ παρατάξεως μάχας ἐπὶ κέρως, ἵνα καὶ κατὰ πρόσωπον καὶ ἐκ πλαγίων προσβάλλοντες καὶ τόπω μείζονοι χρώμενοι, μεθ' οὓς οὐκ ἔτ' ἄλλοι τεταγμένοι τυγχάνουσιν, ἔχουσιν ἀποχρῆσθαι τῇ τῆς ἵππικῆς ἐπιστήμῃ.</p>	<p><b>XVI. [Como disporá a própria cavalaria defronte da adversária]</b></p> <p>(1) Um general não dispõe simplesmente a cavalaria como quiser, mas antes como é compelido a fazer. Posicionará, pois, a sua cavalaria defronte da adversária. Como convém na maioria das vezes aos combates em campo aberto, o general deverá fazer a disposição em coluna, para que, atacando seja frente a frente<sup>101</sup> seja pelos flancos e dispondo de um espaço maior – caso não aconteça de outros já terem sido ali dispostos depois deles –, eles sejam capazes de</p>

<sup>101</sup> Πρόσωπον é apenas uma das cinco palavras que Onassandro usa para designar a parte da frente do exército. As outras são μέτωπον (“espaço entre os olhos, frente de homem ou de animal”), ζυγόν (“jugo”), στόμα (“boca”) e πρωτολογία (“primeira linha do λόχος”). O único termo técnico específico do campo militar é o último. Os demais são figuras de linguagem de que o vocabulário técnico militar se apropriou, com especial predileção pelas analogias entre o exército e o corpo humano, o que está bastante claro na já mencionada comparação de Ifícrates, mencionada por Poliano (*Estratagemas*, II.3.15).

	fazer bom uso do conhecimento de cavalaria.
<p><b>XVII. [Ὅτι τοὺς ψιλούς ἀκοντιστάς καὶ τοξότας καὶ σφενδονιστάς πρώτους στήσει τῆς φάλαγγος]</b></p> <p>(1) Ψιλούς δέ, ἀκοντιστάς καὶ τοξότας καὶ σφενδονήτας, πρώτους πρὸ τῆς φάλαγγος τάξει· κατόπιν μὲν γὰρ ὄντες πλείονα κακὰ διαθήσουσι τοὺς ἰδίους ἢ τοὺς πολεμίους, ἐν μέσοις δ' αὐτοῖς ἀπρακτον ἔξουσι τὴν ἰδίαν ἐμπειρίαν, οὐθ' ὑποχωρεῖν ἀνὰ πόδα δυνάμενοι κατὰ τὴν ἀνάτασιν τῶν ἀκοντίων, οὐτ' ἐξ ἐπιδρομῆς βαλεῖν προηγουμένων ἄλλων καὶ παρὰ ποσὶν ὄντων, οὐδὲ μὴν οἱ σφενδονῆται κυκλόσε τὸν δῖνον ἀποτελεῖν τῆς σφενδόνης παρὰ πλευρὰν ἐστῶτων φιλίων ὀπλιτῶν καὶ πρὸς τὸν ῥόμβον ἀντιπταιόντων, οἱ τε τοξόται προΐοντες μὲν τῶν ἄλλων εἰς αὐτὰ τὰ σώματα καὶ κατὰ σκοπὸν ἐκτοξεύουσι τὰ βέλη, μετὰ δὲ τοὺς λόχους ἢ ἐν αὐτοῖς μέσοις ὄντες εἰς ὕψος τοξεύουσι, ὥστε πρὸς μὲν τὴν ἄνω φορὰν τόνον ἔχειν τὸ βέλος, αὐθις δέ, κἂν κατὰ κεφαλῆς πίπτῃ τῶν πολεμίων, ἐκλελύσθαι καὶ μὴ πάνυ τι λυπεῖν τοὺς ἐχθρούς.</p>	<p><b>XVII. [Como posicionará as tropas ligeiras, lanceiros, arqueiros e fundeiros antes da falange]</b></p> <p>(1) Disporá as tropas ligeiras: lanceiros de dardo, arqueiros e fundeiros à dianteira, antes da falange; pois se estiverem atrás, arranjarão mais males para si próprios do que para os inimigos. E se estiverem no meio deles, sua particular perícia será ineficaz, não sendo capazes de dar um passo atrás durante o lançamento dos dardos, nem de lançar-se na corrida, já que há outros no seu encalço e ao seu redor; tampouco os fundeiros poderão levar a cabo o giro das fundas quando os companheiros hoplitas, ao lado deles, atrapalham seu movimento giratório; já os arqueiros, se se encontram à frente dos outros, lançam as flechas nas tropas inimigas como num alvo. Mas se estão atrás ou no meio deles, lançam ao alto, de modo que as flechas têm força somente na subida, e depois, ainda que caiam sobre as cabeças dos inimigos, estão débeis e não muito dano lhes provocam.</p>
<p><b>XVIII. [Περὶ τοῦ ἐν τοῖς τραχέσι τόποις τάττειν τοὺς ψιλούς]</b></p> <p>(1) Εἰ δὲ συμβαίνοι γίνεσθαι τὴν μάχην ἐν χωρίοις τινὰς μὲν χθαμαλούς τινὰς δὲ βουνοειδεῖς ἔχουσι τόπους, τότε δὴ μάλισ-τα τοὺς ψιλούς ἐν τοῖς τραχέσιν ταπτέτω, καὶ δὴ, κἂν αὐτὸς τὰ πεδινὰ</p>	<p><b>XVIII. [Sobre o dispôr as tropas ligeiras em lugares impérvios]</b></p> <p>(1) Se ocorrer do combate dar-se em terras que apresentam uns trechos planos e outros acidentados, então o general deve mormente posicionar as tropas ligeiras nos trechos irregulares e, se ele próprio tiver ocupado o</p>

<p>κατειλημμέ-νος ἦ, τῶν δὲ πολεμίων μέρη τινὰ τῆς φάλαγγος ὀχθῶδεις διακατέχη τόπους, κατὰ τούτους ἐπαγέτω τοὺς ψιλούς· ῥᾶόν τε γὰρ βαλόντες ὑποχωροῦσιν ἀπὸ τῶν τραχέων, ῥᾶστὰ τε τοῖς ἀνάντεσιν ἐπαναθέουσιν, ἂν ἐλαφροὶ τυγχάνωσιν.</p>	<p>plano e uma parte da falange inimiga o acidentado, deve então atacá-los com aquelas tropas ligeiras. De fato, enquanto se lançam, podem muito facilmente recuar das zonas acidentadas e também facilmente podem correr pelos trechos escarpados, se calhar de serem ágeis.</p>
<p style="text-align: center;"><b>XIX. [Περὶ τοῦ χωρία ἔχειν τὰς παρατάξεις δι' ὧν ὠφειλοῦσιν οἱ ψίλοι ἐντὸς τῶν κοντῶν εἰσερχόμενοι ὑποστέλλεσθαι]</b></p> <p>(1) Ἔστω δὲ διαστήματα κατὰ τάξεις, ἵν', ἐπειδὴν ἐκκενωθῶσιν ἔτι προαγόντων τῶν πολεμίων τὰ βέλη, πρὶν εἰς χεῖρας ἐλθεῖν τὰς φάλαγγας, ἐπιστρέψαντες ἐν κόσμῳ διεξιῶσιν μέσσην τὴν φάλαγγα καὶ ἀταράχως ἐπὶ τὴν οὐραγίαν ἀποκομισθῶσιν· οὔτε γὰρ κυκλείειν αὐτοὺς ἅπαν τὸ στράτευμα καὶ κάμπτειν κατὰ κέρας ἀσφαλές ἐστι - τάχα γὰρ που φθάσουσιν αὐτοὺς ἐν τούτῳ συμμίξαντες οἱ πολέμοι καὶ μέσους ἀπολαβόντες -, οὔτε διὰ τῶν πεπυκνωμένων βιάζεσθαι, καὶ εἰς τὰ ὄπλα ἐμπίπτοντας τάραχον ἐμποιεῖν ταῖς τάξεσιν ἄλλου πρὸς ἄλλον ἐνσείουτος. (2) αἱ δὲ κατὰ κέρας ἔφοδοι τῶν ψιλῶν πλείονα λυμαίνονται τοὺς πολεμίους, ἐκ πλαγίων ἀκοντιζόντων καὶ εἰς τὰ γυμνὰ παραβιαζομένων παίειν. (3) ἡ δὲ τῆς σφενδόνης ἄμυνα χαλεπωτάτη τῶν ἐν τοῖς ψιλοῖς ἐστίν· ὃ τε γὰρ μόλιβδος ὁμόχρους ὧν τῷ ἀέρι λανθάνει φερόμενος, ὥστ' ἀποροοράτως ἀφυλάκτοις</p>	<p style="text-align: center;"><b>XIX. [Sobre as fileiras<sup>102</sup> terem um lugar pelo qual as tropas ligeiras devem recuar, adentrando em meio aos dardos]</b></p> <p>(1) Deve haver intervalos ao longo das fileiras a fim de que, quando as tropas descarregarem os projéteis – no momento em que os inimigos ainda estiverem avançando –, antes de as falanges virem às mãos, as tropas que voltarem atravessem em ordem pelo meio da falange e, sem confusão, retirem-se para a retaguarda. Pois não é seguro as tropas cercarem o exército inteiro e fazerem a curva no flanco, porque os inimigos rapidamente hão de antecipar-se, de algum modo, nesse movimento, confrontando e interceptando-as no meio do caminho. Tampouco é seguro forçarem a passagem através de fileiras cerradas e ao caírem sobre as armas, provocarem confusão nas fileiras, uns aos encontros com os outros. (2) Os ataques das tropas ligeiras aos flancos causam danos enormes aos inimigos, porque lançam os dardos desde os lados e são compelidos a atingir as partes descobertas. (3) Mas a defesa com a funda é o que há de mais lesivo dentre os recursos das tropas ligeiras, pois, como o chumbo é da mesma cor do ar, ele passa despercebido</p>

<sup>102</sup> Em Asclepiodoto (*Arte tática*, 2.5) e Eliano (*Táticas*, 7.1), παρατάξις é empregado para indicar a primeira linha de uma falange. Ao que parece, é esse o sentido mais adequado também nessa passagem de Onassandro.

<p>τοῖς τῶν πολεμίων ἐμπίπτειν σώμασιν, αὐτῆς τε τῆς ἐμπτώσεως σφοδρᾶς οὔσης καὶ ὑπὸ τοῦ ροίζου τριβόμενον τῷ ἀέρι τὸ βέλος ἐκπυρωθὲν ὡς βαθυτάτῳ δύεται τῆς σαρκός, ὥστε μῆδ' ὀρᾶσθαι, ταχὺ δὲ καὶ τὸν ὄγκνον ἐπιμύειν.</p>	<p>durante o vôo, de forma que, sem antes ter sido visto, cai sobre as tropas incautas dos inimigos. E como o impacto é violento e o projétil incandescente sob tamanho ímpeto atrita com o ar, ele acaba penetrando tão profundamente na carne que já não é visto e a parte atingida fecha-se logo.</p>
<p style="text-align: center;"><b>XX. [Ὅπως δεῖ, ἐὰν ἀπορῆ ψιλῆς συμμαχίας ὁ στρατηγόςμ οἱ δὲ πολέμιοι εὐπορῶσιν, ἐπιφέρεσθαι αὐτοῖς]</b></p> <p>(1) Εἰ δὲ αὐτὸς μὲν ἐνδεής εἶη τῆς τῶν ψιλῶν συμμαχίας, οἱ δὲ πολέμιοι ταύτη πλεονεκτοῖεν, οἱ μὲν πρωτοστάται πυκνοὶ πορεύσθων ἔχοντες ἀνδρομήκεις θυρεοὺς, ὥστε σκέπειν ὅλα τὰ σώματα τοῖς μήκεσιν, οἱ δὲ μετὰ τούτοις καὶ οἱ κατόπιν τούτων ἄχρι τῶν τελευταίων ὑπὲρ κεφαλῆς ἀράμενοι τοὺς θυρεοὺς τέως ἔχοντων, ἄχρι ἂν ἐντὸς γένωντα βέλους· οὕτως γάρ, ὡς εἶπεῖν, κεραμωθέντες οὐθὲν πείσονται δεινὸν ὑπὸ τῶν ἐκηβόλων. (2) εἰ δὲ παρ' ἑκατέροις ἢ τῶν ψιλῶν εἶη βοήθεια, πρῶτοι πρὸ τῆς ἐκ χειρὸς μάχης ἀκροβολιζέσθων τοῖς ἀντιπάλοις, ἢ μετὰ τὴν συμπλοκὴν τῆς φάλαγγος ἐκ πλαγίων ἐκιθέοντες ἀποχρήσθων τοῖς βέλεσιν· συνελαύνονται γὰρ εἰς ὀλίγον καὶ οὐκ ἦττον θορυβοῦνται τοῖς τοιούτοις ἀμυντηρίοις.</p>	<p style="text-align: center;"><b>XX. [Como se deve conduzir o ataque aos inimigos, caso o general esteja desprovido de tropas ligeiras auxiliares e os inimigos, por sua vez, tenham-nas em abundância]</b></p> <p>(1) Se o próprio general estiver sem tropas ligeiras auxiliares, enquanto os inimigos tiverem sobre eles essa vantagem, os da primeira fileira devem marchar em formação cerrada e carregar os escudos na altura de um homem, de modo a proteger todo o corpo na altura. Já os que estão atrás e depois deles – até as últimas fileiras – devem carregar os escudos sobre a cabeça por instantes, elevando-os enquanto estiverem em meio aos projéteis. Cobertos<sup>103</sup> dessa forma, por assim dizer, não sofrerão dano algum sob o ataque dos lanceiros. (2) Mas se junto de cada exército houver um auxílio de tropas ligeiras, eles devem lançar os dardos primeiro, antes mesmo do combate corpo-a-corpo; ou, depois do embate de falanges, atacando desde o flanco, usar dos projéteis, pois os inimigos serão comprimidos num espaço restrito, ficando bastante confusos com essas armas defensivas.</p>
<p style="text-align: center;"><b>XXI. [Περὶ τοῦ μὴ εἰς πολὺ μῆκος]</b></p>	<p style="text-align: center;"><b>XXI. [Sobre não estender demais a falange por medo de ser cercado pelos]</b></p>

<sup>103</sup> A estratégia defensiva em questão faz uso da formação tartaruga, ou testudo (χελώνη), também atestada por Arriano (*Arte táctica*, 11.4-6), Dion Cássio (XLIX.30) e Políbio (IV.64.7), dentre outros.



<p><b>ἐκτείνειν τὴν φάλαγγα τὰς κυκλώσεις τῶν ἐναντίων φοβουμένους]</b></p> <p>(1) Τὰς δὲ κυκλώσεις φυλάττεσθαι βουλόμενος μήθ' οὕτως ἐπὶ μῆκος ἐκτεινέτω τὴν δύναμιν, ὥστε πάμπαν ἀσθενῆ καὶ ἀβαθῆ ποιῆσαι τὴν φάλαγγα - ταχὺ γάρ που συμβαίνει τοὺς πολεμίους διαρρηξάντας αὐτὴν δίοδον ποιεῖσθαι, καὶ μηκέτι παρὰ κέρας ἐνεργεῖν ταῖς κυκλώσεσιν, ἀλλὰ διεκπεσόντας μέσους κατὰ νότου γίνεσθαι τῶν ἐναντίων· τὸ δὲ αὐτὸ μὴ μόνων φυλαττέσθω παθεῖν, ἀλλὰ καὶ ζητεῖτω ποιεῖν, ἐὰν ἀσθενῆ καὶ λεπτὴν κατανοῆσθαι τὴν τῶν πολεμίων φάλαγγα -, μήθ' οὕτως ἐπ' οὐρανὸν συστέλλετω τὴν παράταξιν εἰς πολὺ βάθος ὑποστέλλων, ὥστ' ἐκ τοῦ ῥάστου τοὺς πολεμίους ὑπερκεράσαντας ἐντὸς αὐτὴν λαβεῖν. (2) ἰσχυροποιεῖτω μέντοι γε τὴν οὐραγίαν καὶ τοὺς παρὰ πλευρὰν τῶν κεράτων μὴ ἔλαττον τῶν πρωτοστατῶν οὐχ ἦττον γὰρ ἀποκωλύουσιν οἱ κατ' οὐρανὸν τὰς κυκλώσεις τῶν ἐπὶ κέρας ἐκτεινομένων, ἐὰν ἦτοι φθάσας ὁ στρατηγὸς τὸ μέλλον ἀπλώσας τὴν οὐραγίαν καὶ παρὰ τὰ κέρατα τῆς φάλαγγος ἀναβιβάσας ἐκατέρωθεν παραστήσῃ τοὺς κατόπιν εἰς τὸ πρόσωπον τῶν πολεμίων, ἢ καὶ παραγγείλῃ τοῖς ἐφθασμένοις ἤδη κυκλωθῆναι τὰ νῶτα τοῖς τῶν προηγουμένων νότοις ἐγκλίνοντας ἀμφίστομον ποιεῖσθαι τὴν μάχην.</p>	<p><b>adversários]</b></p> <p>(1) No desejo de precaver-se contra o cerco do inimigo, não se deve estender as tropas a ponto de tornar a falange fraca e sem profundidade, pois acontece de os inimigos logo fazerem nela uma abertura, rompendo-a, e não conduzindo mais manobras de cerco aos flancos, mas perfurando o centro, chegarem à retaguarda dos adversários. E não só se deve evitar padecê-lo, como também tratar de fazê-lo, caso se verifique que a falange inimiga está fraca e inconsistente. Também não se deve contrair demais a falange na direção da retaguarda, alongando-a tanto em profundidade que os inimigos possam, com muita facilidade, flanquear e cercá-la. (2) Deve-se, decerto, reforçar a retaguarda; e quantos há nos flancos, não menos sejam do que os da primeira fileira. De fato, os que se encontram na retaguarda não impedem menos o cerco do que os que estão dispostos para alongar os flancos, isso se o general, antecipando o que está para acontecer e tendo expandido a retaguarda, posicionado-a ao longo dos flancos da falange, puser os da retaguarda à frente do inimigo de um lado e de outro; ou se ordenar os que já estiverem cercados a voltar as costas para as costas da vanguarda e combater em duas frentes.</p>
<p><b>XXII. [Περὶ τοῦ ἔχειν κεχωρισμένους ἐπιλέκτους εἰς βοήθειαν τῶν καταπονουμένων. Περὶ τοῦ ἔχειν ἐγκρύμματα]</b></p>	<p><b>XXII. [Sobre ter, separados, soldados selecionados para o auxílio dos exauridos. Sobre ter emboscadas preparadas]</b></p>

(1) Ἐχέτω δέ που καὶ στρατιώτας λογάδας ἰδία τεταγμένους ἀπὸ τῆς φάλαγγος ὥσπερ ἐφέδρους τοῦ πολέμου πρὸς τὰ καταπονούμενα μέρη τῆς δυνάμεως, ἵν' ἐξ ἐτοίμου τοὺς ἐπικουρήσουντας ἐπάγη· καὶ ἄλλως οὐκ ὀλίγον ὠνησαν ἀκμήτες ἐπελθόντες ἤδη κεκοπιακόσι· τοὺς τε γὰρ τεταλαιπωρηκότας ἤδη τῶν φίλων ἀνέλαβον καὶ τοῖς πολεμίοις ἐκλελυμένοις ἀκμάζοντες ἐπέθεντο. (2) γίγνεται δ' ἂν τι καὶ τούτου χρησιμώτερον, ἐκ τῆς παρατάξεως ἀπώτερω σταδίοις, ὅποσοις ἂν ἀποχρῆν αὐτῷ δοκῆ, ἐκπέμψαι μέρος τι τῆς αὐτοῦ στρατιᾶς ἀπροόρατον τοῖς πολεμίοις, παραγγείλλας σφίσι, ἐπειδὴν συμβῆλη τοῖς ἐναντίοις, τότε πυθομένους παρὰ τῶν σκοπῶν ἀναστάντας ἐπείγεσθαι· καὶ μάλιστα τοῦτο ποιητέον, ὅταν προσδόκιμος οὖσα συμμαχία τοῦ καιροῦ καθυστερῆ· δόξαντες γὰρ οἱ πολέμιοι τούτους ἐκείνους εἶναι καὶ συμμαχοὺς ποθὲν ἤκειν τοῖς ἐναντίοις, ἴσως ἂν ἔτι καὶ προσιόντων πρὶν ἢ συμμῆξαι τοὺς ἐπιβάλλοντας εἰς φυγὴν ὀρμήσαιεν, οὐ τοσοῦτον, ὅσον ἐστίν, ἀλλὰ πλείον ἐπιέναι πλῆθος νομίζοντες. (3) ἄλλως τε καὶ ἐν αὐτοῖς τοῖς δεινοῖς ἐπιφάνειαι πολεμίων ἀπροοράτων ἐκπλήττουσι τὰς ψυχὰς· προλαμβάνουσαι γὰρ τι χεῖρον, οὗ πείσονται, φοβερώτερον ἐκδέχονται τὸ μέλλον.

(4) Ἐκπληκτικωτάτη δ', ἢ καὶ δραστικωτάτη μάλιστα πάντων, ἡ κατὰ νότον τῶν πολεμίων αἰφνίδιος ἐπιβολή, εἴ πη δυνατὸν γένοιτο προεκπέμψαντι στρατιωτῶν σύνταγμα νύκτωρ ἐκπεριελθεῖν κελεῦσαι τοὺς πολεμίους, ἵνα κατόπιν αὐτῶν γένωνται πάντες,

(1) Há que se ter, num certo lugar e separadamente, soldados de elite posicionados à parte da falange, como reservas militares para as porções da força que estiverem exauridas, a fim de prestar assistência de imediato. De resto, não é de pouca serventia que os soldados descansados venham juntar-se aos já esgotados, seja porque assumirão o lugar dos já estafados companheiros, seja porque atacarão em pleno vigor os inimigos extenuados. (2) Algo ainda mais proveitoso do que isso seria enviar certa parte da primeira linha do seu exército a uma distância de tantos estádios quantos julgar oportuno, sem que ela seja notada pelos inimigos, dando-lhes ordem para, quando estiverem engajados no combate com os oponentes (o que eles viriam a saber através dos batedores), levantando-se, ataquem. Esse expediente, sobretudo, deve ser posto em prática quando os auxílios que se espera estiverem para chegar depois do momento oportuno. Pois os inimigos, acreditando que aqueles são os reforços que d'alguma parte chegam aos adversários, é plausível que, ainda enquanto estiverem se aproximando deles – antes mesmo de se misturarem aos combatentes –, lancem-se em fuga, julgando que o número deles não é tal como é, mas muito maior. (3) Além disso, em situações terríveis como essas, aparições de inimigos (dantes não notados) abalam os ânimos, pois ao anteciparem algo pior do que sofrerão, aguardam um porvir ainda mais pavoroso. (4) E a mais assombrosa – ou ainda a mais eficaz – de todas as manobras é decerto o ataque improvisado à retaguarda dos inimigos, se de algum modo for possível àquele que envia com antecedência a tropa de soldados dar ordem para que, à noite, cerquem os inimigos, a fim de que todos se

<p>ὥστε ἔωθεν ἀναστάντας ἐκ τῆς ἐνέδρας μετὰ τὸ συμμίξαι πρὸς μάχην τὰ στρατεύματα κατὰ τὴν οὐραγίαν ἐπιφάνεσθαι τοῖς πολεμίοις· οὐδὲ γὰρ φεύγουσιν ἂν ἔτι σφίσιν ἐλπίς ἀπολείποιο σωτηρίας, οὐδ' εἰς τοῦπίσω δυναμένοις ἐπιστραφῆναι διὰ τοὺς ἐξ ἐναντίας μαχόμενους, οὐδ' εἰς τὸ πρόσω φέρεσθαι διὰ τοὺς κατόπιν ἐπικειμένους.</p>	<p>ponham atrás deles, de modo que erguendo-se bem cedo do local da emboscada, depois de misturarem-se os exércitos no combate, surpreendam os inimigos em sua retaguarda. Pois aos que fogem, não lhes restaria mais esperança de salvação: nem seriam capazes de voltar atrás, por causa dos que vêm confrontá-los do lado oposto, nem de ir para frente, por causa dos que estão atrás deles.</p>
<p><b>XXIII. [Περὶ τοῦ ἐν τῷ καιρῷ αὐτῷ τῆς μάχης ἐκφωνεῖν χαρμόσυνα τοῖς ὑπηκόοις· εἰ καὶ ψευδῆ, ὅμως συμφέρει]</b></p> <p>(1) Καὶ δὴ ποτε παριππάζομενος ἐμβοησάτω τοῖς φίλοις, εἰ μὲν ἐπὶ τοῦ δεξιοῦ τύχοι κέρως ὦν, "νικῶσιν ἄνδρες οἱ ἐπὶ τοῦ λαιοῦ τὸ Δεξιὸν κέρασ τῶν πολεμίων," εἰ δ' ἐπὶ λαιοῦ, νικᾶν λεγέτω τὸ φίλιον δεξιόν, ἐὰν τε καὶ κατ' ἀλήθειαν ἦ τοῦτο γινόμενον ἐὰν τε μή· καὶ γὰρ δὴ τὸ ψεῦδος ἀναγκαῖον εἰπεῖν, ὅπου "μέγα νεῖκος ὄρωρεν" οἷον βοῆσαι τάλιν αὖ μακρὰν ἀποστατοῦντος τοῦ τῶν πολεμίων ἡγεμόνος ἢ ἐπὶ θατέρου κέρως ἢ ἔτι τὰ μέσα συνέχοντος τῆς φάλαγγος, "τέθνηκεν ὁ τῶν πολεμίων στρατηγός" ἢ "βασιλεύς," ἢ ὅστις ἂν ποτε ἦ. (2) καὶ ταῦτα χρῆ βοᾶν οὕτως, ὥσθ' ἅμα καὶ τοὺς πολεμίους κατακούειν· οἳ τε γὰρ φίλιοι τοὺς σφετέρους ἀκούοντες ἐπικυδεστέτους ἀναθαρροῦσι καὶ</p>	<p><b>XXIII. [Sobre o anúncio de boas notícias aos subordinados; ainda que sejam falsas, é vantajoso]</b></p> <p>(1) Num certo momento, enquanto estiver cavalgando ao longo do exército em formação<sup>104</sup>, se calhar de estar na ala direita, o general deverá gritar aos seus: “Os homens da nossa ala esquerda estão derrotando a ala direita do inimigo.” Mas se estiver na ala esquerda, deverá dizer-lhes que a sua ala direita está vencendo, esteja isso acontecendo verdadeiramente ou não. Pois contar uma mentira é necessário quando “um grande conflito se levanta”<sup>105</sup>; assim como, quando o chefe dos inimigos encontrar-se a certa distância (ou estando numa das duas alas, ou ajuntando os do meio da falange) é necessário bradar: “Morreu o general inimigo!” (ou o rei ou quem quer que seja). (2) E é preciso bradá-lo de tal forma que até os inimigos possam ouvi-lo. Pois os seus, ao escutarem que o lado deles é mais bem sucedido, ganharão</p>

<sup>104</sup> Παριππάζω é verbo somente atestado no manual de Onassandro e nos *Kestoi* de Júlio Africano (57V). Segundo o dicionário de Lidell-Scott-Jones, é utilizado no mesmo sentido de παριππεύω, verbo mais freqüente nos textos gregos e que designa o cavalgar ao longo de uma superfície (Tuc., VII.78.3; Polib., III.116.3, V.83.7; Arriano, *Tática*, XXXVII.1, XL.5). O substantivo parippasi/a ocorre em Arr., *Tática*, XXVII.3 e Eliano, *Tática*, XXXV.3.

<sup>105</sup> *Iliada*, XIII, 122.

<p>διπλάσιοι γίνονται ταῖς προθυμίαις, οἷ τε ἐχθροὶ τὰ σφῶν αὐτῶν ἐλαττώματα πυνθανόμενοι συγκαταπίπτουσι ταῖς διανοίαις, ὥστ' ἔστιν ὅτε καὶ εἰς φυγὴν ἅμα τῷ δέξασθαι τοιαύτην φήμην ὀρμᾶν. (3) οὕτως πολλάκις συνήνηγκεν καὶ τοὺς φίλους ἅμα τοῖς πολεμίοις ἐξαππατῆσαι, τοῖς μὲν τὰ κρείττω, τοῖς δὲ τὰ χείρω ψευδόμενον.</p>	<p>coragem e tornar-se-ão duplamente impetuosos; quanto aos adversários, ao ficarem sabendo de sua própria derrota, perderão o ânimo e é possível que até partam em fuga depois de receberem tal notícia.<sup>106</sup> (3) Portanto, muitas vezes é útil enganar tanto os seus quantos os inimigos; mentindo àqueles com notícias melhores, a estes com notícias piores.</p>
<p><b>XXIV. [Περὶ τοῦ οἰκείου πρὸς οἰκείου καὶ γνωρίμους πρὸς γνωρίμους τάττειν]</b></p> <p>(1) Φρονίμου δὲ στρατηγοῦ καὶ τὸ τάττειν ἀδελφούς παρ' ἀδελφοῖς, φίλους παρὰ φίλοις, ἐραστὰς παρὰ παιδικοῖς· ὅταν γὰρ ἦ τὸ κινδυνεῦον τὸ πλησίον προσφιλέστερον, ἀνάγκη τὸν ἀγαπῶντα φιλοκινδυνότερον ὑπὲρ τοῦ πέλας ἀγωνίζεσθαι· καὶ δὴ τις αἰδούμενος μὴ ἀποδοῦναι χριν ὧν εὖ πέπονθεν αἰσχύνεται καταλιπὼν τὸν εὐεργετήσαντα πρῶτος αὐτὸς φυγῆς.</p>	<p><b>XXIV. [Sobre posicionar parentes junto de parentes e conhecidos junto de conhecidos]</b></p> <p>(1) Também cabe ao general prudente dispor irmãos junto de irmãos, amigos junto de amigos, amantes junto de amados, pois quando aquele que lhe é vizinho e representa o que lhe é mais caro encontra-se em perigo, o que ama necessariamente combate de modo muito mais corajoso pelo que está próximo. E é certo que quem tem o pudor de não retribuir a graça recebida, envergonha-se de dar ele próprio início à fuga, abandonando seu benfeitor.</p>
<p><b>XXV. [Περὶ τοῦ μὴ δι' ἑαυτοῦ διδόναι τὸν στρατηγὸν τὰ σημεῖα εἴτε τῆς συμβολῆς εἴτε ἄλλης τινὸς πράξεως, ἀλλὰ διὰ τῶν ἡγεμόνων]</b></p> <p>(1) Πᾶν δὲ παράγγελμα καὶ σύνθεμα καὶ παρασύνημα διδόντω διὰ τῶν ἡγεμόνων· ἐπιόντα γὰρ κηρύττει ἅπασιν ἰδιώτου</p>	<p><b>XXV. [Sobre o general não dar pessoalmente os sinais, nem de batalha, nem de outra operação, mas fazê-lo por meio de seus oficiais]</b></p> <p>(1) O general deve dar todos os comandos, senhas e contra-senhas por meio de seus oficiais, pois chegar e dar ordens</p>

<sup>106</sup> A notícia de um ferimento grave ou de um ferimento de um general espalhava-se rapidamente (CÉSAR, *Com. Guer. Gál.*, VI.37.7; TÁCITO, *Hist.*, IV.34.5) e certamente era razão de grande desânimo e de muitas deserções. O estratagema de anunciar a morte do general inimigo para encorajar os seus e desanimar os inimigos foi também atestado por Frontino (*Estratagemas*, II.4.9-10).

<p>καὶ ἀπείρου καμιδῆ καθέστηκεν, καὶ χρόνος ἐν τῷ παραγγέλλειν ἀναλίσκεται, καὶ θόρυβος ὁμοῦ πάντων ἀλλήλους ἐρωτώντων· εἶθ' ὁ μὲν προσέθηκέ τι πλείον ὦν ὁ στρατηγὸς εἶπεν, ὁ δ' ἀφείλετο τοῦ ῥηθέντος παρὰ τὴν ἄγνοιαν. δεῖ δὲ τοῖς πρώτοις ἡγεμόσιν εἰπεῖν, ἐκείνους δὲ ἀπαγγεῖλαι τοῖς μετ' αὐτοῦς, εἶτα τούτους τοῖς κατόπιν, εἶθ' ἐξῆς ἄχρι τῶν τελευταίων, τοὺς πρώτους τοῖς ὑπὸ πόδα σημαίνοντας· οὕτως γὰρ ἐν τάχει καὶ μετὰ κόσμου καὶ μεθ' ἡσυχίας εἴσονται, παραπλησίον τοῦ παραγγέλματος τοῖς φρυκτωροῦσι γιγνομένου· (3) καὶ γὰρ ἐκείνων, ὅταν ὁ πρῶτος ἄρῃ τὸν φρυκτόν, ὁ δεύτερος τῷ μετ' αὐτὸν ἐπύρσευσεν, εἶθ' ὁ τρίτος τῷ τετάρτῳ, καὶ τέταρτος πέμπτῳ, καὶ πέμπτος ἕκτῳ καὶ καθ' ἓνα πάντες ἀλλήλοις, ὥστ' ἐν ὄξει διὰ μήκους σταδίων τὸ σημαίνον ὑπὸ τοῦ πρώτου πάντας ἐπιγνώσκει.</p>	<p>pessoalmente a todos é certamente próprio de alguém ingênuo e inexperiente: perde-se tempo ao distribuir os comandos e gera-se confusão quando todos fazem perguntas uns aos outros. Assim, enquanto um adiciona algo mais ao que o general havia dito, outro omite algo, por ignorância. É preciso, contudo, falar aos primeiros oficiais, que aqueles comunicarão aos que vêm depois deles; e depois esses aos seguintes; e assim se segue até os últimos, com os primeiros dando ordens aos que lhe são subordinados. Pois desse modo, ordenada e tranquilamente todos saberão da ordem, tendo ela sido transmitida de forma similar aos sinais de fumaça. (3) Pois no caso daqueles, quando o primeiro produz um sinal de fumaça, o segundo sinaliza ao que vem depois dele, e assim o terceiro ao quarto, o quarto ao quinto, o quinto ao sexto, um por um, todos sinalizando uns para os outros, de forma que, num curto prazo, a uma distância de largos estádios, o sinal enviado pelo primeiro seja conhecido por todos.</p>
<p><b>XXVI. [Περὶ τοῦ μὴ μόνον συνθήματα, ἀλλὰ καὶ παρασυνθήματα διδόναι]</b></p> <p>(1) Τὸ δὲ παρασύνημα μὴ διὰ φωνῆς λεγέσθω, ἀλλὰ διὰ σώματος γινέσθω, ἢ νεύματι χειρὸς ἢ ὄπλων συγκρούσει ἢ ἐγκλίσει δορατίου ἢ παραφορᾶ ξίφους, ἵνα μὴ μόνον γενομένης ποτὲ ταραχῆς πιστεύσωσι τῷ λεγομένῳ συνθήματι. (2) τοῦτο γὰρ δύνανται καὶ πολέμιοι καταλαβέσθαι πολλάκις ἀκούοντες, ἀλλὰ καὶ τῷ παρασυνθήματι. (2) χρησιμώτατον δὲ πού τοῦτο καὶ πρὸς ἑτερογλώσσους συμμαχίας τῶν ἐθνῶν οὔτε γὰρ λέγειν οὔτε ξυιέναι φωνῆς</p>	<p><b>XXVI. [Sobre o não dar apenas senhas, mas também contra-senhas]</b></p> <p>(1) A contra-senha, não se deve transmiti-la por meio da voz, mas deve dar-se a conhecer por meio do corpo: com um aceno de mão, uma colisão de armas, uma inclinação de dardo ou um ziguezague com a espada, para que, enquanto houver tumulto, não dêem atenção somente à senha dita – pois os inimigos, se a ouvirem com frequência, podê-la-ão compreender –, mas também às contra-senhas. (2) Isso é da máxima utilidade também no caso de haver falantes de línguas diversas entre os povos aliados: incapazes de falar e de compreender as</p>

<p>ἀλλοτρίας αὐτῶ τῶ παρασυνθήματι κρίνουσι τό τε φίλιον καὶ τὸ πολέμιον. διδόσθω δέ ταῦτα, κἄν μὴ μάχεσθαι μέλλωσιν, ἐν ταῖς παρεμβολαῖς πρὸς τὰς ἀδήλους ταραχάς.</p>	<p>línguas diferentes da própria, eles só distinguem o aliado do inimigo pelas contra-senhas. E mesmo que não se esteja na iminência de um combate, é preciso dar essas senhas no acampamento em vista dos tumultos imprevistos.</p>
<p><b>XXVII. [Περὶ τοῦ μὴ λύειν τὰς τάξεις μήτε ἐν ταῖς διώξεσι μήτε ἐν ταῖς ὑποχωρήσεσι]</b></p> <p>(1) Παραγγελλέτω δὲ καὶ τὰς ὑποχωρήσεις ἐν τάξει ποιεῖσθαι καὶ τὰς διώξεις, ἵνα ἥττον τε σφαλλόμενοι βλάπτωνται μὴ κατ' ἄνδρα σποράδες ἐν ταῖς φυγαῖς ὑποπίπτοντες τοῖς πολεμίοις, πλεονά τε κατορθοῦντες βλάβρῳσι κατὰ τάξεις καὶ λόχους ἰσχυρότεροι τοῖς φεύγουσιν ἐπιφαινόμενοι, πρὸς δὲ καὶ ἀσφαλέστεροι· πολλάκις γὰρ ἀτάκτως ἐπιφερομένους οἱ πολέμιοι θεασάμενοι συμφρονήσαντες αὐθις ἐκ μεταβολῆς αὐτῶν καταστάντες εἰς τάξιν παλίντροπον ἐποίησαντο τὴν διώξιν· ὅλως δὲ μηδὲν σφισιν ἄμεινον εἶναι λεγέτω τοῦ μένειν ἐν τάξει μηδ' ἐπισφαλέστερον τοῦ λύειν.</p>	<p><b>XXVII. [Sobre o não desfazer as formações nem durante as perseguições<sup>107</sup>, nem ao bater em retirada]</b></p> <p>(1) O general deve dar ordem para que tanto as retiradas quanto as perseguições sejam feitas com o exército em formação, a fim de que, se derrotados, sofram menor dano, não vindo a sucumbir aos inimigos no dispersar-se por entre os homens; e, se bem sucedidos, inflijam maior dano, parecendo aos que fogem ainda mais fortes assim arranjados em fileiras e colunas, e fiquem mais seguros. Pois muitas vezes os inimigos, ao verem seus adversários avançando em desordem, de comum acordo, rearranjando os seus na fileira com uma meia-volta, realizam a perseguição na direção contrária. Em suma, há que lhes dizer que não há nada melhor do que permanecer na formação e nada mais perigoso do que desfazê-la.</p>

<sup>107</sup> Com Corrado Petrocelli, sigo a conjectura de Adamantius Korais – também adotada por E. Korzenszky –, que propõe διώξεις por διατάξεις. Primeiramente, porque o termo aparece por duas vezes no capítulo, no que concordam todos os manuscritos, mas principalmente porque “o autor está se referindo à necessidade de que os soldados conservem o alinhamento nas duas ocasiões em que é mais fácil que as fileiras confundam-se, a saber, o movimento rápido para frente para perseguir o adversário, ou o para trás para retirar-se.” (PETROCELLI in ONOSANDRO, 2008, p.241, nota 277)

<p style="text-align: center;"><b>XXVIII. [Περὶ τοῦ δι' ἐπιμελείας ἔχειν τὸν στρατηγὸν λαμπρὸν ἐκτάττειν τὸ στράτευμα.]</b></p> <p>(1) Μεμελημένον δ' ἔστω τῷ στρατηγῷ λαμπρὸν ἐκτάττειν τὸ στράτευμα τοῖς ὅπλοις, ῥαδία δ' ἢ φροντὶς αὕτη παρακαλέσαντι τὰ ξίφη θήγειν καὶ τὰς κόρυθας καὶ τοὺς θώρακας σμήχειν· δεινότεροι γὰρ οἱ ἐπιόντες φαίνονται λόχοι τοῖς τῶν ὅπλων αἰθύγμασι, καὶ πολλὰ τὰ δι' ὄψεως δείματα προεπίπτοντα ταῖς ψυχαῖς ταράττει τὸ ἀντιπόλεμον.</p>	<p style="text-align: center;"><b>XXVIII. [Sobre o general ser capaz de, com diligência, por em ordem de batalha um exército esplendoroso]</b></p> <p>(1) Cabe ao general o cuidado de por em ordem de batalha um exército esplendoroso nos seus armamentos. Esse cuidado é fácil para o general que convocou a afiar as espadas e a limpar os elmos e as couraças. Pois as companhias, quando avançam, parecem mais terríveis pelo brilho das armas e, por conta dessa aparência, muitos temores, perturbam o inimigo, ao lhe caírem precipitadamente sobre os ânimos.</p>
<p style="text-align: center;"><b>XXIX. [Περὶ τοῦ ἐν τῷ καιρῷ τῆς συμβολῆς ἀλαλάζειν]</b></p> <p>(1) Ἐπαγέτω δὲ τὸ στράτευμα καὶ σὺν ἀλαλαγμῷ, ποτὲ δὲ καὶ σὺν δρόμῳ· καὶ γὰρ ὄψις καὶ βοή καὶ πάραγος ὅπλων ἐξίστησι τὰς τῶν ἐναντίων διανοίας. (2) ἀνατεινόντων δὲ κατὰ τὰς ἐφόδους ἄθροοι, πρὶν εἰς χεῖρας ἐλθεῖν, ὑπὲρ τὰς κεφαλὰς μερέωρα τὰ ξίφη τρὸς τὸν ἥλιον θαμὰ παρεγκλίνοντες· ἐσμηγμένοι γὰρ αἰχμαὶ καὶ λαμπρὰ ξίφη καὶ ἐπάλληλα παραμαρμαίροντα πρὸς ἀνταύγειαν ἡλίου δεινὴν ἀστραπὴν πολέμου προεκπέμπει· καὶ ταυτὶ μὲν εἰ γίγνοιτο καὶ παρὰ τοῖς πολεμίοις, ἀντικαταπλήττει ἀναγκαῖον, εἰ δὲ μὴ, προεκπλήττειν.</p> <p>(3) Ἐνίοτε δὲ ποτε χρήσιμον ἐν καιρῷ μὴ φθάνειν ἐκτάπτοντα τὴν δύναμιν, ἀλλὰ τέως ἐντὸς τοῦ χάρακος κατέχειν, ἄχρι ἂν καροπτεύσῃ τὴν τῶν πολεμίων</p>	<p style="text-align: center;"><b>XXIX. [Sobre gritar na ocasião do confronto]</b></p> <p>(1) O general deve conduzir o exército com um grito de guerra e, às vezes, até mesmo com uma corrida, pois o aspecto, o brado e o estrépito das armas confundem o ânimo dos adversários. (2) A multidão deve se espalhar durante o ataque – antes mesmo de chegar ao confronto direto –, agitando insistentemente as espadas contra o sol, muito acima das cabeças. Pontas de lanças polidas e espadas esplendentes, resplendendo em formação cerrada ao reflexo do sol, pré-emitem um terrível relâmpago de guerra. E se tal ardil vier também da parte dos inimigos, é necessário assustá-los de volta; mas se não for o caso, assustá-los antes.</p> <p>(3) E às vezes é vantajoso, num momento crucial, não se adiantar na formação da tropa, mas se conter por algum tempo do lado de dentro da paliçada, até que possa</p>

<p>παράταξιν, ὅποια τίς ἐστι καὶ ὡς τέτακται καὶ ἐφ' οἷων ἴσταται χωρίων.</p>	<p>espreitar a linha de batalha dos inimigos: de que tipo é, como está arranjada e de que forma está disposta no espaço.</p>
<p><b>XXX.</b>[ Ὅτι δεῖ τὸν στρατηγὸν πρὸ τοῦ πολέμου συλλογίζεσθαι, τίς ὀφειλεῖ ὑπαντῆσαι κατὰ τὴν συμβολὴν τῷ δεῖνι καὶ τίς τῷ ἄλλῳ καὶ οὕτως καθεξῆς ἐξετάζειν τοὺς ἰδίους ἄρχοντας πρὸς τοὺς τῶν ἐναντίων]</p> <p>(1) Εἶτα πού τότε συλλογισάμενον, τίνας τίσιν ἀντιτάττειν χρῆ καὶ τίνα τρόπον, ὡσπερ ἀγαθὸν ἰατρὸν προκατανοήσαντα νόσον σώματος ἀντεπάγειν τὰ ἀλεξήματα καὶ τὴν δύναμιν ἐκτάττειν, ὡς ἂν ἄριστ' αὐτῷ δόξαι συμφέρειν ἀναγκάζονται γὰρ οἱ στρατηγοὶ πολλάκις καὶ πρὸς τοὺς ὀπλισμοὺς τῶν ἐναντίων καὶ πρὸς τὰ ἔθνη καὶ πρὸς τὰ ἦτη τὰ ἴδια στρατεύματα κοσμεῖν καὶ παρατάττειν.</p>	<p><b>XXX.</b> [Por que é preciso, antes da batalha, o general considerar quem, durante o combate, deve ir de encontro a um e quem a outro e assim, em ordem, comparar seus próprios chefes com os dos adversários]</p> <p>(1) Em seguida, quanto tiver considerado quais tropas é preciso posicionar contra quais outras, e de que modo, assim como o bom médico que diagnostica previamente uma doença do corpo, há que conduzir as defesas contra os inimigos e dispôr a tropa como lhe parecer mais vantajoso. Pois os generais são frequentemente compelidos a preparar e pôr seus próprios exércitos em ordem de batalha tanto em função dos armamentos dos inimigos, quanto de suas nacionalidades e costumes.</p>
<p><b>XXXI.</b> [Περὶ τοῦ, ἐάν οἱ ἐναντίοι προτερεύωσι τῷ ἵππικῷ, ἐκλέγεσθαι στενοὺς τόπους]</p> <p>(1) Ἴπποκρατούντων δὲ τῶν πολεμίων, ἐάν ᾗ δυνατόν, ἐπιλεγέσθω χωρία τραχέα καὶ στενὰ καὶ παρ' ὄρη, ἃ ἦκιστα ἱππασίμα, ἢ φυγομαχείτω κατὰ δύναμιν, ἕως ἂν ἐπιτηδείους εὖρη τόπους καὶ τοῖς οἰκείοις ἀρμόζοντας πράγμασιν. (2) ἀπολελείφθων δὲ τινες καὶ ἐπὶ τοῦ χάρακος οἱ παραφυλάττοντες τὴν παρεμβολὴν στρατιῶται καὶ πρὸς τὴν τῆς ἀποσκευῆς φυλακὴν, ἵνα μὴ κατανοήσας</p>	<p><b>XXXI.</b> [Sobre o escolher lugares estreitos se os adversários levarem vantagem na cavalaria]</p> <p>(1) Quando os inimigos forem superiores na cavalaria, deve-se – se possível – escolher terrenos acidentados, estreitos e próximos de montanhas, os quais são os menos adequados para se andar a cavalo; ou deve-se evitar a batalha – segundo o possível – até que se encontrem lugares apropriados e adequados aos seus próprios empreendimentos. (2) E alguns soldados devem ser deixados também junto à paliçada para guardar o acampamento e para a</p>



<p>ὁ στρατηγὸς τῶν πολεμίων ἔρημον ὄντα πέμψη τοὺς ἀρπασομένους τὰ ἐν αὐτῷ καὶ καταληψομένους τὸ χωρίον.</p>	<p>vigilância da bagagem, a fim de que o general inimigo não suponha que o território está deserto e então envie homens para saquear o que nele está e para ocupá-lo.</p>
<p style="text-align: center;"><b>XXXII. [Περὶ τοῦ μηδὲν παρακεκινδυνευμένον ποιεῖν τὸν στρατηγόν]</b></p> <p>(1) Τοὺς μὲν γὰρ ἢ τὰ ἴδια καθαιροῦντας ἐρύματα στρατηγούς ἢ ποταμούς διαβαίνοντας ἢ κρημνοὺς καὶ βάραθρα κατόπιν ποιούμενους τῶν φιλίων, ἴν' ἢ μένοντες νικῶσιν ἢ βουληθέντες φεύγειν ἀπόλωνται, οὔτε πάμπαν ἐπαινεῖν οὔτε ψέγειν ἔχω· πᾶν γὰρ τὸ παρακεκινδυνευμένον μᾶλλον τόλμης ἐστὶν ἢ γνώμης καὶ τῆ τύχῃ κεκοινώνηκε πλεῖον ἢ τῆ κρίσει. (2) ὅπου γὰρ ἢ νικῶντα δεῖ κρατεῖν ἢ ἡττηθέντα τοῖς ὅλοις ἐσφάλθαι, πῶς ἐνταῦθ' ἂν τις ἢ φρονήσει τὸ νικᾶν ἢ προαιρέσει τὸ ἡττᾶσθαι μαρτυρήσειεν; (3) ἐγὼ δὲ στρατιώταις μὲν ἐκ στρατεύματος φιλοτίμως κινδυνεύειν ἐπιτρεπτέον εἶναι νομίζω – καὶ γὰρ δρῶντες τι μείζον ὤνησαν καὶ παθόντες οὔθεν τοσοῦτον ἐλύπησαν –, στρατεύματι δὲ παντὶ τὴν ἀδηλον ἐκκυβεύειν τύχην οὐ δοκιμάζω. (4) μάλιστα δ' ἁμαρτάνειν οὔτοι μοι δοικοῦσιν, οἳ τινες ἐν μὲν τῷ νικᾶν ὀλίγα λυπήσειν μέλλοντες τοὺς πολεμίους, ἐν δὲ τῷ ἡττᾶσθαι μεγάλα βλάψειν τοὺς φίλους ἀποχρῶνται τοιούτοις στρατηγήμασιν.</p>	<p style="text-align: center;"><b>XXXII. [Sobre o general não fazer nada muito arriscado]</b></p> <p>(1) Quanto aos generais que destroem as próprias defesas, ou aos que atravessam rios, ou aos que posicionam a sua retarguarda em terrenos escarpados e esburcados, – a fim de que ou, ficando, vençam, ou, querendo fugir, sejam aniquilados – não os posso nem elogiar nem censurar totalmente: toda ação muito arriscada é mais uma ousadia do que sabedoria e participa mais da sorte do que do juízo. (2) De fato, quando é preciso que, vencendo, prevaleça, ou que, sendo derrotado, em tudo se frustrar, num tal caso, como se pode creditar a vitória à prudência e a derrota à escolha deliberada? (3) Quanto a mim, acredito que a certos soldados do exército deve ser permitido correr riscos por ambição de reconhecimento<sup>108</sup>, pois se realizarem algum feito, terão sido de grande proveito, mas se sofrerem dano, não terão causado um prejuízo tão grave. Mas para todo o exército não admito que se tire nos dados uma sorte incerta. (4) A mim parecem cometer um erro da máxima gravidade aqueles que fazem uso de tais estratégias e que estão destinados, na vitória, a provocar um pequeno dano aos inimigos e, na derrota, a acarretar aos seus um enorme prejuízo.</p>

<sup>108</sup> Na edição de Oldfather consta φιλοτόλμως em vez de φιλοτίμως. Enquanto a primeira lição é encontrada em F, a outra aparece no outro ramo da tradição. A opção por φιλοτίμως justifica-se por ser esse termo muito mais atestado do que o outro no *Sylloge Tacitorum* e também porque o advérbio φιλοτόλμως com κινδυνεύειν soa redundante, enquanto que a noção de “por ambição de reconhecimento, desejo de glória” encaixa-se melhor ao contexto.

(5) Εἰ δὲ πρόδηλος μὲν σφισιν ὁ ὄλεθρος εἶη, κἂν μὴ παραβόλοις ἐγγχειρήσωσι στρατηγίαις, πρόδηλος δὲ καὶ ἡ τῶν πολεμίων ἠττηθέντων ἀπώλεια, τότε οὐκ ἂν μοι δόξειεν ἀμαρτάνειν ἀποφράττων τὰς φυγὰς τῶν φίλων· ἀμεινον γὰρ ἐν τῷ τολμᾶν ἐπ' ἀδήλω τῷ τάχα μηδὲ πείσεσθαι τι δεινὸν ἅμα καὶ δρᾶσαι ζητεῖν, ἢ ἐπὶ προδήλω τῷ μηδὲν δρῶντας ἀπολέσθαι πάντας ἀτόλμως ἡσυχάζειν.

(6) ὑποδειχνύτω μέντοι μὴ μόνον ἐν τοῖς τοιούτοις χωρίοις, ὅπου κατ' ἀλήθειαν οὐκ ἔστι σωτηρία τοῖς φεύγουσιν, ἀλλὰ καὶ ἐν παντὶ τόπῳ καὶ πάσῃ μάχῃ διδασκέτω διὰ πλειόνων, ὅτι τοῖς μὲν φεύγουσι πρόδηλος ὁ ὄλεθρος, ὡς ἂν ἤδη μετ' ἐξουσίας ἐπικειμένων τῶν πολεμίων μηδενὸς ἔτι δυναμένου διακωλύειν τοὺς διώκοντας πᾶν ὃ βούλονται διαθεῖναι τοὺς φεύγοντας, τοῖς δὲ μένουσιν ἀδηλος ὁ θάνατος ἀμυνομένοις.

(7) οἳ τινες γὰρ πεπεισμένοι τυγχάνουσιν ἐν ταῖς παρατάξεσιν, ὡς φεύγοντες μὲν αἰσχυρῶς ἀπολοῦνται, μένοντες δ' εὐκλεῶς τεθνήξονται, καὶ χεῖρον' ἀεὶ προσδοκῶσιν ἐκ τοῦ καταλιπεῖν τὴν τάξιν ἢ ἐκ τοῦ φυλάττειν, ἄριστοι κατὰ τοὺς κινδύνους ἄνδρες ἐξετάζονται.

(8) Διόπερ ἀγαθὸν μὲν, εἰ πάντας οὕτως ἔχειν γνώμης πείσαι στρατηγός, ἢ πείσαι γε ὡς πλείστους· ἢ γὰρ παντελεῖς περιεποιήσατο νίκας ἢ μικροῖς ἐλαττώμασι περιέπεσε.

(9) Τῶν δ' ἐκ προλήψεως καὶ πρὶν ἢ συμβαλεῖν ἐπινοουμένων στρατηγῶν αἱ παρ' αὐτὸν τὸν τῆς μάχης καιρὸν ἐπίνοιαί νίκης καὶ ἀντιστρατηγήσεις ἔστιν ὅτε καὶ πλείους καὶ θαυμασιώτεροι γίνονται τοῖς τὴν στρατηγικὴν ἐμπειρίαν ἡσκηκόσιν, ἃς οὐκ ἔστιν ὑποσημῆναι

(5) Se a ruína deles for certa – mesmo que não ataquem com estratégias temerárias – e for também certa a destruição dos inimigos que foram derrotados, então não me parecerá errar o general que barrar aos seus a fuga: pois na incerteza de talvez não vir a padecer algo terrível é melhor buscar, ao mesmo tempo, tomar uma iniciativa num ato corajoso do que, na certeza de que todos serão aniquilados se nada fizerem, cruzar os braços covardemente.

(6) O general deve indicar isso não só naquelas regiões onde, na verdade, não há salvação para os fugitivos, mas também em todos os lugares e em todo combate deve ensinar, com mais argumentos, que enquanto para os que fogem a destruição é certa – uma vez que os inimigos, com liberdade para fazê-lo, já os pressionam, sem que ninguém mais seja capaz de impedir os perseguidores de dispor dos fugitivos do modo como quiserem –, para os que permanecem e defendem-se, por outro lado, a morte é incerta.

(7) De fato, aqueles que nas linhas de batalha acontecem de estar convencidos de que se fugirem serão aniquilados de forma vergonhosa, mas se permanecerem morrerão gloriosamente e que supõem que a formação derivada do abandono é sempre pior que a da defesa, provam ser os melhores homens em face dos perigos.

(8) Por conseguinte, será bom se o general persuadir todos a sustentar uma opinião desse tipo, ou se persuadir o máximo que puder. Pois ou obtém vitórias definitivas, ou sobreveem-lhe perdas menores.

(9) Em relação aos planos pré-concebidos pelos generais, planejados antes mesmo de engajarem-se no combate, os planos de vitória e as manobras hostis elaboradas na hora mesma da batalha vêm a ser às vezes mais vantajosas e mais admiráveis para os exercitados na prática estratégica; planos

<p>λόγω ἢ προβουλευσαί. (10) ὥσπερ γὰρ οἱ κυβερνήται πρὸς μὲν τὸν πλοῦν ἐκ λιμένων ἀνάγονται πάντα ἐξηρτυμένοι τὰ κατὰ τὴν ναῦν, ἐπειδὴν δ' ἐμπέση χειμῶν, οὐχ ὃ βούλονται ποιῶσιν, ἀλλ' ὃ ἀναγκάζονται, πολλὰ καὶ πρὸς τὸν ἀπὸ τῆς τύχης ἐπείγοντα κίνδυνον εὐτόλμως παραβαλλόμενοι, καὶ οὐ τὴν ἀπὸ τῆς μελέτης εἰσφερόμενοι μνήμη ἀλλὰ τὴν ἐκ τῶν καιρῶν βοήθειαν· οὕτως οἱ στρατηγοὶ τὴν μὲν δύναμιν ἐκτάξουσιν, ὅπως σφίσι νομίζουσι συνοίσειν, ἐπειδὴν δ' ὁ τοῦ πολέμου περιστῆ χειμῶν πολλὰ θραύων καὶ παραλλάτων καὶ ποικίλας ἐπάγων περιστάσεις, ἢ τῶν ἀποβαινόντων ἐν ὀφθαλμοῖς ὄψις ἐπιζητεῖ τὰς ἐκ τῶν καιρῶν ἐπινοίας, ἃς ἡ ἀνάγκη τῆς τύχης μᾶλλον ἢ ἡ μνήμη τῆς ἐμπειρίας ὑποβάλλει.</p>	<p>esses que não há como anunciar com palavras, nem conceber antes. (10) Pois assim como os pilotos em face de uma viagem marítima partem dos portos com tudo preparado para a nau e, quando cai uma tempestade, não fazem o que desejam, mas o que são impelidos a fazer – muitas vezes até mesmo expondo-se bravamente ao perigo premente em virtude do acaso – e sem evocar a recordação da experiência passada, mas buscando o auxílio das oportunidades –, do mesmo modo os generais dispõem sua tropa como julgam vantajoso para eles; e quando a tempestade da guerra acerca-se, enfraquecendo e desviando muitas vezes, e trazendo circunstâncias variadas, a aparição dos eventos diante dos olhos requer reflexões a partir das oportunidades, reflexões essas que a pressão do acaso, mais do que a recordação da experiência, sugere.</p>
<p><b>XXXIII. [Περὶ τοῦ μὴ τὸν στρατηγὸν αὐτοχειρὶ πολεμεῖν]</b></p> <p>(1) Μαχέσθω δὲ ὁ στρατηγὸς αὐτὸς προμηθέστερον ἢ τολμηρότερον, ἢ καὶ τὸ παράπαν ἀπεχέσθω τοῦ τοῖς πολεμίοις εἰς χεῖρας ἵέναι· καὶ γὰρ εἰ κατὰ τοὺς</p>	<p><b>XXXIII. [Sobre o general não combater pessoalmente]<sup>109</sup></b></p> <p>(1) O general deve combater, ele mesmo, com mais cautela do que intrepidez; ou deve até se abster totalmente do “vir às mãos” com os inimigos. Pois mesmo se durante as</p>

<sup>109</sup> O princípio de que o general não deve se arriscar combatendo pessoalmente é muito freqüente nos textos militares da Antiguidade, ainda que na historiografia sejam também comuns os exemplos de generais que inflamavam seus soldados com exemplos pessoais de bravura em combate. Conta Poliano que Ifícrates considerava que a ausência da falange, das tropas ligeiras ou da cavalaria tornavam o exército manco e deficiente, mas a morte do general fazia com que todo o exército se tornasse imprestável (POLIANO, *Estratagemas*, III.9.23). E mesmo na historiografia contamos com exemplos de cuidado com a segurança do general. Políbio conta que Cípião evitou “expor-se aos perigos, cuidando tanto quanto possível de sua própria segurança. Ele se fazia acompanhar por três homens portando grandes escudos; esses homens, mantendo os escudos juntos, cobriam o lado exposto a quem estivesse na muralha, dando assim a devida proteção ao comandante dos romanos. Avançando paralelamente ao inimigo por um terreno mais alto, Cípião contribuiu grandemente para o sucesso naquele dia, pois além de observar os acontecimentos, ele podia ser visto por todos os seus homens, incitando-lhes o espírito combativo. Dessa maneira, nada que tinha de ser feito foi omitido nesse confronto e no momento em que as circunstâncias sugeriam a adoção de alguma medida, as providências necessárias eram tomadas imediatamente” (POLÍBIO, X.13.1-5, tradução de Mário da Gama Kury).

<p>ἀγῶνας ἀνυπέρβλητον ἀνδρίαν εἰσενέγκαιτο, τοσοῦτον οὐδέν ὠφελῆσαι δύναται στράτευμα μαχόμενος, ὅσον ἀποθανῶν βλάβαι· στρατηγοῦ γὰρ ἡ γνώμη πλέον ἰσχύει τῆς ῥώμης· σώματος μὲν γὰρ ἀνδρία δρᾶσαί τι μέγα καὶ στρατιώτης δύναται, γνώμης δὲ προμηθεΐα βουλευσαί τι κρεῖττον οὐκ ἄλλος. (2) ὄνπερ δ' ἂν τρόπον, εἰ κυβερνήτης ἀφειμένος τῶν οἰάκων, ἃ δεῖ τοὺς ναύτας ποιεῖν, αὐτὸς πράττοι, κινδυνεύειν ἂν συμβαίῃ τὸ σκάφος, τοῦτον, εἰ στρατηγὸς ἀποστάς τοῦ γνώμη τι βουλεύειν ἐπὶ τὰς τῶν στρατιωτῶν καταβαίνοι χρείας, ἢ τῶν ὄλων ἀκυβέρνητος ἀμέλεια τὴν ἀναγκαιοτέραν ἄπρακτον ποιήσει βοήθειαν. (3) ὅμοιον δὴ κρίνω τὸν στρατηγὸν ἐμπαρβαλέσθαι τῇ ἑαυτοῦ ψυχῇ τῷ τῆς συμπάσης, εἰ πείσεται τι, δυνάμεως ἀκηδεῖν· εἰ γὰρ, ἐν ᾧ τοῦ σύμπαντος ἢ σωτηρία στρατεύματός ἐστιν, οὗτος οὐδέν εἰ τεθνήξεται πεφρόντικε, τὸ τᾶν αἰρεῖται συνδιαφθεῖραι, καὶ ὀρθῶς δ' ἂν τις αἰτιάσαιτο τοῦτον ὡς ἄπρακτον στρατηγὸν μᾶλλον ἢ ἀνδρεῖον. (4) ὁ μὲν γὰρ πολλὰ γνώμη στρατηγῆσας ἀρκεσθήσεται σεμνυόμενος ἐπὶ ταῖς ἀπὸ ψυχῆς εὐπραγίαις, ὅστις δ' οὕτως ἀπειρόκαλός ἐστιν, ὥστ' ἂν, εἰ μὴ διὰ μάχης εἰς χεῖρας ἔλθοι τοῖς πολεμίοις, οὐδέν αὐτὸν ἄξιον εἰργάσθαι νομίζειν, οὐκ ἀνδρεῖος, ἀλλὰ ἄλογος καὶ τολμηρός ἐστιν. (5) ὅθεν ἐπιφαίνειν μὲν δεῖ τῷ πλήθει τὸ φιλοκίνδυνον, ἵνα τὴν προθυμίαν ἐκκαλήται τῶν στρατιωτῶν, ἀγωνίζεσθαι δὲ ἀσφαλέστερον, καὶ τοῦ θανάτου μὲν καταφρονεῖν, εἴ τι πάσχοι τὸ στράτευμα, μηδ' αὐτὸν αἰρούμενον ζῆν, σωζομένου δὲ καὶ τὴν ἰδίαν</p>	<p>disputas manifestar uma coragem insuperável, não será capaz de, combatendo, ajudar o seu exército tanto quanto o prejudicará se for morto, já que a inteligência de um general é mais potente do que sua força física. De fato, enquanto até um soldado é capaz de fazer algo grandioso com a bravura do corpo, nenhum outro é capaz de planejar algo melhor com a previdência da sabedoria. (2) Da mesma forma que, se um piloto, abandonando o timão, fizer ele mesmo as coisas que cabem aos marinheiros fazer, poderá acontecer de o navio ficar a perigo; assim também, se um general, desviando-se da elaboração de algum plano com a sabedoria, rebaixar-se às funções dos soldados, o desgovernado descuido da totalidade tornará inútil até o auxílio mais necessário. (3) Creio que o general pôr a própria vida em risco é coisa semelhante a, caso sofra algo, descuidar da totalidade da sua tropa. Pois se aquele no qual está a salvação de todo o exército não tiver pensado em nada do que poderia acontecer caso ele estivesse morto, mas preferir que tudo pereça com ele, alguém poderá, com justiça, acusá-lo de ser um general mais ineficiente do que bravo. (4) De fato, enquanto o general que comandou muitas vezes com a sabedoria ficará satisfeito ao ser exaltado pelos sucessos obtidos por seu espírito, aquele que é tão tolo que, se não vier às mãos com os inimigos no decorrer da batalha, não julgará ter praticado ele próprio nada digno, não é corajoso, mas irracional e temerário. (5) Portanto, é necessário mostrar-se amante do perigo à massa de soldados, para provocar-lhes o ardor combativo, mas também é preciso lutar com mais segurança. E ele mesmo não escolhendo viver, despreze a morte, caso seu exército padeça algo; mas estando o exército a salvo, proteja também a</p>
--	---

<p>φυλάττειν ψυχὴν ἤδη γὰρ ἐπικυδέστερα τὰ τῶν φιλίων ὄντα ποτὲ στρατηγὸς ἀποθανῶν ἐμείωσεν· οἱ μὲν γὰρ πραῖοντες ἐπανεθάρρησαν τὸ ἀντίπαλον ἀστρατήγητον ἰδόντες, οἱ δ' εὐτυχοῦντες ἐδυσθύμησαν τὸν ἴδιον ἡγεμόνα ζητοῦντες. (6) στρατηγοῦ δ' ἔστι τὸ παριππάζεσθαι ταῖς τάξεσιν, ἐπιφάνεσθαι τοῖς κινδυνεύουσιν, ἐπαινεῖν τοὺς ἀνδριζομένους, ἀπειλεῖν τοῖς ἀποδειλιῶσι, παρακαλεῖν τοὺς μέλλοντας ἀναπληροῦν τὸ ἐλλεῖπον, ἀντιμετάγειν εἰ δέοι λόχον, ἐπαμύνειν τοῖς κάμνουσι, προορᾶσθαι τὸν καιρὸν, τὴν ὥραν, τὸ μέλλον.</p>	<p>própria vida. Pois a eventual morte de um general desvaloriza imediatamente os feitos mais gloriosos dos seus: enquanto os que estão a sucumbir recobram coragem ao ver o exército rival sem general, os que estão a prosperar desanimam ao procurar o próprio chefe.</p> <p>(6) Compete ao general cavalgar ao longo das fileiras, mostrar-se aos que correm perigo, elogiar os que se mostram corajosos, ameaçar os que se mostram covardes, encorajar os que hesitam, ocupar as lacunas, bater em retirada com a companhia – se preciso –, prestar socorro aos exauridos, prever a oportunidade, o momento, o porvir.</p>
<p><b>XXXIV. [Περὶ τοῦ εὐεργετεῖν κατὰ τὸ μέτρον ἕνα ἕκαστον τῶν ἀνδραγαθούτων]</b></p> <p>(1) Ἀνακαλεσάμενος δ' ἐκ τῆς μάχης πρῶτον μὲν ἀποδιδότω τοῖς θεοῖς θυσίας καὶ πομπάς, αἷς ἐκ τοῦ καιροῦ χρῆσθαι πάρεστι, τὰ νομιζόμενα χαριστήρια μετὰ τὴν τοῦ πολέμου παντελεῖ νίκη ἐπαγγελλούμενος ἀποδώσειν· ἔπειτα τοὺς μὲν ἀρίστους ἐν τοῖς κινδύνοις ἐξετασθέντας τιμάτω δωρεαῖς καὶ τιμαῖς, αἷς νόμος, τοὺς δὲ κακοὺς φάνεντας κολαζέτω. (2) τιμαὶ δ' ἔστωσαν μὲν καὶ αἱ κατὰ τὰ πάτρια καὶ κατὰ τὰ παρ' ἑκάστοις νόμιμα· στρατηγικαὶ δὲ αὗται· πανοπλῖαι, κόσμοι, λαφύρων</p>	<p><b>XXXIV. [Sobre o bem retribuir de acordo com a medida de cada um dos feitos corajosos]</b></p> <p>(1) Depois do combate, tendo invocado os deuses, deve-se-lhes primeiro retribuir com oferendas e cortejos, os quais cabe oferecer no momento oportuno, prometendo retribuir com os sacrifícios de ação de graças costumeiros depois da vitória definitiva contra o inimigo. Em seguida, deve-se recompensar com presentes e honras os que se provaram os melhores nas situações de perigo e, por outro lado, castigar os que se mostraram covardes.<sup>110</sup> (2) E que as honras sejam dadas de acordo com os costumes hereditários e também em conformidade com os costumes de cada lugar. Eis aquelas</p>

<sup>110</sup> A importância dada na Antiguidade às honrarias e glória dadas pelo general como recompensa aos soldados ou comandantes que se provavam bravos em combate é atestada exaustivamente desde a *Ilíada* (II. VIII, 289-291; IX, 277-282; X, 299-331; XVII, 229-232; XEN., *Ciropedia*, I.6.18; II.1.23; VI.2.6; *Helênicas*, IV.2). A perspectiva de levar para casa os frutos de um saque opulento é, por si só, incentivo suficiente para despertar o ardor combativo nos soldados.

<p>δόσεις, πεντηκονταρχίαι, ἑκατονταρχίαι, λοχαγίαι, τάξεων ἀφηγήσεις, καὶ αἱ ἄλλαι αἱ κατὰ νόμους παρ' ἑκάστοις ἡγεμονίαι· τῶν μὲν ἰδιωτῶν τοῖς ἀνδραγαθήσασιν αἱ ἥττους ἐξουσίαι, τῶν δὲ ἡγεμόνων τοῖς ἀριστεύσασιν αἱ μείζους ἡγεμονίαι· αὗται γὰρ ἀμοιβαί τε μεγάλουχοι τοῖς ἤδη τὸ γενναῖον εἰργασμένοις προτροπαί τε ἀναγκαῖαι τοῖς τῶν αὐτῶν ἐπιθυμοῦσιν. (3) ὅπου δὲ τιμὴ μὲν ἀποδίδεται τοῖς ἀγαθοῖς, τιμωρία δ' οὐ παραπέμπεται τῶν κακῶν, ἐνταῦθα καλὰς ἐλπίδας ἔχειν ἀνάγκη τὸ στρατόπεδον· οἱ μὲν γὰρ ἐφοβήθησαν ἀμαρτάνειν, οἱ δὲ ἐφιλοτιμήθησαν ἀνδραγαθεῖν. (4) ἔνθα μέντοι χρὴ καὶ νικῶντα μὴ κατ' ἄνδρα μόνον ἀμοιβὰς ἐκτίνειν, ἀλλὰ καὶ τῷ σύμπαντι στρατεύματι τῶν κινδύνων ἐπικαρπίαν ἀποδιδόναι· τὰ γὰρ τῶν πολεμίων ἐπιτρεπέτω τοῖς στρατιώταις διαρπάζειν, εἰ χάρακος ἢ ἀποσκευῆς ἢ φρουρίου κυριεύσειεν, ὅτε δὲ καὶ πόλεως, εἰ μὴ τι μέλλοι περὶ αὐτῆς χρηστότερον βουλεύειν. (5) οὕτως γὰρ ἂν καὶ μάλιστα μῆτω τέλος εἰληφότος τοῦ πολέμου συνόισσι πρὸς τὰ μέλλοντα προθυμότερον ἐπὶ τὰς μάχας αὐτῶν ἐξιόντων, εἰ μὴ νομίζομεν τοὺς μὲν θηρευτικούς κύνας δελεάζειν ἀναγκαῖον εἶναι τοῖς κυνηγοῖς αἵματι θηρίων καὶ τοῖς τοῦ συλληφθέντος ζώου σπλάγχνοις· τοῖς δὲ νικῶσι στρατιώταις τὰ τῶν ἡττημένων εἰς προτροπὴν οὐ μάλα δὴ τι συμφέρον ἀποδιδόναι.</p>	<p>concedidas pelo general: panóplias, ornamentos, permissões para espólio, comandos de unidade de cinquenta homens, comandos de centúria, comandos de companhia, comandos de fileiras e outros postos de liderança conforme os costumes de cada lugar. Àqueles dentre os soldados rasos que se comportarem corajosamente, os postos menores; àqueles mais valorosos dentre os oficiais, os comandos mais elevados. Pois essas recompensas são tanto generosas para os que já atuaram com nobreza, quanto incentivos necessários àqueles que anseiam por isso. (3) Quando se rendem honras aos valorosos e não se negligencia a punição dos covardes<sup>111</sup>, é natural que o exército tenha boas expectativas: uns temam cometer erros, outros ambicionem comportar-se com bravura. (4) Quando se vence, certamente é preciso não apenas distribuir recompensas aos homens, mas também recompensar todo o exército com o fruto dos perigos. Deve-se permitir aos soldados saquear os itens dos inimigos caso venham a se apossar de um campo paliçado, de bagagens, de uma cidadela ou, quando muito, de uma cidade, se o general não estiver planejando fazer dela algo mais proveitoso. (5) Pois dessa maneira, principalmente quando a guerra ainda não tiver chegado ao fim, será útil para o porvir, os soldados partindo para o combate mais ardorosos, se não considerarmos ser necessário para os caçadores atrair os cães de caça com sangue de feras e vísceras dos animais capturados, e considerarmos não ser nenhuma grande vantagem dar como incentivo aos soldados vencedores os bens dos derrotados.</p>
--	---

<sup>111</sup> As punições no exército romano consistiam em espancamento, expulsão do exército e pena capital, essa última aplicada em caso de traição, conspiração ou abandono (TÁCITO, *Anais*, I.48; III.21.1; *Germ.*, VII.2).

<p><b>XXXV. α' [Ὅτι οὐ χρή πάντοτε ἐπιτρέπειν τὰς ἀρπαγὰς καὶ ὅτι τὰ σώματα οὐ χρή ἀρπάζειν, ἀλλὰ τὸν στρατηγὸν πιπράσκειν]</b></p> <p>(1) Τὰς δ' ἀρπαγὰς οὐτ' ἐπὶ πάσης μάχης ἐπιτρεπτέον, οὐδ' αἰεὶ πάντων, ἀλλ' ὧν δ' οὐ, τῶν δὲ σωμάτων ἥκιστα· ταῦτα δὲ πιπράσκειν τὸν στρατηγόν. (2) εἰ δὲ χρημάτων δέοι καὶ δαπάνης κοινῆς καὶ μεγάλης, καὶ ὅσα ἄγεται καὶ φέρεται πάνθ' ὡς αὐτὸν ἀναπέμπεσθαι κηρυττέτω. (3) γνώη δ' ἂν αὐτὸς ἄριστα πρὸς τοὺς καιροὺς, εἰ τὰ πάντα δέοι λαμβάνειν, εἴτ' ἐκ μέρους, εἴτε μῆθὲν ὧν ἔτυχεν· οὐ γὰρ μὴν ἔστι πολέμου καὶ τοῖς κοινοῖς εἶναι χρημάτων δαψίλειαν καὶ τοῖς στρατιώταις ἀνεπικώλυτον ὠφέλειαν· ἤδη δὲ καὶ παρὰ τοὺς τῶν ἡττημένων πλούτους καὶ παρὰ τὰς τῶν τόπων εὐδαιμονίας αἰ ὠφέλειαί σφισι δαψιλέστεροι γίνονται.</p> <p>β'. [Περὶ αἰχμαλώτων]</p> <p>(4) Τοὺς δὲ αἰχμαλώτους, ἐὰν ὁ πόλεμος</p>	<p><b>XXXV. (1) [Por que não se deve permitir a toda hora as pilhagens e por que não se deve pilhar as tropas, mas deve o general vendê-las como cativas]</b></p> <p>(1) Tampouco se devem permitir as pilhagens após toda batalha, nem de todos os bens em todas as ocasiões, mas de alguns não e menos que todas as tropas. Esses, o general deverá vender. (2) E se houver necessidade de recursos para uma grande despesa pública, cabe ao general anunciar que tudo quanto for apanhado e trazido deve-lhe ser remetido. (3) Ele próprio pode discernir o melhor em vista das ocasiões, se é preciso pegar tudo, se uma parte ou se nada do que ele encontrou. Certamente não é próprio da guerra fornecer abundância de recursos para a comunidade e ganho ilimitado para os soldados. Seus ganhos se tornam mais abundantes segundo a riqueza dos derrotados e a prosperidade dos locais.</p> <p>(2) [Sobre os cativos]<sup>112</sup></p> <p>(4) Quanto aos cativos, o general não deve</p>
--	--

<sup>112</sup> Sobre o destino dos prisioneiros de guerra na Grécia Antiga, citando Yvon Garlan, ele “podia ser regulado de três maneiras: por sua condenação à morte; por sua liberação imediata ou, a termo, gratuitamente, mediante resgate, por troca ou alistamento nas fileiras do vencedor; e, enfim, por sua redução à escravidão. A solução escolhida variava essencialmente segundo as condições da vitória (por convenção negociada ou por capitulação), segundo as disposições do vencedor (em função da violência dos combates e se o que prevalecia para ele era a vontade de exterminação, o engodo do butim ou a busca de um desenlace propriamente político), segundo a natureza dos prisioneiros (caso se tratasse de cidadãos em idade de portar armas ou então de não-combatentes de condição livre ou servil) e, às vezes, segundo sua classe social (consoante sua capacidade de pagar resgate).

Após a época homérica, em que a regra havia sido massacrar os combatentes, sujeitar as mulheres e dar aos filhos destino semelhante, as soluções adotadas diferiam enormemente, sem que nenhuma evolução de conjunto tenha sido na verdade perceptível nesse assunto, tanto no sentido do rigor quanto no da brandura; um e outra parecem antes alternar em função da conjuntura (o rigor prevalecedo, por exemplo, nitidamente nas horas mais sombrias da guerra do Peloponeso). Nem mesmo é evidente que os gregos tenham agido entre si de maneira diferente do que com os bárbaros, salvo circunstâncias excepcionais” (GARLAN, 1991, p.73). Para mais detalhes, cf. Pierre Ducrey, *Le traitement des prisonniers de guerre en Grèce antique*, 1968.

<p>ἔτι συνεστῶς ἦ, μὴ κτεινέτω μάλιστα μὲν τοὺς πρὸς οὓς ἔστιν ὁ πόλεμος, κἄν δοκῆσθαι τοῖς συμμαχοῖς ἀναιρεῖν, ἥκιστα δὲ καὶ τοὺς ἐνδοξοτάτους καὶ λαμπροὺς παρὰ τοῖς πολεμίοις, ἐνθυμούμενος τὰ ἄδηλα τῆς τύχης καὶ τὸ παλίντροπον τοῦ δαιμονίου φιλοῦντος ὡς τὰ πολλὰ νεμεσᾶν, ἵν' εἴ τινων αὐτοὶ ἢ σωμάτων, ὧν πολὺς πόθος, ἢ φρουρίου κρατήσαιεν, ἱκανὰ ἀντικαταλλάγματα δούς ἔχῃ κομίσασθαι τὰ τῶν φίλων, ἢ τότε γε μὴ βουλομένων ἐνδίκως εἰς ἴσον ἀμύνηται. (5) μετὰ δὲ τὰ κατορθώματα καὶ τοὺς κινδύνους ἐπιτρεπέσθων αὐτοῖς εὐωχία τε καὶ κλισία καὶ πόνων ἀνέσεις, ἵν' εἰδότες, οἷον τέλος ἔστι τοῦ μαχομένου νικᾶν, ὑπομένωσι τὰ δυσχερῆ πάντα πρὸ τοῦ νικᾶν.</p>	<p>matá-los caso a guerra esteja ainda em curso<sup>113</sup>, especialmente aqueles contra os quais se está em guerra – mesmo que aos aliados pareça bom aniquilá-los – e menos ainda os mais renomados e ilustres dentre os inimigos, se ele reflete sobre as incertezas do acaso e a reversibilidade devida à divindade que o mais das vezes se encoleriza com o que é injusto. Isso a fim de que, se eles próprios se apoderarem de alguns homens ou tropas cujo retorno for muito ansiado, ou de uma cidadela, o general, dando uma contrapartida suficiente, possa recuperar as coisas dos seus<sup>114</sup>; ou caso os inimigos não estejam dispostos a proceder com justiça, possa ele pagar com a mesma moeda. (5) Depois dos sucessos e dos perigos, que lhes sejam permitidos festividades, banquetes e descansos dos trabalhos, para que eles sabendo como é o termo vitória para os combatentes, suportem todo tipo de dificuldade em prol da vitória.</p>
<p><b>XXXVI. α'. [Περὶ τοῦ θάπτειν τοὺς ἐν πολέμῳ ἀναιρουμένους]</b></p> <p>(1) Προνοείσθω δὲ τῆς τῶν νεκρῶν κηδείας, μήτε καιρὸν μήθ' ὥραν μήτε τόπον μήτε φόβον προφασιζόμενος, ἄν τε τύχη νικῶν, ἄν τε ἠττώμενος· ὅσῃα μὲν γὰρ καὶ ἡ πρὸς τοὺς ζῶντας ἀπόδειξις. (2) ἕκαστος γὰρ τῶν στρατιωτῶν ὡς αὐτὸς ἀμελούμενος, εἰ πεσῶν ἔτυχεν, παρ' ὀφθαλμοῖς ὀρῶν τὴν τύχην καὶ ὑπὲρ</p>	<p><b>XXXVI. (1) [Sobre o fazer funerais para os que morrerem em guerra]</b></p> <p>(1) O general tem de providenciar as honras fúnebres aos mortos<sup>115</sup>, sem usar como pretexto nem as circunstâncias, nem o momento, nem o lugar, nem o medo, tanto se calhar de estar vencendo quanto de estar sendo derrotado. Pois a piedade tanto é uma manifestação sagrada para os que partiram quanto necessária para os que vivem. (2) De fato, cada soldado, vendo a sorte diante dos</p>

<sup>113</sup> Sobre a necessidade de não matar os prisioneiros de guerra, cf. EURÍPIDES, *Hercules Furens*, v.961-967; 1010-1011; XENOFONTE, *Agésilau*, I.21.

<sup>114</sup> Uma vez concluídas as operações de guerra, os prisioneiros poderiam ser restituídos ao inimigo com base em cláusulas precisas (HERÓDOTO, V.77.3) ou sem acordos escritos (Diodoro, XVI,87,3).

<sup>115</sup> Sobre a obrigação de sepultar os mortos depois de tê-los despojado de armas, cf. SÓFOCLES, *Antígona*, v.23-25; 1080-1083; EURÍPIDES, *Suplicantes*, 524-527; 563; PLATÃO, *República*, 469c-d.



<p>τοῦ μέλλοντος καταμαντευόμενος ὡς οὐδ' αὐτός, εἰ τεθναίῃ, ταφησόμενος ἐπαχθῶς φέρει τὴν ἀτύμβευτον ὕβριν.</p> <p>β'. [Περὶ τοῦ ἐπανορθοῦσθαι τὴν ἐλάττωσιν]</p> <p>(3) Εἰ δὲ ἡτῶτο, παραμυθησάμενος τοὺς ἀνασωθέντας ἐκ τῆς μάχης ἐφεδρευέτω, καιρὸν ἔνθα που καὶ μᾶλλον οἰόμενος ἐπανορθώσασθαι τὴν ἐλάττωσιν. (4) εἰώθασι γὰρ ὡς τὰ πολλὰ μετ' εὐπραγίας οἱ στρατιῶται ῥαθυμότερον ἐκλύεσθαι περὶ τὰς φυλακάς· ἡ γὰρ τῶν πέλας καταφρόνησις ἀμελείας σφίσι γίγνεται αἰτία τῶν οἰκείων, οὕτως τε πολλάκις τὰ εὐτυχήματα πλεῖον ἔβλαψε τῶν δυστυχημάτων. (5) ὁ μὲν γὰρ πταίσας ἐδιδάχθη καὶ φυλάξασθαι τὸ μέλλον, ἐξ ὧν ἔπαθεν, ὁ δὲ τοῦ δυστυχεῖν ἄπειρος οὐδ', ὡς δεῖ φυλάξαι τὰς εὐπραγίας, ἔμαθεν. (6) εἴτ' αὖ νικῶν τὴν αὐτὴν ἐχέτω προμήθειαν ὑπὲρ τοῦ μὴ παθεῖν ἀμελῶν, ἦν ἂν εἰς τὸ δρᾶσαί τι τοὺς ἐχθροὺς ῥαθυμοῦντας εἰσενεγκαιτο, φόβος γὰρ εὐκαιρος ἀσφάλεια προμηθῆς, ὡς καὶ καταφρόνησις ἄκαιρος εὐεπιβούλευτος τόλμα.</p>	<p>olhos e renunciando o futuro – como se ele próprio, caso morresse, não fosse ter qualquer qualquer sepultamento –, leva a mal a insolência da insepultura.</p> <p>(2) [Sobre o restabelecimento em caso de derrota]</p> <p>(3) Se for derrotado, é preciso que o general, tendo exortado os que saíram a salvo do combate, fique de tocaia, supondo que talvez haja uma oportunidade ainda melhor para recuperar-se da derrota. (4) Pois os soldados estão acostumados o mais das vezes a, depois de uma ação bem sucedida, relaxar na vigilância – fazendo-a mais descuidadamente. O desdém pelos que estão próximos é, com efeito, tão culpado pela negligência das próprias coisas que muitas vezes a boa sorte causa mais danos do que a má sorte. (5) De fato, enquanto aquele que fracassa aprende até mesmo a ficar vigilante quanto ao futuro por conta do que padeceu, aquele que não tem experiência de infortúnio não aprende como é preciso ficar vigilante quanto às operações bem sucedidas. (6) Então, se estiver vencendo, há que tomar a mesma precaução de não padecer por descuido, precaução essa que pode ser empregada no infligir algo aos oponentes descuidados, pois o medo oportuno é uma segura precaução como o desdém inoportuno é uma temeridade exposta aos ataques.</p>
<p><b>XXXVII. [Περὶ τοῦ ἐν καιρῷ εἰρήνης μὴ ἀφυλάκτως εἶναι]</b></p> <p>(1) Ἄνοχὰς δὲ ποιησάμενος μηδ' ἐπιτιθέσθω μηδ' αὐτὸς ἀφύλακτος ἔστω·</p>	<p><b>XXXVII. [Sobre o não ficar desprevenido em tempo de paz]</b></p> <p>(1) Feita uma trégua<sup>116</sup>, não deve o general atacar nem descuidar a vigilância. Contudo,</p>

<sup>116</sup> Segundo Yvon Garlan, “a trégua resultava da decisão não unilateral, mas de comum acordo, entre as duas partes de interromper temporariamente os combates. A duração dessa suspensão era muito variável (de

<p>ἀλλὰ τὸ μὲν ἤσυχον ἐχέτω πρὸς τοὺς πολεμίους, ὡς ἐν εἰρήνῃ, τὸ δ' ἀσφαλὲς εἰς τὸ μὴ παθεῖν, ὡς ἐν πολέμῳ. (2) δεῖ γὰρ οὐκ ἀσύνθηκον ἐν σπονδαῖς εἶναι οὔτ' αὐτόν τι φθάνειν ἀσεβὲς δρῶντα, ἀλλ' ὑποπτον, ὡς φυλάττεσθαι τὸ ἀπὸ τῶν πολεμίων ὑπουλον· ἄδηλοι γὰρ αἱ τῶν στεισαμένων γνώμαι. (3) καὶ παρὰ σοὶ μὲν ἔστω τὸ βέβαιον τοῦ μὴ ἀδικῆσαι διὰ τὸ εὐσεβὲς, παρὰ δὲ τοῖς πολεμίοις ὑπονοεῖσθω τὸ μὴ πιστὸν διὰ τὸ ἀπεχθές· ἀσφαλῆς γὰρ οὗτος καὶ προμηθῆς, ὅς οὐδὲ βουλευθεῖσι τοῖς πολεμίοις ἐπιθέσθαι τὸν τοῦ δύνασθαι παρασπονδῆσαι καιρὸν ἀπολείπει. (4) οἵτινες δ' ἐπὶ τοῖς θεοῖς ποιοῦνται τὴν ὑπὲρ ὧν ἂν πάθωσιν ἐκδικίαν, εὐσεβῆ μὲν φρονούσιν, οὐ μὴν ἀσφαλῆ. (5) κοιμῶν γὰρ ἀνοήτων ἐστὶν ἐλπίδι τοῦ τοὺς παρασπονδήσαντας ἐκτίσειν δίκας ἀπρονοήτως ἔχειν τοὺς περὶ σφῶν κινδύνους, ὥσπερ αὐτοὺς σώζεσθαι μέλλοντας ἅμα τῷ τοὺς ἐχθρούς ἀπόλλυσθαι, ἐξὸν μετὰ τῆς τῶν ἰδίων πραγμάτων ἀσφαλείας πείραν λαμβάνειν τῆς τῶν πολεμίων ἀσεβείας· οὕτως γὰρ αὐτοῖ τε διὰ τὸ προμηθὲς οὐκ ἂν πταίσαιεν ἐπιβουλευθέντες, ἀσεβήσουσι</p>	<p>é preciso manter, por um lado, a tranqüilidade diante dos inimigos, como se em tempo de paz, e, por outro, a confiança de nada padecer, como se em guerra. (2) Não deve ele ser infiel aos tratados, nem ele próprio antecipar-se em algo agindo impiamente, mas ficar alerta para defender-se dos engodos dos inimigos; pois as intenções daqueles que fazem trégua são desconhecidas. (3) E que haja firmeza da tua parte em não seres injusto<sup>117</sup>, por conta do que é sagrado; da parte dos inimigos, que ele ponha em suspeita a confiabilidade, por conta da hostilidade deles. Está decerto seguro e precavido aquele que não deixa aos inimigos – desejantes de atacar – ocasião de poder violar a trégua. (4) E quem quer que entregue aos deuses a vingança pelo que sofre, tem piedoso o espírito, mas não cauteloso. (5) É sem dúvida nenhuma conduta de tolos ser desprezado com os perigos em torno deles na esperança de que quem viole a trégua seja punido por isso – como se eles estivessem para ser salvos enquanto os inimigos para ser aniquilados –, quando é possível conseguir uma prova da impiedade dos inimigos, mantendo em segurança seus próprios empreendimentos. Desse modo, por terem eles próprios sido precavidos, não serão derrotados quando tramarem contra eles, e os inimigos</p>
---	--

algumas horas a muitos anos) de acordo com o motivo que lhe era determinado. [...] A decisão vinha seja de órgãos oficiais, seja mais diretamente daqueles que se enfrentavam sobre o terreno. As primeiras eram encerradas sob a responsabilidade dos poderes públicos. As segundas eram ratificadas a título pessoal pelos chefes dos exércitos, sob suas próprias responsabilidades e correndo o risco de serem desaprovadas pelo Estado.” (Yvon Garlan, *La guerre dans l'antiquité*, Nathan, 1999, p.31). Respeitar a trégua passou a ter um caráter sagrado e, portanto, ela não podia ser violada. Sua violação justificaria a quebra de quaisquer acordos e tratados; o assassinato de Clearco por Tissafernes, por exemplo, foi legitimado pela violação da trégua depois da morte de Ciro pelo comandante mercenário, segundo atesta Xenofonte (*Anábasis*, II.5.38-39).

<sup>117</sup> Em todo o texto, essa é a primeira vez em que Onassandro dirige-se a seu interlocutor utilizando a segunda pessoa. O mais das vezes, ele dá preferência a construções com terceira pessoa. Ainda que de forma menos estranha e abrupta, a mudança no tratamento ocorre também na *Poliórcética* de Enéias, o Tático: nela o aparecimento da segunda pessoa é esporádico, alternado com construções impessoais como δεῖ+infinitivo, adjetivos verbais em -τέος, imperativos e infinitivos com sentido de imperativo, indicando um dever, necessidade ou sugestão a ser seguida e, em alguns casos pontuais, até mesmo uma obrigação.

<p>τε οἱ πολέμιοι τῷ ἐπιχειρήσαι καὶ δοκεῖν πεποιηκέναι ἄν, εἰ ἐδυνήθησαν.</p>	<p>cometerão ato ímpio tanto por tentarem atacar quanto por parecer que o fariam caso pudessem.</p>
<p><b>XXXVIII. α΄. [Περὶ τοῦ τὰς προσαγομένας πόλεις ἐν ἀδείᾳ ἔχειν καὶ φιλανθρωπίᾳ]</b></p> <p>(1) Ταῖς δὲ προσχωρούσαις πόλεσιν, εἰ τινες, ἐπιτρέποιεν αὐτὰς ἀρξάμεναι, φιλανθρώπως καὶ χρηστῶς προσφερέσθω· προσάγοιτο γὰρ ἄν οὕτως καὶ τὰς ἄλλας. ἢ γὰρ ἐλπὶς τοῦ τῶν αὐτῶν τεύξεσθαι δελεάζουσα προσάγεται τοὺς πολλοὺς αὐτοὺς ἐκόντας ἐγχειρίζειν. (2) ὅστις δὲ πικρῶς εὐθύς καὶ πολεμικῶς προσφέρεται κύριος γενόμενος πόλεως ἢ διαρπάζων ἢ κτείνων ἢ κατασκάπτων, ἀλλοτριωτέρας διατίθησι τὰς ἄλλας πόλεις, ὥστε καὶ τὸν πόλεμον αὐτῷ ἐπίπουνον καὶ τὴν νίκην δύσελπιν κατασκευάζειν· (3) εἰδότες γάρ, ὡς ἀπαραίτητόν ἐστιν ἢ τῶν ὑποχειρίων πρὸς τοῦ κρατήσαντος τιμωρία, πᾶν ὀτιοῦν ὑπομένουσι καὶ ποιεῖν καὶ πάσχειν ὑπὲρ τοῦ μὴ παραδοῦναι τὰς πόλεις. (4) οὐθὲν γὰρ οὕτως κατασκευάζει γενναίους, ὡς φόβος ὧν μέλλουσι πείσεσθαι κακῶν εἰζαντες· ἢ γὰρ προσδοκία τῶν δεινῶν ἐκ τοῦ καθυφεῖσθαι τὰ σφέτερόν δεινὴν ἐντίθησι φιλοτιμίαν ἐν τοῖς κινδύνοις. (5) χαλεπαὶ δὲ αἱ πρὸς τοὺς ἀπεγνωσμένους πεῖραι</p>	<p><b>XXXVIII. (1) [Sobre tratar as cidades rendidas com humanidade<sup>118</sup> e sem castigos]</b></p> <p>(1) Quanto às cidades que se rendem, se algumas delas entregarem-se, tendo sido as primeiras, é preciso que ele as trate de modo humano e conveniente, pois assim ele incitará outras também. De fato, a esperança de um tratamento semelhante leva, tentadora, a maioria a render-se voluntariamente. Mas aquele que ataca de modo diretamente cruel e belicoso, depois de se tornar senhor de uma cidade, ou saqueando, ou matando, ou destruindo, faz as outras cidades ficarem mais hostis; como consequência, a guerra torna-se-lhe trabalhosa e a vitória, difícil de ser preparada. (3) Sabendo eles, portanto, que a punição dos que estão nas mãos do vencedor é algo inevitável, suportam tanto fazer quanto sofrer o que quer que seja para não entregarem as cidades. (4) Pois nada torna os homens tão bravos quanto o medo dos males que haverão de padecer se se renderem, pois a expectativa das coisas terríveis decorrentes da rendição de seus bens produz uma terrível obstinação nos perigos. (5) Difíceis são as tentativas de combate contra os desesperados: não esperando eles da rendição melhoria alguma</p>

<sup>118</sup> O termo φιλανθρωπία tinha originalmente um cunho moral e designava um comportamento cordial, benévolo e hospitaleiro, semelhante ao da φιλοφροσύνη em Homero (*Ilíada*, IX, 256). Posteriormente, nos contextos jurídico e militar, o termo foi perdendo esse antigo caráter e adquirindo o sentido mais específico de comportamento digno e favorável dos vencedores com relação aos vencidos, o qual tem paralelos com a *clementia* romana. Optamos por “humanidade” para conservar algo do sentido primeiro e, ao mesmo tempo, sugerir algo da *pietas* e da *clementia* romanas provavelmente presentes neste uso do termo.

<p>μάχης· οὐδὲν γὰρ χρηστότερον ἐλπίζοντες ἐκ τοῦ παραχωρεῖν ὦν πείσονται κινδυνεύοντες αἰροῦνται μετὰ τοῦ πολλὰ δρᾶν καὶ πάσχειν. (6) ὅθεν αἱ πολιορκίαι τοῖς ὧδε στρατηγῶσι ἄφροσι καὶ τεθριωμένοις ταλαίπωροι γίνονται καὶ πολυχρόνιοι, ποτὲ δὲ καὶ ἀτελεῖς, οὐχ ἥκιστα δὲ σφαιραῖ τε καὶ ἐπικίνδυνοι.</p> <p>β'. [Πῶς χρηστέον προδόταις]</p> <p>(7) Τοῖς δὲ προδόταις τὰς τε πίστεις καὶ τὰς ἐπαγγελίας φυλαττέτω, μὴ διὰ τοὺς γεγονότας, ἀλλὰ διὰ τοὺς ἐσομένους, ἵν' εἰδότες, ὡς ὀφείλεται σφισι χάρις, ἐλόμενοι τὰ τῶν πολεμίων ἐπὶ τὰς αὐτὰς εὐεργεσίας τρέπωνται. Λαμβάνει γὰρ τι μᾶλλον ὁ προδότῃ διδούς ἢ χαρίζεται. (8) Διὸ χρή προθύμως ἐκτίνειν τὰς ἀμοιβάς· οὐ γὰρ δικαστὴς τῆς ἀδικηθείσης πόλεως ἐστίν, ἀλλὰ στρατηγὸς τῆς ἑαυτοῦ πατρίδος.</p>	<p>com relação ao que sofrerão se se arriscarem a lutar; preferem, além de infligir muito dano, também padecê-lo bastante. (6) Por essa razão, os assédios feitos por generais insensatos e selvagens tornam-se desgastantes e muito longos – e às vezes até infrutíferos –, e não menos incertos e arriscados.</p> <p>(2). [Como servir-se de traidores]</p> <p>(7) Quanto aos traidores, o general há de manter as garantias e promessas feitas a eles, não pelos que foram, mas pelos que hão de ser, a fim de que esses, sabendo que se lhes deve gratidão, depois de abraçar a causa dos inimigos, ponham-se a fazer os mesmos úteis serviços. Pois aquele que dá ao traidor, recebe algo a mais do que concede. (8) Por isso, é necessário pagar a recompensa de bom grado, pois o general não é um vingador da cidade lesada, mas o comandante do exército de sua própria pátria.<sup>119</sup></p>
<p><b>xxxix. α'. [Περὶ τοῦ τὸν στρατηγὸν ἐν γνώσει εἶναι τῆς τῶν ἀστρων κινήσεως]</b></p> <p>(1) Πρὸς δὲ τὰς ἐπιθέσεις καὶ τὰς ἐκ προδοσίας νυκτερινὰς καταλήψεις τῶν πόλεων οὐκ ἄπειρον εἶναι δεῖ τῆς ὑπεργείου κατὰ τὴν νύκτα φορᾶς τῶν ἀπλανῶν, ἐπεὶ πολλάκις ἀπράκτους ἕξει τὰς</p>	<p><b>XXXIX. (1) [Sobre o general ter conhecimento do movimento dos astros]<sup>120</sup></b></p> <p>(1) Para os ataques e as invasões à noite das cidades – por traição –, é preciso que o general não ignore o curso noturno dos astros sobre a terra, já que muitas vezes ele terá planos irrealizáveis. (2) Pois pode acontecer de certo traidor combinar a</p>

<sup>119</sup> Sobre medidas preventivas contra traição na Grécia Antiga, cf. ENÉIAS O TÁTICO, *Poliorcética*, X.15.

<sup>120</sup> Sobre a necessidade de o general saber geometria e astronomia, encontram-se mais testemunhos em POLÍBIO (IX.15-20) e POLIANO (I.32.2).

ἐπιβολάς. (2) ἔστιν γὰρ ὅτε συντέτακται τις τῶν προδοτῶν τρίτην ἢ τετάρτην ἢ ὀπόστην ἂν τις εὐκαιρον ὥραν νομίζῃ τῆς νυκτός, ἀνοίξειν τὰς πύλας ἢ τινὰς κατασφάξειν τῶν ἐπὶ τῆς πόλεως ἀντιπραττόντων ἢ φρουρᾶ τῶν ἔνδον πολεμίων ἐπιθήσεσθαι· κ᾿πειτα δεῦν θάτερον συμβέβηκεν, ἤτοι θάπτον ἢ ἔδει προσπελάσαντα τὸν τῶν πολεμίων στρατὸν κατάφωρον γενέσθαι, πρὶν ἢ τοὺς προδότας ἐτοίμους εἶναι, καὶ οὕτως ἀποκωλυθῆναι τῆς πράξεως, ἢ ὑστερήσαντα τοῖς μὲν προδόταις αἴτιον γενέσθαι θανάτου φωραθεῖσιν, αὐτὸν δὲ μηδὲν τῶν προκειμένων ἀνύσαι. (3) Διόπερ χρὴ καὶ τὴν ὁδὸν τεκμαιρόμενον, ὅθεν ἐξοδεῦσαι δεῖ, καὶ τῶν σταδίων καὶ τῆς ὥρας στοχαζόμενον, ὅσον εἰς τὴν πορείαν ἀναλώσει, καὶ ἀπὸ τῶν ἄστρον ὀρῶντα, πόσον τὸ παρωχηκὸς ἤδη καὶ πόσον τὸ ἀπολειπόμενον μέρος, οὕτως ἀκριβῶς συλλογισάμενον, ἵνα μήτε φθάσῃ μήτε βραδύνη, πρὸς αὐτὴν ἤκειν τὴν ὥραν τοῦ συντεταγμένου καιροῦ καὶ ἔτι προσιόντα ἀκούεσθαι καὶ ἐντὸς εἶναι τῶν τειχῶν.

β'. [Πῶς ἡμέρας αἰρεῖν χρὴ πόλιν]

(4) Εἰ δ' ἡμέρας ἀναστήσας ἄγοι στρατεύμα πόλεις ἐκ προδοσίας ληψόμενος κατὰ τὴν συγκεκριμένην ὥραν, τοὺς κατὰ τὴν ὁδὸν ὑποπίπτοντας ἅπαντας προαποστέλλων ἵππεῖς συλλαμβανέτω, μή τις τῶν ἐπὶ τῆς χώρας φθάσας ἀποδραμῶν μηνύσῃ τὴν ἔφοδον τῶν πολεμίων, ἀλλ' αἰφνιδίως ἀφυλάκτοις ἢ ἐπιφάνεια γένηται τοῦ στρατεύματος. (5) Ἐπελθόντα δ' ἐξαίφνης ἀπροσδοκῆτοις χρὴ, κἂν μὴ κατὰ προδοσίαν μέλλῃ λαμβάνειν, ἀλλ'

terça, a quarta, ou qualquer outra hora da noite que considerar mais oportuna, para abrir os portões ou matar alguns homens da facção adversária na cidade, ou atacar uma guarnição dos inimigos dentro da cidade; então uma das duas acontece: ou o general aproximar-se do acampamento inimigo mais rápido do que devia e ser flagrado antes dos traidores estarem prontos e, assim, frustrar-se na empreitada; ou o general chegar tarde demais e tornar-se causa da morte dos traidores flagrados e ele mesmo não cumprir nada do projetado. (3) Por conseguinte, é necessário saber conjecturar o percurso, de que ponto partir, calcular distância e tempo, quanto haverá de gastar no trajeto e da observação dos astros deduzir quanto já ficou para trás e qual a parte ainda a percorrer, tendo calculado de tal modo atentamente a fim de que não se antecipe, nem se atrase em chegar lá precisamente na hora combinada, em ser ouvido ainda enquanto avança e em estar dentro dos muros.

(2) [Como atacar uma cidade durante o dia]

(4) Se, ao partir de dia, o general conduzir o exército para tomar cidades a uma determinada hora, por meio de uma traição, mandando cavaleiros à frente, deve fazer prisioneiros todos que se encontrarem no caminho, de modo que nenhum daqueles que habitam a região se antecipe, correndo para avisar sobre a investida de seus inimigos, mas que o exército apareça de repente aos inimigos despreparados. (5) É necessário que se precipite de improviso contra os inimigos sem que eles o estejam

<p>ἐκ προρρήσεως ἀγωνίζεσθαι διὰ μάχης, μὴ ἀναβάλλεσθαι, ἀλλ' ὡς ὅτι μάλιστα φθάνειν προσβάλλοντα εἴτε φρουρίῳ εἴτε χάρακι εἴτε πόλει, μάλιστα δ' ὅτ' ἂν ὀλίγον εἶναι δοκῆ τὸ φίλιον στράτευμα καὶ τῶν ἐχθρῶν ἐλαττούμενον· (6) αἳ γὰρ ἀπρόληπτοι τῶν πολεμίων ἐπιφάνειαι διὰ τὸ παράλογον ἐκπλήττουσι τοὺς ἐναντίους, κἂν ὧσι κρείττους, ἕως, ἂν γε συνθεωρήσωσιν αὐτοὺς καὶ βουλευσασθαι καὶ ἀναθαρρήσαι καιρὸν λάβωσι, κατὰ μικρὸν ἀναγκάζονται καταφρονεῖν· Οὕτως ἐνίστε τὰ πρῶτα καὶ ἀρχόμενα φοβερώτερα τῶν χροιζομένων εἶναι δοκεῖ. (7) Διὸ πολλάκις ἤδη τινὲς τῷ παραδόξῳ τῆς ἐπιφανείας καταπληξάμενοι τοὺς ἐναντίους ἢ ταχὺ καὶ ἄκοντας ὑπέταξαν ἢ ποιεῖν ἐκόντας ἠνάγκυσαν τὰ προσταττόμενα.</p>	<p>esperando – ainda que não vá tomar cidades através de traição, mas somente lutar abertamente depois de uma declaração de guerra – e não adie, mas se antecipe, atacando o quanto antes, trate-se de forte, acampamento ou cidade; sobretudo quando julgar que o próprio exército é pouco numeroso e inferior ao do inimigo. (6) Pois as aparições inesperadas de um inimigo, porque imprevistas, aterrorizam seus adversários, mesmo quando eles são mais fortes, de modo que, se os observarem e tomarem o momento para planejar e de recobrar coragem, necessariamente haverão de considerá-los inferiores. Assim, às vezes os primeiros e iniciais fatos parecem ser mais temíveis do que os que tardam. (7) Por isso, muitas vezes já alguns tendo-se aterrorizado com o inesperado da aparição, ou subjugaram-nos rápida e compulsoriamente, ou forçaram-nos a cumprir as ordens de bom grado.</p>
<p style="text-align: center;"><b>XL. [Περὶ πολιορκίας]</b></p> <p>(1) Πολιορκία δὲ στρατιωτῶν ἀνδρίαν ἐπιζητεῖ καὶ στρατηγικὴν ἐπίνοιαν καὶ μηχανημάτων παρασκευήν· ἀσφαλῆς μέντοι καὶ μὴ ἦττον ἀπροόρατος τῶν πολιορκουμένων ἔστω· τὸ γὰρ ἐπιβουλευόμενον, ὅτ' ἂν οἱ κακοῦ τυγχάνει γινώσκη, τηρεῖ μᾶλλον τὸ ἐπιβουλεῦον· (2) ὁ μὲν γὰρ ἔξω κινδύνου δοκῶν εἶναι πράττει τι τῶν προκειμένων, ὅπότε' ἂν αὐτῷ δόξη, ὁ δ' ἐν αὐτῷ τῷ κινδυνεύειν ὑπάρχων ζητεῖ φθάσας δρᾶσαι, ὅπότε' ἂν καιρὸν λάβῃ· διὸ χρητὸν πολιορκοῦντα καὶ τάφρω καὶ χάρακι καὶ φυλακαῖς τὸ ἴδιον ἀσφαλιζέσθαι</p>	<p style="text-align: center;"><b>XL. [Sobre assédios]</b></p> <p>(1) Um assédio requer coragem dos soldados, raciocínio estratégico do general e preparação de máquinas de guerra; o general deve ser bem seguro e não menos precavido do que os assediados, pois o exército contra o qual conspira, quando acontece de saber do mal que o cerca, vigia mais o exército que contra ele conspira. (2) Com efeito, enquanto o exército que acredita estar fora de perigo faz alguma das coisas estabelecidas quando lhe parece conveniente, aquele que está em pleno perigo procura agir antecipadamente, quando surge a oportunidade. Portanto, é preciso que aquele que assedia fortifique o próprio acampamento com fossa, paliçada e</p>

<p>στρατόπεδον. (3) καὶ γὰρ οἱ μὲν πολιορκοῦντες, ὅ τι ἂν μέλλωσι πράττειν, ὀρῶνται τοῖς ἀπὸ τοῦ τείχους, οἱ δὲ πολιορκούμενοι πρόβλημα τὸ τείχος ἔχοντες ἄορατοι πολλάκις ἐκχυθέντες διὰ πυλῶν ἢ μηχανὰς ἐνέπρησαν ἢ στρατιώτας ἐφόνευσαν ἢ, ὅ τι κατὰ χεῖράς σφισιν εἶη, τοῦτο ἐποιήσαν.</p>	<p>guardas.<sup>121</sup> (3) Pois os assediante – qualquer ação que estejam prestes a executar – estão sob observação daqueles sobre os muros, enquanto os assediados, tendo o muro como abrigo, muitas vezes escapolem pelos portões sem serem vistos, ou ateam fogo às máquinas, ou matam os soldados, ou fazem aquilo que esteja à mão.</p>
<p style="text-align: center;"><b>XLI. [Περὶ τοῦ ἔχειν ἐνέδρας τὸν πολιορκοῦντα πρὸ τῶν πυλῶν]</b></p> <p>(1) Ἦκιστα δ' ἂν τοῦτο τολμήσαιεν εἰ παρὰ πύλαις καὶ πυλίσι μικραῖς λόχους ὁ πολιορκῶν προκαθίστη στρατηγὸς τοὺς τὰς ἀίφνιδίους ἐκδρομὰς τῶν πολεμίων ἀποκωλύσοντας, ἐπεὶ κἂν πολλάκις λάθοιεν ἐπιθέμενοι τοῖς ἐκτός. (2) χρήσιμοι δὲ τὰ πολλὰ νύκτωρ τοῖς πολιορκοῦσιν αἱ προσβολαί· τοῖς γὰρ ἔνδον οὐ δυναμένοις ὄραν τὰ γινόμενα διὰ τὸ σκότος δεινότερα δοκεῖ τὰ πραττόμενα, καὶ τὴν πρόληψιν ἀναγκάζονται χαλεπωτέραν ἔχειν τῶν κατὰ ἀλήθειαν ἐνεργουμένων, ὅθεν ταραχαί τε καὶ θόρυβοι γίνονται οὐδενὸς δυναμένου σωφρονεῖν ἐν τοῖς τοιούτοις, ἀλλὰ καὶ πολλὰ τῶν οὐ δρωμένων ὡς γίνεταί λεγόντων, οὔθ' ὅπη προσβαλοῦσιν εἰδέναι δυναμένων, οὔθ' ὅποσοι, οὔθ' ὅποιοις μέρεσι, διαδρομαὶ δὲ δεῦρο κἀκεῖσε καὶ βοαὶ καὶ θάμβη Πανικὸν ἔχοντα τάραχον.</p>	<p style="text-align: center;"><b>XLI. [Sobre o assediante fazer emboscadas em frente aos portões]</b></p> <p>(1) Arriscar-se-iam o mínimo, se perto dos portões e entradas menores o general assediante colocasse companhias para impedir surtidas imprevistas dos inimigos, já que eles também podem muitas vezes passar despercebidos ao atacar os de fora. (2) Os ataques durante a noite são o mais das vezes vantajosos para os assediante, uma vez que para os de dentro, que são incapazes de ver o que está acontecendo por causa da escuridão, o que é feito lhes parece mais terrível e são levados a considerar o ataque-surpresa mais perigoso do que aquilo que realmente é executado; donde nascem tumultos e confusões. Ninguém consegue ficar sóbrio em tais circunstâncias, mas muitas das coisas que não estão sendo feitas diz-se que acontecem; e não conseguindo saber onde os inimigos estão atacando, nem quantos são, nem com quantas seções do exército o fazem, há um vai e vem em todas as direções, gritos e estupores que trazem uma confusão pânica.</p>

<sup>121</sup> Antes de partir para um assédio era necessário cuidar da defesa do acampamento, construindo fossas e outras barreiras físicas efetivas para o caso de um contra-ataque. Tucídides tem uma descrição especialmente interessante da construção de uma dessas barreiras em Pilo, localidade rica em pedras e madeira, munida de muitas defesas naturais (TUCÍDIDES, *História da Guerra do Peloponeso*, IV.3.2-4). Indicação semelhante é feita também por Enéias, o tático (*Poliorcética*, II).

<p style="text-align: center;"><b>XLII. α'. [Περὶ τοῦ ὅτι ὁ φόβος ψευδῆς μάντις ἐστίν]</b></p> <p>(1) Ὁ γὰρ φόβος ψευδῆς μάντις, ἃ δέδοικε, ταῦτ' οἰήσεται καὶ γίνεσθαι, καὶ πᾶν τὸ ἐν νυκτί, κἄν μικρὸν ᾗ, φοβερώτερον τοῖς πολιορκουμένοις· οὐδεὶς γὰρ, ὃ βλέπει, λέγει διὰ τὸ σκότος, ἀλλὰ πᾶς, ὃ ἀκούει· καὶ ἐνός που φανέντος ἢ δυεῖν ἐπὶ τείχους πολεμίων τὸ πᾶν ἤδη στράτευμα τῶν τειχῶν ἐπιβεβηκέναι δόξαντες ἀπετράπησαν, ἐρήμους καταλιπόντες ἐπάλλξεις καὶ πύλας.</p> <p style="text-align: center;">β'. [Ὅτι αὐτὸν χρῆ παράδειγμα τὸν στρατηγὸν γίνεσθαι τοῖς στρατιώταις]</p> <p>(2) Εἰ δέ τι διὰ χειρὸς ὁ στρατηγὸς ἐξεργάσασθαι σπεύδοι, μὴ ὀκνεῖτω πρῶτος αὐτὸς ὀφθῆναι ποιῶν· οὐ γὰρ οὕτως ταῖς ἀπὸ τῶν κρειττόντων ἀπειλαῖς ἀναγκαζόμενοί τι ποιῶσιν, ὡς ταῖς ἀπὸ τῶν σεμνοτέρων διατροπαῖς· ἰδὼν γὰρ τις τὸν ἡγεμόνα πρῶτον ἐγχειροῦντα καὶ ὅτι δεῖ σπεύδειν ἔμαθε καὶ μὴ ποιεῖν ἠδέσθη καὶ ἀπειθεῖν ἐφοβήθη· καὶ οὐκ ἔθ' ὡς δοῦλον ἐπιταττόμενον διετέθη τὸ πλῆθος, ἀλλ' ὡς ἐξ ἴσου παρακαλούμενον διετράπη.</p> <p style="text-align: center;">γ'. [Περὶ πολιοκτητηρίων μηχανημάτων]</p> <p>(3) Πολλῶν δὲ καὶ ποικίλων ἐκ τῶν</p>	<p style="text-align: center;"><b>XLII. (1) [Por que o medo é um falso profeta]</b></p> <p>(1) O medo, com efeito, é um falso profeta, que dará a crer que aquilo que se teme está acontecendo mesmo. E tudo o que acontece à noite, ainda que seja insignificante, é mais terrível para os assediados, pois em meio à escuridão ninguém diz o que enxerga: todos dizem o que escutam. E se um ou dois dos inimigos aparecer numa parte dos muros, os assediados julgando que todo o exército já escalou os muros, voltarão para trás, deixando os parapeitos e as portas desertos.</p> <p>(2) [Por que o próprio general precisa ser um exemplo para os soldados]<sup>122</sup></p> <p>(2) Se o general tem pressa em levar a cabo algo que lhe está à mão, não deverá hesitar em ser visto ele mesmo como o primeiro a atuar, pois os soldados fazem algo não tanto compelidos pelas ameaças dos superiores quanto pela movimentação dos mais respeitados. De fato, quando alguém vê o chefe pôr primeiro mãos à obra, compreende que é necessário apressar-se, envergonha-se de não agir e teme ser desobediente. E a massa não está mais disposta como um escravo a receber ordens, mas está perturbada como se exortada por alguém de semelhante condição.</p> <p style="text-align: center;">(3) [Sobre a maquinaria de assédio]</p> <p>(3) Das muitas e variadas máquinas de</p>
--	---

<sup>122</sup> A idéia de que o general deve liderar dando bons exemplos, a fim de conquistar a obediência e obter a abnegação dos soldados está presente em inúmeras fontes, dentre as quais: XENOFONTE, *Anábase*, III.1.37-38; POLIANO, *Estratagemas*, IV.3.3; TÁCITO, *Agrícola*, 18.3; *Anais*, III.20.2.

Sobre o general tratar todos como amigos, demonstrando interesse pelo bem comum, cf. XENOFONTE, *Agésilau*, V.3; *Ciropedia*, VIII.2.2; TÁCITO, *Agrícola*, XX.2.



<p>μηχανῶν πολιορκητηρίων χρήσεται ταῖς κατὰ δύναμιν ὁ στρατηγός. οὐ γὰρ ἐπ' ἐμοὶ τὸ λέγειν, ὅτι δεῖ κριοὺς ἔχειν ἢ ἐλεπόλεις ἢ σαμβύκας ἢ πύργους ὑποτρόχους ἢ χελώνας χωστρίδας ἢ καταπέλτας· τῆς γὰρ τῶν πολεμούντων τύχης καὶ πλούτου καὶ δυνάμεως ἴδια ταῦτα καὶ τῆς τῶν ἐπομένων ἀρχιτεκτόνων ἐπινοίας εἰς τὰς ὀργανικὰς κατασκευάς. (4) στρατηγοῦ δ' ἰδίας ἀγχινοίας ἔργον τοιόνδε ἂν εἴη, εἰ βούλοιο προσβάλλειν μηχανάς· καθ' ἓν μὲν ἀποχρήσθω μέρος τοῖς ἔργοις αὐτοῖς – οὐδὲ γὰρ ἄλλως ἂν τις εὐπορήσειεν ἐν κύκλῳ παντὶ τῷ τείχει περιστῆσαι μηχανάς, εἰ μὴ πάνυ μικρὰ πόλις εἴη –, εἰς πολλὰ δὲ τάγματα διελὼν τὸ στράτευμα κατὰ τὰ ἄλλα τοῦ τείχους μέρη κελευέτω τὰς κλίμακας προσφέρειν· οὕτως γὰρ εἰς ἀμηχανίαν οἱ πολιορκούμενοι πολλὴν ἐμπίπτουσιν· (5) ἂν τε γὰρ ἀμελήσαντες τῶν ἄλλων μερῶν τοῦ τείχους ἐπὶ τὰς προσβολὰς τῶν μηχανῶν ἀμύνωσιν ἅπαντες, οἱ κατὰ τὰς κλίμακας μηδενὸς ἀποκωλύοντος ῥαδίως ἐπιβαίνουσι τῶν τειχῶν, ἂν τε διελόντες σφᾶς αὐτοὺς ἐπιβοηθήσωσι κατὰ μῆρη, σφοδρότερας ἐνεργείας γιγνομένης κατὰ τὰς ἐμβολὰς τῶν ὀργάνων οἱ καταλειφθέντες ᾧδε μάχεσθαι τούτοις ἀδυνατήσουσι τὸ</p>	<p>assedio<sup>123</sup>, o general utilizará aquelas de que puder dispor. Não me cabe dizer que é preciso ter aríetes ou helépoles ou sambucas ou torres móveis<sup>124</sup> ou tartarugas protetoras ou catapultas: essas coisas dependem do acaso, da riqueza e da potência dos combatentes e também da inventividade dos mestres-artífices militares que acompanham o exército para a construção dos instrumentos. (4) Tal será a tarefa da sagacidade própria de um general se ele quiser lançar-se ao ataque com a maquinaria: deverá se servir dos instrumentos mesmos num único ponto, pois, de outro modo, ninguém estaria bem suprido de máquinas para posicioná-las em círculo contornando toda a muralha, a menos que a cidade fosse muitíssimo pequena. Depois de ter dividido o exército em vários destacamentos, deverá ordenar que levem as escadas até as outras partes do muro. Desse modo os assediados cairão em uma grande falta de recursos. (5) De fato, se todos se puserem a defender dos ataques das máquinas, negligenciando as outras partes do muro, os que estiverem nas escadas escalarão os muros com facilidade, ninguém estando a impedir. Por outro lado, se, dividindo-se, forem socorrer os que estão em outras partes, no momento em que a operação ficar mais violenta com os choques das máquinas, os que ali permanecerem a combatê-las serão incapazes de repelir o mal</p>
--	--

<sup>123</sup> Πολιορκητηρίων é *hapax* com o mesmo significado do correspondente πολιορκητικός (POLÍBIO, I,58.4).

<sup>124</sup> Uma descrição mais precisa dessas torres dá-nos Vegécio (IV.17): eram similares a edifícios de madeira, de base quadrangular, de notável altura, revestidas de couro e sacos embebidos em um líquido especial para a proteção contra o fogo e cobertas de peles de animais para a defesa contra as flechas.

Assim como os assediados cobriam suas torres com peles, Enéias o Tático atesta que também os assediados utilizavam couros e peles para proteger as próprias torres (contra-artilharia) e as partes da muralha feitas de madeira (*Poliorcética*, 33).

<p>ἐπιφερόμενον κακὸν ἀποκρούεσθαι. (6) διόπερ καθάπερ ἀγαθὸν παλαιστὴν προδεικνύειν μὲν καὶ σκιάζειν εἰς πολλὰ μέρη δεῖ περισπῶντα καὶ ἐπισφάλλοντα δεῦρο κάκεισε πρὸς πολλὰ τοὺς ἀντιπάλους, ἐνὸς δὲ ζητεῖν ἐγκρατῶς λαβόμενον ἀνατρέψαι τὸ πᾶν σῶμα τῆς πόλεως.</p> <p>δ'. [Πῶς χρὴ διατελεῖν ἐπείγοντα τὰ τῆς πολιορκίας]</p> <p>(7) Εἰ δ' ἐν τάχει σπεύδοι τις ἐξελεῖν φρούριον ἢ πόλιν ἢ χάρακα καὶ αὐτῷ κάμνοι ἢ δύναιμις μηδὲ μίαν ὄραν ἀποστῆναι βουλομένῳ τῶν ἐρυμάτων, εἰς τάγματα διελὼν τὸ στράτευμα, ὅσ' ἂν ἱκανὰ εἶναι οἱ δοκῆ κατὰ τὴν ἀναλογίαν τοῦ πλήθους καὶ κατὰ τὸ μέγεθος τῆς πολιορκουμένης πόλεως, νυκτὸς ἀρξάμενης εὐθὺς τῷ μὲν πρώτῳ προσβαλλέτω τάγματι τῷ δευτέρῳ κελεύσας ἐφεδρεῦειν καὶ ἐν ἐτοίμῳ εἶναι, τῷ δὲ τρίτῳ καὶ τετάρτῳ, καὶ εἰ τύχοι πέμπτον ὄν, παραγγελλέτω τρέπεσθαι κατὰ κοῖτον· (8) εἶτα, ὅταν τῷ πρώτῳ καταπειράσῃ τινὰ χρόνον, τούτους μὲν ἀνακαλεσάμενος ἀποπεμπέτω κοιμησομένους, σημαίνετω δὲ τῷ δευτέρῳ προῖέναι τοῦ χάρακος, ὁ δὲ τρίτος ταγματάρχης ἀναστήσας ἐν τούτῳ καθοπλιζέτω τὸ ὑφ' ἑαυτὸν τάγμα· (9) καὶ</p>	<p>que os ataca. (6) Por isso, é necessário, como um bom pugilista, fazer finta<sup>125</sup> e eclipsar em vários pontos, distraindo e passando rasteiras aos antagonistas, aqui e ali, em muitos lugares; e procurar causar uma reviravolta em todo o corpo da cidade, arrebatando-a com firmeza desde um único ponto.</p> <p>(4) [Como é preciso, empenhando-se, pôr fim a uma operação de assédio]</p> <p>(7) Se um general com rapidez se apressa em conquistar uma cidadela, uma cidade ou um acampamento e seu exército está cansado e ele não quer retirar-se nem por um só instante das defesas inimigas<sup>126</sup>, depois de ter separado o exército em quantas divisões julgar suficientes (proporcionalmente ao número de homens segundo o tamanho da cidade assediada), com a noite começando, deverá imediatamente atacar com a primeira divisão, ordenando à segunda que fique a postos e preparada; mas à terceira e à quarta – e, se acontecer de haver, à quinta – deverá ordenar que se retirem ao leito. (8) Em seguida, quando com a primeira divisão tiver tentado o ataque por algum tempo, convocando-os, despacha-os para dormir; à segunda dá um sinal para que vá para a paliçada; e, nisso, que o comandante da terceira ponha de pé a divisão que está sob seu comando e a arme. (9) Depois que a</p>
---	--

<sup>125</sup> O verbo προδεικνύειν é também empregado como termo técnico do pugilismo, indicando movimentos dissimulados que fazem com que o adversário na luta creia que se tomará determinada iniciativa que, de fato, não acontecerá (TEÓCRITO, XXII, 102). O mesmo termo é também utilizado por Xenofonte para designar habilidade semelhante, mas no campo militar (XENOFONTE, *Comandante de cavalaria*, VIII, 24). Onassandro utiliza-se desse verbo para ilustrar um estratagema já exposto por Fílon de Bizâncio (98, 14-17), o qual consiste em simular assaltos a vários pontos para confundir os sitiados, tirando-lhes a atenção de um ponto-chave em que estariam investindo a maior parte de suas forças.

<sup>126</sup> No âmbito poliorkético, ἐρύμα identifica uma obra de defesa inferior ao τεῖχος (cf. Tucídides, IV.31.2; IV.69.2; IV.90.2).

τὸ μετὰ τοὺς δευτέρους τὴν ἴσην ὥραν τοῖς πρώτοις ἀγωνίζεσθαι ἄξει τὸ τρίτον, κοιμάσθω δὲ τὸ δεύτερον τάγμα, μετὰ τοῦτο δ' αὖ τὸ τέταρτον, εἴθ' ἕξῃς τὸ πέμπτον, ἐν μέρει τῶν στρατιωτῶν ἀναπαυομένων. (10) ὁμοίως δ' ἐπισυναπτούσης τῆς ἡμέρας οἱ πρῶτοι τῆ νυκτὶ προσβαλόντες ἔωθεν πάλιν πρῶτοι προσαγόντων· εἴθ' ὥρας, εἰ μὲν ἕξ εἴη τάγματα, δύο κινδυνεύσαντες, εἰ δὲ πέντε, δυσὶν ἔτι μικρὸν ἐπιθέντες, εἰ δὲ τέτταρα, τρεῖς, εἰ δὲ τρία, τέταρας, ἀπιότες ἀριστοποιείσθων, ἕξῃς δ' οἱ μετ' αὐτοὺς καὶ πάλιν οἱ μετὰ τούτους ἄχρι τῶν τελευταίων, ὥστε κύκλον τινὰ περιάγεσθαι. (11) τούτου γὰρ συμβαίνοντος ἀμφοτέρα ἂν γίνοιτο· καὶ αἱ προσβολαὶ καὶ νύκτωρ καὶ μεθ' ἡμέραν ἀδιάλειπτοι προσαχθήσονται, καὶ οἱ προσβάλλοντες ἀκμήτες καὶ νεαροὶ τὰς ἀναπαύσεις ἐν μέρει ποιούμενοι μαχοῦνται. (12) τοὺς μέντοι πολιορκουμένους, μηδ' ἂν πάνυ πολλοὶ τυγχάνωσιν, οἰέσθω τις τὸ αὐτὸ στρατήγημα ἀντεισοίσεσθαι· τὸ γὰρ κινδυνεῦον, οὐδ' ἂν ἐπιτρέπη τις, ὑπνω χαρίζεσθαι βούλεται· φόβω γὰρ τοῦ δεινοῦ, παρ' ὃν ἀναπαύεται χρόνον, ὡς ἀλωσομένης τῆς πόλεως ἐγρήγορε· καὶ τὸ πολιορκούμενον, κἂν ὀλίγον ἦ τὸ πολιορκοῦν αὐτό, πασσυδὶ προσαμύνει, καὶ πᾶν ὅσον ἐντειχίδιον ἐστὶ κελίγηται, ὅτι καὶ τὸ μέλλον φοβερώτερον, ὡς, εἰ παρὰ μικρὸν ἀμελήσαιεν, ἀπολούμενοι πάντες. (13) ὅθεν δὴ πᾶσα ἀνάγκη τρυχομένους αὐτοὺς καὶ μηδὲ μίαν ὥραν ἀνάπαυλαν ἴσχοντας, ἀλλὰ καὶ ἀγρυπνίαις καὶ πόνοις κάμνοντας, εἴτα καὶ πρὸς τὰ μέλλοντα τεταλαιπωρηκότας ἀσθενέστερον τοῖς σφετέροις

segunda divisão tiver lutado por tempo igual ao da primeira, ele conduzirá a terceira ao ataque – e que a segunda repouse – e depois dela a quarta e, em seguida, a quinta, enquanto os soldados repousam em turnos. (10) Igualmente, ao despontar o dia, aqueles que primeiro houverem atacado à noite, novamente ataquem primeiro ao amanhecer, combatendo, então, por duas horas, se as divisões forem seis; se forem cinco, empenhando-se um pouco mais que duas; se forem quatro divisões, três horas; se três divisões, quatro horas; e quando se retirarem, que façam o desjejum ordenadamente: outros depois deles e, à sua vez, outros depois daqueles, até os últimos, como um círculo a girar. (11) Quando isso acontece, podem-se obter ambas as coisas: tanto serão conduzidos ataques incessantes de noite e de dia quanto os atacantes combaterão infatigáveis e com energias renovadas, fazendo pausas em turnos. (12) Ninguém pense que os assediados, ainda que aconteçam de ser em grande número, poderão introduzir como contra-medida esse mesmo stratagem, já que aqueles que estão em perigo, mesmo se lhes for ordenado, não desejam deleitar-se com o sono. De fato, por medo do perigo, durante o tempo em que se descansa, fica-se desperto, como se a cidade estivesse para ser capturada. E os assediados, ainda que os assaltantes sejam poucos, defendem-se com todas as forças. Todos aqueles que se encontram dentro dos muros ficam agitados – porque é mais medonho o porvir – como se estivessem todos destruídos caso fossem negligentes num só detalhe. (13) Donde a absoluta necessidade de que os que se afligem, não tirando um só instante de descanso, mas antes afadigando-se com vigílias e esforços, assim, sofrendo também com o futuro, fiquem mais fracos no prestar

<p>προσαμύνειν ἢ τοὺς δεησομένους καὶ παραδώσοντας τὴν πόλιν ἐκπέμπειν.</p> <p>ε΄. [ Πῶς χρή τὸν στρατηγὸν ἀναπαύεσθαι ]</p> <p>(14) Αὐτὸς οὖν ὁ στρατηγός, ἴσως φήσει τις, ἐξ ἀδάμαντος ἢ σιδήρου κεχάλκευται μόνος ἄγρυπνος ἔστῶς ἐπὶ τοῖς αὐτοῖς ἔργοις; οὐ δῆτα· ἀλλὰ παρ' ὃν ἀναπαύεται χρόνον – οὗτος δ' ὀλίγος ἔστω καὶ σύντομος –, ἓνα τῶν ἐν δόξει πιστοτάτων καὶ ἀνδρειοτάτων ἡγεμόνα τῶν καὶ τὰ δεύτερα τῆς στρατηγικῆς ἀρχῆς ἐχόντων ἐπιστησάτω τοῖς ἔργοις.</p> <p>ς΄. [ Πῶς τὰ δοκοῦντα τῆς πόλεως μέρη ἀνάλωτα εἶναι πολλάκις εὐάλωτα γίνονται ]</p> <p>(15) Ἐνίοτε δὲ τὰ δοκοῦντα μέρη πόλεως εἶναι κρημώδη καὶ πέτραις ἀποτόμοις ὠχυρωμένα τῶν διὰ χειρὸς ἀνεστηκῶτων τειχῶν ἔδωκε τοῖς πολιορκοῦσιν ἀφορμὰς μείζονας εἰς τὸ νικᾶν· εἴθθεν γάρ πως ὡς τὰ πολλὰ τὰ τοιαῦτα τῶν πόλεων, ὅσα φύσει πιστεύεται τὸ ἐρυμνόν, ἀφυλακτεῖσθαι καὶ ἠκιστα φροντίδι παραγρυπνεῖσθαι στρατιωτῶν. (16) ἔνθα στρατηγὸς ἀγαθὸς ἐνόησεν ὃ δεῖ ποιῆσαι, καὶ τινὰς τῶν εὐτολμοτάτων παρακαλέσας ἐπαγγελίαις καὶ τιμαῖς ὀλίγους, οἷς ῥῶον ἀναβαίνειν εἴτε δι' αὐτῆς τῆς δυσχωρίας, εἴτε διὰ κλιμάκων, ἐκράτησε τῆς πράξεως· ὑποκαταβάντες γάρ ἐντὸς τείχους ἢ πυλίδα διέκοψαν ἢ πύλην ἀνέφξαν.</p>	<p>socorro aos seus ou no expedir os que hão de suplicar e render a cidade.</p> <p>(5) [Como o general deve repousar]</p> <p>(14) “Então, o próprio general” – alguém provavelmente dirá – “é forjado em duro aço ou ferro para sozinho permanecer sem dormir durante essas mesmas tarefas?” Certamente não. Mas durante o tempo em que descansa – e esse deverá ser pequeno e abreviado –, que ponha como chefe das operações um só oficial que, na sua opinião, seja dos mais fiéis e corajosos e também um dos investidos com o segundo cargo do comando militar.</p> <p>(6) [Como as partes da cidade que parecem inexpugnáveis frequentemente tornam-se fáceis de conquistar]</p> <p>(15) Às vezes as partes de uma cidade que parecem ser escarpadas e fortificadas por rochedos íngremes oferecem aos assediados recursos para vencer maiores do que as muralhas erigidas pelas mãos dos homens. Pois o mais das vezes todos esses lugares das cidades em que a fortificação é confiada à natureza costumam ficar sem vigilância e ser guardados com o mínimo possível de diligência pelo cuidado dos soldados. (16) Assim, o bom general sabe o que é preciso fazer e, encorajando alguns poucos dentre os soldados mais bravos com promessas e recompensas – para os quais é mais fácil escalar usando ou a irregularidade natural do terreno ou escadas –, toma o controle da situação, pois os que descem pela parte interna dos muros ou arrombam uma portinhola ou abrem uma porta.</p>
--	--

<p>ζ'. [Περὶ τῆς ἀπὸ τῶν σαλπύγγων ὠφελείας]</p> <p>(17) Μέγα δ' ἂν ὀνήσειε καὶ τι τοιόνδε συνεπινοηθέν, εἰ καὶ σαλπυγκτὰς οἱ φθάσαντες ἐπιβῆναι τοῦ τείχους ἀνιμήσαιεν· ἀκουσθεῖας γὰρ πολεμία σάλπιγξ ἀπὸ τειχῶν ἐν νυκτὶ πολλὴν ἔκπληξιν ἐπιφέρει τοῖς πολιορκουμένοις ὡς ἤδη κατὰ κράτος ἐαλωκόσιν, ὥστε τὰς πύλας καὶ τὰς ἐπάλξεις ἀπολιπόντας φεύγειν· ὅθεν δήπου συμβαίνει γίνεσθαι τοῖς ἔξω στρατιώταις ῥαδίαν τὴν τε τῶν πυλῶν ἐκκοπὴν καὶ τὴν ἐπὶ τὰ τεῖχη διὰ τῶν κλιμάκων ἀνάβασιν, οὐδενὸς ἔτι τῶν πολεμίων ἀπεύργοντος· οὕτως που δυνατὸν ἐνὶ καὶ ἀνόπλω σαλπυγκτῇ πόλιν ἀλῶναι.</p> <p>η'. [Τί χρὴ ποιεῖν τὸν στρατηγὸν μετὰ τὸ ἐλεῖν τὴν πόλιν]</p> <p>(18) Εἰ δὲ δὴ τινα ἀκμάζουσιν ἔτι πλήθει τε καὶ δυνάμει πόλιν ἐρρωμένως ἐλὼν εἰς φόβον ἢ ὑπόνοιαν ἤκοι, μὴ ποτε κατὰ τάγματα καὶ συστροφὰς ὑπαντιάζοντες ἀμύνονται τοὺς ἐπεισπίπτοντας ἢ τὰ μετέωρα καταλαμβανόμενοι καὶ τὰ ἄκρα τῆς πόλεως ἐνθεν ἀντεπίοιεν ἐπὶ πολὺ κακώσοντες τοὺς πολεμίους, κηρυττέτω τοὺς ἀνόπλους μὴ κτεῖναι. (19) ἕως γὰρ ἕκαστος ἐλπίζει ληφθεὶς τεθνήξεσθαι, βούλεται φθάνειν δράσας καὶ πάσχων ἀλλὰ τι καὶ δρᾶν, πολλοὶ τε ἤδη πολεμίους εἰσκεχυμένους ἐξήλασαν ἢ καὶ μὴ δυναθέντες εἰς ἀκρόπολιν ἐρυμνὴν κατειλήθησαν, ἐνθεν αὖθις εἰς πόνον καὶ ταλαιπωρίαν κατέστησαν τοὺς πολεμίους, ὥστε δευτέραν ἐπαναίρεισθαι</p>	<p>(7) [Sobre a utilidade das cornetas]</p> <p>(17) Pode ser de grande utilidade algo planejado da seguinte maneira: se aqueles que primeiro subirem os muros içarem também umas cornetas, pois uma corneta inimiga que se escuta dos muros à noite provoca um grande pavor nos assediados, como se já tivessem sido tomados à força, de modo que, abandonando os portões e as fortificações, fogem. Onde ocorre tornar-se fácil para os soldados do lado de fora o arrombamento dos portões e a escalada dos muros com escadas, porque nenhum dos inimigos está mais resistindo. Dessa forma é de algum modo possível que um único tocador de corneta, mesmo desarmado, capture uma cidade.</p> <p>(8) [O que o general precisa fazer depois de tomada a cidade]</p> <p>(18) Se, tendo tomado à força certa cidade ainda em seu apogeu em número de habitantes e em força, o general vier a temer ou a suspeitar que os inimigos podem repelir os invasores, avançando em companhias e tropas, ou que, ocupando as elevações e o cume da cidade, podem dali marchar contra eles, infligindo-lhes muitos danos, deverá proclamar uma ordem para que não matem os desarmados. (19) Até então, cada um espera haver de ser morto quando capturado e deseja agir o quanto antes e, mesmo que sofra, ainda fazer algo. E muitos repeliram os inimigos já espalhados dentro da cidade ou, não sendo capazes disso, concentraram-se na cidadela fortificada, de onde levaram os inimigos a afadigar-se e padecer, de modo a se encarregarem de um segundo</p>
--	---

πολιορκίαν ... ἢ καὶ πολυχρονωτέραν, ἔστιν δ' ὅτε καὶ ἐπαλγεστέραν μετὰ πολλῆς πείρας κακῶν. (20) εἰ δὲ διαβοηθεῖη τόδε τὸ κήρυγμα, τάχα μὲν καὶ πάντες, ὡς δὲ πρόδηλον εἶπεῖν, οἳ γε πλείους τὰ ὄπλα ρίψουσι· τῶν τε γὰρ βουλομένων δι' ὀργῆς ἕκαστος εἰς ἄμυναν ἵεναι δεδιῶς τὸν πέλας, μὴ ποτε οὐχ ἑαυτῷ ταῦτά φρονῆ, ρίπτειν ἀναγκασθήσεται, ὥστε, κἂν πάντες βούλωνται τὰ ὄπλα φυλάττειν, διὰ τὴν πρὸς ἀλλήλους ὑπόνοιαν αὐτὸν ἕκαστον δεδιότα, μὴ μόνος ὀπλισμένος ληφθῆ, σπεύδειν ἀποτιθέμενον – οἳ γὰρ ὀξεῖς καιροὶ τὴν κοινήν γνώμην φανεράν οὐκ ἔωσι γίγνεσθαι –, οἳ τε ἔτοιμοι πρὸς τὸ σώζεσθαι, μέχρι μὲν οὐδὲν εἰς ἐλπίδα κεκήρυκται σωτηρίας, εἰ καὶ μὴ γνώμη, ἀλλ' ἀνάγκη τὸ ἐπιὸν ἀμύνονται κακόν, ἐπειδὴν δὲ μικρὰν ἐλπίδα τοῦ σώζεσθαι λάβωσιν, ἱκέται τὸ λοιπὸν ἀντὶ πολεμίων ὑπαντῶσιν. (21) οὕτως τε ὁ μὲν κηρύξας καὶ τοὺς τὰ ὄπλα φυλάττειν βουλομένους ρίπτειν αὐτὰ ἀναγκάζει· στρατιωτῶν δὲ θάνατος ἐν μὲν μάχαις εὐπαραμύθητος – δοκεῖ γὰρ τοῦ νικᾶν ἔνεκεν γεγονέναι –, ἐν δὲ νίκαις καὶ καταλήψεσι πόλεων τοῖς νικῶσιν οἴκτιστος, ἀφροσύνης τε μᾶλλον ἢ ἀνδρίας μαρτύριον. (22) εἰ μέντοι μνησικάκως ἔχοι τοῖς ἡττημένοις στρατηγός, μὴ παρὰ τούτοις οἰέσθω τι φέρεσθαι βλάβος, ὅτι τοὺς ἐντυγχάνοντας μὴ εὐθὺς κτενοῦσι· σχολῆ γὰρ βουλεύεται μετὰ τοῦ ἀκινδύνου τὴν ἄμυναν ἀνανταγώνιστον ἔχων, τί χρῆ διαθεῖναι τοὺς ἐαλωκότας.

assédio ... ou ainda de maior duração e às vezes mais doloroso, depois da grande experiência de males. (20) Mas se a ordem supracitada for proclamada, logo todos (ou, para ser mais claro, ao menos a maior parte deles) deporão as armas. De fato, cada um daqueles que, entregues à cólera, querem resistir, por temer que o vizinho não nutra a mesma intenção é obrigado a depor as armas de modo que, ainda que todos queiram guardar as armas por causa da suspeita recíproca, cada qual, temendo ser o único a ser pego armado, apressa-se em depô-las, pois as circunstâncias precipitadas não permitem que se torne manifesto o senso comum. E aqueles que estão prontos para se salvar, enquanto nada é anunciado quanto à esperança de salvação (se não por inclinação, por necessidade), defendem-se do perigo iminente. Mas quando notam uma pequena esperança de salvação, apresentam-se doravante como suplicantes ao invés de inimigos. (21) Desse modo, o que proclama essa ordem obriga até os que querem guardar as armas a depô-las; a morte dos soldados em combate é fácil de ser consolada – pois ela parece acontecer por causa da vitória; e nas vitórias e capturas de cidades, para os vencedores é motivo da máxima comiseração e testemunho de insensatez mais do que de coragem. (22) Contudo, se o general nutre ressentimentos com relação aos derrotados, não pense ele que, porque os seus não matarão imediatamente aqueles que encontrarem, nenhum tipo de dano lhes será infligido. Mas com tempo, sem nenhum perigo e sustentando uma ação de defesa sem combate, ele poderá deliberar que sorte deverá ser reservada àqueles que se encontrarem em suas mãos.

<p>θ'. [Τὸν λιμῶ μέλλοντα πόλιν αἰρήσειν τοὺς κατὰ τὴν χώραν ἀσθενεῖς εἰς αὐτὴν χρῆ πέμπειν]</p> <p>(23) Εἰ δὲ τὴν κατὰ κράτος ἀπεγνωκῶς ἐκπόρθησιν εἰς χρόνιον καταβαίνοι πολιορκίαν οἰόμενος λιμῶ πιέσας τὴν πόλιν αἰρήσειν, ἅ τινά ἂν ἐπὶ τῆς χώρας ἔτι καταλάβῃ σώματα, τούτων τὰ μὲν ἔρρωμένα καὶ ἀκμάζοντα ταῖς ἡλικίαις εἰς ἄμυναν πολέμου λαβών, ὅ τι περ ἂν αὐτῶ δόξῃ, διαθέσθω, γυναῖα δὲ καὶ παιδάρια καὶ ἀσθενεῖς ἀνθρώπους καὶ γεγηρακότας ἐκὼν εἰς τὴν πόλιν ἀποπεμπέτω· ταῦτα γὰρ ἄχρηστα μὲν εἰς τὰς πράξεις ἔσται, τὰς δὲ παρεσκευασμένας τοῖς ἔνδον τροφᾶς θᾶττον συναναλώσει, καὶ πολεμίων μᾶλλον ἢ φιλίων ἐφέξει τόπον.</p>	<p>(9) [Aquele que está para tomar uma cidade por fome deve enviar para lá os fracos que estão no campo]</p> <p>(23) Se, tendo desistido de saquear uma cidade à força, o general chegar a um assédio de longo prazo, considerando que irá tomar a cidade se a pressionar com a fome, que ele capture como prisioneiros quem quer que ainda se encontre no campo: dentre esses, prendendo os homens fortes e na flor da idade para a ação de defesa de guerra, que ele os disponha como lhe parecer melhor. Mas as mulherezinhas, as crianças e os homens fracos e de idade avançada que ele os envie à cidade conforme sua vontade. Com efeito, eles serão inúteis nas operações, consumirão mais rapidamente os alimentos preparados para os de dentro e ocuparão o lugar de inimigos mais do que de amigos.<sup>127</sup></p>
---	--

<sup>127</sup> Conforme lembra Enéias, o Tático, na *Poliorcética*, durante um assédio, dentre os habitantes do campo, somente os homens em idade de combater deveriam ir para a cidade. O restante dos habitantes e o gado não podiam ser levados para a cidade fortificada porque significariam bocas excedentes para consumir as restritas provisões durante todo o cerco – que poderia ter duração de até um ano. Além disso, excluindo-se os territórios para além das muralhas, a maior parte das cidades não tinha estrutura para comportar tantas pessoas. O exemplo da Atenas sitiada durante a Guerra do Peloponeso mostra que manter a população inteira nos limites das muralhas pode ser um mau negócio mesmo para uma cidade grande e com boa infraestrutura. Portanto, era conveniente que fossem alojados em fortificações rurais junto de seus proprietários ou ainda que os proprietários os levassem até as vizinhanças mais seguras e lá os refugassem. Como nem todos gozassem de relações de hospitalidade no estrangeiro, os magistrados deveriam providenciar, por meio de acordos, locais seguros e sustento para o gado e os escravos de todos (ENÉIAS O TÁTICO, *Poliorc.*, X.1)

Contrariando a posição de Onassandro, entretanto, Enéias sugere que “os mais fracos” também pudessem ser úteis na guerra. Cita alguns episódios em que mulheres e crianças participaram de estratégias inusitados. Num deles, mulheres e crianças – junto de alguns homens – passam-se por cativos, entram pelos portões de uma cidade, matam o porteiro e ajudam a tomar a cidade (ENÉIAS O TÁTICO, *Poliorc.*, XXIV.3-14). Em outra passagem, faz referência a um assédio a Platéia em que mulheres e crianças teriam sido posicionados sobre os telhados das casas para lançar projéteis sobre os inimigos (ENÉIAS O TÁTICO, *Poliorc.*, II.4-6).

Poliano também atesta um episódio em que mulheres e crianças teriam alguma serventia durante um assédio: “[Memphis] levou para fora tudo o que era mais valioso – as mulheres, as crianças e os tesouros. Colocou-os fora dos muros e destruiu os portões. Aribeu viu traços de desespero em sua conduta e então se retirou com seu exército. Ele considerou insensato lutar contra um inimigo que era tão determinado a alcançar seja a morte, seja a vitória” (POLIANO, *Estratagemas*, VII.30).

<p>ι. [Ὅποιον εἶναι χρῆ τὸν στρατηγὸν μετὰ τὴν νίκην]</p> <p>(24) Εἰ δὲ τῷ πάντα κατὰ δαίμονα καὶ νοῦν χωρήσειεν, ὥστε τοῖς ὅλοις ἐπιθεῖναι τοῦ πολέμου πράγμασι τέλος, ἔστω μὴ βαρὺς ἐπὶ ταῖς εὐπραγίαις, ἀλλ' εὐφορτος, μηδὲ τύφον ἀπηνῆ περιφέρων, ἀλλ' εὐμένειαν προσφιλῆ ἔχων· ἐκεῖνα μὲν γὰρ φθόνον ἐγέννησε, ταῦτα δὲ ζῆλον ἐπεσπάσατο. (25) φθόνος μὲν οὖν ἐστὶν ὀδύνη τῶν πρὸς τοὺς πέλας ἀγαθῶν, ζῆλος δὲ μίμησις τῶν παρ' ἄλλοις καλῶν, τοσοῦτον τε διενήνοχεν ἀλλήλων, ὥστε τὸ μὲν φθονεῖν εὐχὴν εἶναι τοῦ καὶ παρ' ἄλλω τι καλὸν μὴ εἶναι, τὸ δὲ ζηλοῦν ἐπιθυμίαν τῆς τῶν ἴσων κτήσεως. (26) ἀνὴρ οὖν ἀγαθὸς οὐ μόνον πατρίδος τε καὶ στρατιωτικοῦ πλήθους ἄριστος ἡγεμών, ἀλλὰ καὶ τῆς περὶ αὐτὸν εἰς αἰεὶ εὐδοξίας ἀκινδύνου οὐκ ἀνοήτος στρατηγός.</p>	<p>(10) [De que modo deve o general portar-se depois da vitória]</p> <p>(24) Se tudo correr em acordo com a fortuna e o plano do general, de forma a por fim inteiramente às operações de guerra, que ele não seja severo por ocasião do sucesso, mas agradável, não manifestando uma rude arrogância, mas mantendo uma afável benevolência; pois a primeira gera inveja, enquanto a segunda atrai a emulação. (25) A inveja é, pois, a dor suscitada pelos bons em seus próximos, enquanto a emulação é a imitação do que há de belo nos outros. E elas diferem de tal modo entre si que enquanto o invejar é um voto de que não haja nada de bom junto do outro, o emular é um desejo de adquirir posses de igual monta.<sup>128</sup> (26) Assim o homem bom não é somente um excelente chefe do povo da pátria e do exército, mas é também – com vistas a uma boa reputação permanente e sem riscos a seu respeito – um general perspicaz.</p>
--	--

<sup>128</sup> A dupla φθόνος/ζῆλος é um *topos*. Aparece em Tucídides, II,64,4-5, quando Péricles evoca-os como sentimentos nutridos pelos outros gregos no confronto com os Atenenses. Já Tácito ilustra com o exemplo de Germânico a necessidade de o general adotar um comportamento que não atraia inveja sobre si (TÁCITO, *Anais*, II,22.1). Xenofonte aponta a inveja como o sofrimento pelo sucesso dos amigos (XENOFONTE, *Memoráveis*, III,9.8). A sistematização dessas idéias é aristotélica: “a emulação é um sentimento honesto e próprio dos homens honestos; a inveja é um sentimento abjeto e próprio de homens abjetos. E enquanto com o primeiro se prepara, através da emulação, para obter os bens, com o segundo, através da inveja, para impedir que o vizinho os obtenha.” (ARISTÓTELES, *Retórica*, 1388a)



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Bibliografia primária

#### Edições críticas do Στρατηγικός

OLDFATHER, William A. (introduction, preparation of the text and notes). *Aeneas Tacticus, Asclepiodotus, Onasander*, with an english translation by members of The Illinois Greek Club. Cambridge : Harvard University Press, 1986. (The Loeb Classical Library)

ONOSANDRO. *De Imperatoris Officio Liber*. Recensuit et commentario critico instruxit Arminius Köchly. Lipsiae : Teubner, 1860.

#### Traduções do Στρατηγικός

CHAR, Marie-Claude (dir.). *La Guerre*. Trois tacticien grecs: Enée, Asclépiodote, Onasandre. Paris : NIL Éditions, 1994.

ONOSANDRO. *Il generale*. Manuale per l'esercizio del comando. A cura di Corrado Petrocelli. Bari : Dedalo, 2007.

ONOSANDER. *Le général en chef* (tradução para o francês, por Charles Guischart). In : F. C. LISKENE et J. B. B. SAUVAN (org.). *Bibliothèque historique et militaire, dédiée à l'Armée et à la Garde Nationale de France*. Paris : Administration, 1854, tome troisième.

ONOSANDRO PLATONICO. *Dell'ottimo capitano generale e del suo offizio*. Tradotto di Greco in lingua volgare italiana per Fabio Cotta. Milano : G. Daelli, 1863.

### Outras obras consultadas

AINEIAS THE TACTICIAN. *How to Survive Under Siege*. A historical comentary, with translation and introduction by David Whitehead. London: Bristol Classical Press, 2001, 2a. ed.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômacos*. Tradução do grego, introdução e notas por Mário da Gama Kury. Brasília : Editora UnB, 2001.

ÉNÉE LE TACTICIEN. *Poliorcétique*. Texte établi par Alphonse Dain, traduit et annoté par Anne-Marie Bon. Paris : Belles Lettres, 1967.

FRONTINUS. *Stratagems. Aqueducts*. Cambridge : Harvard University Press, 1925. (The Loeb Classical Library)

HOMERO. *Iliada*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. São Paulo : Ediouro, s.d.

JENOFONTE. *Socráticas. Economía. Ciropedia*. Barcelona : Oceano, 1999.

L'EMPEREUR LÉON. Institutions militaires. In : F. C. LISKENE et J. B. B. SAUVAN (org.). *Bibliothèque historique et militaire, dédiée à l'Armée et à la Garde Nationale de France*. Paris : Administration, 1854, tome troisième.

PLATON. *Obras completas*. Madrid: Aguilar, 1979.

\_\_\_\_\_. *La republique*. Traduction d'Emile Chambry et introduction d'Auguste Dies. Paris : Belles Lettres, 1948, v.1.

PLUTARCO. *Vidas*. Tradução direta do grego por Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, s.d.

POLÍBIO. *História*. Brasília : Editora da UNB, 1996.

POLIBE. *Histoire*. Édition publiée sous la direction de François Hartog. Texte traduit, présenté et annoté par Denis Roussel. Paris: Gallimard, 2003.

SENOFONTE. *Ipparchico: Manuale per il comandante de cavalleria*. Introduzione, traduzione e note di Corrado Petrocelli. Bari: Edipuglia, 2001.

SUETÔNIO E AUGUSTO. *A vida e os feitos do divino Augusto*. Textos de Suetônio e Augusto traduzidos por Matheus Trevizam, Paulo Sérgio Vasconcellos e Antônio Martinez de Rezende. Belo Horizonte : Editora UFMG, 2007.

THIEL, Helmut van. *Homeri Ilias*. Hildesheim, Zürich und New York : Olms, 1996.

THUCYDIDE. *La guerre du Peloponnese*. Texte établi et traduit par Jacqueline de Romilly. Paris : Belles Lettres, 1968.

XENOPHON. *Anabase*. Texte établi et traduit par Paul Masqueray. Paris : Belles Lettres, 1949.

\_\_\_\_\_. *Le commandant de la cavalerie*. Texte établi et traduit par Edouard Delebecque. Paris : Belles Lettres, 1973.

\_\_\_\_\_. *Cyropédie*. Texte établi et traduit par Marcel Bizos. Paris : Belles Lettres, 1972.

\_\_\_\_\_. *Memorabilia and Oeconomicus*. With an english translation by E.C. Marchant. London : Heinemann, 1979. (The Loeb Classical Library)

VEGETIUS RENATUS, Flavius. *The Military Institutions of the Romans (De Re Militari)*. Translated from the Latin by Lieutenant John Clarke. Disponível na internet. <http://www.pvv.ntnu.no/~madsb/home/war/vegetius>.

### **Bibliografia secundária**

ALBRECHT, Michael von & SCHMELING, Gareth L., *A history of Roman Literature*. Brill, 1997, 1932p.

AMBAGLIO, Delfino. Il trattato sul comandante di Onasandro. *Athenaeum*, v.59, 1981, p.353-377.

ANDRÉ, Jean Marie; HUS, Alain. *La historia en Roma. Traducción de Néstor Míguez*. Madrid: Siglo XXI de España Editores, 2005.

BERTI, Enrico. O método da filosofia prática. *As razões de Aristóteles*. São Paulo: Loyola, 2002, p.115-156.

BLIESE, John R. E.. Rhetoric goes to war : The doctrine of ancient and medieval military manuals. *Rhetoric Society Quarterly*, v.24, n.3/4, 1994, p.105-130.

CAMPBELL, Brian. *Greek and Roman military writers*. London and New York : Routledge, 2004.

\_\_\_\_\_. Teach yourself how to be a general. *The Journal of Roman Studies*, s.l., v.77, 1987.

\_\_\_\_\_. *War and society in imperial Rome. 31 DB-AD 284*. London and New York : Routledge, 2002.

CARDOSO, Zélia de Almeida. *A literatura latina*. São Paulo, Martins Fontes, 2003.

CORNELI, Alessandro. *L'arte di vincere: antologia del pensiero strategico*. Nápoles: Guida editori, 1992.

CORRÊA, Paula da Cunha. *Armas e varões: a guerra na lírica de Arquíloco*. São Paulo: UNESP, 1998.

DAIN, Alphonse. *Les Manuscrits d'Onésandros*. Paris : Les Belles-Lettres, 1930.

\_\_\_\_\_. Le parisinus gr. 2522. *Revue de philologie, de littérature et d'histoire anciennes*, s.l., v.67, 1941.

GALIMBERTI, Alessandro. Lo 'Strategikòs' di Onasandro. In: SORDI, Marta (dir.). *Guerra e diritto nel mondo greco e romano*. Milano: Vita e Pensiero, 2002, p.141-153.

GARLAN, Yvon. *Guerra e economia na Grécia Antiga. Tradução de Cláudio César Santoro*. Campinas: Editora Papyrus, 1991.

\_\_\_\_\_. *La guerre dans l'antiquité*. Paris : Fernand Nathan, 1972.

GOLDSWORTHY, Adrian Keith. *The Roman Army at war: 100 BC-AD 200*. Oxford : Clarendon, 1998.

\_\_\_\_\_. *Roman warfare*. Nova Iorque : Harper Collins/Smithsonian Books, 2005.

HANSON, Victor Davis. The status of Ancient Military History : Traditional work, recent research, and on-going controversies. *The Journal of Military History*, s.l., v.63, n.2, 1999.

\_\_\_\_\_. *The Western Way of War: Infantry Battle in Classical Greece*. New York : Oxford University Press, 1989.

HARTOG, François (org.). *A história de Homero a Santo Agostinho: Prefácios de historiadores e textos sobre história reunidos e comentados por François Hartog e traduzidos para o português por Jacyntho Lins Brandão*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

JAEGER, Werner. *Paidéia: A formação do homem grego*. São Paulo : Martins Fontes, 2001.

KEEGAN, John. *Uma história da guerra*. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo : Companhia das Letras, 2006.

LE BOHEC, Yann. *The imperial roman army*. New York : Routledge, 2000.

LONDON, J. E. *Soldiers & Ghosts: A history of battle in Classical Antiquity*. New Haven and London: Yale University Press, 2005.

LOPEZ EIRE, A. Quince rasgos de los lenguajes científico-técnicos del Griego Antiguo. *Humanitas*, v.51, 1999, p.3-21.

LUVAAS, Jay. The great military historians and philosophers. In : JESSUP Jr., John; COAKLEY, R. *A guide to the study and use of military history*. Washington: Center of Military History of the United States Army, 1988, p.59-88.

PANIAGUA AGUILAR, David. *El panorama literario tecnico-cientifico en Roma (siglos I-II d.C.)*. Salamanca : Univ. Salamanca, 2006.

\_\_\_\_\_. La arenga militar desde la perspectiva de la tradición polemológica grecolatina. *Talia dixit*, v.2, 2007, p.1-25.

REYNOLDS & WILSON, *Scribes and Scholars: A guide to the transmission of Greek and Latin literature*. Oxford: Oxford University Press, 1991, 352p.

ROGERS, Samuel. Quinti Veranii, Pater et Filius. *Classical Philology*, v. 26, n. 2, 1931, p.172-177.

SMITH, Christopher J.. Onasander on how to be a general. In : AUSTIN, M.; HARRIES, J.; SMITH, C. *Modus operandi: Essays in Honour of Geoffrey Rickman*. London : Institute of Classical Studies, School of Advanced Study, University of London, 1998.

SNELL, Bruno. *A cultura grega e as origens do pensamento europeu*. São Paulo : Perspectiva, 2005.

SPAULDING Jr., Oliver. L.. The ancient military writers. *The Classical Journal*, v.28, n.9, 1933, p.657-669.

TAPLIN, Oliver. Agamemnon's Role in the *Iliad*. In : PELLING, C. *Characterization and Individuality in Greek Literature*. Oxford : Oxford Univ. Press, 1990, p.60-82.

VAN WEES, Hans. Kings in combat : Battles and Heroes in the *Iliad*. *The Classical Quarterly*, v.38, n.1, 1988, p.1-24.

\_\_\_\_\_. Leaders of men ? Military organisation in the *Iliad*. *The Classical Quarterly*, v.36, n.2, 1986, p.285-303.

WHEELER, Everett L.. The occasion of the Arrian's *Tactica*. *Greek, Roman, and Byzantine Studies*, v.19, 1978, p.351-365.

ZOIDO, Juan Carlos Iglesias. La arenga militar em Jenofonte. *Norba. Revista de Historia*, v.16, 1996-2003, p.157-166.

### **Material de consulta para realização da tradução**

BAILLY, Anatole. *Dictionnaire grec-français*. Paris : Hachette, 1950.

CARRIÈRE, Jean. *Stylistique grecque pratique*. Paris : Klincksieck, 1960.

CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque*. Paris : Klincksieck, 1968, 2 vol.

CRESPO, Emilio; CONTI, Luz; MAQUIERA, Helena. *Sintaxis del griego clásico*. Madrid : Gredos, 2003.

CUNLIFFE, Richard John. *A lexicon of the homeric dialect*. Norman and London : University of Oklahoma Press, 1988.

DAIN, Alphonse; CHAINTRAINE, Pierre. *Introducción a la estilística griega*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1995.

DENNISTON, John Dewar. *The Greek particles*. Oxford : Clarendon, 1954.

\_\_\_\_\_. *Greek prose style*. Westport : Greenwood press, 1979.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro : Objetiva, 2001.

LIDELL, Henry George (compiler); SCOTT, Robert (compiler); JONES, Henry Stuart (editor); MCKENZIE, Roderick (assistant). *A Greek-English Lexicon*, Ninth Edition with a Revised Supplement . Oxford : Oxford University Press, 1995.  
*Longman Dictionary of Contemporary English*. 15 ed. Essex : Longman, 1992.

WEIR SMYTH, Herbert. *Greek grammar*. Harvard : Harvard University Press, 1956.